

# JENNIFER EGAN

«O NOVO CLÁSSICO DA FICÇÃO AMERICANA.»  
*TIME*

PRÉMIO  
PULITZER  
2011

## *A Visita* *do*



## *Brutamontes*

«PERFEITO, DILACERANTEMENTE DIVERTIDO. EGAN TEM  
UM OLHO SATÍRICO E UM CORAÇÃO ROMÂNTICO.»  
*NEW YORK TIMES BOOK REVIEW*



QUETZAL  
serpente emplumada | Jennifer Egan

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

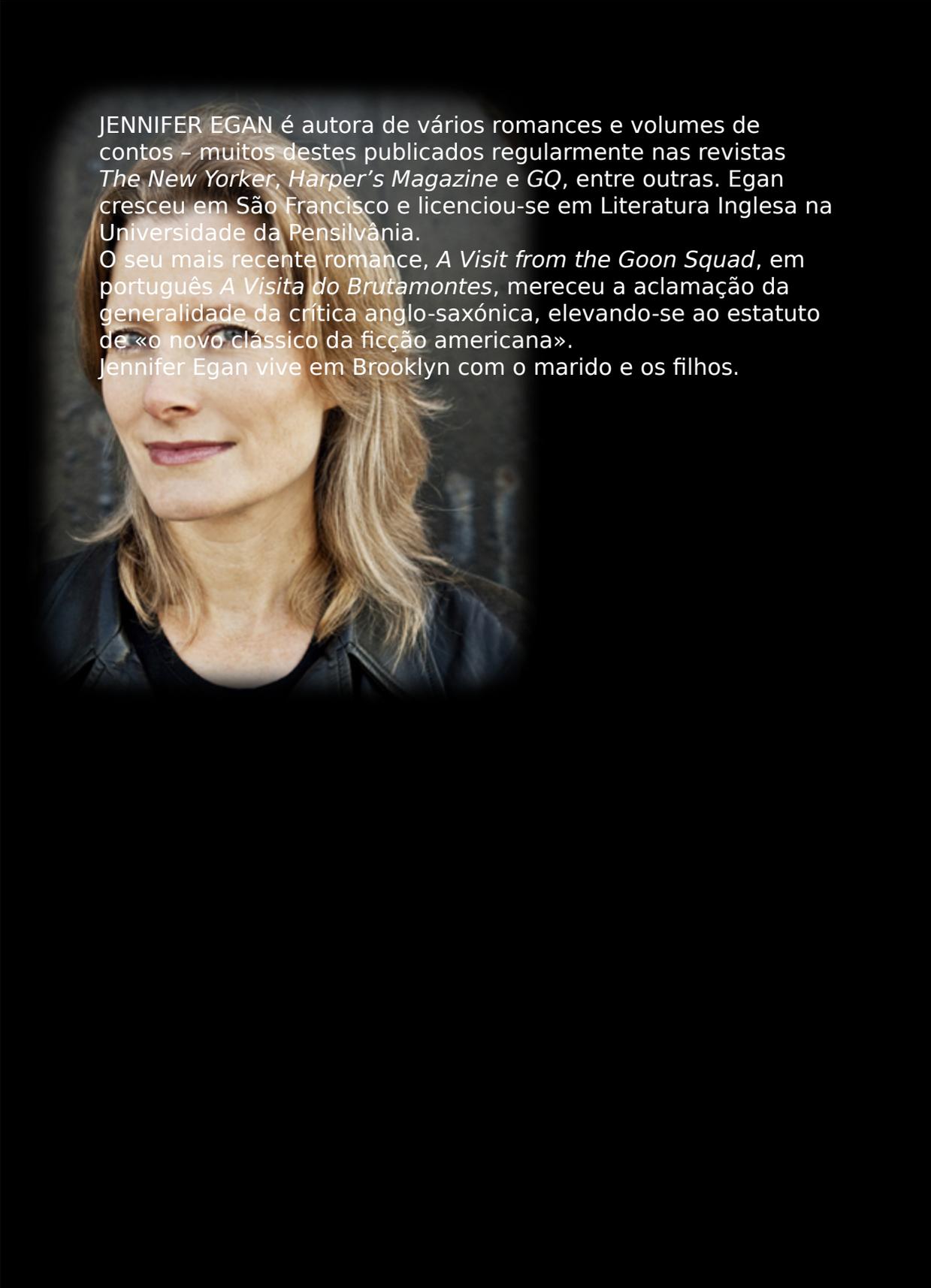
Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir  
a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)

A portrait of Jennifer Egan, a woman with long, wavy blonde hair, wearing a dark jacket. The background is dark and out of focus. The text is overlaid on the right side of the image.

JENNIFER EGAN é autora de vários romances e volumes de contos - muitos destes publicados regularmente nas revistas *The New Yorker*, *Harper's Magazine* e *GQ*, entre outras. Egan cresceu em São Francisco e licenciou-se em Literatura Inglesa na Universidade da Pensilvânia.

O seu mais recente romance, *A Visit from the Goon Squad*, em português *A Visita do Brutamontes*, mereceu a aclamação da generalidade da crítica anglo-saxónica, elevando-se ao estatuto de «o novo clássico da ficção americana».

Jennifer Egan vive em Brooklyn com o marido e os filhos.

Bennie Salazar, antigo *punk rocker*, está a envelhecer e é agora um executivo discográfico; Sasha é a sua assistente, uma jovem mulher impetuosa e cleptomaniaca. Bennie e Sasha nunca chegarão a descobrir o passado um do outro, mas o leitor vai conhecê-lo até ao mais íntimo detalhe, bem como a vida secreta de um variadíssimo leque de personagens, cujos caminhos se cruzam com os deles ao longo de muitos anos e muitos lugares: Nova Iorque, São Francisco, Nápoles e África.

*A Visita do Brutamontes* é a saga de uma geração: reflete sobre a ação do tempo, a capacidade de sobreviver e as mudanças e transformações quando inexoravelmente postas em movimento, ainda que pelas mais efémeras conjunturas do nosso destino.

Numa arrebatadora pléiade de estilos e registos – da tragédia à sátira, passando pelo *power point* –, Egan captura a corrente que nos atrai para a autodestruição, a que sucumbimos se a não soubermos dominar; a sede de redenção de cada homem e mulher; e a tendência universal para alcançar ambas, através da ação «condutora» da arte, resistindo à impiedosa passagem do tempo. Um livro astuto, surpreendente e hilariante.

«O LIVRO MAIS INTELIGENTE A QUE PODE DEITAR A MÃO.»

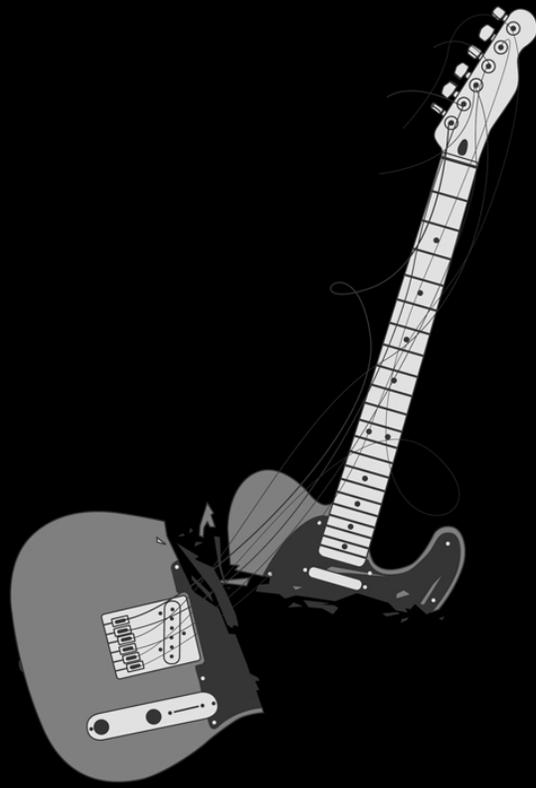
LOS ANGELES TIMES

«GLORIOSA E FURIOSAMENTE HUMANO.»

CHICAGO TRIBUNE

«UM ROMANCE RIQUÍSSIMO E INESQUECÍVEL SOBRE DECLÍNIO E *ENDURANCE*, SOBRE INDIVÍDUOS NUM MUNDO QUE À SUA VOLTA SE TRANSFORMA. EGAN ESTÁ ENTRE OS MAIORES ESCRITORES DOS NOSSOS DIAS.»

LOS ANGELES TIMES



Ele tinha descoberto agora as mesas e estava a olhar para a pilha. Parecia obra de um castor miniaturista: um monte de objetos ilegível mas que claramente não estava disposto ao acaso. Aos olhos de Sasha, ele quase estremecia sob o seu peso de embaraços e de escapadelas à justa e de pequenos triunfos e de momentos de pura exaltação. Continha anos da vida dela comprimidos. A chave de parafusos estava na orla exterior. Sasha aproximara-se mais de Alex, atraída pela visão dele a absorver tudo aquilo.

## A Visita do Brutamontes

Tradução de Jorge Pereirinha Pires

 QUETZAL serpente emplumada | Jennifer Egan

*Título:* A Visita do Brutamontes  
*Título original:* A Visit from the Goon Squad  
*1.ª edição em papel:* abril de 2012  
*Autora:* Jennifer Egan  
*Tradução:* Jorge Pereirinha Pires  
*Revisão:* Carlos Pinheiro

*Projeto gráfico original:* RPVP Designers  
*Design da capa:* Rui Rodrigues . Quetzal Editores  
*Composição:* José Campos de Carvalho

© 2010 Jennifer Egan

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Quetzal Editores  
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1  
1500-499 Lisboa PORTUGAL  
[www.quetzaleditores.pt](http://www.quetzaleditores.pt)  
Tel. 217 626 000 • Fax 217 626 150

Edição segundo as regras do Novo Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa

ISBN: 978-989-722-066-1



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

Para Peter M, com gratidão

«Pretendem os poetas que tornamos a encontrar por um momento o que fomos outrora quando entramos em certa casa, em certo jardim onde vivemos na nossa juventude. São peregrinações muito arriscadas, essas, ao fim das quais se colhem tanto deceções como êxitos. Esses lugares fixos, coevos de diferentes anos, é em nós mesmos que é melhor encontrá-los.»

«O elemento desconhecido nas vidas dos outros é como o da natureza, que cada nova descoberta científica meramente reduz, sem o eliminar.»

Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*



A

# 1

## OBJETOS ENCONTRADOS

COMEÇOU DA MANEIRA HABITUAL, na casa de banho do Hotel Lassimo. Sasha estava ao espelho, a retocar a sombra amarela nos olhos, quando reparou num saco pousado no chão por baixo do lavatório e que deveria pertencer à mulher cuja mijadela ela ouvia tenuemente através da porta em arco de uma das latrinas. Por dentro da orla do saco, mal se vendo, estava uma carteira de couro verde-claro. Para Sasha foi fácil reconhecer, em retrospectiva, ter sido aquela cega confiança da mulher que estava a mijar o que a provocara: *Vivemos numa cidade onde as pessoas até nos roubam os cabelos da cabeça se lhes dermos oportunidade para isso, mas você deixa as suas coisas por aí à mostra e acha que elas ainda vão estar à sua espera quando voltar?* Aquilo dera-lhe vontade de ensinar uma lição à mulher. Mas esse desejo somente camuflara o sentimento mais íntimo que Sasha sempre tinha: aquela carteira gorda e macia, a oferecer-se à sua mão - parecia tão aborrecido, tão banal, deixá-la ali onde estava, em vez de aproveitar o momento, aceitar o desafio, dar o salto, pirar-se, lançar ao ar as cautelas, viver o perigo («Estou a perceber», disse Coz, o terapeuta dela), e *pegar* no raio da coisa.

«Você quer dizer roubá-la.»

Ele estava a tentar que Sasha utilizasse essa palavra, o que era mais difícil de evitar no caso de uma carteira do que nos das inúmeras coisas que ela surripiara ao longo do último ano, quando a condição dela (era assim que Coz se referia àquilo) começara a acelerar: cinco molhos de chaves, catorze óculos de sol, o cachecol às riscas de uma criancinha, um binóculo, um ralador de queijo, um canivete, vinte e oito sabonetes e oitenta e cinco canetas, entre as esferográficas baratas que usara para assinar os talões dos cartões de débito e a Visconti cor de beringela que custava duzentos e sessenta dólares na internet, e que ela surripiara ao advogado do seu anterior patrão durante uma reunião contratual. Sasha já não tirava nada de lojas - os frios e inertes bens destas não a tentavam. Somente de pessoas.

«Está bem», disse ela. «Roubá-la.»

Sasha e Coz haviam chamado a esse sentimento com que ela ficava o «desafio pessoal», como se: ficar com a carteira fosse uma maneira de Sasha afirmar a sua dureza, a sua individualidade. O que eles tinham de fazer era trocar algumas coisas na cabeça dela para que o desafio passasse a ser, não o de tirar a carteira, mas o de *deixá-la onde estava*. Seria essa a cura, embora Coz nunca usasse palavras como «cura». Ele vestia uns camisolões pavorosos e permitia que ela o tratasse por Coz, mas era um imperscrutável à moda antiga, ao ponto de Sasha nem perceber se ele seria gay ou normal, se já teria escrito livros famosos, ou se (como ela por vezes suspeitava) seria um daqueles condenados evadidos que se faziam passar por cirurgiões e acabavam por deixar os seus instrumentos cirúrgicos dentro dos crânios das pessoas. É claro que tais perguntas poderiam ter sido

resolvidas no Google em menos de um minuto, mas eram perguntas úteis (segundo Coz) e, até agora, Sasha resistira a isso.

O sofá em que ela estava deitada no gabinete dele era de couro azul e muito macio. Coz gostava do sofá, dissera-lhe ele, por os aliviar a ambos do fardo do contacto visual. «Você não gosta do contacto visual?», perguntara Sasha. Parecia uma coisa estranha de admitir por parte de um terapeuta.

«Acho-o muito cansativo», dissera ele. «Desta maneira, podemos ambos olhar para onde quisermos.»

«Para onde vai você olhar?»

Ele sorria. «Bem vê quais são as minhas opções.»

«Para onde é que olha habitualmente? Quando as pessoas estão no sofá.»

«Ao redor da sala», dissera Coz. «Para o teto. Para o espaço.»

«Nunca dorme?»

«Não.»

Normalmente Sasha olhava para a janela, que estava voltada para a rua, e que hoje à noite, enquanto ela prosseguia a sua história, estava turvada pela chuva. Ela tinha visto a carteira, tão tenra e madura quanto um pêssigo. Tinha-a tirado do saco da mulher e enfiado na sua pequena mala de mão, cujo fecho tornara a correr antes de o som da mijadela ter parado. Puxara para trás a porta da casa de banho e flutuara de novo através do átrio em direção ao bar. Ela e a dona da carteira nem se haviam visto.

Antes da carteira, Sasha estivera tolhida por uma noite difícil: companheiro desajeitado (mais um) sempre a matutar por detrás da sua franja escura, olhando de vez em quando para o televisor de ecrã plano, onde um

jogo dos Jets parecia interessar-lhe mais do que as histórias admitidamente exageradas de Sasha acerca de Bennie Salazar, o antigo patrão dela, famoso por ter fundado a etiqueta discográfica Orelha da Porca e que além disso (Sasha por acaso sabia-o) salpicava o café com flocos de ouro – por ser afrodisíaco, suspeitava ela – e pulverizava os sovacos com pesticida.

Depois da carteira, porém, a cena formigava de alegres possibilidades. Sasha sentira os empregados observarem-na enquanto se sentava de novo à mesa empunhando a mala de mão com o seu peso secreto. Sentara-se, sorvera o seu Martíni Loucura de Melão e inclinara a cabeça para Alex. Lançara-lhe o seu sorriso do sim/não. «Olá», dissera-lhe ela.

O sorriso do sim/não era espantosamente eficaz.

«Estás contente», dissera Alex.

«Eu estou sempre contente», dissera Sasha. «Mas por vezes esqueço-me disso.»

Alex já pagara a conta enquanto ela fora à casa de banho – prova clara de que ele estivera prestes a abortar aquele encontro. Agora estava a avaliá-la. «Apetece-te ir a outro sítio?»

Puseram-se em pé. Alex trouxera umas calças de bombazina preta e uma camisa branca de abotoar. Ele era assistente jurídico. No correio eletrónico mostrara-se fantasioso, quase parvo, mas em pessoa parecia ao mesmo tempo ansioso e entediado. Ela percebia que ele estava em excelente forma, não por ir ao ginásio mas por ser suficientemente novo para o corpo dele estar ainda impregnado por quaisquer desportos que tivesse praticado no liceu e na universidade. Sasha, que estava com trinta e cinco, já passara desse ponto. Mesmo assim, nem sequer Coz conhecia a verdadeira idade dela. O

mais perto que alguém chegara de adivinhá-la ficara nos trinta e um, e a maior parte das pessoas dava-lhe uns vinte e tal anos. Ela treinava todos os dias e evitava o sol. Todos os perfis que tinha na internet lhe atribuíam vinte e oito.

Enquanto saía do bar atrás de Alex, não resistira a abrir o fecho da bolsa e a tocar na gorda carteira verde, só por um segundo, devido à contração que aquilo lhe fazia sentir em torno do coração.

«Você sabe o que o roubo *lhe* faz sentir», disse Coz. «Ao ponto de se recordar disso para melhorar a sua disposição. Mas já pensou como isso faz a outra pessoa sentir-se?»

Sasha recuou um pouco a cabeça para o fitar. Fazia questão de proceder assim de vez em quando, só para lembrar a Coz que não era uma idiota – ela sabia que a pergunta tinha uma resposta certa. Ela e Coz eram colaboradores, escreviam uma história cujo final já antes fora determinado: ela iria ficar boa. Iria parar de roubar as pessoas e começaria a preocupar-se de novo com as coisas que outrora a orientavam: a música; a rede de amigos que fizera desde que chegara a Nova Iorque; um conjunto de objetivos que escrevinhara numa grande folha de papel pardo e colara nas paredes dos seus primeiros apartamentos:

Encontrar uma banda para gerir  
Compreender os noticiários  
Estudar japonês  
Praticar harpa

«Eu não penso nas pessoas», disse Sasha.

«Mas não é por lhe faltar empatia», disse Coz. «Nós já sabemos isso, por causa do canalizador.»

Sasha suspirou. Ela contara a história do canalizador a Coz há cerca de um mês, e desde então este arranjava maneira de a referir em quase todas as sessões. O canalizador era um velhote enviado pelo senhorio de Sasha para investigar uma infiltração no apartamento por baixo do dela. Tinha aparecido à porta de Sasha, madeixas grisalhas na cabeça, e daí a um minuto - *pumba* - já estava deitado no chão e a rastejar por baixo da banheira como um animal abrindo caminho até um buraco familiar. Os dedos com que ele apalpara as juntas por detrás da banheira estavam encardidos por pontas de charutos, e quando se esticava a sua camisola alçara-se, pondo a nu umas costas alvas e macias. Sasha virara-se de costas, constrangida pela desfaçatez do homem, ansiosa por ir dali para o seu emprego temporário, só que o canalizador começara a falar com ela, a fazer-lhe perguntas sobre a duração e a frequência dos seus duches. «Nunca uso a banheira», dissera-lhe ela com rispidez. «Tomo duche no ginásio.» Ele assentira, sem dar mostras de haver notado a rudeza dela, aparentemente já habituado a isso. O nariz de Sasha começara a formigar; fechara os olhos e esfregara com força ambas as têmporas.

Quando abrisse os olhos, vira o cinto de ferramentas do canalizador deitado no chão junto aos seus pés. Havia nele uma bela chave de parafusos, cuja translúcida pega cor de laranja reluzia como um chupa-chupa dentro da sua cinta de couro usado, com aquela haste prateada e esculpida, a cintilar. Sasha sentira-se contrair em torno daquele objeto num único esgar de apetite; precisava de segurar aquela chave de parafusos, só por um minuto.

Dobrou os joelhos e retirou-a do cinto sem fazer ruído algum. Nem sequer um dos braceletes tilintara; as suas mãos ossudas não tinham jeito para a maioria das coisas, mas era boa naquilo - *feita para aquilo*, pensava ela muitas vezes, naqueles primeiros momentos de deriva após haver surripiado qualquer coisa. E assim que ficara com a chave de parafusos na mão, sentira um instantâneo alívio da maçada de ter um velhote de costas macias a resfolegar por baixo da sua banheira, e depois logo a seguir algo mais do que alívio: uma abençoada indiferença, como se a própria ideia de se afligir por um motivo desses fosse intrigante.

«E depois de ele se ter ido embora?», perguntara-lhe Coz quando Sasha lhe contara a história. «Como é que a chave de parafusos lhe pareceu a si depois?»

Houve uma pausa. «Normal», disse-lhe ela.

«Deveras. Já não era especial?»

«Era como qualquer outra chave de parafusos.»

Sasha ouvira Coz mexer-se por detrás dela e sentira que acontecera algo na sala: a chave de parafusos, que ela tinha colocado sobre a mesa (a que acrescentara recentemente uma segunda mesa) onde guardava as coisas que surripiara, e para a qual mal olhara desde então, parecia pairar no ar do gabinete de Coz. Flutuava entre eles: um símbolo.

«E como é que você se sentiu?», perguntou Coz em voz baixa. «Por a ter tirado ao canalizador do qual teve pena?»

Como é que ela se sentiu? *Como é que ela se sentiu?* Havia uma resposta certa, claro. Por vezes Sasha até tinha de combater o impulso de mentir só para não a dizer a Coz.

«Mal», disse-lhe ela. «Está bem? Senti-me mal. Merda, estou a ficar falida para lhe pagar a si - é óbvio que percebo que esta não é uma grande maneira de se viver.»

Por mais de uma vez Coz tentara ligar aquele canalizador ao pai de Sasha, que desaparecera quando esta tinha seis anos. Ela tinha o cuidado de não ceder a tal linha de raciocínio. «Não me lembro dele», dizia ela a Coz. «Não tenho nada a dizer.» Fazia isso para proteção de Coz e de si mesma - eles andavam a escrever uma história de redenção, de recomeços e de segundas oportunidades. Mas naquela direção só havia tristeza.

Sasha e Alex atravessaram o átrio do Hotel Lasso em direção à rua. Sasha apertava a bolsa contra o ombro, com o quente volume da carteira aconchegado por baixo do sovaco. Quando iam a passar pelas angulosas ramadas floridas, junto às grandes portas de vidro que davam para a rua, uma mulher ziguezagueante atravessara-se-lhes no caminho. «Esperem», disse ela. «Vocês não terão visto... estou desesperada.»

Sasha sentira uma pontada de terror. Era a mulher a quem ela tirara a carteira - percebeu isso instantaneamente, embora a pessoa que estava diante de si nada tivesse em comum com a despreocupada proprietária da carteira, com cabelo cor de corvo, que ela havia imaginado. Esta mulher tinha uns vulneráveis olhos castanhos e uns sapatos rasos e bicudos que embatiam no chão de mármore com um pouco de ruído a mais. Havia muito de grisalho no encrespado cabelo castanho dela.

Sasha pegara no braço de Alex, tentando manobrá-lo em direção às portas. Sentira-o baquear de surpresa sob o seu toque, mas ele não arredara pé. «Não teremos visto o quê?», disse ele.

«Alguém me roubou a carteira. Fiquei sem os documentos de identificação, e amanhã de manhã tenho de ir apanhar um avião. Estou tão desesperada!» A mulher pusera-se a olhar para ambos com um ar suplicante. Era o género de franca necessidade que os nova-iorquinos depressa aprendem a ocultar, e Sasha retraíra-se. Jamais lhe ocorrera que a mulher viesse de fora da cidade.

«Já chamou a polícia?», perguntou Alex.

«O rececionista disse que lhes ia telefonar. Mas também me pus a pensar - será que a deixei cair em algum sítio?» Ela olhara impotentemente para o chão de mármore ao redor dos seus pés. Sasha descontraíra-se ligeiramente. Aquela mulher era do tipo das que aborrecem as pessoas sem querer; os movimentos dela eram ensombrados por uma tentativa de desculpa, mesmo agora, enquanto seguia Alex até ao balcão da receção. Sasha foi no encalço deles.

«Alguém está a ajudar esta pessoa?», ouviu Alex perguntar.

O rececionista era novo e tinha o cabelo eriçado. «Já telefonámos à polícia», disse ele num tom defensivo.

Alex virou-se para a mulher. «Onde é que isso aconteceu?»

«Na casa de banho das senhoras, julgo eu.»

«E quem mais estava lá?»

«Ninguém.»

«Estava vazia?»

«Pode ter lá estado mais alguém, mas eu não vi.»

Alex dera meia volta e virara-se para Sasha. «Tu saíste mesmo agora da casa de banho», disse-lhe ele. «Viste por lá alguém?»

«Não», conseguiu ela dizer. Tinha Xanax na bolsa, mas não conseguia abri-la. Mesmo com esta fechada, receava que a carteira acabasse por se pôr à vista de alguma maneira que ela não conseguisse controlar, desencadeando uma cascata de horrores: detenção, vergonha, pobreza, morte.

Alex virara-se para o rececionista. «Por que hei de estar eu a fazer estas perguntas e não você?», disse-lhe ele. «Alguém acabou de ser roubado no vosso hotel. Vocês não têm, sei lá, segurança?»

As palavras «roubado» e «segurança» conseguiram perfurar a apaziguante música de fundo que pulsava não somente no Lassimo como em todos os hotéis semelhantes a ele na cidade de Nova Iorque. Uma amena onda de interesse percorreu o átrio.

«Já chamei a segurança», disse o rececionista, ajustando o colarinho. «Vou chamá-los outra vez.»

Sasha olhara para Alex. Este estava zangado, e a zanga dera-o a conhecer de um modo que uma hora inteira de tagarelice sem sentido (sobretudo feita por ela, era verdade) não conseguira: ele era novo em Nova Iorque. Viera de um sítio qualquer mais pequeno. Tinha uma ou duas coisas a provar sobre a maneira como as pessoas se deviam tratar umas às outras.

Surgiram dois tipos da segurança, daqueles que na TV são como na vida: uns tipos encorpados cujos escrupulosos bons modos estavam de alguma maneira ligados à disposição deles para racharem crânios. Separaram-se para irem revistar o bar. Sasha desejou

febrilmente ter deixado por lá a carteira, como se esse fosse um impulso ao qual ela quase nem resistira.

«Eu vou ver na casa de banho», disse ela a Alex, forçando-se a caminhar devagar à volta do poço do elevador. A casa de banho estava vazia. Sasha abriu a bolsa, tirara de lá a carteira, descobrira a sua caixinha de Xanax, e enfiara um entre os dentes. Faziam efeito mais depressa quando se mastigavam. Enquanto aquele sabor cáustico lhe inundava a boca, passara os olhos pela divisão, tentando decidir onde deixar a carteira: dentro do cubículo? Debaixo do lavatório? A decisão paralisou-a. Ela tinha de fazer aquilo bem, tinha de sair dali incólume, e se o fizesse, se saísse... teve a frenética sensação de fazer uma promessa a Coz.

A porta da casa de banho abriu-se, e a tal mulher entrou. Os olhos desvairados dela cruzaram-se com os de Sasha no espelho da casa de banho: estreitados, verdes, igualmente desvairados. Houve uma pausa, durante a qual Sasha sentiu estar a ser confrontada; a mulher sabia, soubera-o desde o início. Sasha entregou-lhe a carteira. Viu, pela expressão espantada da mulher, que se enganara.

«Desculpe», disse Sasha rapidamente. «É um problema que eu tenho.»

A mulher abriu a carteira. O alívio físico dela por a ter de volta percorrera Sasha num quente ímpeto, como se os corpos de ambas se houvessem fundido. «Está tudo aí, juro», dissera ela. «Nem sequer a abri. Eu tenho este problema, mas já arranjei ajuda. Só que... por favor, não diga nada. Eu já ando por um fio.»

A mulher erguera os olhos, os seus suaves olhos castanhos a deslocarem-se sobre o rosto de Sasha. O que vira ela? Sasha desejava poder voltar-se e espreitar outra

vez o espelho, como se algo acerca de si mesma pudesse finalmente ser revelado - algo que se perdera. Mas não se voltara. Mantivera-se imóvel e deixara a mulher olhar. Percebeu que a mulher tinha uma idade semelhante à sua - à sua idade verdadeira. Provavelmente teria filhos em casa.

«Está bem», disse a mulher, baixando os olhos. «Isto fica entre nós.»

«Obrigada», dissera-lhe Sasha. «Obrigada, obrigada». O alívio e as primeiras ondas gentis do Xanax fizeram-na sentir-se a desfalecer, e encostara-se à parede. Sentira a ânsia da mulher em se ir embora. Apetecera-lhe deixar-se deslizar até ao chão.

Houve uma batida na porta, uma voz de homem: «Teve sorte?»

Sasha e Alex saíram do hotel e penetraram no desolado e ventoso bairro de Tribeca. Ela tinha sugerido o Lassimo por hábito; ficava perto dos Discos Orelha da Porca, onde trabalhara durante doze anos como assistente de Bennie Salazar. Mas detestava aquela zona à noite sem o World Trade Center, cujas abrasadoras alamedas de luz sempre a haviam enchido de esperança. Estava farta de Alex. Nuns meros vinte minutos, eles tinham ultrapassado num ápice o desejado ponto da conexão-significativa-por-partilha-de-experiências e atingido o menos apelativo estado do conhecerem-se-bem-demais. Alex trazia um boné de malha a tapar-lhe a testa. As pestanas dele eram compridas e pretas. «Aquilo foi esquisito», disse ele por fim.

«Pois foi», disse Sasha. E a seguir, após uma pausa, «Queres dizer, ela tê-la encontrado?»

«Tudo aquilo. Mas sim.» Ele voltou-se para ela. «Aquilo estava, sei lá, nalgum sítio em que não se via?»

«Estava no chão. A um canto. Assim quase por detrás de um vaso.» O balbuciar dessa mentira fez emergir pontinhos de suor no crânio de Sasha já serenado pelo Xanax. Ela pensou dizer *Na verdade, não havia vaso nenhum*, mas conseguiu não o fazer.

«Até parece que ela fez aquilo de propósito», disse Alex. «Para chamar a atenção ou qualquer coisa assim.»

«Não parecia ser desse tipo.»

«Nunca se sabe. Isso é uma coisa que eu ando a aprender, aqui em Nova Iorque: nunca se tem a mínima ideia de como as pessoas são verdadeiramente. É que elas nem sequer têm duas caras - têm, sei lá, personalidades múltiplas.»

«Ela não era de Nova Iorque», disse Sasha, irritada pela distração dele ao mesmo tempo que se esforçava para mantê-la. «Não te lembras? Que ela ia apanhar um avião?»

«É verdade», disse Alex. Calou-se e pôs a cabeça de lado, olhando para Sasha do outro lado do passeio mal iluminado. «Mas tu sabes do que estou a falar? Dessa coisa nas pessoas?»

«Sei muito bem», disse ela cautelosamente. «Mas penso que te irás habituar.»

«Prefiro ir para outro sítio qualquer.»

Sasha demorou um momento a compreender. «Não há mais nenhum sítio», disse ela.

Alex virou-se para ela, surpreendido. Depois sorriu. Sasha devolveu-lhe o sorriso - não aquele sorriso do sim/não, mas um parecido.

«Isso é ridículo», disse Alex.

\*\*\*

Apanharam um táxi e subiram os quatro lanços de escadas até ao apartamento de Sasha no Lower East Side, num prédio sem elevador. Ela morava ali há seis anos. O sítio cheirava a velas perfumadas, e tinha uma cobertura de veludo por cima do sofá-cama e imensas almofadas, e um velho televisor a cores com uma imagem muito boa, e um arraial de lembranças das viagens dela a orlarem os parapeitos das janelas: uma concha marinha branca, um par de dados vermelhos, uma latinha de Pomada Tigre da China, que agora secara até ficar com uma textura de borracha, uma pequena árvore bonsai que ela regava fielmente.

«Olha só para isto», disse Alex. «Tens uma banheira na cozinha! Já tinha ouvido falar disto – quero dizer, já tinha lido acerca disso, mas não tinha a certeza de que ainda existissem algumas. A parte do chuveiro é nova, não é? Este é um daqueles apartamentos que têm a banheira na cozinha, não é?»

«É pois», disse Sasha. «Mas quase nunca a uso. Tomo duche no ginásio.»

A banheira estava tapada com uma tábua feita à medida sobre a qual Sasha empilhava os pratos. Alex passou as mãos sob a borda da banheira e examinou-lhe os pés em forma de garra. Sasha acendeu as velas, tirou uma garrafa de grappa do armário da cozinha e encheu dois cálices.

«Adoro este sítio», disse Alex. «Sente-se que é a Nova Iorque de antigamente. Sabe-se que há coisas destas por aí, mas como é que as havemos de encontrar?»

Sasha encostou-se à banheira a seu lado e bebeu um golinho de grappa. Soube-lhe a Xanax. Estava a tentar lembrar-se da idade de Alex no perfil dele. Vinte e oito, julgava ela, mas parecia mais novo do que isso, talvez muito mais novo. Viu o seu apartamento como ele deveria vê-lo - um pouco do colorido local que se desvaneceria quase de imediato no tumulto das aventuras que toda a gente tem quando chega pela primeira vez a Nova Iorque. Sasha irritou-se ao pensar em si mesma como uma centelha entre as brumosas memórias que Alex se esforçaria por organizar daí a um ou dois anos: *Onde era aquele sítio que tinha a banheira? Quem era aquela rapariga?*

Ele saiu de ao pé da banheira para ir explorar o resto do apartamento. De um dos lados da cozinha ficava o quarto de Sasha. Do outro lado, de frente para a rua, era a sala de estar-toca-escritório, que continha dois cadeirões estofados e a secretária que ela reservava para os projetos exteriores ao seu emprego - publicidade para bandas em que acreditava, curtas recensões para a *Vibe* e a *Spin* - embora essas tivessem caído a pique nos últimos anos. A bem dizer, todo aquele apartamento, que seis anos antes parecera uma estação intermédia para um local melhor, acabara por se solidificar ao redor da Sasha, agregando massa e peso, até ela se sentir ao mesmo tempo encurralada nele e cheia de sorte por tê-lo - como se não só não pudesse seguir em frente mas nem sequer o quisesse.

Alex inclinou-se para espreitar a pequena coleção que ela tinha nos parapeitos das janelas. Parou diante da fotografia de Rob, o amigo de Sasha que morrera afogado nos tempos da universidade, mas não fez nenhum comentário. Nem reparara nas mesas onde ela

guardava a pilha de coisas que tinha roubado: as canetas, o binóculo, as chaves, o cachecol da criancinha, com o qual ela ficara simplesmente por não o devolver quando ele caíra do pescoço de uma menina enquanto a mãe a levava pela mão para fora de um Starbucks. Como por essa altura Sasha já andava a frequentar Coz, reconhecera a litania de desculpas enquanto elas lhe latejavam na cabeça: o inverno está quase a chegar ao fim; as crianças crescem tão depressa; as crianças detestam cachecóis; agora é tarde, elas já saíram pela porta; tenho vergonha de o ir entregar; eu podia nem o ter visto cair - na verdade até nem vi, só agora é que reparei nele: *Olha, um cachecol! Um cachecol de criança, amarelo e com riscas cor-de-rosa - mas que pena, a quem poderá ele pertencer? Bom, vou pegar nele e segurá-lo por um minuto...* Chegada a casa, tinha lavado o cachecol à mão e dobrara-o meticulosamente. Era uma das coisas de que mais gostava.

«O que é isto tudo?», perguntara Alex.

Ele tinha descoberto agora as mesas e estava a olhar para a pilha. Parecia obra de um castor miniaturista: um monte de objetos ilegível mas que claramente não estava disposto ao acaso. Aos olhos de Sasha, ele quase estremecia sob o seu peso de embaraços e de escapadelas à justa e de pequenos triunfos e de momentos de pura exaltação. Continha anos da vida dela comprimidos. A chave de parafusos estava na orla exterior. Sasha aproximara-se mais de Alex, atraída pela visão dele a absorver tudo aquilo.

«E como se sentiu, ali ao pé de Alex, em frente de todas essas coisas que tinha roubado?», perguntou Coz.

Sasha virou o rosto para o sofá azul porque as faces dela estavam a ficar quentes e ela detestava isso. Não

queria explicar a Coz a mistura de sentimentos que tivera, ali ao pé de Alex: o orgulho que tinha naqueles objetos, uma ternura que ainda era mais realçada pelo modo vergonhoso como haviam sido adquiridos. Ela arriscara tudo, e o resultado estava ali: o cerne bruto e retorcido da sua vida. Ver Alex a passar os olhos pela pilha de objetos agitara qualquer coisa em Sasha. Ela pusera os seus braços ao redor dele, por detrás, e ele voltara-se, surpreendido, mas disposto a isso. Ela beijara-o em cheio na boca, depois abrira-lhe a braguilha e desfizera-se das suas botas. Alex tentara levá-la para o outro quarto, onde se poderiam deitar no sofá-cama, mas Sasha ajoelhou-se junto das mesas e puxara-o para baixo, com o tapete persa a fazer-lhe comichão nas costas, a luz da rua a cair através da janela no rosto ávido e esperançoso dele, nas suas coxas brancas e nuas.

Depois, ficaram deitados em cima do tapete durante um bom bocado. As velas começaram a gotejar. Sasha vira a irritante forma do bonsai em silhueta, tendo por fundo a janela que estava perto da sua cabeça. Toda a excitação dela se desvanecera, deixando como rasto uma terrível tristeza, um vazio que parecia violento, como se ela tivesse sido espremida. Pôs-se de pé a cambalear, esperando que Alex não tardasse a ir-se embora. Este ainda tinha a camisa vestida.

«Sabes o que é que me apetecia fazer?», disse ele, pondo-se em pé. «Tomar um banho naquela banheira.»

«Podes tomar», disse Sasha estupidamente. «Ela funciona. O canalizador ainda há pouco cá esteve.»

Ela puxara os jeans para cima e deixara-se cair num cadeirão. Alex fora até à banheira, retirara cuidadosamente os pratos de cima da tampa de madeira

e removera-a. Brotara água da torneira. A força desta sempre espantara Sasha, nas poucas vezes em que a usara.

As calças pretas de Alex estavam amarrotadas no chão, aos pés de Sasha. A forma quadrada da carteira dele desfiara a bombazina num dos bolsos traseiros, como se ele usasse aquelas calças muitas vezes, e sempre com a carteira no mesmo sítio. Sasha espreitou-o. Erguia-se vapor da banheira enquanto ele mergulhava uma mão para testar a água. Depois voltou até junto da pilha de objetos e debruçou-se para se aproximar mais dela, como se procurasse algo específico. Sasha observara-o, esperando um tremor da excitação que anteriormente sentira, mas já desaparecera.

«Posso pôr um pouco destes?» Estava a segurar um pacote de sais de banho que Sasha tirara à sua melhor amiga, Lizzie, há uns anos, antes de elas terem deixado de se falar. Os sais continuavam dentro do seu embrulho às pintinhas. Estavam mesmo no meio da pilha, que abatera um pouco devido à extração. Como é que Alex conseguira vê-los?

Sasha hesitou. Ela e Coz tinham falado demoradamente do motivo por que ela mantinha os objetos roubados separados do resto da sua vida: porque usá-los implicaria cobiça ou interesse próprio, porque deixá-los intocados fazia parecer que um dia poderia devolvê-los; porque empilhá-los num monte impedia que o poder deles se derramasse.

«Acho que sim», dissera ela. «Acho que podes». Estava ciente de ter operado um movimento na história que ela e Coz andavam a escrever, de ter dado um passo simbólico. Mas rumo ao final feliz ou para longe deste?

Sentira a mão de Alex na parte de trás da sua cabeça, a afagar-lhe o cabelo. «Gostas dela quente?», perguntou ele. «Ou média.»

«Quente», disse ela. «Mesmo, mesmo quente.»

«Eu também.» Ele regressou à banheira, pôs-se a mexer nos manípulos e a deitar lá para dentro alguns dos sais, e a sala encheu-se instantaneamente de um vaporoso odor a plantas que era profundamente familiar a Sasha: era o cheiro da casa de banho de Lizzie, nos tempos em que Sasha costumava tomar duche por lá depois de ela e Lizzie terem ido correr juntas no Central Park.

«Onde é que tens as toalhas?», perguntou Alex.

Ela guardava-as dobradas dentro de um cesto na casa de banho. Alex foi buscá-las, e depois fechou a porta da casa de banho. Sasha ouviu-o começar a urinar. Ajoelhou-se no chão, tirou a carteira dele do bolso das calças e abriu-a, o coração a palpar-lhe com uma súbita pressão. Era uma simples carteira preta, que o uso já tornara cinzenta nas bordas. Vasculhou rapidamente o conteúdo: um cartão de débito, um cartão de identificação do emprego, um cartão de ginásio. Numa bolsa lateral, uma imagem debotada de dois rapazes e uma menina com aparelhos dentários, a pestanejarem numa praia. Uma equipa desportiva com uniformes amarelos, as cabeças tão pequenas que ela nem conseguira perceber se alguma delas pertencia a Alex. Do meio dessas fotografias vetustas, caíra um pedaço de papel de caderno no colo de Sasha. Parecia muito antigo, as bordas rasgadas, as pálidas linhas azuis já quase sumidas. Sasha desdobrou-o e viu escrito, com um lápis rombo, EU ACREDITO EM TI. Imobilizou-se, a olhar para as palavras. Elas pareciam correr ao seu encontro a partir

daquele mísero papelito, trazendo uma onda de embaraço para Alex, que guardara aquele desintegrado tributo na sua desintegrada carteira, e a seguir uma outra de vergonha para ela, por o haver contemplado. Teve uma vaga noção de que as torneiras do lavatório tinham sido abertas, e da necessidade de se mover com rapidez. À pressa, mecanicamente, tornou a arrumar tudo o que estava na carteira, mantendo o pedaço de papel na mão. Vou só segurar isto, teve ela a consciência de dizer a si mesma enquanto voltava a enfiar a carteira no bolso de Alex. Depois volto a pô-lo lá; provavelmente ele nem se lembra de o ter ali; até vou estar a fazer-lhe um favor por lhe tirar aquilo do caminho antes que mais alguém o encontre. Vou dizer-lhe, *Olha, encontrei isto no tapete, será teu?* E ele dirá *Isso? Nunca vi isso antes - deve ser teu, Sasha.* E talvez fosse verdade. Talvez alguém mo tivesse dado há anos, e eu me tivesse esquecido.

«E fez isso? Voltou a pô-lo lá?», perguntou Coz.

«Não tive oportunidade. Ele saiu da casa de banho.»

«E mais tarde? Depois do banho. Ou na vez seguinte em que o viu.»

«Depois do banho ele vestiu as calças e foi-se embora. Desde então não voltei a falar com ele.»

Houve uma pausa, durante a qual Sasha teve uma consciência aguda de Coz estar atrás de si, à espera. Ela queria muito agradar-lhe, dizer-lhe algo como *Aquilo foi um ponto de viragem, agora tudo é diferente, ou telefonei à Lizzie e finalmente fizemos as pazes, ou voltei a tocar naquela harpa, ou apenas Estou a mudar Estou a mudar Estou a mudar: Já mudei!* Redenção, transformação - meu Deus, como ela queria essas coisas.

A cada dia, a cada minuto. Não era o que toda a gente queria?

«Por favor», disse ela a Coz. «Não pergunte como me sinto.»

«Está bem», disse ele baixinho.

Ficaram sentados em silêncio, o maior silêncio que alguma vez havia decorrido entre eles. Sasha olhou para a vidraça da janela, continuamente lavada pela chuva, a turvar as luzes do anoitecer. Manteve-se deitada, com o corpo tenso, a reclamar o sofá, o seu sítio naquela sala, a sua visão da janela e das paredes, o débil rumor que estava sempre lá quando ela o escutava, e aqueles minutos do tempo de Coz: outro, depois outro, a seguir mais outro.

## 2

# A CURA ÁUREA

NAQUELE DIA AS MEMÓRIAS VERGONHOSAS começaram cedo para Bennie, durante a reunião matinal, enquanto ouvia uma das suas principais executivas defender que se cortassem as ligações com as Stop/Go, uma banda de irmãs com a qual Bennie assinara contrato para três discos há uns anos. Nessa altura, as Stop/Go tinham parecido uma excelente aposta; as irmãs eram jovens e adoráveis, o som delas era enérgico, simples e ficava no ouvido («uma mistura entre Cindy Lauper e Chrissie Hynde», como dizia Bennie no início), com um baixo potente e avassalador e umas percussões engraçadas – ele lembrava-se de um chocalho. Além disso elas tinham escrito umas canções decentes; que raio, tinham vendido doze mil CD à boca do palco antes de Bennie as ter ouvido pela primeira vez. Com algum tempo para desenvolver os *singles* potenciais, uma comercialização inteligente e um vídeo decente elas podiam ir até ao topo.

Mas as irmãs estavam quase com trinta anos, dizia agora a Bennie a sua produtora executiva, Collette, e já não eram credíveis como raparigas acabadas de sair do liceu, especialmente por uma delas ter uma filha com

nove anos. Os membros da banda andavam a estudar direito. Já tinham despedido dois produtores, e o terceiro demitira-se. Ainda não havia álbum.

«Quem é que lhes gere a banda?», perguntou Bennie.

«O pai delas. Já tenho a nova maqueta das misturas», disse Collette. «As vozes ficaram enterradas por baixo de sete camadas de guitarras.»

Foi então que a memória se apoderou de Bennie (teria sido a palavra «irmãs» a suscitá-la?): ele próprio, agachado atrás de um convento em Westchester, ao alvorecer, após uma noite de farra – talvez há uns vinte anos, não? Ou mais? A ouvir ondas de som puro, ressonante, tão doce que assustava, ascenderem rumo ao pálido céu: freiras reclusas que somente se viam umas às outras, que haviam assumido votos de silêncio, cantando a missa. Relva molhada sob os joelhos, a iridescência dela pulsando contra os seus olhos exaustos. Ainda agora, Bennie conseguia ouvir a etérea doçura das vozes daquelas freiras ecoando no fundo dos seus ouvidos.

Tinha marcado um encontro com a Madre Superiora – a única freira com quem se podia falar –, levara consigo umas miúdas lá do escritório para camuflagem e esperara numa espécie de antecâmara até que a Madre Superiora surgira por detrás de uma abertura quadrada na parede, que parecia uma janela sem vidraças. Trajava inteiramente de branco, com um pano a cingir-lhe estreitamente o rosto. Bennie lembrava-se de que ela se ria muito, umas bochechas rosadas a alçarem-se-lhe em drapeados, talvez pela alegria de pensar em levar Deus a milhões de casas, talvez pela novidade de ter um responsável de Artistas e Repertório vestido de

bombazina púrpura a fazer-lhe uma proposta. O negócio fora acertado numa questão de minutos.

Ele aproximara-se da abertura quadrada para se despedir (aqui Bennie recostou-se no seu cadeirão da sala de conferências, antecipando o momento a que tudo aquilo conduzia). A Madre Superiora inclinara-se ligeiramente para a frente, pondo a cabeça de lado de uma maneira que devia ter despertado alguma coisa no Bennie, porque ele debruçara-se por cima do parapeito e beijara-a na boca: aveludado toque de pele, um cheiro íntimo, a pó de talco, naquela fração de segundo antes de a freira soltar um grito e se esquivar com brusquidão. Depois ele a afastar-se, a sorrir por entre o seu receio, a olhar para o rosto consternado e magoado dela.

«Bennie?» Collette estava em pé diante de uma consola, com o CD das Stop/Go na mão. Toda a gente parecia estar à espera. «Queres ouvir isto?»

Mas Bennie estava dominado por uma iteração do que sucedera há vinte anos: ele a debruçar-se sobre o parapeito em direção à Madre Superiora como uma figurinha num relógio avariado, outra vez. Outra vez. Outra vez.

«Não», resmungou ele. Virou o rosto suado para a brisa ribeirinha que entrava pelas janelas da velha fábrica de café de Tribeca onde a Discos Orelha da Porca se instalara seis anos antes, e onde agora ocupava dois pisos. Nunca chegara a gravar as freiras. Quando voltara do convento, tinha uma mensagem à sua espera.

«Não quero», disse ele a Collette. «Não quero ouvir a mistura.» Sentia-se abalado, conspurcado. Bennie estava sempre a despedir artistas, por vezes aos três por semana, mas agora a sua própria vergonha tingia o fracasso das irmãs dos Stop/Go, como se a culpa fosse

*dele*. E tal sentimento era seguido por uma necessidade inquietante, e oposta, de recordar o que o excitara inicialmente naquelas irmãs - de sentir de novo aquela excitação. «Porque é que não as vou visitar?», disse ele subitamente.

Collette mostrou-se surpreendida, depois desconfiada, depois preocupada, numa sucessão que até teria divertido Bennie caso ele não estivesse tão incomodado. «A sério?», perguntou ela.

«Claro. Faço isso ainda hoje, depois de ir ver o meu miúdo.»

A assistente de Bennie, Sasha, trouxe-lhe café: com nata e dois cubos de açúcar. Ele tirou do bolso uma pequena caixinha de esmalte vermelho, abriu com cautela a tampa, pegou nalguns flocos de ouro entre os seus dedos trémulos, e deixou-os cair dentro da caneca. Iniciara aquele regime há dois meses, após ter lido num livro sobre a medicina dos astecas que estes acreditavam que o ouro e o café juntos garantiam a potência sexual. O objetivo de Bennie era mais básico do que a potência: o *impulso* sexual, pois o seu havia expirado misteriosamente. Ele não sabia ao certo quando nem sabia ao certo por que tinha isso acontecido: o divórcio de Stephanie? A batalha por Christopher? Ter feito recentemente quarenta e quatro anos? Aquelas suaves queimaduras circulares no seu antebraço esquerdo, sofridas durante «A Festa», um recente fiasco organizado pela antiga patroa de Stephanie, que agora estava a cumprir pena de prisão?

O ouro aterrou na superfície leitosa do café e pôs-se a rodopiar loucamente. Bennie ficou fascinado por esse rodopio, que interpretou como prova da explosiva interação química entre o ouro e o café. Um frenesi de

atividade que na maior parte do tempo o fizera andar em círculos: não seria essa uma descrição razoavelmente exata da lascívia? Às vezes Bennie nem sequer se preocupava por ela ter desaparecido; era um certo alívio não andar constantemente a querer foder alguém. O mundo era inquestionavelmente um lugar mais pacífico sem aquele semitesão que fora seu constante companheiro desde os treze anos de idade, mas queria Bennie viver num mundo assim? Sorveu o café cortado com ouro e olhou para as mamas de Sasha, que se haviam transformado no teste de tornesol que ele usava para aferir as suas melhorias. Cobiçara-lhas durante a maior parte dos anos em que ela trabalhara consigo, primeiro como estagiária, depois como rececionista, finalmente como sua assistente (cargo onde se mantivera, estranhamente relutante em se tornar executiva por direito próprio) - e de algum modo ela conseguira iludir essa cobiça sem jamais lhe dizer que não, nem lhe ferir os sentimentos, nem o chatear. E agora: as mamas de Sasha dentro de uma camisola amarela fininha, e Bennie não sentia nada. Nem um estremecimento de inofensiva excitação. Conseguiria ele pô-lo em pé caso quisesse?

\*\*\*

Enquanto conduzia o carro para ir buscar o filho, Bennie foi alternando entre os Sleepers e os Dead Kennedys, bandas de São Francisco com as quais crescera. Pôs-se à escuta da indefinição, da sensação de músicos verdadeiros tocando instrumentos verdadeiros numa sala verdadeira. Hoje em dia tal qualidade (caso ela existisse de todo) normalmente surgia mais como

efeito de processamento do sinal analógico do que como resultado de uma gravação autêntica - tudo era um efeito naquelas construções exangues que Bennie e os seus pares iam deitando cá para fora. Ele trabalhava incansavelmente, febrilmente, para as coisas correrem bem, para se manter no topo, para fazer canções que as pessoas adorassem e comprassem e descarregassem como toques para telemóvel (e as roubassem, evidentemente) - acima de tudo, para satisfazer a multinacional da extração petrolífera à qual vendera a sua etiqueta discográfica cinco anos antes. Mas Bennie sabia que o que ele andava a trazer para o mundo era merda. Demasiado nítida, demasiado limpa. O problema era a precisão, a perfeição; o problema era a *digitalização*, que sugava a vida a tudo o que fosse coado através dos seus microscópicos interstícios. O filme, a fotografia, a música: mortos. *Um holocausto estético!* Bennie sabia que não devia dizer essas coisas em voz alta.

Mas a profunda emoção daquelas canções antigas estava, para Bennie, nos arrebatadores impulsos dos dezasseis anos de idade que elas lhe causavam; Bennie e o seu grupo do liceu - Scotty e Alice, Jocelyn e Rhea - que não via há décadas (a não ser por um perturbante encontro com Scotty, no seu gabinete, há alguns anos), mas apesar disso quase acreditava ir encontrá-los na fila à porta do Mabuhay Gardens (falecido há muito), em São Francisco, com cabelos verdes e alfinetes de ama, se acaso ele aparecesse por lá numa noite de sábado.

E então, enquanto o Jello Biafra ia progredindo ao longo do «Too Drunk to Fuck», o espírito de Bennie derivou para uma cerimónia de entrega de prémios há alguns anos, onde ele tentara apresentar uma pianista

de jazz como «incomparável» e acabara por lhe chamar «incompetente» perante uma assistência de duas mil e quinhentas pessoas. Nunca deveria ter tentado aquele «incomparável» – a palavra nem era dele, era demasiado rebuscada; prendera-se-lhe na boca de cada vez que ele ensaiara o discurso diante de Stephanie. Mas adequava-se à pianista, que tinha quilómetros de luzentes cabelos dourados e também se havia formado (deixara ela escapar) em Harvard. Bennie acalentara um atabalhoado sonho de a levar para a cama, e de sentir aqueles cabelos a deslizar pelo seu peito e pelos seus ombros.

Estava agora parado em frente à escola de Christopher, aguardando que o seu espasmo de memória lhe passasse. Ao chegar ali de carro, vira o filho a atravessar o campo de jogos na companhia dos amigos. Chris ia a saltitar – a bem dizer ia aos saltos – a atirar uma bola ao ar, mas quando se deixara cair dentro do Porsche amarelo de Bennie todo esse ar de leveza se lhe sumira. Porquê? Saberá Chris alguma coisa acerca do fiasco na entrega de prémios? Bennie disse a si mesmo que isso era uma parvoíce, mas foi tomado por um ímpeto de confessar o lapso ao seu estudante da quarta classe. A Necessidade de Divulgar, fora o que o Dr. Beet chamara a esse impulso, e exortara Bennie a assentar por escrito as coisas que pretendia confidenciar, em vez de sobrecarregar o filho com elas. Bennie fez isso agora, escrevinhando *incompetente* na parte de trás de uma multa de estacionamento que tinha recebido no dia anterior. Depois, lembrando-se da humilhação anterior, acrescentou à lista *beijar a Madre Superiora*.

«Então, patrão», disse ele. «O qu' é que t'apetece fazer hoje?»

«Sei lá.»

«Tens algum desejo em especial?»

«Nem por isso.»

Bennie olhou impotentemente pela janela. Há uns dois meses, Chris perguntara-lhe se poderiam faltar ao encontro semanal com o Dr. Beet e passarem a tarde «a fazer outra coisa qualquer» em vez disso. Não tinham lá voltado, uma decisão de que Bennie se arrependia agora; «fazer outra coisa qualquer» conduziu a tardes inconstantes, muitas vezes abreviadas por Chris ao anunciar que tinha de ir fazer os trabalhos de casa.

«E se fôssemos tomar café?», sugeriu Bennie.

A centelha de um sorriso. «Posso beber um Frappuccino?»

«Não contes à tua mãe.»

A Stephanie não aprovava que Chris bebesse café – o que era razoável, já que o miúdo tinha nove anos – mas Bennie não conseguia resistir à requintada conexão que resultava de eles desafiarem a sua ex-mulher em uníssono. Pacto da Traição, chamara o Dr. Beet a isso, e, tal como a Necessidade de Divulgar, estava na lista das coisas a não fazer.

Trouxeram os cafés e voltaram para dentro do Porsche para os beberem. Chris sugou avidamente o seu Frappuccino. Bennie sacou da sua caixinha de esmalte, pegou nalguns flocos de ouro e enfiou-os por baixo da tampa de plástico do copo.

«O que é isso?», perguntou Chris.

Bennie sobressaltou-se. O ouro tinha-se tornado tão rotineiro que ele deixara de o manter na clandestinidade. «Remédio», disse ele, ao fim de um momento.

«Para quê?»

«Uns sintomas que ando a ter.» *Ou a não ter*, acrescentou ele mentalmente.

«Que sintomas?»

Seria aquilo o Frappuccino a fazer efeito? Chris tinha saído do seu abatimento e sentara-se agora muito direito, a olhar para Bennie com os seus grandes, escuros e francamente bonitos olhos. «Dores de cabeça», disse Bennie.

«Posso ver?», perguntou Chris. «O remédio? Que está nessa coisa vermelha?»

Bennie passou-lhe a caixinha para a mão. Em poucos segundos, o miúdo já percebera o truque da tampa e abrira-a. «Ena, Pai», disse ele. «O que é esta coisa?»

«Já te disse.»

«Parece ouro. Flocos de ouro.»

«Tem uma consistência de flocos.»

«Posso provar um?»

«Filho. Tu não...»

«Só um?»

Bennie suspirou. «Um.»

O rapaz retirou cuidadosamente um floco de ouro e colocou-o em cima da língua. «A que é que isso sabe?», Bennie não resistiu a perguntar-lhe. Ele só tomava o ouro com o café, onde não se lhe sentia gosto algum.

«Parece metal», disse Chris. «É ótimo. Posso tirar outro?»

Bennie ligou o motor do carro. Haveria alguma aldrabice em evidência naquela história do remédio? Era óbvio que o miúdo não acreditara nela. «Mais um», disse-lhe ele. «E acabou-se.»

O filho pegou numa larga pitada de flocos de ouro e colocou-os na língua. Bennie tentou não pensar no dinheiro. A verdade é que gastara oito mil dólares em ouro nos últimos dois meses. Um hábito de coca ter-lhe-ia saído mais barato.

Chris chupou o ouro e fechou os olhos. «Pai», disse ele, «É como se isto me estivesse a acordar por dentro.»

«Interessante», disse Bennie num tom pensativo. «É exatamente isso que o remédio deve fazer.»

«Está a fazer efeito?»

«Parece-me bem que sim.»

«Mas em ti», disse Chris.

Bennie estava razoavelmente certo de que o filho lhe fizera mais perguntas durante os últimos dez minutos do que no anterior ano e meio desde que ele e Stephanie se haviam separado. Poderia ser esse um efeito secundário do ouro: a curiosidade?

«Continuo a ter dores de cabeça», disse-lhe ele.

Ia a conduzir ao acaso entre as mansões de Crandale («fazer qualquer coisa» envolvia muita condução ao acaso), cada uma das quais parecia ter quatro ou cinco crianças louras vestidas com roupas Ralph Lauren a brincar no jardim da frente. Ao olhar para aqueles miúdos, tornava-se mais claro que nunca para Bennie que ele nunca tivera qualquer hipótese de durar naquele sítio, dado o seu aspeto moreno e desalinhado mesmo quando acabara de tomar banho e de se barbear. Stephanie, entretanto, ascendera à principal equipa de pares do clube.

«Chris», disse Bennie. «Há um grupo musical que eu tenho de ir visitar - umas irmãs muito novas. Quero dizer, mais ou menos novas. Tencionava ir lá mais logo, mas, se estivesse interessado, podíamos...»

«Está bem.»

«A sério?»

«Sim.»

Será que o «Está bem» e o «Sim» significavam que Chris estava a ceder para fazer a vontade a Bennie,

como o Dr. Beet observara que ele fazia com frequência? Ou será que a curiosidade incitada pelo ouro se estendera a um novo interesse pelo trabalho de Bennie? Chris fora crescendo na companhia dos grupos rock, é claro, mas fazia parte da geração pós-pirataria, para a qual os «direitos de autor» e a «propriedade criativa» eram coisas que não existiam. Bennie não *culpava* Chris, evidentemente; aqueles demolidores que haviam assassinado o negócio da música tinham uma geração de avanço em relação ao seu filho, eram agora adultos. Mesmo assim, ele tinha seguido o conselho do Dr. Beet para deixar de intimidar (termo do Beet) Chris com o declínio da indústria e em vez disso se concentrar em apreciar música de que eles os dois gostassem – os Pearl Jam, por exemplo, que Bennie pôs a tocar aos berros durante todo o caminho até Mount Vernon.

\*\*\*

As irmãs dos Stop/Go continuavam a viver com os pais numa casa ampla e decrépita sob frondosas árvores suburbanas. Bennie estivera ali há uns dois ou três anos, quando as descobrira inicialmente, antes de ter confiado as irmãs ao primeiro de uma série de executivos que não haviam conseguido cumprir nada de jeito. Quando ele e Chris iam a sair do carro, a memória da sua última visita provocou em Bennie uma convulsão de fúria que fez o calor subir-lhe à cabeça – mas porque é que não tinha acontecido nada durante este tempo todo, foda-se?

Encontrou Sasha esperando por ele junto à porta; tinha ido apanhar o comboio à Grand Central depois de Bennie lhe ter telefonado e, vá-se lá saber como, chegara ali primeiro.

«Olá, Crisco», disse Sasha, despenteando o cabelo ao filho dele. Ela conhecia Chris desde que este nascera; tinha corrido até à farmácia Duane Reade para lhe comprar as chuchas e as fraldas. Bennie olhou-lhe para as mamas; nada. Ou nada de sexual – sentia de facto uma vaga de gratidão e de apreço pela sua assistente, contrariamente à fúria assassina que sentia para com os seus restantes funcionários.

Houve um silêncio. Uma luz amarela abriu caminho entre a folhagem. Bennie desviou o olhar das mamas de Sasha para o rosto dela. Tinha umas maçãs do rosto salientes e uns olhos verdes muito juntos, um cabelo ondulado cuja cor variava entre o avermelhado e o purpurino, dependendo do mês. Hoje estava vermelho. Estava a sorrir para Chris, mas Bennie detetou uma preocupação algures naquele sorriso. Ele raramente pensava em Sasha como uma pessoa independente, e para além de uma vaga noção dos namorados que iam aparecendo e desaparecendo (vaga, inicialmente por respeito à sua privacidade, ultimamente por indiferença), pouco sabia acerca da vida dela. Mas ao vê-la à porta daquela casa familiar, Bennie experimentou um fogacho de curiosidade: Sasha ainda andava na Universidade de Nova Iorque quando ele a conhecera num concerto dos Conduits no Pyramid Club; o que a colocava agora nos seus trinta anos. Por que não se casara ela? Queria ter filhos? Parecia subitamente mais velha, ou isso seria só por Bennie raramente a olhar no rosto?

«O que é?», disse ela, sentindo o seu olhar.

«Nada.»

«Senteste-te bem?»

«Melhor que bem», disse Bennie, batendo sonoramente na porta.

As irmãs tinham um aspeto fantástico - se não haviam saído há pouco do liceu, então pelo menos teriam saído há pouco da faculdade, especialmente se tivessem feito um ou dois anos de intervalo ou porventura algumas transferências de curso. Usavam o cabelo escuro esticado para trás e afastado do rosto, os olhos delas reluziam, e, raios partam, tinham um livro inteiro cheiinho de material novo - *olha só para isto!* A fúria de Bennie para com a sua equipa intensificou-se, mas era uma fúria agradável, motivadora. A excitação nervosa das irmãs pusera a casa inteira em sobressalto; elas sabiam que esta visita era a sua melhor e última esperança. Chandra era a mais velha, Louisa era a mais nova. A filha de Louisa, Olivia, andava a pedalar num triciclo à entrada da garagem na última vez em que Bennie ali estivera, mas agora usava uns jeans coleantes e uma tiara de joias que pareciam ser uma opção de moda, e não um disfarce. Bennie sentiu Chris ficar mais atento quando Olivia entrou na sala, como se uma serpente encantada se houvesse erguido num cesto dentro dele.

Desceram em fila indiana um estreito lanço de escadas até ao estúdio de gravação que as irmãs tinham na cave. Fora o pai delas quem lho construía há uns anos. Era minúsculo, com uma alcatifa alaranjada a cobrir o chão, o teto e as paredes. Bennie apoderou-se do único assento que havia, notando com satisfação a presença de um chocalho junto aos teclados.

«Café?», perguntou-lhe Sasha. Chandra levou-a até ao piso de cima para o prepararem. Louisa sentou-se ao teclado trauteando melodias. Olivia pegou nuns bongos e começou a acompanhar a mãe descontraidamente. Passou uma pandeireta a Chris e, para espanto de

Bennie, o seu filho pôs-se a bater na coisa num tempo perfeito. Bem, pensou ele. Muito bem. O dia havia-se transformado inesperadamente para melhor. A filha quase adolescente não era problema, decidiu ele; podia juntar-se ao grupo como uma irmã mais nova, ou uma prima, para fortalecer a ligação aos mais jovens. Talvez Chris também pudesse fazer parte daquilo, embora ele e Olivia tivessem de trocar de instrumentos. Um rapaz com uma pandeireta...

Sasha trouxe-lhe o café, e Bennie sacou da caixa de esmalte vermelho e deitou lá para dentro uma pitada de flocos. Enquanto sorvia o café, uma sensação de prazer encheu-lhe por inteiro o torso tal como uma tempestade de neve enche todo um céu. Jesus, sentia-se bem. Andara a delegar coisas a mais. Ouvir a música a ser *feita*, era isso o que importava: pessoas, instrumentos e equipamentos com um aspeto muito usado a alinharem-se abruptamente numa única estrutura de som, flexível e viva. As irmãs estavam nos teclados a combinar a música, e Bennie sentiu uma pontada de antecipação; alguma coisa iria acontecer ali. Ele sabia disso. Sentia-o a formigar nos braços e no peito.

«Vocês têm cá o Pro Tools, não têm?», perguntou ele, apontando para o computador portátil em cima de uma mesa, entre os instrumentos. «Toda a gente tem o som ligado? Podemos gravar algumas faixas agora?»

As irmãs disseram-lhe que sim e foram verificar o computador portátil; estavam prontas a gravar. «As vozes também?», perguntou Chandra.

«Com certeza», disse Bennie. «Vamos fazer tudo ao mesmo tempo. Vamos fazer saltar o teto do raio da vossa casa.»

Sasha estava de pé, à direita de Bennie. Aqueles corpos todos tinham aquecido a pequena divisão, o que soltava da pele dela um perfume que ela já usava há anos – ou seria uma loção? – e que cheirava a alperces; não somente à parte doce mas àquele ligeiro azedume que há em volta do caroço. E enquanto Bennie respirava o cheiro da loção de Sasha, a picha dele ergueu-se subitamente como um velho rafeiro que tivesse levado um lesto pontapé. Quase saltou de estarecido espanto no seu assento, mas manteve a calma. Não forces as coisas, deixa que elas aconteçam. Não afugentes isso.

As irmãs começaram então a cantar. Oh, aquele som bruto, quase esgarçado, das vozes delas, misturado com o fragor dos instrumentos – essas sensações uniam-se a uma faculdade mais profundamente enraizada em Bennie do que o juízo ou mesmo o prazer; elas comungavam diretamente com o seu corpo, cuja resposta estremecente, transbordante, o entontecia. E ali estava a sua primeira ereção desde há meses – causada por Sasha, que durante todos aqueles anos estivera demasiado perto de Bennie para que ele realmente a visse, como naqueles romances do século dezanove que ele lera à socapa por serem algo de que só as raparigas costumavam gostar. Pegou no chocalho e na baqueta e começou a zurzi-lo com zelosos golpes. Sentia a música na boca, nos ouvidos, nas costelas – ou seria aquilo a sua pulsação? Estava em chamas!

E a partir desse zénite de júbilo lascivo, devorador, lembrou-se de ter aberto uma mensagem de correio eletrónico que lhe fora inadvertidamente remetida e lhe dera conhecimento de uma conversa entre dois colegas, onde ele se achara referido como uma «bola de pelo». Meu Deus, a sensação de líquida vergonha que se

agregara em Bennie quando lera aquela expressão. Nem soubera ao certo o seu significado: que ele era peludo? (Verdade). Que não se lavava? (Falso!) Ou seria ela literal, como em: ele tolhia as gargantas das pessoas e fazia-as regurgitar, como sucedia ao gato de Stephanie, o Sylph, que de vez em quando vomitava pelos para cima do tapete? Bennie fora logo cortar o cabelo nesse mesmo dia e pensara seriamente em depilar as costas e os braços, até que Stephanie o convencera a não o fazer, passando as suas mãos frescas sobre os ombros nessa noite na cama, e dizendo-lhe que gostava dele peludo – que a última coisa de que o mundo precisava era mais um tipo depilado.

Música. Bennie estava a ouvir música. As irmãs gritavam, aquela minúscula divisão implodia com o som delas, e Bennie tentou encontrar de novo o profundo contentamento que sentira ainda há um minuto. Mas a «bola de pelo» desassossegara-o. A sala parecia desconfortavelmente pequena. Bennie pousou o chocalho e tirou do bolso a multa de estacionamento. Escrevinhou *bola de pelo*, na esperança de exorcizar aquela memória. Inalou lentamente e pousou os olhos em Chris, que ia fustigando a pandeireta e tentando acompanhar o tempo errático das irmãs, e logo a seguir aquilo tornou a acontecer: ele levando o filho a cortar o cabelo, há uns anos, e o seu barbeiro de há muito, Stu, a pousar a tesoura e a chamar Bennie de parte. «Há um problema com o cabelo do seu filho», dissera-lhe ele.

«Um problema!»

Stu levava Bennie até junto de Chris, que estava na cadeira, e apartara o cabelo deste de modo a pôr à mostra umas criaturinhas morenas do tamanho de umas sementes de papoila passeando-se-lhe pelo escalpe.

Bennie sentira-se desfalecer. «Piolhos», sussurrara o barbeiro. «Apanham-nos na escola.»

«Mas ele anda numa escola privada!», balbuciara Bennie. «Em Crandale, Nova Iorque!»

Os olhos de Chris tinham-se aberto muito, com medo: «O que é, paizinho?» As outras pessoas estavam a olhar, e Bennie sentira-se responsável, dada a sua hirsuta cabeleira, ao ponto de ter passado a pulverizar os seus sovacos com OFF! todas as manhãs até hoje, e a guardar uma lata extra no escritório – coisa de doidos! Ele sabia disso! Eles a irem buscar os casacos enquanto toda a gente os olhava, Bennie com a cara em fogo; meu Deus, até lhe doía pensar nisso agora – doía-lhe fisicamente, como se aquela memória estivesse a abrir sulcos nele com um ancinho. Escondeu o rosto entre as mãos. Queria tapar os ouvidos, bloquear a cacofonia das Stop/Go, mas concentrou-se em Sasha, ali mesmo à sua direita, naquele odor agridoce dela, e deu por si a lembrar-se de uma rapariga que perseguira numa festa quando chegara a Nova Iorque e que vendia vinil no Lower East Side há uns cem anos, uma loura capitosa qualquer – Abby, seria assim que se chamava? Enquanto mantinha Abby debaixo de olho, Bennie inalara diversas linhas de coca e fora acometido por uma severa e instantânea necessidade de ir esvaziar as tripas. Estava ele a aliviar-se na retrete entre aquilo que deveria ter sido (embora o cérebro de Bennie até lhe doesse sempre que se lembrava disso) um miasma de aniquilante fedor, quando a porta da casa de banho, que não tinha tranca, se abriu de repente, e surgira Abby, a olhá-lo de cima para baixo. Tinha havido um momento horrível, insondável, em que os olhos deles se encontraram; seguidamente ela fechara a porta.

Bennie tinha saído da festa com outra pessoa – havia sempre outra pessoa – e a divertida noite que passaram, coisa que lhe era confortável presumir, havia eliminado aquele confronto com Abby. Mas agora ele tinha regressado – oh, tinha regressado, trazendo ondas de vergonha tão imensas que pareciam engolir partes inteiras da vida de Bennie e arrastá-las para longe: proezas, sucessos, momentos de orgulho, tudo isso arrasado ao ponto de não haver nada – e/e era um nada – um tipo num cagatório a levantar os olhos para o rosto enojado de uma mulher que ele quisera impressionar.

Bennie saltou do banco, esmagando o chocalho sob um dos pés. O suor fazia-lhe arder os olhos. O cabelo dele embrenhou-se palpavelmente na alcatifa do teto.

«Sentes-te bem?», perguntou Sasha, alarmada.

«Desculpem», arfou Bennie, enxugando a testa.  
«Desculpem. Desculpem. Desculpem.»

\*\*\*

Regressado ao piso de cima, postou-se do lado de fora da porta da frente, a encher os pulmões com ar fresco. As irmãs e a filha das Stop/Go juntaram-se à sua volta, pedindo-lhe desculpa pela falta de ventilação do estúdio de gravação, pelos contínuos fracassos do pai delas em o arejar devidamente, recordando uma à outra num tom espirituoso as muitas vezes em que elas próprias haviam estado à beira do desmaio, ao tentarem trabalhar ali.

«Podemos trautear-lhe as melodias», disseram-lhe, e assim fizeram, em harmonia, Olivia também, todas elas a curta distância do rosto de Bennie, com o desespero a fazer-lhes tremer os sorrisos. Um gato pardo fez um oito

em torno dos calcanhares de Bennie, roçando nele a sua cabeça ossuda em êxtase. Foi um alívio voltar para dentro do carro.

Iria levar Sasha até ao centro da cidade, mas primeiro tinha de deixar Chris em casa. O filho ia encolhido no banco de trás, virado para a janela aberta. Pareceu a Bennie que a sua aventureira ideia para passar a tarde acabara por correr mal. Repeliu a vontade de olhar para as mamas de Sasha, esperando acalmar-se, recuperar o equilíbrio antes de se submeter ao teste. Por fim, num semáforo vermelho, olhou devagar, casualmente, na direção dela, primeiro sem sequer as focar, depois mirando-as intensamente. Nada. Foi acometido por uma perda tão severa que isso lhe exigiu um esforço físico para não uivar. Ele tivera-a, *ele tivera-a*. Mas para onde fora ela?

«Pai, a luz está verde», disse Chris.

Quando arrancou de novo, Bennie obrigou-se a perguntar ao filho «Então, patrão. O que é que achaste?»

O miúdo não respondeu. Talvez estivesse a fingir não ter ouvido, ou talvez o vento no seu rosto fizesse demasiado ruído. Bennie olhou para Sasha. «Então e tu?»

«Oh», disse ela, «elas são terríveis.»

Bennie pestanejou, exasperado. Sentiu um frémito de raiva contra Sasha, que lhe passou alguns segundos depois, deixando um estranho alívio. Pois claro. Elas eram terríveis. O problema era esse.

«Aquilo nem se consegue ouvir», prosseguiu Sasha. «Não admira que estivesse a ter um ataque cardíaco.»

«Não estou a perceber», disse Bennie.

«O quê?»

«Há dois anos elas soavam... diferentes.»

Sasha lançou-lhe um olhar intrigado. «Não foi há dois anos», disse-lhe ela. «Foi há cinco.»

«Como é que tens tanta certeza?»

«Porque a última vez que eu vim a casa delas foi depois de uma reunião no Windows on the World<sup>1</sup>.»

Bennie demorou um minuto a compreender isso. «Oh», disse ele por fim. «Quanto tempo antes do...»

«Quatro dias.»

«Ena. Eu não sabia disso.» Esperou até atingir uma pausa respeitosa, e depois prosseguiu. «Mesmo assim, dois anos, cinco anos...»

Sasha voltou-se para ele e fitou-o. Parecia zangada. «Com quem é que eu estou a falar?», perguntou-lhe ela. «Tu és o Bennie Salazar! Isto é o negócio da música. “Cinco anos são *quinientos* anos” - as palavras são tuas.»

Bennie não respondeu. Estavam a aproximar-se da sua anterior casa, que era como ele pensava nela. Não podia dizer «antiga casa», mas também já não podia dizer «casa», embora certamente a tivesse pago. A sua anterior casa estava separada da rua por um talude relvado, era uma reluzente moradia branca em estilo colonial que o enchera de espanto sempre que tirava uma chave do bolso para abrir a porta da frente. Bennie parou junto ao passeio e desligou o motor. Não se sentia obrigado a levar o carro até ao alto da ladeira.

Chris estava inclinado para diante a partir do banco de trás, com a cabeça entre Bennie e Sasha. Bennie não sabia ao certo há quanto tempo estava ele ali. «Acho que precisas de tomar um pouco do teu remédio, Pai», disse ele.

«Boa ideia», disse Bennie. Começou a apalpar os bolsos, mas não encontrava a caixinha vermelha em

parte alguma.

«Espera aí, sou eu que a tenho», disse Sasha. «Deixaste-a cair quando saíste da sala de gravação.»

Ela andava a fazer aquilo cada vez mais, a encontrar coisas que ele deixava fora do sítio – por vezes antes até de Bennie dar pela falta delas. O que só vinha aumentar a hipnótica dependência que ele sentia por ela. «Obrigado, Sash», disse-lhe ele.

Abriu a caixa. Meu Deus, como brilhavam os flocos. O ouro não perdia o brilho, a verdade era essa. Daí a cinco anos os flocos teriam o mesmo aspeto que tinham agora.

«Achas que ponha alguns na minha língua, como tu fizeste?»

«Acho. Mas eu também quero uns.»

«Sasha, queres experimentar um bocadinho de remédio?», perguntou Bennie.

«Hmm, está bem», disse ela. «O que é que isso faz?»

«Resolve os teus problemas», disse Bennie. «Quero dizer, as dores de cabeça. Não é que tu as tenhas.»

«Nunca», disse Sasha, com o mesmo sorriso cauteloso.

Cada um deles retirou uma pitada de flocos de ouro e colocou-a sobre a língua. Bennie tentou não calcular o valor em dólares daquilo que tinham dentro das bocas. Concentrou-se no sabor: seria metálico, ou essa era apenas a sua expectativa? A café, ou será que ainda lhe restaria algum na boca? Envolveu o ouro numa volta da língua e sugou-lhe os sucos; azedo, pensou ele. Amargo. Doce? Cada uma dessas coisas pareceu verdadeira por um segundo, mas no final Bennie ficou com uma impressão de algo de mineral, como pedra. Ou mesmo terra. E depois o montinho dissolveu-se.

«Tenho de ir, papá», disse Chris. Bennie abriu-lhe a porta do carro e abraçou-o com força. Como sempre, Chris ficou imóvel no seu abraço, mas se estaria a saboreá-lo ou a suportá-lo era algo que Bennie nunca sabia dizer.

Recuou e olhou para o filho. O bebé que ele e Stephanie haviam acariciado e beijado - e era agora aquela presença misteriosa e dolorosa. Bennie sentiu-se tentado a dizer-lhe *Não fales à tua mãe do remédio*, ansiando por um instante de conexão com Chris antes de ele entrar em casa. Mas hesitou, recorrendo a um cálculo mental que o Dr. Beet lhe ensinara: pensaria ele realmente que o miúdo iria falar do ouro a Stephanie? Não. E o seu sinal de alarme era esse: o Pacto da Traição. Bennie não disse nada.

Tornou a entrar no carro, mas não ligou a chave. Estava a ver Chris escalar o ondulante relvado até à sua anterior casa. A relva tinha um brilho fluorescente. O filho parecia vergado sob a sua enorme mochila. Que raio estaria dentro dela? Bennie já vira fotografos profissionais andarem menos carregados. Quando Chris se aproximou da casa ficou turvo, ou talvez fossem os olhos de Bennie a encherem-se de água. Achou aquilo lancinante, assistir à longa jornada do filho até à porta de casa. Preocupou-o que Sasha falasse - que dissesse algo como *Ele é um ótimo miúdo*, ou *Isto foi divertido* - algo que exigisse que Bennie se virasse e olhasse para ela. Mas Sasha era sabida; ela sabia tudo. Ficou sentada junto de Bennie em silêncio, a ver Chris trepar aquela relva viçosa e brilhante até à porta da frente, e depois abri-la sem se voltar para trás e entrar.

Não voltaram a falar antes de terem passado da Henry Hudson Parkway para a West Side Highway, a caminho da Baixa de Manhattan. Bennie pôs a tocar os Who dos primeiros tempos, os Stooges, bandas que ele já ouvia antes de ter sequer idade para ir a um concerto. Depois passou aos Flipper, aos Mutants, aos Eye Protection – grupos da Bay Area nos anos setenta, com que ele e os amigos haviam pulado no Mabuhay Gardens quando não andavam a ensaiar a sua inaudível banda, os Dildos Flamejantes. Sentiu que Sasha estava a prestar atenção e entreteve-se com a ideia de estar a confessar-lhe a sua desilusão – o seu *ódio* pela indústria à qual dedicara a vida. Começou a avaliar cada uma das escolhas musicais, expondo o seu argumento através das próprias canções – a poesia andrajosa de Patti Smith (mas porque é que ela desistira?), o *hardcore* atlético dos Black Flag e dos Circle Jerks dando lugar à alternativa, esse grande compromisso, por aí fora, por aí fora, até aos singles que ele ainda hoje andava a pedir às estações de rádio para passarem, umas cascas de música, tão inerte e tão fria quanto os quadrados de néon dos escritórios que retalhavam o azul do crepúsculo.

«É incrível», disse Sasha, «como não há ali nada.»

Atónito, Bennie virou-se para ela. Seria possível que ela tivesse acompanhado a vociferação musical dele até à sua macabra conclusão? Sasha estava a olhar para o centro da cidade, e ele seguiu-lhe o olhar até ao espaço vazio onde haviam estado as Torres Gémeas. «Devia haver ali *qualquer coisa*, sabes?» disse ela, sem olhar para Bennie. «Como um eco. Ou um destaque.»

Bennie suspirou. «Hão de pôr lá qualquer coisa», disse-lhe ele. «Quando finalmente pararem de discutir.»

«Eu sei.» Mas ela continuou a olhar para sul, como se aquilo fosse um problema que o seu espírito não conseguia resolver. Bennie ficou aliviado por ela não ter compreendido. Recordou-se de o seu mentor, Lou Kline, lhe ter dito nos anos noventa que o rock and roll tivera o seu ponto alto no festival Monterey Pop. Estavam na casa de Lou em LA, com as suas cascatas, as raparigas bonitas que Lou tinha sempre, a sua coleção de automóveis diante da casa, e Bennie olhara para o famoso rosto do seu ídolo e pensara, *Estás acabado*. A nostalgia era o fim – toda a gente sabia isso. Lou morrera há três meses, após ter ficado paralisado com uma trombose.

Num semáforo, Bennie lembrou-se da sua lista. Sacou da multa de estacionamento e concluiu-a.

«O que é que tu estás sempre a escrever nessa multa?», perguntou-lhe Sasha. Bennie passou-lha para a mão, e a sua relutância em que a lista fosse vista por olhos humanos só se apoderou dele meio segundo mais tarde. Para seu horror, ela começou a lê-la em voz alta:

«Beijar a Madre Superiora, incompetente, bola de pelo, sementes de papoila, na retrete.»

Bennie escutou aquilo em agonia, como se as palavras pudessem por si só provocar uma catástrofe. Mas elas foram neutralizadas logo que Sasha as proferiu na sua voz rouca.

«Nada mau», disse ela. «Isto são títulos, não são?»

«Claro», disse Bennie. «Podes lê-los outra vez?» Ela assim fez, e agora pareciam-lhe títulos, também a ele. Sentiu-se pacificado, purificado.

«“Beijar a Madre Superiora” é o meu preferido», disse Sasha. «Temos de arranjar maneira de usar esse.»

Tinham parado à porta do prédio dela na Forsyth. A rua estava deserta e mal iluminada. Bennie desejou que ela morasse num sítio melhor. Sasha pegou na sua ubíqua sacola preta, um informe poço dos desejos do qual ela conseguira extrair todos os ficheiros, números de telefone ou papéis de que ele precisara ao longo dos últimos doze anos. Bennie pegou-lhe na mão fina e branca. «Ouve lá», disse-lhe ele. «Ouve lá, Sasha.»

Ela levantou os olhos. Bennie não sentiu lascívia alguma - nem sequer estava entesado. O que ele sentiu por Sasha foi amor, uma segurança e uma intimidade como a que tivera com Stephanie antes de a haver desiludido tantas vezes que ela nem conseguia parar de estar zangada. «Estou doido por ti, Sasha», disse-lhe ele. «Doido.»

«Então, Bennie», repreendeu-o ela ao de leve. «Deixa-te disso.»

Ele segurou a mão dela entre as suas. Os dedos de Sasha estavam trémulos e frios. A outra mão dela estava na porta.

«Espera aí», disse Bennie. «Por favor.»

Ela virou-se para ele, agora mais séria. «Nem pensar, Bennie», disse-lhe ela. «Nós precisamos um do outro.»

Olharam-se um ao outro entre aquela luz que esmorecia. A delicada ossatura do rosto de Sasha tornara-se ligeiramente sardenta - era um rosto de rapariga, mas ela deixara de ser rapariga quando ele não estava a olhar.

Sasha inclinou-se para diante e beijou o rosto de Bennie: um beijo casto, um beijo entre irmão e irmã, entre mãe e filho, mas Bennie sentiu-lhe a suavidade da pele, o cálido movimento do hálito. Depois ela saiu do carro. Acenou-lhe um adeus através da janela e disse

qualquer coisa que ele não entendeu. Bennie estirou-se sobre o assento vazio, o rosto dele perto do vidro, olhando fixamente enquanto ela dizia aquilo outra vez. Mesmo assim, não entendeu. Enquanto se esforçava por abrir a porta, Sasha disse-o uma vez mais, proferindo as palavras mais lentamente ainda:

«Vemo-nos. Amanhã.»

---

<sup>1</sup> Windows on the World era um restaurante de luxo nos 106.<sup>o</sup> e 107.<sup>o</sup> pisos da Torre Norte do World Trade Center. (*N. do T.*)

### 3

## PERGUNTA LÁ SE EU ME IMPORTO

AO FIM DA NOITE, quando já não há mais sítio nenhum onde ir, vamos a casa da Alice. O Scotty conduz a sua camioneta, dois de nós entalados lá à frente ao pé dele, ouvindo aos berros as cassetes piratas dos Stranglers, dos Nuns, dos Negative Trend, os outros dois enfiados lá atrás, na caixa de carga, onde se gela durante o ano inteiro, e se é mesmo atirado ao ar quando o Scotty passa no alto dos montes. Mesmo assim, se o Bennie for comigo eu prefiro ir lá atrás, para poder encostar-me ao ombro dele por causa do frio, e segurar-me a ele por um bocadinho sempre que saltamos alguma elevação.

Na primeira vez que fomos a Sea Cliff, onde mora a Alice, ela apontou para um monte onde o nevoeiro se insinuava entre os eucaliptos e disse que a sua antiga escola era lá no alto: uma escola só para raparigas onde andavam agora as suas irmãs mais novas. Do jardim infantil até à sexta classe usava-se uma camisola aos quadrados verdes e uns sapatos castanhos, e a partir daí uma saia azul e uma camisa branca à marinheiro, e podia-se escolher os sapatos que se quisesse. Diz o Scotty, Podemos ver? e diz a Alice, Os meus uniformes?, mas então o Scotty diz, Não, as tuas alegadas irmãs.

Ela vai à frente pelas escadas acima, o Scotty e o Bennie logo atrás. Estão os dois fascinados pela Alice, mas é o Bennie quem a adora de todo. E a Alice adora o Scotty, evidentemente.

O Bennie descalça-se, e eu vejo os calcanhares morenos dele afundarem-se naquela alcatifa branca que parece algodão-doce, tão espessa que abafa todos os nossos vestígios. A Jocelyn e eu somos as últimas. Ela chega-se para junto de mim, e o sussurro dela cheira-me a pastilha elástica de cereja que disfarça os quinhentos cigarros que fumámos. Não consigo cheirar o gim que tirámos da provisão secreta do meu pai ao início da noite, deitando-o para dentro de latas de Coca-Cola para o podermos beber na rua.

Diz a Jocelyn, Olha lá, Rhea. Devem ser louras, as irmãs dela.

Digo-lhe eu, Como é que sabes?

As crianças ricas são sempre louras, diz a Jocelyn. Tem que ver com as vitaminas.

Acreditem, eu não confundo isto com informação. Eu sei tudo o que a Jocelyn sabe.

O quarto está às escuras, a não ser por uma luz de presença é cor-de-rosa. Paro à entrada da porta e o Bennie também se deixa ficar para trás, mas os outros três vão enfiar-se no espaço que há entre as camas. As irmãzinhas da Alice estão a dormir, deitadas de lado, com as cobertas aconchegadas por cima dos ombros. Uma delas é parecida com a Alice, tem um cabelo claro e ondulado, a outra é morena, como a Jocelyn. Tenho medo que elas acordem e se assustem com as nossas coleiras, os alfinetes de ama e as camisolas rasgadas. Penso: Nós não devíamos estar aqui, o Scotty não devia ter pedido para cá vir, a Alice não lhe devia ter dito que sim, só que

ela diz que sim a tudo o que o Scotty lhe pede. Penso: quero deitar-me numa daquelas camas e adormecer.

Aham, sussurro eu à Jocelyn quando vamos a sair do quarto. Cabelo preto.

Ela sussurra-me também, Ovelha negra.

\*\*\*

Mil novecentos e oitenta está quase a chegar, graças a Deus. Os hippies estão a ficar velhos, fritaram os cérebros em ácido e agora andam a pedir pelas esquinas em toda a cidade de São Francisco. Andam com o cabelo emaranhado e descalços, têm uns pés tão rijos e tão encardidos como as solas duns sapatos. Estamos fartos deles.

Na escola, passamos todos os momentos livres na Fossa. Não é uma fossa propriamente dita; é uma faixa de pavimento por cima dos campos de jogos. Herdámo-la dos Fossões que se graduaram no ano passado, mas ainda ficamos nervosas quando chegamos lá se já lá estiverem outros Fossões: a Tatum, que todos os dias usa uns Danskin de uma cor diferente, ou o Wayne, que cria *sinsemilla* dentro do seu cacifo, ou o Boomer, que anda sempre a abraçar toda a gente desde que a família dele frequentou os seminários de treino do Werner Erhard. Fico nervosa quando chego lá a menos que já lá esteja a Jocelyn, ou (no caso dela) eu. Nós apoiamo-nos uma à outra.

Em dias de calor, o Scotty toca a sua guitarra. Não a elétrica que ele usa nos concertos dos Dildos Flamejantes, mas uma guitarra de metal que é tocada ao colo e de uma maneira diferente. Na verdade foi o Scotty que construiu esse instrumento: vergou a madeira,

colou-a, passou-lhe o verniz. Toda a gente se junta à volta dele, não há maneira de evitar isso quando o Scotty se põe a tocar. Uma vez veio a equipa inteira da seleção de futebol do liceu desde o campo de treino lá em baixo para o ouvir, puseram-se ali a olhar para um lado e para o outro, vestidos com as suas camisolas e as suas meias vermelhas e compridas, quase sem perceberem como tinham ido ali parar. O Scotty é magnético. E eu digo isso como alguém que não o ama.

Os Dildos Flamejantes já tiveram vários nomes: os Crabs, os Croks, os Crimps, os Crunch, os Scrunch, os Gawks, os Gobs, os Aranhas Flamejantes, os Viúvas Negras. Sempre que o Scotty e o Bennie mudam de nome, o Scotty pulveriza com tinta preta o estojo da guitarra e o estojo do baixo do Bennie, e depois faz um escantilhão com o novo nome e estampa-o por cima. Não sabemos como é que eles decidem se devem manter o nome, porque o Bennie e o Scotty a bem dizer não falam. Mas concordam em tudo, se calhar por meio de percepção extrassensorial. A Jocelyn e eu escrevemos as letras todas e trabalhamos nas melodias com o Bennie e o Scotty. Cantamos com eles nos ensaios, mas não gostamos de estar em palco. A Alice também não gosta - é a única coisa que temos em comum com ela.

O Bennie veio transferido no ano passado de um liceu em Daly City. Não sabemos onde ele mora, mas há dias em que depois das aulas vamos visitá-lo aos Discos Revólver, na Clement, que é onde ele trabalha. Se a Alice for connosco, o Bennie sustém a respiração e partilha um pastel de carne de porco na padaria chinesa da porta ao lado, enquanto o nevoeiro passa a galope pelas janelas. O Bennie tem uma pele ligeiramente morena e uns olhos excelentes, e passa o cabelo a ferro até ficar com um

penteadado à moicano tão preto e tão brilhante como um disco virgem. Normalmente ele fica a olhar para a Alice, e por isso eu consigo observá-lo durante todo o tempo que quiser.

Um pouco mais abaixo no caminho que vai dar à Fossa é o sítio onde param os *cholos*, com os seus casacos de couro preto e os sapatos que fazem barulho e os cabelos pretos metidos numas redes praticamente invisíveis. Por vezes falam com o Bennie em espanhol, e ele sorri-lhes mas nunca lhes responde. Porque é que eles se põem sempre a falar em espanhol com ele? Chego ao pé da Jocelyn, e ela olha para mim e diz, Rhea, o Bennie é um *cholo*. Não é óbvio?

Isso é mesmo uma parvoíce, digo-lhe eu, e a minha cara começa a ficar quente. Ele tem um penteadado à moicano. E nem sequer é amigo deles.

Diz a Jocelyn, Nem todos os *cholos* são amigos. E a seguir diz, A boa notícia é que as raparigas ricas não saem com *cholos*. Por isso ele nunca há de sair com a Alice, ponto-final-parágrafo.

A Jocelyn sabe que eu ando à espera do Bennie. Mas o Bennie anda à espera da Alice, que anda à espera do Scotty, que anda à espera da Jocelyn, que é quem conhece o Scotty há mais tempo e faz com que ele se sinta seguro, penso eu, porque apesar de o Scotty ser magnético, com aquele cabelo oxigenado e aquela grande peitaça que ele gosta de pôr à mostra sempre que faz sol, a mãe dele morreu há três anos por causa dos comprimidos para dormir. Desde então o Scotty tem andado mais calado, e quando o tempo está frio ele treme como se alguém o estivesse a sacudir.

A Jocelyn também gosta do Scotty, mas não está apaixonada por ele. A Jocelyn anda à espera do Lou, um

homem adulto que ela conheceu quando pedia boleia. O Lou vive em LA, mas disse que lhe telefonava na próxima vez que viesse a São Francisco. Isso já foi há umas semanas.

Ninguém anda a esperar por mim. Nesta história, eu sou a rapariga por quem ninguém espera. Normalmente a rapariga é gorda, mas o meu problema é mais raro, são as sardas: até parece que alguém me atirou umas mãos-cheias de lama à cara. Quando eu era pequena, a minha mãe disse-me que elas eram especiais. Graças a Deus que poderei removê-las, quando for mais velha e puder pagar por isso. Até lá fico com a minha coleira de cão e a minha tintura verde, porque como é que alguém me poderá chamar «a rapariga das sardas» quando tenho o cabelo verde?

A Jocelyn tem um cabelo preto e curto que parece estar sempre molhado, e doze furos na orelha que eu lhe fiz com um brinco bem afiado, sem usar gelo. Ela tem um belo rosto semi-chinês. Faz uma certa diferença.

A Jocelyn e eu temos feito tudo juntas desde a quarta classe: jogar à macaca, saltar à corda, pulseiras com enfeites, tesouros escondidos, jogos de espionagem, irmãs de sangue, telefonemas anónimos, erva, coca, drunfos. Ela já viu o meu pai a vomitar para dentro da sebe que está à entrada do nosso prédio, e eu estava com ela na Polk Street na noite em que ela reconheceu um dos rapazes do cabedal que se estavam a abraçar à porta do White Swallow e era o pai dela, que andava em «viagem de negócios», antes de ter mudado de casa. Por isso ainda nem consigo acreditar que perdi o dia em que ela conheceu o tal homem, o Lou. Ela estava a pedir boleia para casa quando vinha do centro da cidade e ele parou num Mercedes vermelho e levou-a de carro até um

apartamento que ele usa nas suas viagens a São Francisco. Quando lá chegou, ele desatarraxou a parte de baixo de um desodorizante Right Guard, e caiu de lá de dentro um saquinho de cocaína. O Lou fez umas linhas em cima do rabo nu da Jocelyn e foram até ao fim por duas vezes, sem contar com a vez em que ela o chupou. Eu obriguei a Jocelyn a repetir todos os pormenores dessa história até ficar a saber tudo o que ela sabia, para podermos tornar a ser iguais.

O Lou é um produtor musical que conhece pessoalmente o Bill Graham. Nas paredes dele havia discos de ouro e de prata e mil guitarras elétricas.

O ensaio dos Dildos Flamejantes é ao sábado, na garagem do Scotty. Quando a Jocelyn e eu lá chegamos, a Alice está a ligar o novo gravador de fita que o padraço dela lhe comprou, com um microfone a sério. Ela é uma daquelas raparigas que gostam de máquinas – mais uma razão para o Bennie a adorar. O Joel, o firme baterista dos Dildos, chega a seguir, trazido pelo pai, que fica lá fora à espera dentro do carro da família durante todo o ensaio, enquanto lê livros sobre a Segunda Guerra Mundial. O Joel tem notas máximas em tudo e já se candidatou a Harvard, por isso eu acho que o pai dele não quer correr riscos.

Onde nós moramos, na Sunset, o oceano está sempre por cima do ombro e as casas têm cores de ovos da Páscoa. Mas assim que o Scotty deixa cair a porta da garagem, de repente ficamos enraivecidos, todos nós. O baixo do Bennie começa a ganhar vida aos poucos, e daí a pouco estamos a berrar as canções, que têm títulos como « Rock da Bicharada», «Faz as Contas» e «Passa-

me o Refresco», mas quando nós as gritamos em voz alta na garagem do Scotty as letras até poderiam ser: *foda-se foda-se foda-se foda-se foda-se*. De vez em quando aparece por lá um miúdo da Filarmónica a bater à porta da garagem para experimentar (convidado pelo Bennie), e sempre que o Scotty puxa a corda para fazer subir a porta nós ficamos encandeados pela luz do dia que abana a sua cabeça para nós.

Hoje vamos experimentar com um saxofone, uma tuba e um banjo, mas o do saxofone e o do banjo estão sempre a atravancar o palco e a da tuba tapa os ouvidos logo que nós começamos a tocar. O ensaio já está quase a acabar quando batem outra vez à porta da garagem e o Scotty puxa-a para cima. Está lá especado um miúdo enorme, cheio de borbulhas, com uma camisola dos AC/DC e um estojo de violino na mão. Diz ele, Estará por aí o Bennie Salazar?

A Jocelyn, a Alice e eu olhamos umas para as outras, espantadas, e durante um segundo até parece que nós as três somos amigas, como se a Alice fizesse parte de nós.

«Olá, pá», diz o Bennie. «Chegaste a horas. Malta, este é o Marty.»

Mesmo quando sorri, não há esperança nenhuma para a cara do Marty. Mas como fico preocupada por ele poder pensar o mesmo de mim, nem lhe devolvo o sorriso.

O Marty liga o seu violino e começamos a tocar a nossa melhor canção, «Mas que Merda?»:

*Disseste que eras princesa das fadas*

*Disseste que eras estrela cadente*

*Disseste que íamos a Bora Bora*

*Vê só a merda em que estamos agora...*

Bora Bora foi ideia da Alice - nós nunca tínhamos ouvido falar desse sítio. Enquanto toda a gente grita o refrão (*Mas que merda? / Mas que merda? / Mas que merda?*), eu vejo o Bennie a ouvir, de olhos fechados, aquele penteado à moicano que ele tem até parece um milhão de antenas eriçadas na sua cabeça. Quando a canção chega ao fim, ele abre os olhos e sorri. «Espero que tenhas gravado tudo, Al», diz ele, e a Alice rebobina a fita para ter a certeza.

A Alice pega em todas as nossas gravações e transforma-as numa fita principal, e o Bennie e o Scotty vão no camião de clube em clube, tentando que alguém contrate os Dildos Flamejantes para um concerto. A nossa grande esperança são os Mab, claro: Mabuhay Gardens, na Broadway, onde tocam todas as bandas punk. O Scotty fica à espera no camião enquanto o Bennie lida com os idiotas malcriados que há nesses clubes. Temos de ter cuidado com o Scotty. No quinto ano, quando a mãe dele saiu de casa pela primeira vez, ele ficava o dia inteiro sentado no bocado de relva em frente à casa dele, a olhar para o sol. Recusava-se a ir à escola e a entrar em casa. O pai sentava-se ao lado dele a tentar cobrir-lhe os olhos e, depois das aulas, a Jocelyn ia lá sentar-se também. Agora há umas manchas cinzentas permanentes na visão do Scotty. Ele diz que gosta delas - na verdade, o que ele diz é: «Considero-as um melhoramento visual.» Nós achamos que elas lhe fazem lembrar a mãe.

Vamos aos Mab todos os sábados à noite, depois do ensaio. Já ouvimos os Crime, os Avengers, os Germs e um trilião de outras bandas. Como o bar é muito caro,

bebemos da provisão do meu pai antes de irmos para lá. A Jocelyn tem de beber mais do que eu até ficar grossa, e quando sente a bebida a fazer efeito respira fundo, como se finalmente voltasse a ser ela mesma.

Na casa de banho dos Mab, cheia de grafitos, ouvimos as conversas: o Ricky Sleeper caiu do palco abaixo num concerto, o Joe Rees da Target Video está a fazer um filme inteiro sobre o punk rock, duas irmãs que nós vemos sempre no clube começaram a andar no engate para pagarem a heroína. Ficamos a saber tudo isso deixa-nos um passo mais perto de sermos reais, mas não completamente. Quando é que um falso penteado à moicano passa a ser um autêntico penteado à moicano? Quem é que decide? Como é que se sabe se já aconteceu?

Durante os espetáculos pomos-nos aos pulos em frente do palco. Esbracejamos, empurramos, somos deitados ao chão e puxados para cima outra vez até o nosso suor se misturar com o suor dos punks a sério e a nossa pele tocar na pele deles. O Bennie faz isso menos. Eu acho que ele fica mesmo a ouvir a música.

Uma coisa que eu notei: não há punks com sardas. Não existem.

Certa noite, a Jocelyn atende o telefone e é o Lou a dizer-lhe, Olá feitosa. Já lhe anda a telefonar há dias, diz ele, mas o telefone fica só a tocar. Porque é que ele não experimenta telefonar *à noite*? pergunto eu quando a Jocelyn me repete isso.

Nesse sábado, depois do ensaio, ela vai sair com o Lou em vez de vir connosco. Vamos aos Mab, depois voltamos para casa da Alice. Agora já tratamos o sítio

como se fosse nosso: comemos os iogurtes que a mãe dela faz nuns copos de vidro, dentro de uma máquina que aquece, deitamo-nos no sofá da sala com os nossos pés empuçados por cima dos apoios para os braços. Houve uma noite em que a mãe dela nos fez chocolate quente e o trouxe até à sala numa bandeja dourada. Tinha uns olhos muito grandes e cansados, e os tendões a mexerem-se-lhe no pescoço. A Jocelyn cochichou ao meu ouvido, As pessoas ricas gostam de receber as outras, para poderem mostrar as coisas boas que têm.

Hoje à noite, sem a Jocelyn aqui, pergunto à Alice se ela ainda tem as tais fardas da escola de que nos tinha falado há muito tempo. Ela mostra-se surpreendida. Sim, diz ela. Tenho.

Sigo-a pelas escadas felpudas acima até ao quarto que é mesmo o dela, e que eu nunca vi. É mais pequeno que o quarto das irmãs, está alcatifado a azul e tem um papel de parede com quadrados azuis e brancos. A cama dela está debaixo de uma montanha de animais de peluche, que por acaso são todos rãs: em verde brilhante, em verde-claro, em verde fluorescente, algumas com umas moscas de peluche presas à língua. O candeeiro da mesa de cabeceira dela também tem a forma de uma rã, tal como a almofada.

Eu digo-lhe, Não sabia que gostavas de rãs, e a Alice diz, Como é que havias de saber?

A bem dizer eu nunca tinha estado sozinha com a Alice antes. Não se mostra tão simpática como quando a Jocelyn está por lá.

Abre o armário, sobe para cima de uma cadeira e tira para baixo uma caixa com alguns uniformes lá dentro: um só de uma peça, com quadradinhos verdes, de quando ela era pequena, outro de duas peças, à

marinheiro, já de mais tarde. Eu digo-lhe, De qual é que gostavas mais?

De nenhum, diz ela. Quem é que quer andar fardado?

Eu quero, digo-lhe eu.

Isso é uma piada?

Que piada haveria de ser?

Daquelas em que tu e a Jocelyn se riem por terem feito uma piada e eu não ter percebido.

A minha garganta fica muito seca. Digo-lhe, Eu não vou fazer isso. Rir-me com a Jocelyn.

A Alice encolhe os ombros. Pergunta lá se eu me importo, diz-me ela.

Sentamo-nos em cima do tapete dela, com as fardas estendidas por cima dos joelhos. A Alice anda com uns jeans rasgados e uma maquilhagem preta e esborratada nos olhos, mas os cabelos dela são compridos e louros. Ela também não é uma punk a sério.

Ao fim de um bocado eu digo-lhe, Porque é que os teus pais nos deixam vir para cá?

Eles não são meus pais. É a minha mãe e o meu padrasto.

Está bem.

Devem querer ficar de olho em ti, acho eu.

As sirenas de nevoeiro soam muito alto em Sea Cliff, como se estivéssemos sozinhas num navio que fosse a navegar entre a mais espessa bruma. Abraço-me aos joelhos, querendo muito que a Jocelyn estivesse ali connosco.

Eles estão a fazer isso agora? pergunto-lhe eu baixinho. De olho em nós?

A Alice respira muito fundo e depois solta o ar. Não, diz ela. Estão a dormir.

O Marty, o violinista, nem sequer anda no liceu - está no primeiro ano da Universidade Estadual de São Francisco, para onde a Jocelyn, eu e o Scotty (caso ele passe a Álgebra II) iremos no próximo ano. A Jocelyn diz ao Bennie, Se puseres aquele tosco em palco isto vai dar merda.

Acho que vamos ter de descobrir, diz o Bennie, e olha para o relógio como se estivesse a pensar. Faltam duas semanas, quatro dias, seis horas e não-sei-ao-certo-quantos-minutos.

Nós ficamos a olhar para ele, sem compreender. Então ele conta-nos: o Dirk Dirksen dos Mab telefonou-lhe. A Jocelyn e eu guinchamos e abraçamo-nos ao Bennie, o que para mim é como tocar em qualquer coisa elétrica, ter o corpo dele mesmo nos meus braços. Lembro-me de cada abraço que lhe dei. Sempre que faço isso aprendo qualquer coisa: como a pele dele é quente, como ele tem músculos iguais aos do Scotty embora nunca dispa a camisa. Desta vez descubro o bater do coração dele, que empurra a minha mão nas suas costas.

A Jocelyn diz, Quem mais sabe?

O Scotty, é claro. E a Alice também, mas só mais tarde é que isso nos incomoda.

Como eu tenho primos em Los Angeles, a Jocelyn telefona ao Lou do nosso apartamento, onde a chamada não causará estranheza quando surgir na conta do telefone. Eu estou a poucos centímetros de distância, em cima da coberta às florinhas da cama dos meus pais, enquanto ela marca o número com uma unha comprida pintada de preto. Ouço uma voz de homem atender, e espanta-me que ele seja real, que a Jocelyn não o tenha

inventado, embora eu nunca tenha suposto tal coisa. No entanto, ele não lhe diz *Olá feitosa*. Diz-lhe, Eu disse-te que depois te telefonava.

A Jocelyn diz-lhe, Desculpa, com uma vozinha sumida. Eu pego no telefone e digo-lhe, Mas que género de olá é esse? Diz o Lou, Mas com quem é que eu estou a falar? e eu digo-lhe que é com a Rhea. Então ele diz numa voz mais calma, Prazer em conhecer-te, Rhea. Agora, podes passar o telefone outra vez à Jocelyn?

Desta vez ela estica o fio todo. O Lou parece estar a fazer a maior parte da conversa. Ao fim de um minuto ou dois, a Jocelyn sussurra-me, Tens de te ir embora. Vai!

Saio do quarto dos meus pais e vou para a cozinha. Há um feto pendurado do teto por uma corrente, que deixa cair folhinhas castanhas para dentro do lava-louças. As cortinas têm um padrão de ananases. Os meus dois irmãos estão na varanda, a fazer enxertias de feijões para o trabalho de ciências do meu irmão mais novo. Vou lá fora ter com eles, o sol fere-me a vista. Tento obrigar-me a olhá-lo de frente, como fez o Scotty.

Ao fim de um bocado, a Jocelyn vem lá de dentro. A felicidade flutua-lhe no cabelo e na pele. Pergunta lá se eu me importo, penso eu.

Mais tarde ela conta-me que o Lou disse que sim: irá ver o concerto dos Dildos nos Mab, e talvez nos arranje um contrato discográfico. Não é uma promessa, avisou-a ele, mas seja como for havemos de divertir-nos, não é, feitosa? Não é o que fazemos sempre?

\*\*\*

Na noite do concerto, vou com a Jocelyn ter com o Lou para irmos jantar ao Vanessi's, um restaurante na

Broadway mesmo ao lado do Enrico's, onde os turistas e as pessoas ricas se sentam cá fora a beberem *irish coffees* e a olharem para nós enquanto passamos. Podíamos ter convidado a Alice, mas a Jocelyn diz, Provavelmente os pais dela estão sempre a levá-la ao Vanessi's. E eu digo, Tu queres dizer a mãe dela e o padrasto.

Um homem está sentado a um canto dentro de uma divisória redonda, sorrindo para nós com os dentes todos, e esse homem é o Lou. Parece tão velho como o meu pai, o que quer dizer quarenta e três anos. Tem um cabelo louro despenteado, e o rosto dele é elegante, acho eu, como por vezes são os dos pais.

Chega-te pr'aqui jeitosa, diz de facto o Lou, e levanta um braço para a Jocelyn. Tem uma camisa em denim azul-claro e uma espécie de bracelete em cobre. Ela desliza por um lado da mesa e aninha-se debaixo do braço dele. Rhea, diz o Lou, e levanta o outro braço para mim, de maneira que em vez de eu me sentar a seguir à Jocelyn, acabo por ir parar ao outro lado do Lou. O braço dele desce e põe-se à volta do meu ombro. E assim de repente, nós somos as miúdas do Lou.

Há uma semana, eu tinha olhado para a ementa à porta do Vanessi's e tinha visto linguini com amêijoas. Andei a semana toda a pensar pedir aquele prato. A Jocelyn pede o mesmo, e depois de fazermos o pedido o Lou passa-lhe qualquer coisa por debaixo da mesa. Saímos as duas da divisória e vamos até à casa de banho. É um frasquinho pequenino e castanho cheio de cocaína. Tem uma colher em miniatura presa por uma corrente, e a Jocelyn leva a colher duas vezes a cada narina. Inspira, faz um barulhinho e fecha os olhos. Depois torna a encher a colher e estende-ma. Quando

volto para a mesa tenho olhos a pestanejarem pela minha cabeça toda, a verem tudo o que há no restaurante ao mesmo tempo. Talvez a coca que tomávamos antes não fosse coca a sério. Sentamo-nos e falamos ao Lou sobre uma nova banda de que ouvimos falar chamada Flipper, e o Lou conta-nos como é estar num comboio em África que não chegava a parar nas estações - só abrandava, para as pessoas poderem saltar para fora e para dentro dele. Eu digo, Eu quero ir ver África! e o Lou diz, Se calhar ainda lá vamos juntos, nós os três, e até parece que isso poderia mesmo acontecer. Ele diz, A terra naqueles montes é tão fértil que até é vermelha, e eu digo, Os meus irmãos andam a enxertar feijões, mas a terra é uma terra normal, castanha, e a Jocelyn diz, Então e os mosquitos, e o Lou diz, Nunca vi um céu mais negro nem um luar mais brilhante, e eu percebo que estou a iniciar a minha vida adulta agora mesmo, nesta noite.

Quando o empregado me traz o linguini com as amêijoas eu nem consigo engolir uma garfada. Só o Lou é que come: um bife quase cru, uma salada César, vinho tinto. Ele é uma daquelas pessoas que nunca estão quietas. Por três vezes vêm até à nossa mesa uns desconhecidos para cumprimentarem o Lou, mas ele não nos apresenta. Falamos e falamos enquanto a nossa comida vai arrefecendo, e quando o Lou acaba de comer saímos do Vanessi's.

Na Broadway ele mantém um braço por cima de cada uma de nós. Passamos pelas coisas habituais: o sujeito ensebado com um barrete turco na cabeça a tentar chamar gente para dentro da Casbah, as *strippers* encostadas à porta do Condor e do Big Al's. Grupos de punks que passam a rir-se, a empurrar-se. O trânsito

avança ao longo da Broadway, as pessoas buzina e acenam de dentro dos seus carros como se todos estivéssemos numa festa gigantesca. Com os meus mil olhos aquilo parece diferente, como se eu fosse uma pessoa diferente a vê-lo, penso eu. Quando as minhas sardas desaparecerem, toda a minha vida será assim.

O tipo que está à porta dos Mab reconhece o Lou e faz-nos passar à frente da sinuosa fila de pessoas à espera dos Cramps e dos Mutants, que irão tocar mais tarde. Lá dentro, o Bennie, o Scotty e o Joel estão no palco a montar tudo com a Alice. A Jocelyn e eu vamos à casa de banho pôr as nossas coleiras de cão e os alfinetes de ama. Quando voltamos a sair de lá, o Lou já está a apresentar-se à banda. O Bennie aperta a mão ao Lou e diz-lhe, É uma honra conhecer o senhor.

Depois da habitual apresentação sarcástica pelo Dirk Dirksen, os Dildos Flamejantes começam o concerto com a «Cobra na Relva». Ninguém está a dançar, ou a ouvir com atenção; ainda estão a entrar no clube ou a passarem o tempo até que as bandas que eles vieram ver comecem a tocar. Normalmente a Jocelyn e eu estaríamos mesmo à frente do palco, mas hoje ficámos cá atrás, encostadas a uma parede ao pé do Lou. Ele pagou-nos uns gins com água tónica. Não sei dizer se os Dildos soam bem ou mal, quase nem consigo ouvi-los, o meu coração bate com força demais e os meus mil olhos andam a espreitar a sala toda. Segundo os músculos laterais da cara do Lou, ele está a ranger os dentes.

O Marty entra para o tema seguinte, mas atrapalha-se e deixa cair o violino. A assistência desinteressada ganha interesse suficiente para lhe gritar alguns insultos quando ele se agacha para tornar a ligar o instrumento e

mostra a racha do cu à canalizador. Nem sequer consigo olhar para o Bennie, aquilo é tão importante.

Quando eles começam a tocar o «Faz as Contas», o Lou berra-me ao ouvido, Quem é que teve a ideia do violino?

Eu digo-lhe, Foi o Bennie.

O miúdo do baixo?

Faço-lhe sinal que sim com a cabeça, e o Lou observa-o por um minuto e eu observo-o também. Diz o Lou, Não é grande instrumentista.

Mas ele é..., tento eu explicar-lhe. Tudo isto é ele que...

Atiram para o palco qualquer coisa que parece vidro, mas quando acerta na cara do Scotty graças a Deus é só gelo de uma bebida. O Scotty dá um salto para trás mas continua a tocar, e logo a seguir vem a voar uma lata de Budweiser que acerta mesmo em cheio na testa do Marty. A Jocelyn e eu olhamos uma para a outra em pânico, mas quanto tentamos mexer-nos o Lou impede-nos. Os Dildos começam a tocar o «Mas que Merda?», só que agora chove lixo sobre o palco, atirado por quatro sujeitos que têm umas correntes de alfinetes de ama a ligar-lhes o umbigo ao lóbulo da orelha. De poucos em poucos segundos há mais uma bebida a chocar contra a cara do Scotty. Por fim ele põe-se a tocar de olhos fechados, e eu fico a pensar se ele estará a ver as tais manchas que tem na vista. A Alice põe-se então a enfrentar os atiradores de lixo, e de repente as pessoas estão a pular *com toda a força*, naquele género de dança que basicamente é uma luta. O Joel bate nos tambores enquanto o Scotty rasga a sua camisola encharcada e fustiga com ela um dos atiradores de lixo, acertando em cheio na cara do tipo com um sonoro estalo, e a seguir

num outro - *pumba* - como quando os meus irmãos se põem a lutar com os toalhões de banho, mas mais acutilante. O íman do Scotty começa a funcionar - as pessoas veem os músculos dele reluzindo de suor e de cerveja. Então um dos atiradores de lixo tenta subir ao palco, mas o Scotty assenta-lhe um pontapé no peito com a sola da bota - há uma espécie de soluço na assistência quando o tipo vem para trás a voar. O Scotty está agora a sorrir, a rir-se como eu quase nunca o vejo rir, dentes de lobo a cintilarem, e eu percebo que, entre todos nós, quem está verdadeiramente zangado é o Scotty.

Viro-me para a Jocelyn, mas ela desapareceu. Talvez sejam os meus mil olhos que me dizem para olhar para baixo. Vejo os dedos do Lou abertos sobre os cabelos pretos dela. Está ajoelhada diante dele, a fazer-lhe um broche, como se a música fosse um disfarce e ninguém os pudesse ver. Talvez ninguém possa. O outro braço do Lou está à volta de mim, e acho que é por isso que eu não fujo, embora pudesse fazê-lo, a verdade é essa. Mas fico ali de pé enquanto o Lou torna a puxar a cabeça da Jocelyn contra si uma e outra vez e eu nem sei como consegue ela respirar, até que começa a parecer que ela nem sequer é a Jocelyn, mas uma espécie de animal ou de máquina que nunca se avaria. Obrigo-me a olhar para a banda, o Scotty continua a fustigar os olhos das pessoas com a camisola molhada e a acertar-lhes com a bota, o Lou a agarrar-me o ombro, a apertar-mo com mais força, a virar a cabeça dele para o meu pescoço e a soltar um grunhido quente, gaguejante, que eu consigo ouvir apesar da música. É que ele está mesmo próximo. Solta-se um soluço em mim. Caem-me lágrimas dos

olhos, mas só dos dois que tenho na cara. Os outros mil olhos estão fechados.

As paredes do apartamento do Lou estão cobertas de guitarras elétricas e de discos de ouro e de prata em formato álbum, tal como a Jocelyn dissera. Mas ela nunca explicara que era num trigésimo quinto andar, a seis quarteirões dos Mab, nem falara das lajes em mármore verde no elevador. Parece-me que deixou muita coisa por contar.

Na cozinha, a Jocelyn despeja Fritos num prato e tira uma grande taça de maçãs verdes de dentro do frigorífico. Ela já andou a distribuir drunfos e ofereceu um a toda a gente menos a mim. Acho que ela está com medo de olhar para mim. *Quem é que anda agora a fazer de dona de casa?*, apetece-me perguntar-lhe.

Na sala de estar, a Alice está sentada ao pé do Scotty, que vestiu uma camisa Pendleton tirada do guarda-fatos do Lou e parece branco e trémulo, talvez por lhe terem atirado coisas, talvez por ter compreendido a sério que a Jocelyn tem um namorado e não é ele, nem nunca será. O Marty também ali está; tem um golpe na cara e um olho quase preto e continua a aguentar-se. Aquilo foi intenso, para ninguém em particular. O Joel, claro, foi logo levado para casa. Toda a gente concorda em que o concerto correu bem.

Quando o Lou leva o Bennie por uma escada em caracol acima até ao estúdio de gravação dele, eu sigos. Ele trata o Bennie por «miúdo» e explica-lhe cada uma das máquinas que há na sala, a qual é pequena e abafada e tem todas as paredes cobertas por uns picos de espuma preta. As pernas do Lou estão sempre a

mexer-se, e ele trinca uma maçã com dentadas muito ruidosas, como se estivesse a mastigar pedras. O Bennie olha para fora da porta, na direção do corrimão, de onde se vê a sala de estar lá em baixo, tentando avistar a Alice. Eu estou sempre prestes a chorar. Preocupa-me que o que sucedeu no clube conte como ter feito sexo com o Lou - por eu ter sido parte daquilo.

Por fim volto lá para baixo. Antes de chegar à sala de estar noto uma porta entreaberta, com uma grande cama atrás dela. Entro e deito-me de cara para baixo sobre uma coberta de veludo. Ao meu redor ergue-se um cheiro apimentado a incenso. O quarto está fresco e pouco iluminado, e há molduras com fotografias em ambos os lados da cama. Dói-me o corpo todo. Ao fim de alguns minutos entra alguém que se deita ao meu lado, e eu sei que é a Jocelyn. Não dizemos nada, deixamo-nos ficar ali ao lado uma da outra no escuro. Por fim eu digo-lhe, Devias ter-me contado.

Contado o quê? diz ela, mas eu nem sequer sei. Depois ela diz, São coisas a mais, e eu sinto que qualquer coisa está a terminar, ali mesmo, naquele instante.

Ao fim de um bocado, a Jocelyn acende um candeeiro junto à cama. Olha, diz ela. Está a segurar uma moldura com uma fotografia do Lou numa piscina e rodeado de miúdos, os dois mais pequenos são quase bebês. Conto seis. Diz a Jocelyn, São os *filhos* dele. Aquela rapariga loura, toda a gente a trata por Charlie, tem vinte anos. O Rolph, este aqui, é da tua idade. Foram com ele para África.

Aproximo-me mais da fotografia. O Lou parece tão feliz, rodeado dos filhos como qualquer pai normal, que eu nem consigo acreditar que aquele Lou que está ali

conosco seja o mesmo Lou. Depois reparo no filho dele, o Rolph. Tem olhos azuis e cabelo preto e um sorriso radioso, terno. Sinto um aperto na barriga. Digo-lhe, O Rolph é decente, e a Jocelyn ri-se e diz, Pois é. E a seguir diz, Não contes ao Lou que eu disse isso.

Ele entra no quarto um minuto depois, a mastigar outra maçã como se fossem pedras. Percebo que aquelas maçãs são todas para o Lou, ele come-as sem parar. Deslizo para fora da cama sem olhar para ele, e ele fecha a porta atrás de mim.

Demoro um segundo a perceber o que vai acontecendo na sala de estar. O Scotty está sentado de pernas cruzadas, a tocar numa guitarra dourada que tem a forma de uma chama. A Alice está por detrás, com os seus braços no pescoço dele, a cara encostada à dele, o cabelo dela a cair para o colo dele. Os olhos estão fechados por contentamento. Esqueço-me de quem na verdade sou por um instante - só consigo pensar em como se sentirá o Bennie quando vir isto. Olho à volta, à procura dele, mas só lá está o Marty, a espreitar os álbuns nas paredes, a tentar passar despercebido. E depois reparo na música que inunda todas as partes do apartamento ao mesmo tempo - o sofá, as paredes, até o chão - e compreendo que o Bennie está sozinho no estúdio do Lou, a despejar música para cima de nós. Há um minuto era o «Don't Let Me Down». A seguir foi o «Heart of Glass» dos Blondie. Agora é o «The Passenger» do Iggy Pop.

Enquanto ouço aquilo, penso, Tu nunca hás de saber como eu te compreendo.

Noto que o Marty olha para mim com uma certa hesitação, e percebo como aquilo é suposto funcionar: como a cadela sou eu, fico com o Marty. Faço correr uma

porta de vidro e vou para a varanda do Lou. Nunca vi São Francisco a esta altura: é de um suave azul-escuro, com luzes às cores e um nevoeiro que parece fumo cinzento. Os longos cais estendem-se para o meio da baía escura e lisa. Há uma ventania agreste, e por isso corro até lá dentro para ir buscar o meu blusão e depois volto a sair e aninho-me numa cadeira branca de plástico. Fico a olhar para aquela paisagem até que começo a acalmar-me. A verdade é que o mundo é enorme, penso eu. Essa é a parte que ninguém consegue verdadeiramente explicar.

Ao fim de um bocado a porta de correr abre-se. Nem levanto os olhos, por pensar que é o Marty, mas afinal é o Lou. Está descalço, em calções. Até no escuro as pernas dele são bronzeadas. Digo-lhe, Onde está a Jocelyn?

A dormir, diz o Lou. Está de pé junto ao corrimão, a olhar para longe. É a primeira vez que o vejo estar parado.

Digo-lhe, Lembras-te ao menos de teres a nossa idade?

O Lou ri-se para mim, na minha cadeira, mas é uma cópia do sorriso que ele tinha ao jantar. Eu *tenho* a vossa idade, diz ele.

Ora essa, digo-lhe eu. Tu tens seis filhos.

Pois tenho, diz ele. Vira-me as costas, à espera que eu desapareça. Não fiz sexo com este homem, penso eu. Nem sequer o conheço. Depois ele diz, Eu nunca hei de ficar velho.

Tu já és velho, digo-lhe eu.

Ele faz uma meia volta e olha para mim, toda enroscada na minha cadeira. Tu metes medo, diz-me ele. Sabias disso?

É das sardas, digo-lhe eu.

Não é das sardas, é de *ti*. Ele continua a olhar para mim, e então algo se modifica no seu rosto e diz-me, Gosto disso.

Não gostas nada.

Gosto sim. Tu vais manter-me honesto, Rhea.

Fico surpreendida por ele se lembrar do meu nome. Digo-lhe, Já é tarde para isso, Lou.

Ele agora ri-se, ri-se mesmo, e eu compreendo que somos amigos, o Lou e eu. Apesar de o detestar, porque detesto. Levanto-me da cadeira e vou até ao corrimão, onde ele está.

As pessoas vão tentar modificar-te, Rhea, diz-me o Lou. Não as deixes fazer isso.

Mas eu quero mudar.

Não, diz-me ele, sério. Tu és bonita. Continua assim.

Mas as sardas, digo-lhe eu, e a minha garganta fica com aquela dor.

As sardas são a melhor parte, diz o Lou. Um tipo qualquer há de ficar taradinho por essas sardas. Há de beijar-tas uma a uma.

Eu começo a chorar, nem sequer disfarço.

Olha lá, diz o Lou. Ele baixa-se de modo a que as nossas caras fiquem juntas, e olha-me nos olhos. Parece cansado, como se alguém o tivesse pisado e deixado pegadas na pele. O mundo está cheio de merdosos, Rhea, diz-me ele. Não lhes dêes ouvidos – ouve-me a mim.

E eu sei que o Lou é um desses merdosos. Mas ouço-o.

Duas semanas depois dessa noite, a Jocelyn foge de casa. Eu descobro isso ao mesmo tempo que toda a gente.

A mãe dela vem logo ao nosso apartamento. Ela e os meus pais e o meu irmão mais velho fazem-me sentar ao pé deles: O que é que eu sei? Quem é esse novo namorado? Eu digo-lhes que é o Lou. Vive em LA e tem seis filhos. Conhece pessoalmente o Bill Graham. Como eu penso que o Bennie deveria saber quem é realmente o Lou, a mãe da Jocelyn vem à nossa escola para falar com o Bennie Salazar. Mas ele é difícil de encontrar. Agora que a Alice e o Scotty estão juntos, o Bennie deixou de ir à Fossa. Ele e o Scotty não voltaram a falar-se, mas antes era como se fossem uma só pessoa. Agora é como se nunca se tivessem conhecido.

Eu não paro de pensar: se me tivesse afastado do Lou e lutado com os atiradores de lixo, será que o Bennie teria ficado comigo tal como o Scotty ficou com a Alice? Será que isso, só por si, teria feito toda a diferença?

Localizam o Lou numa questão de dias. Ele diz à mãe da Jocelyn que esta foi à boleia até casa dele sem sequer o avisar. Diz-lhe que ela está bem, que está a tomar conta dela, que é melhor do que tê-la a andar pelas ruas. O Lou prometeu trazê-la para casa quando voltar à cidade na semana que vem. Porque não *esta* semana? ponho-me eu a pensar.

Enquanto espero pela Jocelyn, a Alice convida-me a ir a casa dela. Apanhamos o autocarro da escola, até ao Sea Cliff é uma viagem comprida. À luz do dia a casa dela parece mais pequena. Na cozinha misturamos mel com os iogurtes caseiros que a mãe dela faz e comemos dois cada uma. Subimos até ao quarto dela, onde estão as rãs todas, e sentamo-nos naqueles assentos encastrados junto à janela. A Alice diz-me que está a pensar arranjar umas rãs a sério e pô-las num terrário. Está calma e feliz agora que o Scotty a ama. Não consigo

perceber se ela é mesmo autêntica, ou se deixou de se preocupar em ser autêntica ou não. Ou não se preocupa com o que *torna* uma pessoa autêntica?

Ponho-me a pensar se a casa do Lou será perto do oceano. Será que a Jocelyn olha para as ondas? Será que alguma vez saem do quarto do Lou? Estará o Rolph por lá? Estou sempre a perder-me nessas perguntas. Depois ouço uns risos, uns trambolhões algures. Digo-lhe, Quem é?

As minhas irmãs, diz a Alice. Estão a jogar espirobol. Descemos as escadas e saímos lá para fora, para o quintal da Alice, onde ainda só tinha estado às escuras. Agora está ensolarado, tem flores dispostas em arranjos e uma árvore carregada de limões. Ao fundo do quintal, duas meninas dão palmadas numa bola amarela e brilhante que anda à volta de um poste prateado. Voltam-se para nós, sorridentes nos seus uniformes verdes.

# 4

## SAFARI

### I. Erva

«LEMBRAS-TE, CHARLIE? No Havai? Quando fomos para a praia à noite e começou a chover?»

Rolph está a falar com a sua irmã mais velha, Charlene, que despreza o seu nome verdadeiro. Mas como eles estão acocorados ao redor de uma fogueira junto das outras pessoas do safari, e como Rolph não fala com muita frequência, e como o pai deles, Lou, que está sentado por detrás numa cadeira de campanha (enquanto eles vão fazendo desenhos na terra com uns pauzinhos), é um produtor discográfico cuja vida privada é de interesse geral, quem está suficientemente perto para ouvir põe-se à escuta.

«Lembras-te? Como a Mãe e o Pai ficaram à mesa a tomarem mais uma bebida...»

«Impossível», interrompe o pai deles, piscando o olho às senhoras que são observadoras de pássaros e estão à sua esquerda. Ambas as mulheres trazem binóculos mesmo no escuro, como se esperassem descobrir alguns pássaros na árvore que têm por cima e é iluminada pela fogueira.

«Lembras-te, Charlie? De como a praia ainda estava quente, e daquela ventania toda?»

Mas a Charlie está concentrada nas pernas do pai, que por detrás dela se enroscaram nas da namorada, a Mindy. Não tarda que eles os dois desejem uma boa noite ao grupo e se retirem para a sua tenda, onde farão amor em cima de uma daquelas estreitas camas de armar que lá há, ou se calhar no chão. A partir da tenda adjacente que é partilhada por ela e por Rolph, Charlie consegue ouvi-los – não exatamente sons, mas movimentos. Rolph é demasiado novo para reparar nisso.

Charlie atira a cabeça para trás, sobressaltando o seu pai. Lou está quase com quarenta anos, aquela cara quadrada de surfista ficou um bocadinho papuda por baixo dos olhos. «Tu casaste-te com a Mãe nessa viagem», informa-o ela, com a voz distorcida pelo arqueamento do pescoço, que está rodeado por um colar de conchas marinhas.

«Sim, Charlie», diz Lou. «Eu sei disso.»

As senhoras idosas que observam pássaros trocam um sorriso triste. Lou é um daqueles homens cujo charme inquietante gerou um rasto de turbulências pessoais que praticamente se avista atrás dele: dois casamentos falhados e outros dois filhos lá em LA, que ainda tinham pouca idade para serem incluídos neste safari de três semanas. O safari é um novo empreendimento do antigo camarada de tropa de Lou, Ramsey, com quem ele bebeu e se portou mal, escapando à justa de ir parar à Coreia quase há uns vinte anos.

Rolph puxa o ombro da sua irmã. Ele quer que ela se lembre, que sinta tudo aquilo outra vez: o vento, o interminável oceano negro, eles os dois espreitando a escuridão como se esperassem um sinal das suas vidas adultas, distantes. «Lembras-te, Charlie?»

«Sim», diz Charlie, semicerrando os olhos. «Lembro-me disso.»

Os guerreiros Samburu já chegaram - quatro deles, dois empunhando tambores, uma criança entre as sombras a cuidar de uma vaca amarela com longos cornos. Também vieram ontem, depois da corrida matinal, quando Lou e Mindy estavam «a fazer a sesta». Fora então que Charlie trocara uns olhares tímidos com o mais bonito dos guerreiros, que tem umas cicatrizes com uns desenhos que se enroscam como se fossem carris de comboio na rigorosa arquitetura do peito, dos ombros e das costas dele.

Charlie põe-se em pé e chega-se mais perto dos guerreiros: uma rapariga magrinha, com uns calções e uma camisa de algodão cru que tem uns botõezinhos redondos feitos em madeira. Os dentes dela são ligeiramente tortos. Quando os dos tambores se põem a percutir os seus instrumentos, o guerreiro de Charlie e o outro começam a cantar: uns sons guturais trazidos desde os seus abdómenes. Ela balouça-se diante deles. Ao longo dos seus dez dias em África, começou a agir como uma rapariga de outro tipo - daquele tipo que a intimidava lá na terra. Num povoado feito de blocos de cimento que ela visitara poucos dias antes, bebera num bar uma mistela de aspeto lamacento e acabara por oferecer os seus brincos com a borboleta em prata (prenda de aniversário do pai) no interior de uma barraca que pertencia a uma mulher muito nova cujos seios pingavam leite. Atrasara-se a regressar aos jipes; Albert, que trabalha para Ramsey, teve de ir à procura dela. «Prepara-te», avisou-a ele. «O teu pai está pelos arames.» Charlie não se preocupara com isso nem se preocupa agora; ela tem o dever de simplesmente

comandar o caprichoso fluxo da atenção do seu pai, sentindo a inquietação dele enquanto dança, sozinha, junto à fogueira.

Lou larga a mão de Mindy e senta-se muito direito. Quer pegar no braço magrinho da filha e afastá-la daqueles homens pretos, mas não faz nada disso, evidentemente. Isso seria deixá-la vencer.

O guerreiro sorri para Charlie. Tem dezanove anos, é apenas cinco anos mais velho do que ela, e vive afastado da sua aldeia desde os dez. Mas já cantou diante de turistas americanos suficientes para reconhecer que, no mundo dela, Charlie é uma criança. Daqui a trinta e cinco anos, em 2008, este guerreiro será apanhado pela violência tribal entre os Kikuyu e os Luo e morrerá num incêndio. Por essa altura terá tido quatro esposas e sessenta e três netos, um dos quais, um rapaz chamado Joe, herdará o seu *lalema*: a adaga de caça em ferro, envolta numa bainha de cabedal, que ele traz agora pendurada à cintura. Joe irá para a Universidade de Columbia estudar engenharia, tornando-se especialista em tecnologia visual robotizada que deteta o mais ínfimo traço de movimento irregular (o legado de uma infância passada a vigiar as ervas por causa dos leões). Casar-se-á com uma americana chamada Lulu e ficará em Nova Iorque, onde inventará um dispositivo de rastreamento que se transformará num equipamento-padrão para controlo de multidões. Ele e Lulu comprarão um *loft* em Tribeca, onde a adaga de caça do avô dele ficará exposta dentro de um cubo de acrílico, mesmo por baixo de uma claraboia.

«Filho», diz Lou, ao ouvido de Rolph. «Vamos dar um passeio.»

O rapaz levanta-se do chão e caminha com o pai para longe da fogueira. Doze tendas, em cada uma das quais dormem dois dos convivas do safari, estão dispostas em círculo ao redor dela, bem como três latrinas e um chuveiro, onde a água aquecida ao lume é libertada de um saco quando se puxa uma corda. Fora da vista, perto da cozinha, estão umas tendas mais pequenas para os funcionários, e a seguir a vastidão negra, murmurante, da selva, onde eles foram avisados de que jamais deveriam ir.

«A tua irmã anda a portar-se como uma maluca», diz Lou, caminhando para a escuridão.

«Porquê?», pergunta Rolph. Ele não notou nada de maluco no comportamento de Charlie. Mas o pai dele entende a pergunta de outra maneira.

«As mulheres são umas malucas», diz ele. «Podia passar-se o raio da vida inteira a tentar perceber porquê.»

«A Mãe não é.»

«É verdade», reflete Lou, agora mais calmo. «A bem dizer, a tua mãe não é *suficientemente* maluca.»

As cantorias e os tambores deixam de se ouvir subitamente, deixando Lou e Rolph a sós sob um luar incisivo.

«Então e a Mindy?», pergunta Rolph. «Ela é maluca?»

«Boa pergunta», diz Lou. «O que é que tu achas?»

«Ela gosta de ler. Trouxe imensos livros.»

«Pois trouxe.»

«Eu gosto dela», diz Rolph. «Mas não sei se ela é maluca. Nem qual é a quantidade certa.»

Lou põe o braço à volta de Rolph. Se fosse um homem introspetivo, teria percebido há vários anos que o seu filho é a única pessoa no mundo que tem o poder de

o acalmar. E que, embora espere que Rolph venha ser como ele, o que mais aprecia no seu filho são as muitas maneiras em que ele é diferente: sereno, reflexivo, sintonizado com o mundo natural e com a dor dos outros.

«Isso não tem importância», diz Lou. «Não é?»

«Pois é», concorda Rolph, e as mulheres desvanecem-se como os ritmos daqueles tambores, deixando-o a ele e ao pai em união, numa unidade invencível. Aos onze anos de idade, Rolph sabe distintamente duas coisas acerca de si mesmo: Ele pertence ao pai. E o pai pertence-lhe a ele.

Ficam imóveis, rodeados pelo mato sussurrante. O céu está apinhado de estrelas. Rolph fecha os olhos e torna a abri-los. Hei de lembrar-me desta noite pelo resto da minha vida, pensa ele. E tem razão.

Quando por fim regressam ao acampamento, os guerreiros já partiram. Só alguns resistentes da Fação de Phoenix (como Lou chama aos membros do safari que vieram desse local dúbio) estão ainda sentados junto da fogueira, a compararem os avistamentos de animais desse dia. Rolph enfia-se na sua tenda, despe as calças, e sobe para o seu catre em camisola e cuecas. Assume que Charlie esteja a dormir. Quando ela fala, percebe pela sua voz que esteve a chorar.

«Onde é que tu foste?», diz-lhe ela.

## II. Montes

«Mas o que é que você leva nessa mochila?»

É Cora, a agente de viagens de Lou. Ela detesta Mindy, mas Mindy não entende isso a um nível pessoal – trata-se de Ódio Estrutural, um termo que ela própria

inventou e que está a achar extremamente útil nesta viagem. Uma mulher solteira já com os seus quarenta anos que usa umas camisas com colarinhos altos para esconder as sinuosas rugas do pescoço desprezará estruturalmente a namorada-de-vinte-e-três-anos de um macho poderoso que não somente dá emprego à dita fêmea de meia-idade como também paga a participação dela nesta viagem.

«Livros de antropologia», diz ela a Cora. «Inscrevi-me no programa de doutoramento em Berkeley.»

«Porque é que não os lê?»

«Enjoo a andar de carro», diz Mindy, o que é plausível, como Deus sabe, naqueles jipes sempre aos solavancos, embora não seja verdade. Ela não sabe ao certo porque é que não se aplicou no seu Boas, no seu Malinowski ou no seu John Murra, mas assume que deve estar a aprender de outras maneiras que se revelarão igualmente frutuosas. Em momentos de ousadia, alimentada por aquele café fervido que lhes servem todas as manhãs na tenda das refeições, Mindy até já pensou se as intuições dela acerca da ligação entre a estrutura social e a resposta emocional poderiam corresponder a mais do que uma retoma do Lévi-Strauss – a um refinamento; a uma aplicação contemporânea. Ela ainda só está no segundo ano de trabalhos de curso.

O jipe deles é o último de uma fila de cinco, que vão avançando por uma estrada de terra no meio de um matagal cuja aparência de castanho mascara um mais amplo espectro interno de cores: púrpuras, verdes, vermelhos. Albert, o inglês carrancudo que funciona como ajudante de Ramsey, vai a conduzir. Mindy conseguiu evitar o jipe de Albert durante vários dias, mas como ele ganhou a reputação de descobrir os melhores

animais, embora hoje não haja qualquer caçada - vão mudar-se para os montes, onde passarão a noite num hotel pela primeira vez nesta viagem - as crianças pediram para ir com ele. E manter as crianças felizes, ou tão perto da felicidade quanto seja estruturalmente possível, faz parte das funções de Mindy.

*Ressentimento Estrutural:* A filha adolescente de um macho divorciado por duas vezes será incapaz de tolerar a presença da nova namorada dele, e fará tudo o que estiver ao seu limitado alcance para o distrair da presença da dita namorada, tendo como arma principal a sua própria sexualidade nascente.

*Afeto Estrutural:* O filho pré-adolescente de um macho divorciado por duas vezes (e seu favorito) acolherá e aceitará a nova namorada do pai porque ainda não aprendeu a distinguir entre os amores e desejos do pai e os seus. Em certo sentido, também ele a amará e a desejará, e ela sentir-se-á maternal em relação a ele, embora não tenha ainda idade para ser sua mãe.

Lou abre o grande estojo de alumínio onde as peças da nova câmara dele estão encaixadas nos seus compartimentos de esponja, como uma carabina desmontada. Ele usa a câmara para repelir o tédio que o aflige quando não pode mover-se fisicamente de um lado para outro. Ligou um minúsculo leitor de cassetes a uns pequenos auscultadores de esponja para ouvir algumas gravações de demonstração e primeiras misturas. De vez em quando passará o aparelho a Mindy, pedindo a opinião dela, e, em cada uma das vezes, a experiência da música a ressoar-lhe diretamente nos tímpanos - só nos dela - constitui um choque que lhe traz lágrimas aos olhos; a privacidade daquilo, a maneira como aquilo

transforma tudo o que a rodeia numa áurea montagem, como se ela estivesse a contemplar esta aventura em África com Lou a partir de um qualquer futuro distante.

*Incompatibilidade Estrutural:* Um macho poderoso e divorciado por duas vezes será incapaz de reconhecer, e muito menos de sancionar, as ambições de uma companheira muito mais nova que ele. Por definição, a relação deles será temporária.

*Desejo Estrutural:* A companheira temporária muito mais nova de um macho poderoso será inexoravelmente atraída para o único macho ao alcance que desdenhar do poder do companheiro dela.

Albert conduz com um cotovelo pendurado por fora da janela. Ele tem sido uma presença largamente silenciosa neste safari, comendo à pressa na tenda das refeições, dando respostas breves às perguntas que as pessoas lhe fazem. («Onde é que vive?» «Em Mombaça.» «Há quanto tempo está em África?» «Há oito anos.» «O que é que o trouxe até aqui?» «Várias coisas.») Raramente se junta ao grupo que fica à volta da fogueira depois do jantar. Numa das noites, durante uma viagem que fizera até à latrina, Mindy vislumbrara Albert na outra fogueira, ao pé das tendas dos funcionários, a beber uma cerveja e a rir-se com os motoristas kikuyu. Junto ao grupo dos viajantes ele raramente sorri. Sempre que os olhos dele por acaso se cruzam com os de Mindy, ela sente-se envergonhada: por ser tão bonita; por andar a dormir com Lou; por estar sempre a dizer para si própria que esta viagem constitui uma investigação antropológica sobre as dinâmicas de grupo e os enclaves etnográficos, quando na verdade o que ela procura é o luxo, a aventura, e umas férias longe das suas quatro insones companheiras de dormitório.

Ao lado de Albert, no lugar do atirador, Chronos vai tagarelado acerca dos animais. É o baixista dos Mad Hatters, uma das bandas de Lou, e veio nesta viagem a convite de Lou, tal como o guitarrista dos Hatters e mais uma namorada para cada um. Esses quatro estão empenhados numa visceral competição de avistamento de animais (*Fixação Estrutural*: Uma obsessão coletiva, induzida contextualmente, que se transforma num foco temporário de cobiça, competição e inveja). Todas as noites discutem uns com os outros qual deles é que viu mais bichos e a que distância, invocando as testemunhas dos seus respetivos jipes e prometendo provas definitivas assim que revelarem a película quando voltarem para casa.

Atrás de Albert vai sentada Cora, a agente de viagens, e ao lado dela, a olhar pela janela, vai Dean, um ator louro cujo génio para proclamar o que é óbvio - «Está calor», ou «O sol está a pôr-se», ou «Não há muitas árvores» - é uma contínua fonte de divertimento para Mindy. Dean vai protagonizar um filme cuja banda sonora Lou está a ajudar a criar; a presunção parece ser a de que, logo que o filme estreie, isso trará a Dean uma fama imediata e estratosférica. No assento por detrás dele, Rolph e Charlie estão a mostrar a sua revista *Mad* a Mildred, uma das senhoras que são observadoras de pássaros. Tanto ela como a companheira, Fiona, podem normalmente ser encontradas perto de Lou, que as namora sem descanso e lhes pede que o levem a ver os pássaros. A indulgência dele para com essas septuagenárias (que não conhecia antes desta viagem) intriga Mindy; ela não encontra qualquer razão estrutural para isso.

Na fila de trás, ao lado de Mindy, Lou estica o seu torso através do tejadilho aberto e faz fotografias, ignorando a regra de que deve ficar sentado quando o jipe está em movimento. Albert guina de súbito, e Lou torna a cair no assento, batendo com a câmara na testa. Lança uma imprecisão a Albert, mas as palavras perdem-se no vacilante avanço do veículo por entre as ervas altas. Saíram da estrada. Chronos debruça-se para fora da sua janela aberta, e Mindy percebe que Albert deve estar a fazer aquele desvio para ele, para dar a Chronos uma oportunidade de ganhar terreno aos seus rivais. Ou seria a tentação de fazer cair Lou demasiado atraente para que ele lhe resistisse?

Ao fim de um minuto ou dois de condução caótica, o jipe emerge a poucos metros de um grupo de leões. Toda a gente fica pasmada, em estarecido silêncio – é o mais perto que eles já estiveram de qualquer animal durante esta viagem. O motor continua ligado, a mão de Albert hesitantemente pousada sobre o volante, mas os leões parecem tão descontraídos, tão indiferentes, que ele desliga o veículo. No silêncio, enquanto o motor solta estalidos, eles conseguem ouvir a respiração dos leões: duas fêmeas, um macho, três crias. As crias e uma das fêmeas estão a refastelar-se com a carcaça ensanguentada de uma zebra. Os restantes estão a dormir.

«Estão a comer», diz Dean.

As mãos de Chronos tremem enquanto ele enrola a película na sua câmara. «Foda-se», murmura ele constantemente. «Foda-se.»

Albert acende um cigarro – o que é proibido no mato – e espera, tão indiferente à cena como se tivesse parado à porta de uma casa de banho.

«Podemos pôr-nos em pé?», perguntam as crianças.  
«É seguro?»

«Raios me partam, eu de certeza que vou fazer isso», diz Lou.

Lou, Charlie, Rolph, Chronos e Dean, todos eles trepam para cima dos seus assentos e enfiam as metades superiores dos seus corpos pela abertura do tejadilho. Mindy está agora efetivamente sozinha dentro do jipe com Albert, Cora e Mildred, que espreita os leões através do seu binóculo de observar pássaros.

«Como é que você sabia?», pergunta Mindy, após um silêncio.

Albert vira-se para a olhar da outra ponta do jipe. Tem o cabelo despenteado e um fofo bigode castanho. Há uma sugestão de humor no rosto dele. «Foi um palpite.»

«Quase a um quilómetro de distância?»

«Provavelmente ele tem um sexto sentido», diz Cora, «por já andar por aqui há tantos anos.»

Albert vira-se de novo para a frente e sopra o fumo pela janela aberta.

«Você viu alguma coisa?», persiste Mindy.

Ela espera que Albert não se vire para trás outra vez, mas é isso mesmo que ele faz, debruçando-se sobre as costas do assento, os olhos dele procurando os dela entre as pernas nuas das crianças. Mindy sente um surto de atração vagamente semelhante a ter alguém arrepanhando-lhe os intestinos e torcendo-lhos. Compreende então que aquilo é mútuo; ela vê isso no rosto de Albert.

«Arbustos quebrados», diz este, pousando os olhos nela. «Como se algum bicho andasse a fugir. Podia não ter sido nada.»

Cora, sentindo-se excluída, suspira de fadiga. «Alguns de vocês pode descer para eu poder espreitar também?», pede ela aos que estão acima do tejadilho.

«Já vou», diz Lou, mas Chronos é mais rápido, torna a enfiar-se no banco da frente e a seguir debruça-se na janela. Cora ergue-se na sua grande saia estampada. O sangue lateja na cara de Mindy. A janela dela, tal como a de Albert, está do lado esquerdo do jipe, do lado oposto ao dos leões. Mindy vê-o humedecer os dedos e apagar o cigarro. Ficam sentados em silêncio, com as mãos pendendo separadamente das respectivas janelas, uma brisa quente a agitar-lhes os pelos dos braços, ignorando o mais espetacular avistamento de animais em todo o safari.

«Andas a dar comigo em doido», diz Albert, muito baixinho. O som parece viajar para fora da janela dele e tornar a entrar pela de Mindy, como num daqueles tubos de comunicação. «Já deves saber disso.»

«Não sabia», murmura ela de volta.

«Bom, mas andas mesmo.»

«Tenho as mãos presas.»

«Para sempre?»

Ela sorri. «Por favor. É um interlúdio.»

«Então?»

«Escola de pós-graduação. Em Berkeley.»

Albert solta um risinho. Mindy não sabe ao certo o que significa aquele risinho – será engraçado que ela ande na escola de pós-graduação, ou que Berkeley e Mombaça, onde ele mora, sejam locais incompatíveis?

«Chronos, meu tarado do caralho, volta já cá para dentro.»

É a voz de Lou, vinda lá de cima. Mas Mindy sente-se entorpecida, quase drogada, e só reage quando ouve a

alteração na voz de Albert. «Não», brada este. «*Não!* Volte já para o jipe.»

Mindy vira-se para a janela do outro lado. Chronos está a caminhar furtivamente entre os leões, colocando a câmara dele perto dos focinhos do macho e da fêmea adormecidos, para fazer fotografias.

«Volte para trás», diz-lhe Albert, com sussurrada urgência. «Para trás, Chronos, devagarinho.»

O movimento vem de uma direção que ninguém espera: da fêmea que está a trincar a zebra. Ela salta para cima de Chronos com um pulo ágil, que desafia a gravidade e seria reconhecido por toda a gente que tenha um gato em casa. Aterra na cabeça dele, espalmando-o instantaneamente. Há gritos, um tiro de espingarda, e os que estavam lá em cima deixam-se cair nos seus assentos com tanta violência que ao princípio Mindy pensa que os alvejados foram *e/es*. Mas foi a leoa; Albert matou-a com uma carabina que trazia escondida algures, se calhar por baixo do assento. Os outros leões fugiram; tudo o que resta é a carcaça da zebra e o corpo da leoa, com as pernas de Chronos esparramadas debaixo dela.

Albert, Lou, Dean e Cora saltam para fora do jipe. Mindy começa por segui-los, mas Lou puxa-a para trás, e ela percebe que ele quer que ela fique junto dos filhos dele. Debruça-se sobre as costas dos assentos destes e põe um braço ao redor de cada um. Enquanto olham pelas janelas abertas, Mindy é percorrida por uma onda de náusea; sente-se em risco de perder os sentidos. Mildred continua no lugar dela, ao lado das crianças, e ocorre a Mindy, vagamente, que a idosa observadora de pássaros esteve no interior do jipe durante todo o tempo em que ela e Albert conversaram.

«O Chronos morreu?», pergunta Rolph sem hesitar.

«Tenho a certeza que não», diz Mindy.

«Porque é que ele não se mexe?»

«Tem a leoa em cima dele. Estás a ver, estão a tentar tirar-lha de cima. Provavelmente ele ficou lá por baixo, mas está ótimo.»

«A leoa tem sangue na boca», diz Charlie.

«Isso é da zebra. Não se lembram de que ela estava comer uma zebra?» É preciso um enorme esforço para impedir que os dentes lhe chocalhem, mas Mindy sabe que tem de ocultar às crianças o seu terror – a sua crença de que tudo o que tenha acontecido foi por culpa dela.

Ficam à espera num palpitante isolamento, cercados pelo dia quente e vazio. Mildred pousa uma mão ossuda no ombro de Mindy, e Mindy sente os olhos encherem-se-lhe de lágrimas.

«Ele há de ficar bem», diz-lhe a velhota suavemente.

«Você vai ver.»

Quando o grupo invade o bar do hotel de montanha depois do jantar, toda a gente parece ter ganhado alguma coisa. Chronos ganhou uma retumbante vitória sobre o seu colega de banda e as duas namoradas, à custa de trinta e dois pontos na face esquerda, os quais poderia dizer-se serem também um ganho (no fim de contas, ele é uma estrela do rock), e de vários comprimidos enormes de antibióticos administrados por um cirurgião inglês com olhos papudos e hálito a cerveja – um velho amigo de Albert que ele fora desencantar num povoado de blocos de cimento a uma hora de distância dos leões.

Albert ganhou o estatuto de herói, mas ninguém diria isso ao olhar para ele. Embora um bourbon e murmura as suas respostas às estonteantes perguntas da Fação de Phoenix. Ninguém o confrontou ainda com as recriminações básicas: *Porque é que vocês estavam no meio do mato? Como é que se aproximou tanto dos leões? Porque é que não impediu o Chronos de sair do jipe?* Mas Albert sabe que Ramsey, o patrão dele, lhe fará essas mesmas perguntas, e que elas provavelmente levarão a que ele seja despedido: o último de uma série de fracassos causados por aquilo a que a mãe dele, lá em Minehead, chamava as suas «tendências para a autodestruição».

Os membros do safari de Ramsey ganharam uma história que haverão de contar pelo resto das suas vidas. Ela fará com que alguns deles, daqui a uns anos, se procurem mutuamente no Google e no Facebook, incapazes de resistirem à fantasia de satisfação de desejos que tais portais oferecem: *O que é que aconteceu a...?* Nalguns casos, tornarão a encontrar-se para trocarem memórias e se maravilharem com as transformações físicas duns e doutros, que em poucos minutos parecerão desfazer-se. Dean, cujo sucesso o iludirá até à meia-idade, quando for contratado para o papel de um canalizador barrigudo e desbocado numa popular comédia televisiva, irá tomar café com Louise (hoje em dia uma bochechuda miúda de doze anos da Fação de Phoenix), que o procurará pelo Google depois de se divorciar. A seguir ao café, retirar-se-ão para uma pousada da Days Inn nos arredores de San Vicente para fazerem sexo com inesperada comoção, em seguida para um fim de semana de golfe em Palm Springs, e finalmente irão até ao altar, acompanhados pelos quatro

filhos adultos de Dean e pelos três filhos adolescentes de Louise. Mas esse desenlace será a singela exceção – na sua maioria, as reuniões conduzirão a uma descoberta mútua de que terem estado juntos num safari trinta e cinco anos antes não implica que tenham muito em comum, e separar-se-ão pensando o que seria, ao certo, que haviam esperado.

Os passageiros do jipe de Albert ganharam o estatuto de testemunhas, para serem interrogadas incessantemente sobre o que viram, ouviram e sentiram. Um grupo de crianças, que inclui Rolph, Charlie, um par de gémeos de oito anos vindos de Phoenix, e Louise, a miúda bochechuda de doze anos, corre ao longo de um caminho empedrado até um abrigo que fica ao pé de um bebedouro: uma cabana de madeira cheia de bancos corridos, que tem uma fresta por onde eles podem espreitar, sem que os animais os vejam. Correm até à fresta, mas de momento não estão animais nenhuns a beber.

«Vocês viram mesmo o leão?», pergunta Louise, maravilhada.

«Leoa», diz Rolph. «Eram duas, mais um leão. E três crias.»

«Ela está a falar da que levou o tiro», diz Charlie, impaciente. «Claro que a vimos. Estávamos a centímetros de distância!»

«Metros», corrige-a Rolph.

«Os metros são *feitos* de centímetros», diz Charlie. «Vimos tudo.»

Rolph já começou a detestar essas conversas – aquela arfante excitação por detrás delas, o modo como Charlie parece deliciar-se com aquilo. Uma ideia tem andado a incomodá-lo. «Gostava de saber o que terá

acontecido às crias», diz ele. «A leoa que levou o tiro devia ser mãe delas – estava a comer com elas.»

«Não necessariamente», diz Charlie.

«Mas se ela estava...»

«Talvez o pai tome conta delas», diz Charlie, com algumas dúvidas. As outras crianças estão caladas, a matutar no problema.

«Os leões tendem a cuidar das suas crias em comunidade» – diz uma voz que vem da outra ponta do abrigo. Mildred e Fiona já ali estavam, ou então acabaram de entrar; sendo velhas e mulheres, facilmente passam despercebidas. «Provavelmente toda a alcateia tomará conta delas», diz Fiona, «mesmo que aquela que morreu fosse a mãe.»

«E pode não ter sido», acrescenta Charlie.

«E pode não ter sido», concorda Mildred.

Não ocorre às crianças perguntarem a Mildred, que também estava no jipe, o que viu ela.

«Vou voltar lá para trás», diz Rolph à irmã.

Segue pelo caminho empedrado até regressar ao hotel. O pai dele e Mindy ainda estão no bar enfumarado; aquele ambiente estranho, celebratório, enerva Rolph. O espírito dele regressa uma e outra vez ao jipe, mas as memórias que ele tem são uma confusão: a leoa a saltar; o estremeção do impacto do tiro; Chronos a gemer durante a viagem até ao médico, com o sangue a acumular-se numa poça autêntica por baixo da cabeça dele, no chão do jipe, tal como nos livros aos quadrinhos. Tudo aquilo impregnado pela sensação de Mindy o estar a abraçar por detrás, da cara dela encostada à sua cabeça, do cheiro dela: não era um cheiro a pão, como o da mãe dele, mas antes salgado,

quase amargo – um cheiro que até parecia semelhante ao dos próprios leões.

Posta-se ao lado do pai, o qual interrompe a história da tropa que ele e Ramsey estão a contar. «Estás cansado, filho?»

«Queres que eu te vá levar lá acima?», pergunta Mindy, e Rolph diz-lhe que sim: isso ele quer.

A noite azul e cheia de mosquitos irrompe pelas janelas do hotel. Fora do bar, Rolph sente-se de súbito menos cansado. Mindy vai buscar a chave do quarto dele à receção, e depois diz: «Vamos até lá fora, ao alpendre.»

Saem para o exterior. Apesar do escuro, as silhuetas das montanhas que se recortam contra o céu são mais escuras ainda. Rolph ouve muito tenuemente as vozes das outras crianças, lá ao fundo, no abrigo. Sente alívio por se haver escapado a elas. Está com Mindy na beira do alpendre e olha para as montanhas. O cheiro dela, salgado, apetitoso, cerca-o. Rolph pressente que ela está à espera de qualquer coisa e fica à espera também, com o coração aos pulos.

Ouve-se uma tossidela ao fundo do alpendre. Rolph vê a ponta alaranjada de um cigarro a mover-se nas trevas, e Albert caminha em direção a eles com um ranger de botas. «Então, olá», diz ele a Rolph. Não diz nada a Mindy, e Rolph presume que aquele único olá deverá ser para eles os dois.

«Olá», diz ele, cumprimentando Albert.

«O que é que andam a fazer?», pergunta Albert.

Rolph vira-se para Mindy. «O que é que andamos a fazer?»

«A apreciar a noite», diz ela, ainda a olhar para as montanhas, mas numa voz tensa. «Devíamos ir lá para cima», diz ela a Rolph, pondo-se a andar abruptamente

para dentro do hotel. Rolph fica transtornado com a malcriadez dela. «Também vem?», pergunta ele a Albert.

«Porque não?»

Sobem a escada os três, sons de hilaridade retinindo a partir do bar. Rolph sente uma estranha pressão para fazer conversa. «O seu quarto também é cá em cima?», pergunta ele.

«Ao fundo do corredor», diz Albert. «Número três.»

Mindy abre a porta do quarto de Rolph e entra lá para dentro, deixando Albert no corredor. Rolph fica subitamente zangado com ela.

«Quer ver o meu quarto?», pergunta a Albert. «Que é meu e da Charlie?»

Mindy emite uma única sílaba de riso – é a maneira como a mãe dela se ri quando as coisas a irritaram ao ponto do absurdo. Albert entra no quarto. É modesto, com mobiliário de madeira e umas cortinas às florinhas cheias de pó, mas ao fim de dez noites na tenda parece de luxo.

«Muito bonito», diz Albert. Com aquele cabelo castanho comprido e aquele bigode, ele parece mesmo um explorador a sério, pensa Rolph. Mindy cruza os braços e põe-se a olhar pela janela. Há dentro do quarto uma sensação que Rolph não consegue identificar. Está zangado com Mindy e pensa que Albert também deve estar. *As mulheres são umas malucas*. O corpo de Mindy é esguio e elástico; ela podia enfiar-se por um buraco de fechadura, ou por baixo de uma porta. A camisola vermelha e fininha dela sobe e baixa com rapidez enquanto ela respira. Rolph está surpreendido por se sentir tão zangado.

Albert tira um cigarro do maço, mas não o acende. É daqueles que não têm filtro, com tabaco a sair pelas

duas pontas. «Bom», diz ele, «uma boa noite para vocês os dois.»

Rolph tinha imaginado Mindy a aconchegá-lo na cama, com um braço à volta de si outra vez, como fizera no jipe. Isso parece estar agora fora de questão. Ele não vai despir-se e vestir o pijama com Mindy ali; nem mesmo quer que ela lhe veja o pijama, que está todo salpicado de duendes azuis. «Eu fico bem», diz-lhe ele, ouvindo a frieza na sua voz. «Podes ir-te embora.»

«Está bem», diz-lhe ela. Abre-lhe a cama, compõe-lhe a almofada, ajusta a janela aberta. Rolph sente que ela está a procurar motivos para não sair do quarto.

«O teu pai e eu estamos aqui no quarto ao lado», diz-lhe Mindy. «Tu já sabes isso, não é?»

«Mas que chatice», murmura ele. Depois, corrigindo-se, diz-lhe, «Pois sei.»

### III. Areia

Cinco dias depois apanham um comboio, muito velho e comprido, que vai para Mombaça durante a noite. De poucos em poucos minutos o comboio abranda o suficiente para que algumas pessoas saltem dele abaixo, com os seus fardos apertados contra o peito, e para que outras subam. O grupo de Lou e a Fação de Phoenix instalam-se no apinhado vagão do bar, partilhando-o com homens africanos vestidos de fato e chapéu de coco. Charlie é autorizada a beber uma cerveja, mas consegue outras duas com a ajuda do simpático Dean, que se postou ao lado do minúsculo banco dela junto ao balcão. «Apanhaste uma queimadela», diz ele, pondo um

dedo na bochecha de Charlie. «O sol de África é muito forte.»

«É verdade», diz-lhe Charlie, sorrindo enquanto emborca a sua cerveja. Agora que Mindy lhe indicou as banalidades de Dean, Charlie acha-o divertidíssimo.

«Tens de pôr protetor solar», diz ele.

«Eu sei, já pus.»

«Uma vez não chega. Tens de pôr mais.»

Charlie cruza-se com o olhar de Mindy e sucumbe às gargalhadas. O pai dela aproxima-se. «O que é que tem tanta graça?»

«A vida», diz Charlie, encostando-se a ele.

«A *vida!*», funga Lou. «Que idade é que tu tens?»

Ele abraça-a e puxa-a para si. Quando Charlie era pequena ele estava sempre a fazer isto, mas à medida que ela vai crescendo acontece menos. O pai dela está morno, quase quente, o pulsar do seu coração é como se alguém estivesse a bater numa porta pesada.

«Ai», diz Lou. «O teu penacho está a picar-me». É um pico de um porco-espinho preto e branco – ela encontrou-o nos montes e usa-o para prender os seus longos cabelos. O pai tira-lho, e aquela massa dourada e emaranhada dos cabelos da Charlie tomba-lhe sobre os ombros como uma janela em estilhaços. Tem a consciência de que Dean está a olhar para ela.

«Gosto disto», diz Lou, piscando os olhos para a ponta translúcida do pico. «Isto é uma arma perigosa.»

«As armas são necessárias», diz Dean.

Na tarde seguinte, os participantes do safari já estão instalados num hotel costeiro que fica a meia hora de Mombaça. Numa praia branca percorrida por homens

peitudos que vendem colares e cabaças, Mildred e Fiona aparecem desportivamente vestidas com uns fatos de banho com estampas floridas, e os binóculos ainda pendurados ao pescoço. A lívida tatuagem de uma Medusa no peito de Chronos é menos surpreendente do que a barriguita dele – desenganador aspeto que ele partilha com muitos homens, especialmente os que são pais. Não com Lou; este é magro, um pouco seco, bronzeado pelo surf que pratica de vez em quando. Caminha em direção ao mar claro com o seu braço ao redor de Mindy, a qual tem melhor aspeto do que se esperava (e as expectativas já eram altas) no seu biquíni de um azul garrido.

Charlie e Rolph ficam deitados por baixo de uma palmeira. Charlie não gosta do fato de banho vermelho da Danskin que foi comprar com a mãe para trazer nesta viagem e decide que amanhã irá pedir uma tesoura emprestada na receção e cortá-lo em forma de biquíni.

«Nunca mais quero ir para casa», diz ela sonolentemente.

«Tenho saudades da Mãe», diz Rolph. O pai dele e Mindy estão a nadar. Consegue ver o brilho do fato de banho dela entre as águas claras.

«Mas se a Mãe pudesse vir.»

«O Pai já não a ama», diz Rolph. «Ela não é suficientemente maluca.»

«O que é que isso quer dizer?»

Rolph encolhe os ombros. «Tu achas que ele ama a Mindy?»

«Nem pensar. Ele está farto da Mindy.»

«E se a Mindy gostar dele?»

«Qual é o problema?», diz Charlie. «Todas gostam dele.»

Depois de nadar, Lou vai à procura de arpões e de equipamento de mergulho, resistindo à tentação de ir atrás de Mindy até ao quarto deles, embora seja evidente que ela gostaria que o fizesse. Tornou-se uma doida na cama desde que saíram das tendas (as mulheres conseguem ser muito esquisitas com as tendas) – agora está ávida daquilo, arranca as roupas a Lou em momentos inesperados, pronta a começar de novo quando ele ainda mal acabou. Sente uma certa ternura por Mindy, agora que a viagem está a chegar ao fim. Ela anda a estudar qualquer coisa em Berkeley, e Lou nunca viajou por causa de uma mulher. Duvida de que lhe torne a pôr a vista em cima.

Rolph está deitado na areia a ler quando Lou chega com o equipamento de mergulho, mas põe de lado *O Hobbit* sem protestar e levanta-se. Charlie ignora-os, e Lou pensa efemeramente se deveria tê-la convidado. Ele e Rolph caminham até à beira da água e colocam as máscaras e as barbatanas, pendurando os arpões de lado nos cintos. Rolph parece magro; tem de fazer mais exercício. Ele é tímido na água. A mãe dele é uma leitora e jardineira, e Lou anda sempre a ter de combater a influência dela. Gostava que Rolph pudesse ir viver consigo, mas os advogados limitam-se a abanar a cabeça sempre que ele menciona o assunto.

Os peixes são uns alvos vistosos, fáceis, a debicarem nos corais. Lou já espetou sete quando percebe que Rolph ainda não matou nenhum.

«Qual é o problema, filho?», pergunta-lhe quando regressam à superfície.

«Gosto só de olhar para eles», diz Rolph.

Foram à deriva em direção a uns penedos espetados que se projetam para o mar. Saem da água trepando a

eles com cuidado. Nas poças de água deixadas pela maré pululam estrelas-do-mar, ouriços e pepinos-do-mar; Rolph agacha-se, pondo-se a espreitá-los. Os peixes de Lou estão dentro de um saco de rede que ele traz pendurado ao pescoço. A partir da praia, Mindy está a vê-los pelo binóculo de Fiona. Acena-lhes, e Lou e Rolph acenam-lhe também.

«Pai», diz Rolph, tirando um pequeno caranguejo verde de dentro de uma das poças, «o que é que tu pensas da Mindy?»

«A Mindy é ótima. Porquê?»

O caranguejo estica as suas pequenas pinças; Lou nota com aprovação que o filho sabe pegar-lhe como deve ser. Rolph pisca os olhos para ele. «Tu sabes porquê. Se ela é suficientemente maluca.»

Lou solta uma risinho agudo. Já se tinha esquecido da conversa anterior, mas Rolph nunca se esquece de nada – uma qualidade que delicia o pai dele. «Ela é bastante maluca. Mas ser-se maluca não é tudo.»

«Eu acho que ela é malcriada», diz Rolph.

«Foi malcriada para *ti*?»

«Não. Para o Albert.»

Lou vira-se para o filho, pondo a cabeça de lado. «Para o Albert?»

Rolph solta o caranguejo e começa a contar-lhe a história. Lembra-se de todos os pormenores – do alpendre, das escadas, do «Número três» – e enquanto vai falando compreende o quanto queria contar tudo aquilo ao pai, para castigar Mindy. O pai ouve-o com atenção, sem o interromper. Mas Rolph, à medida que prossegue, sente que a história tem forte impacto, de uma maneira que ele não entende.

Quando acaba de falar, o pai dele respira muito fundo e depois solta o ar. Torna a olhar para a praia. O sol está quase a pôr-se e as pessoas estão a sacudir aquela bela areia branca das toalhas e a arrumarem as coisas. O hotel tem uma discoteca, e o grupo tenciona ir para lá dançar depois do jantar.

«Quanto é que isso aconteceu exatamente?», pergunta Lou.

«No mesmo dia que os leões - nessa noite». Rolph espera um instante, e depois pergunta, «Porque é que tu achas que ela foi assim tão malcriada?»

«As mulheres são umas porcas», diz-lhe o pai. «Foi por isso.»

Rolph fica a olhar para ele de boca aberta. O pai está zangado, tem um músculo a pular-lhe no maxilar, e inesperadamente Rolph está zangado também: assolado por uma raiva profunda e doentia que se agita em si muito de vez em quando - quando ele e Charlie regressam de um fim de semana tumultuoso ao redor da piscina do pai deles, com as estrelas do rock a tocarem no telhado da casa, o guacamole e os grandes panelões de chili, e encontram a mãe sozinha na casita dela, a beber chá de hortelã. Raiva contra aquele homem que afasta toda a gente.

«Não são nada umas...» Ele nem consegue repetir a palavra.

«São pois», diz-lhe Lou secamente. «Não tarda nada que passes a ter a certeza disso.»

Rolph vira costas ao pai. Como não há outro sítio para onde ir, salta para o mar e começa a nadar lentamente até à praia. O sol já vai baixo, a água está com muitas ondinhas e cheia de sombras. Rolph imagina tubarões a nadarem sob os seus pés, mas não se volta

nem olha para trás. Continua a nadar em direção àquela areia branca, sabendo instintivamente que o seu esforço para se manter à tona é a tortura mais requintada que é capaz de conceber para o pai – e também que, se for ao fundo, Lou saltará imediatamente para o ir salvar.

Nessa noite, Rolph e Charlie são autorizados a beberem vinho ao jantar. Rolph não gosta daquele sabor azedo, mas aprecia a indistinção aquosa que aquilo confere a tudo o que o rodeia: às gigantescas flores bicudas espalhadas por toda a sala de jantar; aos peixes apanhados pelo pai e cozinhados pelo chefe com azeitonas e tomates; a Mindy, no seu espampanante vestido verde. O pai tem um braço ao redor dela. Como ele já não está zangado, Rolph também não.

Lou passou a última hora na cama, fodendo Mindy até mais não poder. Agora tem uma mão sobre a coxa esguia dela, que lhe enfia sob a bainha do vestido, à espera daquele olhar enevoado com que ela fica. Lou é um homem que não suporta a derrota – que não a *percebe* como algo mais do que um incentivo à sua inevitável vitória. Ele tem de vencer. Está-se a cagar para Albert – Albert é invisível, Albert não é nada (na verdade, Albert até abandonou o grupo e voltou para o apartamento dele em Mombaça). O que importa agora é que *Mindy* compreenda isso.

Torna a encher os copos de vinho de Mildred e de Fiona até as faces delas ficarem manchadas e coradas. «Vocês ainda não me levaram a ver os pássaros», repreende-as ele. «Estou sempre a pedir, mas nunca acontece.»

«Podíamos ir amanhã», diz Mildred. «Há umas aves costeiras que gostávamos de ver.»

«Está prometido?»

«É uma promessa solene.»

«Anda», diz Charlie a Rolph. «Vamos até lá fora.»

Esgueiram-se da sala de jantar cheia de gente e saltitam em direção à praia prateada. As palmeiras fazem um barulho de açoites, de chuva, mas o ar está seco.

«É como no Havai», diz Rolph, querendo que isso seja verdade. Os ingredientes estão ali: o escuro, a praia, a sua irmã. Mas a sensação não é a mesma.

«Sem a chuva», diz Charlie.

«Sem a Mamã», diz Rolph.

«Eu acho que ele vai casar-se com a Mindy», diz Charlie.

«Nem pensar! Tu disseste que ele não a amava.»

«E depois? Mesmo assim pode casar-se com ela.»

Enfiam-se na areia, ainda um pouco quente, que irradia uma cintilação lunar. O mar fantasma abate-se contra ela.

«Ela não é assim tão má», diz Charlie.

«Não gosto dela. E porque é que tu és a especialista em tudo?»

Charlie encolhe os ombros. «Eu conheço o Pai.»

Charlie não se conhece a si mesma. Daqui a quatro anos, quando tiver dezoito, juntar-se-á a um culto do lado de lá da fronteira com o México, cujo carismático líder promove uma dieta de ovos crus; ficará à beira da morte com uma intoxicação de salmonelas até que Lou a vá salvar. Um hábito de cocaína exigirá a reconstrução parcial do seu nariz, alterando-lhe as feições, e uma série de homens irresponsáveis, dominadores, torná-la-ão

solitária antes que chegue aos trinta, a tentar fazer as pazes entre Rolph e Lou, que terão deixado de se falar.

Mas Charlie conhece *mesmo* o pai dela. Ele irá casar-se com Mindy porque é isso que significa ganhar, e porque a ansiedade de Mindy em concluir aquele estranho episódio e regressar aos seus estudos durará precisamente até ao momento em que ela abrir a porta do seu apartamento em Berkeley e deparar com o cheiro de um cozinhado de lentilhas: um dos guisados baratos com que ela e as colegas sobrevivem. Deixar-se-á cair sobre um sofá de costas partidas que encontraram no passeio e tirará da mala os seus muitos livros, percebendo que após os ter andado a acartar por África durante semanas, não leu praticamente nada. E quando o telefone tocar o coração dela dará um pulo.

*Insatisfação Estrutural*: Regressar às circunstâncias que outrora nos agradaram, após haver experimentado um modo de vida mais emocionante ou opulento, e descobrir que já não as suportamos.

Mas estamos a afastar-nos do assunto.

Rolph e Charlie estão a correr pela praia, atraídos pela pulsação da luz e da música que brotam da discoteca ao ar livre. Correm descalços para o meio da multidão, trazendo pó de areia para a pista de dança translúcida e instalada sobre losangos de cores faiscantes. A estremecente linha de baixo parece interferir com o coração de Rolph.

«Embora», diz Charlie. «Vamos dançar.»

Começa a ondular diante dele - da maneira que a nova Charlie tenciona dançar logo que chegar a casa. Mas Rolph fica embaraçado; ele não consegue dançar assim. O resto do grupo rodeia-os; a rechonchuda Louise, um ano mais velha do que ele, está a dançar com Dean,

o ator. Ramsey põe os braços à volta de uma das mães da Fação de Phoenix. Lou e Mindy dançam muito agarrados, com os corpos todos encostados, mas Mindy está a pensar em Albert, tal como fará periodicamente após se casar com Lou e ter duas filhas, para ele a quinta e a sexta, em rápida sucessão, como se corresse contra a inevitável deriva da atenção que ele lhe dedica. No papel ele não terá um tostão, e Mindy acabará por trabalhar como agente de viagens para sustentar as meninas. Durante algum tempo a vida dela será desprovida de alegrias; as meninas parecerão chorar demais, e ela pensará com saudade nesta viagem a África como o último momento feliz da sua vida, quando ainda tinha escolha, quando era livre e desimpedida. Sonhará insensatamente, futilmente, com Albert, pensando no que estará ele a fazer em certas ocasiões, no que a vida dela poderia ter sido se tivesse fugido com ele, como ele lhe sugerira, meio a brincar, quando ela o fora visitar ao quarto número três. Mais tarde, claro, reconhecerá em «Albert» não mais do que um foco dos remorsos pela sua própria imaturidade e pelas suas opções desastrosas. Quando as suas duas filhas já andarem no liceu, retomará finalmente os estudos, concluirá o doutoramento na UCLA, e iniciará uma carreira académica aos quarenta e cinco anos, passando nos trinta anos seguintes longos períodos em trabalhos de campo sobre as estruturas sociais na floresta tropical brasileira. A sua filha mais nova irá trabalhar com Lou, tornar-se-á a protegida deste e herdará a empresa.

«Olha», diz Charlie para Rolph, por entre a música. «As observadoras de pássaros estão a observar-nos a nós.»

Mildred e Fiona estão sentadas numas cadeiras ao lado da pista de dança, acenando a Rolph e a Charlie dentro dos seus vestidos compridos e estampados. É a primeira vez que as crianças as veem sem binóculos.

«Acho que elas são velhas demais para dançarem», diz Rolph.

«Ou se calhar nós fazemos-lhes lembrar os pássaros», diz Charlie.

«Ou se calhar, quando não há pássaros, elas observam as pessoas», diz Rolph.

«Vá lá, Rolphus», diz Charlie. «Dança comigo.»

Ela pega-lhe nas mãos. Enquanto se movem juntos, Rolph sente toda a sua compenetração desvanecer-se milagrosamente, como se estivesse a crescer ali mesmo, na pista de dança, a tornar-se um rapaz que dança com raparigas como a sua irmã. Charlie também sente isso. Na verdade, esta memória particular é algo a que ela regressará uma e outra vez, pelo resto da sua vida, muito depois de Rolph ter dado um tiro na cabeça em casa do pai deles aos vinte e oito anos de idade: o irmão dela, quando era rapaz, com o cabelo muito penteado, os olhos a brilharem-lhe, aprendendo timidamente a dançar. Mas a mulher que se lembrar disso não será Charlie; após Rolph morrer, ela reverterá para o seu verdadeiro nome - Charlene - libertando-se para sempre da rapariga que dançara com o irmão em África. Charlene usará o cabelo curto e irá estudar Direito. Quando der à luz um filho, quererá que ele se chame Rolph, mas os seus pais ainda estarão demasiado abalados. Por isso chamar-lhe-á assim às escondidas, somente no seu espírito, e alguns anos depois estará ao lado da mãe dela entre uma multidão de pais que aplaudem junto a um campo

desportivo, a vê-lo jogar, um ar sonhador no rosto dele sempre que olha para o céu.

«Charlie!», diz Rolph. «Adivinha lá do que eu me lembrei.»

Charlie debruça-se para o seu irmão, que sorri com a ideia que teve. Junta as duas mãos sobre o cabelo dela para se fazer ouvir acima do ritmo pulsante. O quente e doce hálito dele enche-lhe o ouvido.

«Eu acho que aquelas senhoras nunca andaram a observar pássaros», diz Rolph.

# 5

## VÓS (PLURAL)

AINDA ESTÁ TUDO ALI: a piscina com os seus azulejos azuis e amarelos vindos de Portugal, a água a rir-se baixinho ao longo de um muro de pedra preta. A casa é a mesma, só que está quieta. A quietude não faz sentido. Gás de nervos? Sobredoses? Detenções em massa? penso eu enquanto seguimos uma serviçal por uma curva de salas atapetadas, com a piscina a piscar para nós em cada janela por que passamos. Que mais poderia ter interrompido as festas ininterruptas?

Mas não é nada disso. Passaram-se vinte anos.

Ele está no quarto, numa cama hospitalar, com tubos enfiados no nariz. A segunda trombose deitou-o mesmo abaixo - a primeira não foi assim tão má, só uma das pernas dele é que ficou a tremer um bocadinho. Foi o que o Bennie me disse ao telefone. O Bennie do liceu, o nosso velho amigo. O protegido do Lou. Foi ele quem me localizou em casa da minha mãe, apesar de ela ter saído de São Francisco há anos para vir ter comigo a LA. Bennie o organizador, a reunir as pessoas dos velhos tempos para elas se despedirem do Lou. Parece que se consegue encontrar quase toda a gente num

computador. Ele até encontrou a Rhea lá em cima em Seattle, com um apelido diferente.

Da nossa antiga malta, só o Scotty é que desapareceu. Não há computador que consiga encontrá-lo.

A Rhea e eu ficamos à beira da cama do Lou, sem sabermos o que fazer. Conhecemo-lo desde uma época em que as pessoas normais não morriam.

Havia indícios, pistas, acerca de uma qualquer má alternativa a estar-se vivo (lembrámo-nos disso juntas enquanto tomávamos café, a Rhea e eu, antes de virmos vê-lo - a olharmos para as novas caras de cada uma de nós do outro lado da mesa de plástico, as nossas feições familiares alteradas por um estranho ar de adultas). Houve a mãe do Scotty, claro, que morreu com os comprimidos quando ainda andávamos no liceu, mas ela não era normal. O meu pai, que morreu de sida, mas por essa altura eu já mal o via. Em todo o caso, isso foram catástrofes. Não como isto: receituário junto à cama, um cheiro pesado a remédios e a tapetes aspirados. Faz-me lembrar de quando eu estive no hospital. Não o cheiro, exatamente (o hospital não tinha tapetes), mas o ar morto, a sensação de se estar longe de tudo.

Ficamos ali, caladas. Todas as minhas perguntas parecem erradas: Como é que ficaste tão velho? Aconteceu de repente, de um dia para o outro, ou foste mirrando aos poucos? Quando é que paraste de dar festas? Toda aquela gente ficou velha também, ou foste só tu? As outras pessoas ainda estão por cá, escondidas nas palmeiras ou a conterem a respiração debaixo de água? Quando é que deste as tuas últimas braçadas na piscina? Doem-te os ossos? Sabias que isto vinha aí e

escondeste que sabias, ou foste apanhado por trás numa emboscada?

Em vez disso digo-lhe «Olá, Lou», e ao mesmo tempo a Rhea diz-lhe «Ena, isto está tudo na mesma!» e rimos as duas.

O Lou sorri, e a forma daquele sorriso, mesmo com os dentes tingidos de amarelo no seu interior, é familiar, um dedo morno a espetar-se na minha barriga. O sorriso dele, pondo-se à vista neste estranho sítio.

«Vocês as duas. Continuam deslumbrantes», balbucia ele.

Está a mentir. Eu tenho quarenta e três anos, e a Rhea também, casada e com três filhos em Seattle. Isso não me sai da cabeça: três. Estou outra vez em casa da minha mãe, a tentar acabar o bacharelato na sucursal da UCLA após alguns desvios demorados e confusos. «A balda dos teus vinte anos», é o que a minha mãe chama ao tempo que perdi, tentando fazer com que isso pareça razoável e divertido, mas começou antes de eu fazer vinte anos e durou muito mais do que isso. Só rezo para que já tenha acabado. Há manhãs em que o sol do lado de fora da janela me parece errado. Sento-me à mesa da cozinha, a deitar sal para os pelos do meu braço, e junta-se em mim um sentimento: Acabou-se. Já tudo passou e ficou para trás, sem mim. Nesses dias sei que não devo fechar os olhos por demasiado tempo, se não é que começa mesmo a folia.

«Oh Lou, nós estamos um par de jarras – tens de admitir», diz-lhe a Rhea, dando uma palmadinha no frágil ombro dele.

Mostra-lhe as fotografias dos filhos, segurando-lhas perto da cara.

«Ela é gira», diz ele acerca da mais velha, a Nadine, que tem dezasseis anos. Julgo que até pisca o olho, ou talvez seja o olho dele que estremece.

«Para lá com isso», diz-lhe a Rhea.

Eu não digo nada. Sinto aquilo - o dedo - outra vez. No meu estômago.

«E os teus filhos?», pergunta a Rhea ao Lou. «Costumas vê-los com frequência?»

«Alguns», diz-lhe ele, na sua nova voz estrangulada.

Teve seis, dos três casamentos que suportou e de que se livrou em seguida. O Rolph, o segundo mais velho, era o seu preferido. O Rolph vivia aqui, nesta casa, um rapaz terno com uns olhos azuis que se desviavam um pouco sempre que ele os pousava no pai. O Rolph e eu éramos da mesma idade, exatamente. Mesma data de nascimento, no mesmo ano. Eu costumava imaginar-nos aos dois, uns bebés minúsculos em hospitais diferentes, a chorarmos ao mesmo tempo. Certa vez pusémo-nos nus, lado a lado diante de um espelho de corpo inteiro, a tentar perceber se por haveremos nascido no mesmo dia teria ficado alguma marca em nós. Lá encontrámos uma marca.

No fim, o Rolph nem me falava, saía de qualquer sala em que eu entrasse.

A grande cama do Lou com a colcha púrpura amarrotada desapareceu - graças a Deus. O televisor é dos novos, plano e comprido, e o jogo de basquetebol que está a passar nele tem uma nitidez nervosa que faz com que o quarto, e até nós, pareçamos desfocados. Entra um sujeito vestido de preto, com um diamante na orelha, que mexe nos tubos do Lou e lhe mede a tensão arterial. Por baixo das cobertas, os tubos saem de outras

partes do Lou para uns sacos de plástico transparente que eu tento não ver.

Um cão ladra. Os olhos do Lou estão fechados, e ele ressona. O aperaltado enfermeiro-mordomo olha para o relógio de pulso e vai-se embora.

Foi portanto isto - o que me custou todo aquele tempo. Um homem que acabou por ficar velho, uma casa que acabou por ficar vazia. Não consigo evitá-lo, começo a chorar. A Rhea põe os braços à volta de mim. Mesmo passados todos estes anos, ela nem hesita. A pele dela está flácida - as peles sardentas envelhecem mais depressa, disse-me o Lou certa vez, e a Rhea é *toda ela* sardas. «A nossa amiga Rhea», disse-me ele, «está condenada.»

«Tu tens três filhos», soluço eu para o cabelo dela.

«Chiii.»

«E eu, o que é que eu tenho?»

Os miúdos que eu recordo dos tempos de liceu andam a fazer filmes, a fazer computadores. A fazerem filmes *em* computadores. Uma revolução, é o que eu ouço sempre as pessoas dizerem. Ando a tentar aprender espanhol. À noite, a minha mãe faz-me testes com uns cartões de perguntas.

Três filhos. A mais velha, a Nadine, está quase com a idade que eu tinha quando conheci o Lou. Dezassete anos, à boleia. Ele ia a conduzir um Mercedes vermelho. Em 1979 isso podia ser o início de uma história excitante, uma história onde qualquer coisa poderia acontecer. Agora é uma boa piada. «Tudo aquilo não teve nenhuma razão de ser», digo-lhe eu.

«Isso nunca é verdade», diz a Rhea. «Tu é que ainda não encontraste a razão.»

Durante aquele tempo todo, a Rhea sabia o que andava a fazer. Mesmo a dançar, mesmo a soluçar. Mesmo com uma agulha espetada na veia, ela estava meio a fingir. Eu não.

«Perdi-me», digo eu.

Começa a ficar um dia mau, um dia em que o sol parece ter dentes. Hoje à noite, quando a minha mãe chegar a casa vinda do trabalho e me vir, vai dizer «Esquece o espanhol» e preparar-nos uns Virgin Marys com chapelinhos de papel. Com o Dave Brubeck a tocar na aparelhagem estereofónica, iremos jogar dominó ou *gin rummy*. Quando olho para a minha mãe ela sorri-me, sempre. Mas a exaustão desfez-lhe o rosto.

O silêncio assume uma espécie de inteligência, e vemos que o Lou está a olhar para nós. O olhar dele está muito vazio, penso que poderá estar morto. «Não vou. Lá fora. Há semanas», diz ele, tossindo um pouco. «Não me tem apetecido.»

A Rhea empurra a cama. Eu vou um passo atrás, a empurrar o carrinho das intravenosas. Enquanto o levamos através da casa, sinto medo, como se a combinação da luz do sol e da cama hospitalar pudesse causar uma explosão. Receio que o verdadeiro Lou esteja lá fora ao pé da piscina, onde vivia com um telefone vermelho que tinha um fio muito comprido e uma taça de maçãs verdes, e que o verdadeiro Lou e este velho Lou se confrontem. *Como te atreves? Nunca tive velhos cá em casa e não é agora que vou começar a tê-los.* A velhez, a feiura - não tinham lugar ali. Nunca chegariam ali a partir do exterior.

«Para ali», diz ele, referindo-se à piscina, como sempre.

Continua a haver um telefone: um aparelho preto e sem fios em cima de uma pequena mesa de vidro, com um batido de frutas ao lado. O enfermeiro-mordomo ou outro empregado qualquer, abrindo as suas asas nos territórios desocupados.

Ou o Rolph? Poderia o Rolph estar ainda por ali, a tomar conta do pai? O Rolph dentro de casa? E eu sinto-o, então, tal como antigamente, quando conseguia dizer se ele tinha entrado dentro de uma sala sem ter de olhar para lá. Só pela maneira como o ar se deslocava. Uma vez, escondemo-nos os dois atrás do pavilhão da piscina depois de um concerto, o Lou a chamar por mim, «Joce-lyn! Joce-lyn!» e o Rolph e eu a rirmo-nos enquanto o gerador zunia contra os nossos peitos. Mais tarde pensei: O meu primeiro beijo. O que foi uma loucura. Tudo o que eu viria a fazer, já tinha feito por essa altura.

Ao espelho, o peito do Rolph era liso. Não tinha marca nenhuma. A marca estava por toda a parte. A marca era a juventude.

E quando aquilo aconteceu, no quarto pequenino do Rolph, com o sol a entrar através do estore, às riscas, eu fingi que era novidade. Ele olhou para o fundo dos meus olhos, e eu senti quão normal poderia ainda ser. Éramos lisos, nós os dois.

«Onde está aquela. Coisa», pergunta o Lou, referindo-se ao comando de botões para inclinar a cama. Ele quer sentar-se e olhar a paisagem como costumava fazer, vestido com o seu fato de banho vermelho, as pernas bronzeadas cheirando a cloro. De telefone na mão e comigo entre as suas pernas, a palma da mão dele na minha cabeça. Os pássaros também devem ter chilreado nesse tempo, mas nós não os ouvíamos por causa da música. Ou será que hoje em dia há mais pássaros?

A cama range enquanto o iça. Ele olha para longe, projetando o olhar. «Fiquei velho», diz ele.

O cão está outra vez a ladrar. A água ondula na piscina, como se alguém tivesse acabado de entrar nela, ou de sair dela.

«Então e o Rolph?», pergunto-lhe eu, as minhas primeiras palavras desde o «Olá.»

«O Rolph», diz o Lou, e pestaneja.

«O teu filho? O Rolph?»

A Rhea abana a cabeça para mim - estou a falar muito alto. Às vezes sinto uma espécie de fúria que me enche a cabeça e me apaga os pensamentos como se eles fossem giz. Quem é este velho que está a morrer à minha frente? Eu quero o outro, o homem egoísta, devorador, aquele que me virava ao contrário entre as suas pernas aqui mesmo ao ar livre, empurrando-me a parte de trás da cabeça com a mão que tinha livre enquanto se ria ao telefone. Sem se importar que todos os quartos da casa tivessem vista para esta piscina - o do filho dele, por exemplo. Tenho uma ou duas coisas para dizer a esse.

O Lou está a tentar falar. Debruçamo-nos sobre ele, pomonos à escuta. É o hábito, suponho.

«O Rolph não se safou», diz ele.

«Do que estás tu a falar?», pergunto-lhe eu.

Agora o velho pôs-se a chorar. Escorrem-lhe lágrimas pela cara.

«Para que é que isso serve, Jocelyn?», pergunta-me a Rhea, e, nesse segundo, diferentes partes do meu cérebro encontram-se umas às outras, e eu percebo que já sabia do Rolph. E que a Rhea sabia - toda a gente sabia. Uma tragédia das antigas.

«Ele tinha. Vinte e oito», diz o Lou.

Fecho os olhos.

«Foi há muito tempo», diz ele, as palavras a entrecortarem-se-lhe no peito arfante. «Mas.»

Sim, pois foi. Os vinte e oito foi há muito tempo. O sol fere-me a vista, por isso mantenho os olhos fechados.

«Perder-se um filho», murmura a Rhea. «Eu nem consigo imaginar.»

A raiva aperta, espreme-me por dentro. Doem-me os braços. Enfio-me por baixo da cama hospitalar do Lou, iço-a e viro-a de modo a que ele escorregue para a piscina de cor turquesa e a agulha das intravenosas sai-lhe do braço, com o sangue a esguichar, diluindo-se na água e tornando-se amarelado. Eu tenho essa força toda, mesmo depois de tudo aquilo. Salto lá para dentro atrás dele, a Rhea está agora aos gritos, salto lá para dentro e seguro-o lá em baixo, prendo-lhe a cabeça entre as minhas rótulas e seguro-o ali até que tudo se acalma e nós estamos só à espera, o Lou e eu estamos à espera, e depois ele agita-se, contorcendo-se entre as minhas pernas, estremecendo enquanto a vida o abandona. Quando está absolutamente imóvel, deixo-o ir para cima a boiar.

Abro os olhos. Ninguém se mexeu. O Lou continua a chorar, a olhar para a piscina com os seus olhos vagos. Por cima do lençol, a Rhea está a tocar-lhe no peito.

É um dia mau. O sol dá-me cabo da cabeça.

«Eu devia matar-te», digo-lhe eu, olhando-o de frente, «Tu mereces morrer.»

«Chega», diz a Rhea, com a sua ríspida voz de mãe.

De súbito, o Lou olha-me nos olhos. Parece ser a primeira vez no dia inteiro. Finalmente consigo vê-lo, ao homem que me dizia, *Tu és a melhor coisa que alguma vez me aconteceu*, e *Havemos de ir ver o raio do mundo*

*inteiro, e Porque é que eu preciso tanto de ti? e Queres uma boleia, miúda? A sorrir sob aquele sol forte, que lhe alaga o reluzente carro vermelho. Só tens de me dizer para onde.*

Ele parece assustado, mas sorri. O sorriso de antigamente, que voltou. «Tarde demais», diz-me ele.

Tarde demais. Aponto a minha cabeça para o telhado. Uma vez o Rolph e eu ficámos ali sentados uma noite inteira, a espiar uma festa que o Lou estava a dar cá em baixo para uma das suas bandas. Mesmo depois de o barulho ter acabado, ficámos ali, com as costas encostadas à frescura dos azulejos. Estávamos à espera do sol. Que se levantou depressa, pequeno, luzidio e redondo. «Parece um bebé», disse o Rolph, e eu comecei a chorar. Este frágil sol novo nos nossos braços.

Todas as noites, a minha mãe marca mais um dia em que eu me mantive limpa. Já vai em mais de um ano, o máximo que eu consegui até agora. «Jocelyn, tu tens tanta vida à tua frente», diz-me ela. E quando eu acredito nela, por um minuto, algo se destapa nos meus olhos. Como se saísse de um quarto escuro.

O Lou está outra vez a falar. A tentar falar. «Ponham-se. Uma de cada lado. Está bem, meninas?»

A Rhea pega-lhe na mão, e eu pego na outra. Não é a mesma mão que dantes, está descarnada, seca e pesada. A Rhea e eu entreolhamo-nos por cima dele. Estamos ali, nós os três, como dantes. Voltámos ao princípio.

Ele parou de chorar. Está a olhar para o seu mundo. A piscina, os azulejos. Nunca chegámos a ir a África, nem a lado nenhum. Praticamente nem saímos desta casa.

«Gostei de estar. Com vocês, meninas», diz ele, esforçando-se por respirar.

A apertar-nos as mãos, como se nós fôssemos fugir. Mas não fugimos. Olhamos para a piscina e escutamos os pássaros.

«Mais um minuto», diz ele. «Obrigado, meninas. Mais um. Como este.»

## 6

### XIS e ÓS

EIS COMO AQUILO COMEÇOU: eu estava sentado num dos bancos do parque de Tompkins Square a ler um exemplar da *Spin* que tinha fanado na Hudson News, a observar as fêmeas da East Village que atravessavam o parque vindo do trabalho para casa e a pensar (o que eu fazia com frequência) como é que a minha ex-mulher conseguira povoar Nova Iorque com milhares de mulheres que não se pareciam com ela em nada mas mesmo assim me faziam lembrá-la, quando descobri uma coisa: o meu velho amigo Bennie Salazar era um produtor discográfico! Estava ali mesmo, na revista *Spin*, um artigo inteiro sobre o Bennie e como ele ganhara fama com um grupo chamado Conduits, que fora galardoado com vários discos de platina uns três ou quatro anos antes. Havia uma fotografia do Bennie a receber um prémio qualquer, parecendo ofegante e um pouco vesgo – um daqueles instantes fortuitos que ficaram imobilizados e que uma pessoa percebe logo estarem ligados a toda uma vida feliz. Olhei para a imagem por menos de um segundo; a seguir fechei a revista. Decidi não pensar no Bennie. Há uma fronteira muito estreita entre pensar-se em alguém e pensar-se em *não* se

pensar em alguém, mas eu tenho a paciência e o autodomínio para deambular por essa fronteira durante horas - dias até, se tiver de ser.

Ao fim de uma semana a não pensar no Bennie - pensando tanto em não pensar no Bennie que praticamente nem havia mais espaço no meu cérebro para pensamentos de qualquer outro tipo - decidi escrever-lhe uma carta. Enviei-a para o endereço da editora discográfica dele, que afinal era dentro de um edifício de vidro verde no cruzamento da Park Avenue com a rua 52. Fui de metro até lá e pus-me do lado de fora do prédio com a cabeça esticada para trás, a olhar lá para cima, para cima, e a pensar qual a altura a que poderia estar o escritório do Bennie. Mantive os olhos postos no prédio enquanto enfiava a carta no marco de correio que havia mesmo em frente dele. *Olá Benjo, escrevera eu (era como costumava tratá-lo). Muito tempo sem te ver. Ouvi dizer que agora és o maior. Parabéns. Não podia ter acontecido a um tipo com mais sorte. Felicidades, Scotty Hausmann.*

E ele respondeu-me! A carta dele chegou à minha amolgada caixa de correio da Sexta Rua Oriental uns cinco dias depois, escrita à máquina, o que eu supus querer dizer que fora a secretária dele a fazê-lo, mas vi logo que era mesmo do Bennie:

*Querido Scotty - Olá e obrigado pela carta. Onde é que tens andado escondido? Às vezes ainda penso nos Dildos. Espero que andes a tocar aquela slide guitar. Do teu, Bennie,* com o gatafunho da assinatura dele por cima do nome escrito à máquina.

A carta do Bennie teve um grande efeito em mim. As coisas tinham - qual é a palavra? Secado. As coisas tinham mais ou menos secado para mim. Trabalhava

para o município como contínuo numa escola primária das redondezas e, durante o verão, a apanhar lixo no parque junto ao rio Oriental, ao pé da Ponte de Williamsburg. Não me envergonhava em nada por tais atividades, porque compreendia aquilo que quase mais ninguém parecia entender: que havia apenas uma diferença infinitesimal, uma diferença tão ínfima que quase não existia senão como invento da imaginação humana, entre trabalhar-se num alto edifício de vidro verde da Park Avenue e apanhar-se lixo num parque. A bem dizer, podia nem haver até diferença nenhuma.

Como por acaso eu estava de folga no dia seguinte – no dia a seguir àquele em que a carta do Bennie me chegara – nessa manhã fui mais cedo para o rio Oriental e pus-me a pescar. Eu fazia sempre isso, e até comia os peixes. Havia poluição, é certo, mas a beleza daquilo era que se sabia tudo acerca dessa poluição, contrariamente aos muitos venenos que todos os dias consumíamos na ignorância. Pus-me a pescar, e Deus deve ter estado do meu lado, ou se calhar foi a sorte do Bennie que me contagiou, porque tirei do rio a minha melhor pescaria de todos os tempos: um enorme robalo riscado! Os meus amigos da pesca, o Sammy e o Dave, ficaram espantados por me verem apanhar aquele peixe soberbo. Estrafeguei-o, embrulhei-o em papel de jornal, meti-o no saco e levei-o para casa debaixo do braço. Vesti o que tinha de mais parecido com um fato: umas calças de caqui e um casaco que já tinha ido à limpeza a seco *muitas vezes*. Na semana anterior tinha-o levado para a lavandaria ainda dentro do saco da limpeza a seco, o que causou um chilique à gaja que estava atrás do balcão – «Para quê limpá-lo? Já está limpo, saco está fechado, está só a gastar dinheiro!». Eu sei que já estou a afastar-me do

tema, mas só quero dizer que tirei o casaco de dentro do saco de plástico com uma força tal que ela se calou logo, e estendi-o com muito cuidado em cima do balcão da lavandaria. «*Merci por vous consideración, madame*», disse-lhe eu, e ela aceitou a farpela sem dizer mais uma palavra. Isto só para dizer que o casaco que eu vesti nessa manhã para ir visitar o Bennie Salazar estava mesmo limpo.

O prédio do Bennie parecia um daqueles sítios em que eles podiam aplicar rigorosos controlos de segurança se fosse preciso, mas nesse dia acho que não precisavam. Mais alguma da boa sorte do Bennie a escorrer por mim abaixo como se fosse mel. Não é que a minha sorte fosse geralmente assim tão má – eu diria que era neutral, tendendo de vez em quando para o mau. Por exemplo, eu pescava menos peixes do que o Sammy, embora fosse à pesca mais vezes e tivesse uma cana melhor. Mas se era a sorte do Bennie que me estava a contagiar nesse dia, queria isso dizer que a minha boa sorte também era a boa sorte dele? Que eu ir visitá-lo inesperadamente era boa sorte *para ele*? Ou teria eu de alguma forma desviado a boa sorte dele, aspirando-lha por algum tempo, e deixando-o sem sorte alguma nesse dia? E, caso eu *tivesse* conseguido fazer essa última coisa, como fizera eu isso, e (o que era mais importante) como poderia fazê-lo para sempre?

Consultei o diretório, vi que os Discos Orelha da Porca estavam no piso quarenta e cinco, apanhei o elevador até lá acima, e através de umas portas de vidro bege entrei numa sala de espera, que era toda modernaça. A decoração fez-me lembrar uma casa de solteiro nos anos setenta: sofás de couro preto, tapete espesso e felpudo, pesadas mesas em vidro e cromados

cobertas com exemplares da *Vibe*, da *Rolling Stone* e de outras assim. Uma iluminação cuidadosamente dispersa. Eu já sabia que isso era muito importante, para os músicos poderem ficar ali à espera sem exibirem os olhos raiados de sangue e as marcas das picadas.

Bati com o meu peixe na secretária de mármore da rececionista. Aquilo fez um belo *schlap*, rijo e húmido – juro por Deus, não pareceu mais nada a não ser um peixe. *Ela* (cabelo avermelhado, olhos verdes, boca em pétala de flor, o género de garota que nos dá vontade de nos debruçarmos para lhe dizer com imensa ternura, *Você deve ser mesmo inteligente; se não como é que haveria de arranjar um emprego destes?*) levantou os olhos e disse-me «Olá.»

«Vim ver o Bennie», disse-lhe eu. «O Bennie Salazar.»

«Ele está à sua espera?»

«Neste momento não.»

«Qual é o seu nome?»

«Scotty.»

Ela tinha um auscultador que eu só depois percebi, quando falou para uma pequena haste que tinha sobre a boca, ser na verdade um telefone. Depois de ela ter dito o meu nome, percebi que franzia os lábios, como se estivesse a esconder um sorriso. «Ele está numa reunião», disse-me ela. «Mas se quiser deixar mensa...»

«Eu espero.»

Pousei o peixe em cima da mesa de café em vidro, ao lado das revistas, e sentei-me num sofá de couro preto. Os almofadões suspiraram o mais delicioso aroma a cabedal. Resumou em mim um profundo conforto. Comecei a sentir-me com sono. Queria ficar ali para sempre, abandonar o meu apartamento da Sexta Rua

Oriental e viver até ao fim dos meus dias na sala de espera do Bennie.

É verdade: já há um bom bocado que eu não passava muito tempo em público. Mas seria tal facto relevante na nossa «era da informação», quando se podia explorar o planeta Terra e o universo sem ser preciso sair do sofá de veludo verde trazido do lixo e transformado no ponto central do nosso apartamento na Sexta Rua Oriental? Todas as noites eu começava por encomendar feijões verdes de Hunan e emborcá-los com Jägermeister. Era espantosa a quantidade de feijões verdes que eu conseguia comer: quatro doses, cinco doses, às vezes mais. Pela quantidade de embalagens plásticas de molho de soja e de pauzinhos incluídos na minha encomenda, percebia que o Fung Yu pensava que eu ia servir feijões verdes numa festa para oito ou nove vegetarianos. Será que a composição química do Jägermeister causa uma ânsia de comer feijões verdes? Haverá alguma propriedade nos feijões verdes que se torne viciante naquelas raras ocasiões em que sejam consumidos com Jägermeister? Eu fazia essas perguntas a mim mesmo enquanto enfiava os feijões verdes na boca, trincando grandes garfadas deles, e ia vendo televisão – espetáculos esquisitos no cabo, a maioria dos quais eu não conseguia identificar nem acompanhava muito. Poderia dizer-se que eu criava o meu próprio espetáculo a partir daqueles espetáculos, suspeitando de que ele fosse na verdade melhor do que os espetáculos propriamente ditos. Na verdade, tinha a certeza disso.

O que importa é o seguinte: se nós, os seres humanos, somos *máquinas de processamento de informação*, que lemos os xis e os ós e traduzimos essa informação naquilo a que as pessoas muito

apressadamente chamam «experiência», e se eu tinha acesso a toda essa mesma informação através da televisão por cabo e de todas as revistas que folheava na Hudson News durante períodos de quatro e de cinco horas nos meus dias de folga (o meu recorde era de oito horas, incluindo a meia hora em que tinha ficado a operar a caixa registadora durante o período de almoço de um dos empregados mais novos, que pensou que eu trabalhasse ali) – se eu tinha não apenas a informação mas a capacidade artística para *dar forma* a essa informação usando o computador dentro do meu cérebro (os computadores a sério assustam-me; se os conseguimos encontrar a Eles, então Eles conseguem encontrar-nos a nós, e eu não queria ser encontrado), então, tecnicamente falando, não estaria eu a ter todas essas mesmas experiências que as outras pessoas tinham?

Testei a minha teoria postando-me do lado de fora da biblioteca pública no cruzamento da Quinta Avenida e da rua 42 durante uma gala de beneficência para as doenças cardíacas. Fiz essa escolha ao acaso: à hora do fecho, quando ia a sair da Sala dos Periódicos, reparei nuns indivíduos bem vestidos a abrirem umas toalhas brancas por cima das mesas e a carregarem grandes ramos de orquídeas para o salão de entrada da biblioteca, e quando perguntei a uma garota loura com um bloco de apontamentos o que se passava, ela falou-me da gala de beneficência para as doenças cardíacas. Fui para casa e comi os meus feijões verdes, mas nessa noite, em vez de acender o televisor, tornei a apanhar o metro até à biblioteca, onde a gala para as doenças cardíacas estava agora em grande. Ouvi o «Satin Doll» a tocar lá dentro, ouvi risinhos e gritinhos e grandes

gargalhadas, vi aproximadamente um cento de limusinas pretas e compridas e de carros pretos um pouco mais pequenos parados ao longo do passeio, e meditei no facto de nada mais do que uma série de átomos e moléculas combinadas de um modo particular de maneira a formarem algo que é conhecido como *muro de pedra* existir entre mim e aquelas pessoas que estavam dentro da biblioteca pública, a dançarem ao som de uma secção de metais que era bastante fraca em matéria de saxofone tenor. Mas aconteceu uma coisa esquisita enquanto eu os ouvia: senti dor. Não na cabeça, nem no braço, nem na perna; em todo o lado ao mesmo tempo. Disse para mim mesmo que não havia diferença entre estar «lá dentro» e estar «cá fora», que tudo isso se resumia a xis e ós que podiam ser adquiridos de muitas maneiras diferentes, mas a dor cresceu ao ponto de eu pensar que poderia desfalecer, e fui-me embora dali a coxear.

Tal como todas as experiências falhadas, aquela ensinou-me algo que eu não esperava: um ingrediente-chave da chamada experiência é a ilusória fé em que ela seja única e especial, em que os que estão incluídos nela são uns privilegiados e os que estão excluídos dela perdem alguma coisa. E eu, como se fosse um cientista que inadvertidamente inalasse os fumos tóxicos da proveta que tinha ao lume no laboratório, fora, por *mera proximidade física*, infectado por essa mesma ilusão, e no meu estado drogado acabara por acreditar que tinha sido Excluído: condenado a ficar de pé e a tremer do lado de fora da biblioteca pública na esquina da Quinta Avenida e da rua 42, sempre e por todo o sempre, a imaginar os esplendores do interior.

Dirigi-me à secretária da rececionista ruiva, balouçando o meu peixe em ambas as mãos. Os sucos começavam a pingar através do papel. «Isto é um peixe», disse-lhe eu.

Ela pôs a cabeça de lado, uma expressão no rosto como se de repente me tivesse reconhecido. «Ah», disse ela.

«Diga ao Bennie que não tarda nada que isto comece a cheirar mal.»

Tornei a sentar-me. Os meus «vizinhos» na sala de espera eram um homem e uma mulher, ambos da persuasão corporativa. Senti que eles se distanciavam de mim. «Eu sou músico», disse-lhes, em jeito de apresentação. «Slide guitar.»

Não responderam.

Por fim o Bennie veio cá fora. Parecia apumado. Parecia em forma. Tinha umas calças pretas e uma camisa branca abotoada no pescoço, mas sem gravata. Percebi pela primeira vez uma coisa quando olhei para aquela camisa: percebi que as camisas caras tinham melhor aspeto do que as camisas baratas. Não é que o tecido fosse brilhante, não – se fosse brilhante era barato. Mas reluzia, como se houvesse luz a sair de dentro dele. Era uma camisa bonita como o caralho, é isso que eu estou a dizer.

«Scotty, pá, como é que isso vai?», disse o Bennie, dando-me uma calorosa palmadinha nas costas enquanto trocávamos um aperto de mão. «Desculpa ter-te deixado à espera. Espero que a Sasha tenha tratado bem de ti.» Ele fez um gesto na direção da miúda com que eu estivera a lidar, cujo sorriso despreocupado se poderia traduzir como: *Oficialmente ele já não é problema meu.*

Atirei-lhe uma piscadela de olho cuja tradução exata era: *Não tenhas tanta certeza, querida.*

«Anda, vamos para o meu gabinete», disse o Bennie. Tinha o braço dele à volta dos meus ombros e ia a conduzir-me por um corredor.

«Espera aí – esqueci-me!», gritei eu, e corri até lá atrás para ir buscar o peixe. Quando tirei o saco de cima da mesa de café esguichou um pouco dos sucos do peixe por um dos cantos, e os tipos corporativos puseram-se os dois de pé num salto como se aquilo fosse algum alarme nuclear. Olhei para a «Sasha», esperando vê-la a procurar abrigo, mas ela estava a olhar para aquilo tudo com um ar a que eu teria de chamar divertido.

O Bennie esperou por mim no corredor. Notei, com satisfação, que a pele dele ficara mais morena desde os tempos do liceu. Eu já tinha lido acerca disso: a nossa pele vai escurecendo gradualmente devido à acumulação de todos aqueles anos de luz do sol, e a do Bennie fizera isso a um ponto em que chamar-lhe caucasiano já seria um exagero.

«Às compras?», perguntou-me ele, olhando para o meu embrulho.

«À pesca», disse-lhe eu.

O gabinete do Bennie era impressionante, e não digo isso naquele sentido adolescente da malta do *skateboard* – digo isso no sentido antigo e literal. A secretária era oval, gigantesca e de um preto retinto, com uma superfície que até parecia molhada, como têm os pianos mais caros. Fez-me lembrar um ringue de patinagem preto. Por detrás da secretária não havia mais nada a não ser vista – a cidade inteira espalhava-se diante de nós da mesma maneira que os vendedores de rua espalham as suas mantas cheias de relógios e de cintos

luzidios e baratos. Era assim que Nova Iorque parecia: uma coisa bonita e fácil de se ter, até para mim. Fiquei parado do lado de dentro da porta, a segurar o meu peixe. O Bennie deu a volta até ao outro lado da secretária oval, preta e molhada. Parecia nem ter fricção, e que se fizéssemos deslizar uma moeda sobre aquela superfície ela avançaria até à borda e cairia ao chão. «Senta-te aí, Scotty.»

«Espera», disse-lhe eu. «Isto é para ti.» Cheguei-me à frente e pousei com jeitinho o peixe em cima da secretária dele. Senti que estava a depor uma oferenda num santuário shinto no topo da mais alta montanha do Japão. Estava embasbacado com aquela vista.

«Tu estás a dar-me um peixe?», disse o Bennie. «Isso é um peixe?»

«Um robalo riscado. Apanhei-o hoje de manhã no rio Oriental.»

O Bennie olhou para mim como se estivesse à espera de instruções para se rir.

«Não está tão poluído como as pessoas pensam», disse-lhe eu, sentando-me numa pequena cadeira preta, uma das duas que estavam em frente da secretária do Bennie.

«Leva-o para casa e come-o!», disse-lhe eu.

O Bennie sorriu o seu pacífico sorriso, mas não fez qualquer movimento para pegar no peixe. Ótimo, pensei, vou comê-lo eu.

A minha cadeira preta parecera desconfortável – antes de me sentar nela eu até tinha pensado, Esta vai ser uma daquelas cadeiras infernais que nos faz doer o rabo antes de o porem dormente. Mas era sem dúvida a cadeira mais confortável em que eu já me sentara, mais confortável até do que o sofá de couro da sala de espera.

O sofá tinha-me posto a dormir – esta cadeira estava a fazer-me levitar.

«Fala lá comigo, Scotty», disse o Bennie. «Tens alguma gravação de demonstração que queres que eu ouça? Tens algum álbum, uma banda? Canções que queiras ver produzidas? Desabafa.»

Ele estava encostado à parte da frente do losango preto, com os tornozelos cruzados – uma daquelas poses que aparenta ser muito relaxada mas na verdade é muito tensa. Quando levantei os olhos para ele, apercebi-me de diversas coisas, todas elas numa espécie de cascata: (1) O Bennie e eu já não éramos amigos, nem jamais voltaríamos a ser. (2) Ele estava a querer livrar-se de mim o mais depressa possível e da maneira menos incómoda. (3) Eu já sabia que isso iria acontecer. Já o sabia antes de ali ter chegado. (4) Fora esse o motivo por que viera visitá-lo.

«Scotty? Ainda aí estás?»

«Então», disse-lhe eu. «Agora és um tipo todo importante, e toda a gente quer alguma coisa de ti.»

O Bennie voltou outra vez para a cadeira da sua secretária e sentou-se ali a olhar-me de braços cruzados, numa pose que parecia menos relaxada do que a primeira, mas na verdade até era mais. «Vá lá, Scotty», disse-me ele. «Tu de repente escreves-me uma carta, agora apareces no meu escritório – estou a pensar que não vieste cá só para me trazeres um peixe.»

«Não, isso foi um presente», disse-lhe eu. «Vim cá por este motivo: quero saber o que aconteceu entre A e B.»

O Bennie pareceu ficar à espera de mais.

«O A é quando nós estávamos os dois na banda, e andávamos atrás da mesma miúda. O B é agora.»

Percebi instantaneamente que fizera bem em levantar o tema da Alice. Eu dissera algo em sentido literal, sim, mas por baixo disso dissera mais qualquer coisa: nós os dois éramos uns merdosos, e agora só eu é que sou merdoso; porquê? E por baixo disso, mais qualquer coisa: quem merdoso é, merdoso será sempre. E no mais fundo de tudo: Tu é que andavas atrás dela. Mas ela quis-me a mim.

«Fartei-me de trabalhar», disse o Bennie. «Foi isso que aconteceu.»

«Tal e qual.»

Olhámo-nos de um para o outro lado da secretária preta, o trono do poder do Bennie. Houve um estranho e longo silêncio, e durante esse silêncio eu senti-me a puxar o Bennie de volta - ou talvez fosse ele que me puxava a mim - de volta a São Francisco, onde éramos dois dos quatro Dildos Flamejantes, e o Bennie um dos piores baixistas que se podiam ouvir, um miúdo com pele morena e pelos nas mãos, e o meu melhor amigo. Senti um frémito de raiva tão violento que até fiquei tonto. Fechei os olhos e imaginei-me a atirar-me ao Bennie por cima daquela secretária e a arrancar-lhe a cabeça, tirando-lha do colarinho daquela bela camisa branca como se ela fosse uma erva protuberante com umas longas raízes emaranhadas. Imaginei-me a transportá-la até à moderna sala de espera, pegando-lhe por aqueles cabelos hirsutos, e a deixá-la cair em cima da secretária da Sasha.

Levantei-me da cadeira, mas nesse mesmo instante o Bennie também se levantou - pôs-se de pé num pulo, diria eu, pois quando olhei para ele já estava levantado.

«Importas-te que olhe pela tua janela?», perguntei-lhe.

«Claro que não.» Ele não parecia estar com medo, mas a mim cheirou-me que estava. Vinagre: é a isso que cheira o medo.

Fui até à janela. Fingi ver as vistas, mas tinha os olhos fechados.

Ao fim de um bocado, senti que o Bennie se tinha chegado mais perto de mim. «Continuas a fazer música, Scotty?», perguntou-me ele baixinho.

«Tento», disse-lhe eu. «Sobretudo sozinho, só para me entreter.» Consegui abrir os olhos, mas não para olhar para ele.

«Tu eras espantoso naquela guitarra», disse-me ele. Depois perguntou «Estás casado?»

«Divorciado. Da Alice.»

«Eu sei», disse ele. «O que eu quis dizer foi se voltaste a casar-te.»

«Durou quatro anos.»

«Lamento muito, pá.»

«Talvez fosse o melhor», disse eu. Depois virei-me para olhar o Bennie. Ele estava em pé, de costas para a janela, e eu pensei se ele alguma vez se daria ao trabalho de olhar lá para fora, se ter tanta beleza a curta distância significaria algo para ele. «Então e tu?», perguntei-lhe.

«Casado. Um filho com três meses.» Ele sorriu então – um sorriso evasivo, embaraçado, ao pensar no seu menino, como se soubesse que não merecia tanto. E por detrás do sorriso do Bennie o medo continuava lá: de que eu o tivesse perseguido para lhe arrebatam essas dádivas que a vida lhe atirara para cima, para lhas tirar em meia dúzia de enfáticos segundos. Isso deu-me vontade de lhe gritar a rir: *Ouve lá, «pá», não estás a perceber? Não há nada que tu tenhas e que eu não tenha! É tudo xis e ós,*

*e pode-se chegar a eles de um milhão de maneiras diferentes.* Mas dois pensamentos me desconcertavam enquanto eu ali estava, a cheirar o medo do Bennie: (1) Eu não tinha o que o Bennie tinha. (2) Ele estava certo.

Em vez disso, pensei na Alice. Isso era uma coisa que eu quase nunca me permito fazer - só pensar nela, contrariamente a pensar em *não* pensar nela, que era o que eu fazia quase constantemente. A ideia da Alice irrompeu em mim, e eu deixei que ela se difundisse até ver o cabelo dela ao sol - dourado, o cabelo dela era dourado - e cheirar aqueles óleos que ela costumava aplicar nos pulsos com um conta-gotas. Patchouli? Musgo? Não conseguia lembrar-me dos nomes. Via o rosto dela com todo o amor ainda lá, sem raiva, sem medo - nenhuma das tristes coisas que eu aprendi a fazê-la sentir. *Anda cá para dentro*, disse o rosto dela, e eu fui. Por um instante, fui lá para dentro.

Olhei para a cidade lá em baixo. A sua extravagância parecia um desperdício, como o petróleo jorrante ou qualquer outra coisa preciosa que o Bennie estivesse a açambarcar para si próprio, gastando-a toda para que mais ninguém pudesse ter alguma. Pensei: se eu tivesse uma vista como esta para olhar todos os dias, teria energia e inspiração para conquistar o mundo. O problema é que, quando nós mais precisamos de uma vista dessas, ninguém no-la oferece.

Inspirei demoradamente e virei-me para o Bennie. «Saúde e felicidade para ti, irmão», disse-lhe eu, e sorri-lhe pela primeira e única vez: deixei os meus lábios abrirem-se e esticarem-se para trás, coisa que raramente faço porque me faltam a maior parte dos dentes em ambos os lados. Como os dentes que eu tenho são grandes e brancos, aquelas falhas negras tornam-se uma

verdadeira surpresa. Vi o espanto na cara do Bennie quando ele reparou nisso. E logo de repente senti-me forte, como se algum equilíbrio houvesse entrado na sala e todo o poder do Bennie – a secretária, a vista, a cadeira levitante – de súbito me pertencesse. O Bennie também sentiu isso. O poder é assim; toda a gente o sente ao mesmo tempo.

Virei-lhe as costas e encaminhei-me para a porta, ainda a sorrir. Sentia-me leve, como se vestisse a camisa branca do Bennie e a luz estivesse a sair de dentro dela.

«Ouve, Scotty, espera aí», disse o Bennie, parecendo abalado. Voltou lá atrás, à secretária dele, mas eu continuei a andar, com o meu sorriso a abrir caminho até ao corredor e de regresso à zona da receção onde a Sasha estava sentada, os meus sapatos sussurrando sobre o tapete com cada passo lento e digno. O Bennie apanhou-me e estendeu-me um cartão de visita: um papel sumptuoso, com letras gravadas em relevo. Parecia uma preciosidade. Peguei nele com muito cuidado. «Presidente», li eu.

«Vai dando notícias, Scotty», disse o Bennie. Parecia desorientado, como se já tivesse esquecido como aparecera eu ali; como se ele próprio me tivesse convidado e eu estivesse a ir-me embora prematuramente. «Se tiveres alguma música que queiras que eu ouça, manda-ma.»

Não consegui resistir a uma última olhadela à Sasha. Os olhos dela estavam sérios, quase tristes, mas continuava a ostentar a bandeira do seu bonito sorriso. «Cuide de si, Scotty», disse-me ela.

Já fora do edifício, fui direito ao marco de correio de onde remetera a minha carta ao Bennie alguns dias antes. Verguei o pescoço e olhei para o alto da torre de

vidro verde, tentando contar-lhe os andares até ao quarenta e cinco. E só então reparei que as minhas mãos estavam vazias – tinha deixado o meu peixe no gabinete do Bennie! Achei isso hilariante, e ri-me em voz alta, ao imaginar os dois tipos corporativos a sentarem-se nas cadeiras levitantes diante da secretária do Bennie, um deles a pegar no saco pesado e húmido e depois a reconhecer aquilo – *Oh, Cristo, é o peixe daquele sujeito* – e a largá-lo, revoltado. E o que faria o Bennie?, pensei eu, enquanto caminhava devagar até ao metro. Livrar-se-ia do peixe ali mesmo e de uma vez por todas, ou guardá-lo-ia no frigorífico do escritório, levando-o para casa nessa noite, para a sua mulher e o seu filhinho, aos quais falaria da minha visita? E se chegasse a esse ponto, seria possível que ele viesse a abrir o saco e a olhar lá para dentro, só por desfastio?

Eu esperava que sim. Sabia que ele iria ficar espantado. Era um peixe bonito e luzidio.

Não me senti bem durante a maior parte do resto desse dia. Tenho muitas dores de cabeça por causa dos danos oculares que sofri quando era miúdo, e a dor é tão intensa que até projeta imagens vivas e lancinantes. Nessa tarde, deitei-me na cama, fechei os olhos, e vi um coração em chamas suspenso nas trevas, a emitir luz em todas as direções. Não era um sonho, porque não acontecia nada. O coração estava ali pendurado.

\*\*\*

Como tinha ido para a cama ao fim da tarde, bem antes da alvorada já estava a pé, fora do meu apartamento e por baixo da Ponte de Williamsburg, com a linha dentro do rio Oriental. O Sammy e o Dave

apareceram pouco depois. O Dave, a bem dizer, não se preocupava muito com os peixes – estava ali para ver as mulheres da East Village nas suas corridinhas matinais, antes de irem para as aulas na Universidade de Nova Iorque, ou para o emprego numa boutique, ou lá como é que as miúdas da East Village ocupam os seus dias. O Dave queixava-se dos sutiãs de corrida que elas usavam, e que não saltavam o suficiente para que ele se sentisse satisfeito. O Sammy e eu quase nem o ouvíamos.

Nessa manhã, quando o Dave começou a queixar-se, senti uma certa inclinação para falar. «Sabes, Dave», disse-lhe eu, «eu cá acho que a ideia é essa.»

«Qual ideia?»

«Que os peitos delas *não* saltem», disse-lhe eu. «Magoa-as. Por isso é que usam os sutiãs de corrida.»

Ele lançou-me um olhar cauteloso. «Desde quando é que te tornaste um especialista?»

«A minha mulher costumava correr», disse-lhe eu.

«Costumava? Queres dizer que ela desistiu?»

«Desistiu de ser minha mulher. Provavelmente continua a correr.»

Estava uma manhã serena. Ouvi o lento *pop, pop* das bolas de ténis nos courts por detrás da Ponte de Williamsburg. Para além dos corredores e dos tenistas, normalmente havia alguns *junkies* ao pé do rio no princípio da manhã. Eu procurava sempre um casal em particular, um homem e uma mulher com uns blusões de cabedal que lhes chegavam às ancas, umas pernas fininhas e uns rostos arruinados. Tinham de ser músicos. Eu já saíra do jogo há muito tempo, mas era capaz de detetar um músico em qualquer lado.

O sol ergueu-se, grande, brilhante e redondo, como um anjo levantando a cabeça. Eu jamais o vira brilhar

tanto por ali. Caiu prata sobre a água. Apeteceu-me saltar para dentro dela e nadar. Poluição? pensei eu. Deem-me mais disso. E depois reparei na rapariga. Detetei-a na minha visão periférica porque ela era pequena e corria com umas passadas altas, saltitantes, que eram diferentes das das outras. Tinha um cabelo castanho-claro, e quando a luz do sol embatia nele acontecia algo que era imperdível. Rumpelstiltskin, pensei eu. O Dave estava de boca aberta a olhar para ela, e até o Sammy se virou para trás, mas eu continuei de olhos postos no rio, a ver se havia algum puxão na linha. Vi a rapariga sem ter de olhar para ela.

«Ouve lá, Scotty», disse-me o Dave, «acho que a tua mulher passou por aqui a correr.»

«Sou divorciado», disse-lhe eu.

«Está bem, mas era ela.»

«Não», disse-lhe eu. «Ela vive em São Francisco.»

«Talvez seja a tua próxima mulher», sugeriu o Sammy.

«É a *minha* próxima mulher», disse o Dave. «E sabem qual é a primeira coisa que eu lhe hei de ensinar? Não as prendas. Deixa-as *saltar*.»

Olhei para a linha que tremeluzia ao sol. A minha sorte fora-se embora; já sabia que não iria pescar nada. Daí a pouco tinha de estar no emprego. Enrolei a linha e comecei a caminhar para norte, à beira do rio. A rapariga já ia muito adiante, com o cabelo sacudindo-se a cada passo. Segui-a, mas a uma distância tal que não ia a segui-la, realmente. Estava só a andar na mesma direção. Os meus olhos estavam tão presos a ela que nem reparei no casal de *junkies* senão quando estes já quase tinham passado por mim. Estavam enroscados um no outro, com aquele ar macilento e sedutor que os

jovens têm durante algum tempo, até ficarem apenas macilentos. «Olá», disse eu, atravessando-me no caminho deles.

Já nos devíamos ter visto uns aos outros umas vinte vezes, ali junto ao rio, mas o tipo apontou os seus óculos escuros para mim como se nunca me tivesse visto antes, e a rapariga nem sequer me olhou. «Vocês são músicos?», perguntei eu.

O tipo virou-se para o outro lado, para me afastar. Mas a rapariga levantou os olhos. Os olhos dela pareciam crus, esfolados, e até pensei se o sol lhe faria mal, e porque é que o namorado ou o marido ou lá o que ele fosse não lhe dava os óculos dele. «Ele é espantoso», disse-me ela, usando a palavra naquele sentido dos adolescentes que praticam *skateboard*. Ou talvez não, pensei eu. Talvez ela estivesse a usar aquilo literalmente.

«Acredito em ti», disse-lhe eu. «Acredito que ele seja um músico espantoso.»

Meti a mão no bolso da camisa e tirei o cartão de visita do Bennie. Eu tinha usado um Kleenex para o retirar do casaco de ontem e o colocar na camisa de hoje, tendo o cuidado de não o dobrar, vergar ou sujar. Aquelas letras gravadas em relevo faziam-me lembrar uma moeda romana. «Telefonem a esse homem», disse-lhe eu. «Ele dirige uma editora discográfica. Digam-lhe que foi o Scotty que vos enviou.»

Eles olharam os dois para o cartão, piscando os olhos sob a oblíqua luz do sol.

«Telefonem-lhe», disse eu. «Ele é meu amigo.»

«Claro», disse o tipo, sem convicção.

«Espero mesmo que lhe telefonem», disse eu, mas sentindo-me impotente. Só podia fazer aquilo uma vez; nunca mais voltaria a ter aquele cartão.

Enquanto o tipo analisava o cartão, a rapariga olhou para mim. «Ele vai telefonar», disse ela, e a seguir sorriu: uns dentes pequenos e bem ordenados, daqueles com que se fica depois de usar um aparelho. «Eu faço com que ele telefone.»

Disse-lhe que sim, e virei costas, deixando os *junkies* para trás. Caminhei para norte, obrigando os meus olhos a verem tão longe quanto eles pudessem. Mas a corredora já desaparecera enquanto eu olhara para outro lado.

«Ouça», ouvi eu atrás de mim, duas vezes desgrenhadas. Quando me voltei, eles disseram-me «Obrigado», os dois ao mesmo tempo.

Já há muito tempo que ninguém me agradecia alguma coisa. «Obrigado», disse eu, para mim mesmo. Disse-o uma e outra vez, querendo guardar no espírito o som exato daquelas vozes, sentir de novo o impacto da surpresa no meu peito.

Haverá alguma qualidade do cálido ar primaveril que faça os pássaros cantarem mais alto? Fiz essa pergunta a mim mesmo enquanto atravessava a FDR pelo viaduto pedonal até à Sexta Rua Oriental. As flores começavam a despontar nas árvores. Estuguei o passo debaixo delas, cheirando-lhes o polvorento pólen enquanto me apressava a chegar ao apartamento. Queria ir deixar o casaco na limpeza a seco no caminho para o trabalho - andava a querer fazer isso desde ontem. Tinha deixado o casaco todo amarrotado no chão, ao lado da cama, e iria levá-lo lá assim, todo usado. Atirá-lo-ia para cima do balcão, muito casualmente, desafiando a rapariga a dizer-me que não. Mas como poderia ela?

*Andei por uns sítios, e preciso do meu casaco limpo,* dir-lhe-ia eu, como outra pessoa qualquer. E ela pô-lo-ia

novo outra vez.



**B**

7

A a B

I

STEPHANIE E BENNIE TINHAM VIVIDO EM CRANDALE durante um ano antes de serem convidados para uma festa. Não era um local que acolhesse com facilidade os estranhos. Eles sabiam disso quando para lá foram e não se haviam importado - tinham os seus próprios amigos. Mas aquilo extenuava Stephanie mais do que ela esperara, ir deixar Chris ao jardim de infância, acenar ou sorrir a uma qualquer mãe louca que tirava os seus louros filhos do monovolume ou do Hummer, e obter como resposta um sorriso franzido, inquisitivo, cuja tradução parecia ser: *Mas quem é você afinal?* Como poderiam elas não o saber, ao fim de meses de quotidianos avistamentos mútuos? Eram umas presumidas, ou umas idiotas, ou ambas as coisas, dizia para si mesma Stephanie, que ficava porém inexplicavelmente destroçada pela frieza delas.

Durante esse primeiro inverno na vila, a irmã de um dos artistas de Bennie apadrinhara a inscrição deles como membros do Clube de Campo de Crandale. Após um processo um nadinha mais árduo do que um pedido de cidadania, tinham sido admitidos em finais de junho. Chegaram ao clube no primeiro dia trazendo os seus

fatos de banho e toalhas, sem perceberem que o CCC (como era conhecido) providenciava as suas próprias toalhas monocromáticas para reduzir a cacofonia das cores ao redor da piscina. No vestiário das senhoras, Stephanie passou por uma das louras cujos filhos andavam na escola de Chris, e teve pela primeira vez direito a um verdadeiro «Olá», pois a aparição dela em dois locais distintos efetivara aparentemente uma qualquer triangulação que Kathy exigia como prova de se ser alguém. Era assim que ela se chamava: Kathy. Stephanie já sabia isso desde o início.

Kathy transportava uma raqueta de ténis. Usava um minúsculo vestido branco, por baixo do qual se vislumbravam uns calções de ténis, pouco maiores do que umas cuecas. As prodigiosas gravidezes dela não lhe haviam deixado quaisquer marcas no peito raso e nos bíceps bem bronzeados. O seu reluzente cabelo estava apanhado num rabo de cavalo bem subido, e as madeixas rebeldes presas por uns travessões dourados.

Stephanie vestira o fato de banho e fora ter com Bennie e Chris ao pé da cafetaria. Enquanto ali estavam sem saberem o que fazer, agarrados às suas toalhas coloridas, Stephanie reconheceu um distante *toc, toc* de bolas de ténis. O som induzira nela um devaneio de nostalgia. Tal como Bennie, ela vinha de nenhures, mas de um nenhures de tipo diferente – o dele era o nenhures urbano de Daly City, na Califórnia, onde os seus pais haviam trabalhado até ao ponto da ausência total enquanto uma cansada avó criava Bennie e as quatro irmãs dele. Stephanie, porém, vinha de um nenhures suburbano do Midwest, e por lá havia um clube cuja cafetaria servia uns hambúrgueres finos e gordurosos em vez de *salade niçoise* com atum acabado de grelhar,

como esta, mas onde se jogava ténis nuns courts já estalados pelo sol, e onde Stephanie atingira uma certa notoriedade por volta dos treze anos. Desde então não voltara a jogar.

No final desse primeiro dia, entorpecidos pelo sol, tinham ido tomar duche, tornado a vestir as suas roupas, e depois tinham-se sentado num terraço de lajedo onde um pianista debitava melodias inofensivas num reluzente instrumento vertical. O sol começava a pôr-se. Num relvado das proximidades o Chris deu de caras com duas meninas da turma dele no jardim de infância. Bennie e Stephanie beberam uns gins tónicos e olharam para os pirilampos. «Portanto é assim», dissera Bennie.

Tinham ocorrido a Stephanie uma série de respostas possíveis: alusões ao facto de eles ainda não conhecerem ninguém; as suas suspeitas de que não haveria ninguém que valesse a pena conhecerem. Mas deixara-as passar. Fora Bennie que escolhera Crandale, e lá no fundo Stephanie compreendia porquê: eles já tinham voado em jatos privados até ilhas que pertenciam a estrelas do rock, mas aquele clube de campo era a maior distância que Bennie jamais percorrera desde a sua avó olheiranta em Daly City. No ano anterior vendera a companhia discográfica dele; que melhor maneira haveria para assinalar o sucesso do que ir morar para um sítio a que não se pertencia?

Stephanie pegara na mão de Bennie e beijara-lhe o nó de um dedo. «Talvez compre uma raqueta de ténis», disse-lhe ela.

O convite para a festa chegou três semanas depois. O anfitrião, um gestor de capitais de risco conhecido por Duck, convidara-os após ter sabido que fora o Bennie quem descobrira os Conduits, o grupo rock preferido de

Duck, e editara os álbuns deles. Stephanie fora encontrá-los aos dois em animada conversa junto da piscina quando voltava da sua primeira aula de ténis. «Do que eu gostava era que eles voltassem a reunir-se», almejava Duck. «O que é que aconteceu àquele guitarrista cheio de tiques?»

«O Bosco? Continua a gravar», dizia Bennie com alguma reserva. «O novo álbum dele vai sair daqui a poucos meses: chama-se *A a B*. O trabalho a solo dele é mais intimista.» Deixou de fora a parte em que Bosco se havia tornado obeso, alcoólico e canceroso. Era o amigo mais velho que eles tinham.

Stephanie empoleirara-se no alto da cadeira de esplanada de Bennie, afogueada porque tinha jogado bem, os efeitos dela continuavam intactos, o serviço dela cortantemente claro. Reparara numa ou duas cabeças louras que se haviam demorado junto ao court a verem, e orgulhara-se de ser tão diferente daquelas mulheres: o seu cabelo curto e escuro e a tatuagem de um polvo minoico num dos tornozelos, os seus diversos anéis bojudos. Embora também fosse verdade que tinha ido comprar um vestido de ténis para a ocasião, justo e branco, com uns calçõesinhos brancos por baixo: o primeiro traje branco que Stephanie possuía na sua idade adulta.

Durante o cocktail, avistara Kathy – quem mais? – do outro lado de uma área muito povoada do terraço. Enquanto Stephanie pensava se mereceria de novo um verdadeiro olá ou se seria relegada para um contrito sorriso de *Como está?*, Kathy olhara para ela e começara a caminhar na sua direção. Fizeram-se as apresentações. O marido de Kathy, Clay, vestia uns calções de algodão riscado e uma camisa Oxford cor-de-rosa, conjunto que

teria parecido irónico num outro tipo de pessoa. Kathy vinha em tom marinho clássico, que combinava com o azul vívido dos seus olhos. Stephanie sentira o olhar de Bennie a pousar em Kathy e sentira-se ficar tensa – um espasmo residual de inquietação que passara tão depressa quanto a atenção dele (estava agora a falar com Clay). O cabelo louro de Kathy estava solto, ainda preso por travessões nos lados. Stephanie pensara ociosamente quantos travessões colocaria aquela mulher ao longo da semana.

«Vi-te no court», disse Kathy.

«Já há algum tempo que não jogava», disse Stephanie. «Ando agora a recomeçar.»

«Um dia destes devíamos juntar-nos.»

«Claro», dissera Stephanie casualmente, mas sentira o sangue a pulsar-lhe nas faces, e quando Clay e Kathy se afastaram ela tinha sido acometida por uma tontura que a envergonhara. Fora a vitória mais frívola da sua vida.

## II

Daí a alguns meses, qualquer um teria dito que Stephanie e Kathy eram amigas. Tinham um encontro de ténis marcado duas manhãs por semana, e tornaram-se bem-sucedidas parceiras de equipa num campeonato de pares levado a cabo pelo clube, onde defrontavam outras mulheres louras com pequenos vestidos de ténis que vinham de localidades próximas. Havia na vida delas uma simetria cómoda que atingia até os seus nomes – Kath e Steph, Steph e Kath – e os seus filhos, que frequentavam a mesma turma da primeira classe. Chris e

Colin, Colin e Chris; entre todos os nomes em que Stephanie e Bennie tinham pensado enquanto ela estava grávida - Xanadu, Peek-a-boo, Renaldo, Grilo - como teriam eles acabado por escolher o único que se fundia insensivelmente na inócua gama dos nomes de Crandale?

O elevado estatuto de Kathy na hierarquia das louras locais permitiu a Stephanie um acolhimento fácil e neutral, um estatuto protegido que até absorveu o seu cabelo escuro e curto e as suas tatuagens; ela era diferente mas aceitável, isenta das ferozes arranhadelas que prosseguiam entre algumas das outras. Stephanie nunca teria dito que *gostava* de Kathy; Kathy era uma republicana, uma daquelas pessoas que usavam a imperdoável frase «estava destinado a ser» - normalmente quando descreviam a sua própria boa sorte ou os desastres que se haviam abatido sobre outrem. Ela pouco sabia acerca da vida de Stephanie - certamente teria ficado embasbacada se soubesse, por exemplo, que aquele repórter de celebridades que surgira há uns anos nos títulos dos jornais por atacar Kitty Jackson, a jovem estrela de cinema, enquanto a entrevistava para a revista *Details*, era o irmão mais velho de Stephanie, Jules. De vez em quando Stephanie punha-se a pensar se a amiga dela saberia mais do que ela julgava; *Eu sei que tu nos detestas*, imaginava ela Kathy a pensar, e *nós detestamos-te também, e agora que já resolvemos isso, vamos lá dar cabo daquelas cabras de Scarsdale*. Stephanie adorava o ténis com uma agressão predatória que a deixava meio embaraçada; sonhava com as chamadas à linha e com as jogadas de revés. Kathy continuava a ser melhor jogadora, mas a margem ia diminuindo, facto que parecia estimulá-las e diverti-las a

ambas. Enquanto parceiras e oponentes, mães e vizinhas, Steph e Kath combinavam muitíssimo bem. O único problema era Bennie.

Ao princípio Stephanie nem tinha acreditado quando ele lhe contara, no verão a seguir à invasão – o segundo que eles passaram em Crandale – que sentia que as pessoas olhavam para ele de uma maneira esquisita ao pé da piscina. Ela julgara que ele se referisse a mulheres que admirassem aquele feixe de músculos bronzeados por cima dos calções de banho dele, aqueles seus grandes olhos escuros, e retorquira «Desde quando é que tens problemas por olharem para ti?»

Mas não era disso que Bennie estava a falar, e não tardou que Stephanie também sentisse aquilo: uma certa hesitação ou interrogação acerca do seu marido. Era algo que não parecera incomodar Bennie profundamente; já lhe tinham perguntado «Que nome é esse, Salazar?» vezes suficientes para que a vida dele estivesse razoavelmente imune ao ceticismo quanto às suas origens e raça, e ele aperfeiçoara um arsenal de encantos para obliterar esse ceticismo, especialmente nas mulheres.

Em meados desse segundo verão, num outro cocktail fomentado pelos fundos de risco, Bennie e Stephanie deram por eles a conversarem, bem como Kathy e Clay (o Cartolina, como eles lhe chamavam em segredo) e alguns outros, com Bill Duff, um congressista local que viera de uma reunião com o Conselho de Relações Externas. O tema era a presença da Al Qaeda na zona de Nova Iorque. Havia operacionais presentes, confidenciara Bill, especialmente nos municípios dos arredores, possivelmente em comunicação uns com os outros (Stephanie notara que o pálido sobrolho de Clay se

erguera de súbito, e que a cabeça dele sofrera um súbito e estranho estremeção, como se tivesse água num ouvido), mas a questão era: até que ponto seria forte a relação deles com a nave-mãe – e aí Bill rira-se – porque qualquer tarado cheio de ressentimentos podia dizer que era da Al Qaeda, mas se não tivesse dinheiro, nem treino, nem apoios (Clay tivera outro rápido estremeção na cabeça, e depois piscara os olhos na direção de Bennie, à sua direita), então não fazia sentido empenhar recursos...

Bill parara a meio da frase, claramente perplexo. Um outro casal metera-se na conversa, e Bennie pegara em Stephanie pelo braço e tinham-se afastado dali. Os olhos dele pareciam plácidos, quase sonolentos, mas a força com que a apertava magoara-lhe o pulso.

Tinham saído da festa pouco depois. Bennie pagara à ama do menino, uma rapariga de dezasseis anos com a alcunha de Scooter, e fora levá-la a casa. Já estava de volta antes que Stephanie tivesse olhado para o relógio e refletido em como Scooter era bonita. Ouvira-o ligar o alarme contra intrusos; e a seguir ele fizera um estrondo no piso de cima que até obrigara Sylph, o gato, a ir refugiar-se debaixo da cama, aterrorizado. Stephanie saíra a correr do quarto e encontrara Bennie no alto das escadas. «Mas o que é que estou a fazer aqui, foda-se?», gritara ele.

«Chiu. Olha que vais acordar o Chris.»

«Isto é uma parada de horrores!»

«Aquilo foi feio», disse ela, «embora o Clay seja um extrem...»

«Tu estás a *defendê-los*?»

«Claro que não. Mas ele é só um tipo.»

«Tu pensas que as pessoas todas daquele grupo não sabiam o que se estava a passar?»

Stephanie teve medo de que isso pudesse ser verdade – saberiam, todos eles? Quis que Bennie não pensasse nisso. «Isso é completamente paranoico. Até Kathy diz...»

«Outra vez! Olha para ti!»

Ele postara-se no alto das escadas com os punhos cerrados. Stephanie fora ter com ele e abraçara-o, e Bennie descontraiu-se contra ela, quase a deitando ao chão. Mantiveram-se abraçados um ao outro até que a respiração dele abrandara. Stephanie disse baixinho, «Vamos mudar de casa.»

Bennie dera um passo atrás, estarrecido.

«Estou a falar a sério», disse ela. «Estou-me a cagar para esta gente. Foi uma experiência, não foi? Mudarmos para um lugar destes.»

Bennie não lhe respondeu. Olhara ao redor deles para os soalhos, cujos róseos padrões de madeira ele próprio polira de gatas, por não confiar em ninguém a quem pudessem pagar um trabalho tão minucioso; para as vidraças da porta do quarto deles, que ele passara semanas a escavar com uma lâmina de barba para lhe retirar camadas de tinta; para os nichos da escada acerca dos quais ele matutara, colocando lá dentro uns objetos atrás dos outros e ajustando as luzes. O pai dele tinha sido eletricista; Bennie sabia iluminar qualquer coisa.

«*Eles* que se mudem», dissera ele. «Esta casa é minha, foda-se.»

«Ótimo. Mas se chegarmos a esse ponto, estou só a dizer-te que podemos ir embora. Amanhã. Daqui a um mês. Daqui a um ano.»

«Eu quero morrer aqui», dissera Bennie.

«Jesus», dissera Stephanie, momento esse em que tinham sido tomados por um súbito e irreprimível riso que não tardou a tornar-se histérico, os dois dobrados em cima do soalho, a dizerem um ao outro para não fazer barulho.

Portanto tinham ficado. Depois disso, quando Bennie via Stephanie a calçar os ténis brancos pela manhã, dizia-lhe «Vais jogar com as fascistas?» Stephanie sabia que ele queria que ela desistisse, que renunciasse àquela parceria com Kathy em protesto contra o preconceito e a idiotice do Cartolina. Mas Stephanie não tinha intenção alguma de desistir. Se eles iam viver num sítio cuja vida social girava ao redor de um clube de campo, com certeza que ela iria manter boas relações com a mulher que lhe garantira uma fácil assimilação. Não tinha vontade nenhuma de ser uma excluída, como Noreen, a sua vizinha do lado direito, que tinha uns maneirismos estridentes e usava uns óculos escuros descomunais, cujas mãos tremiam violentamente - devido à medicação, presumia Stephanie. Noreen tinha três filhos, adoráveis e ansiosos, mas nenhuma das mulheres falava com ela. Era um fantasma. Não, muito obrigado, pensara Stephanie.

No outono, quando o tempo arrefeceu, ela começou a marcar os seus jogos de ténis para o final do dia, quando Bennie não estava em casa para vê-la trocar de roupa. Agora que ela trabalhava por conta própria para a empresa de relações públicas La Doll's, marcando as reuniões em Manhattan como mais lhe convinha, isso era fácil. Era ligeiramente enganador, claro, mas somente por omissão - para proteger Bennie de um conhecimento que o incomodava. Stephanie jamais negava ter ido jogar

se ele lhe perguntasse. E além disso, não tinha ele cometido a sua porção de enganar ao longo dos anos? Não estava ele a dever-lhe alguns?

### III

Na primavera seguinte, o irmão mais velho de Stephanie, Jules, obteve a liberdade condicional no Instituto Correccional de Attica e foi viver com eles. Estivera ausente cinco anos, o primeiro na Ilha de Rikers, a aguardar julgamento por tentativa de violação de Kitty Jackson, e os outros quatro após a acusação de violação ter sido retirada (a pedido de Kitty Jackson) e ele ter sido condenado por sequestro e agressão agravada – escandaloso, uma vez que a candidata a estrela fora com Jules para o Central Park de livre vontade e não sofrera qualquer dano. Na verdade, ela acabara por testemunhar a favor da *defesa*. Mas o procurador distrital persuadira o júri de que o apoio dado por Kitty a Jules era uma versão da síndrome de Estocolmo. «O facto de ela insistir em proteger este homem constitui mais uma prova de como ele a feriu profundamente...» lembrava-se Stephanie de o ouvir recitar no julgamento do irmão, ao qual ela assistira durante dez agonizantes dias, tentando mostrar-se animada.

Na prisão, Jules parecera retomar a compostura que tão espetacularmente perdera nos meses anteriores ao ataque. Começara a tomar medicação para a sua doença bipolar e reconciliara-se com o fim do seu noivado. Editara um jornal semanal na prisão, e a cobertura que fizera sobre o impacto do 11 de Setembro nas vidas dos reclusos merecera-lhe uma menção honrosa no Programa

de Escrita Prisional do PEN. Jules fora autorizado a ir receber o prémio a Nova Iorque, e tanto Bennie como Stephanie e os pais dela tinham chorado durante o comovido discurso de aceitação que ele então fizera. Dedicara-se ao basquetebol, encolhera a barriga, e superara milagrosamente o seu eczema. Parecia pronto, finalmente, a retomar a carreira de jornalismo sério cuja prossecução o trouxera para Nova Iorque havia mais de vinte anos. Quando a comissão de liberdade condicional autorizara a sua libertação antecipada, Stephanie e Bennie tinham-se disposto alegremente a albergá-lo enquanto ele se recompunha.

Mas agora, dois meses após a chegada de Jules, havia-se instalado uma sinistra situação. Ao princípio ele tinha ido a algumas entrevistas que abordara num estado de terror transpirante, mas das quais nada resultara. Jules gostava imenso de Chris e, enquanto Chris estava na escola, passava horas a montar vastas cidades com microscópicas peças de Lego para o surpreender logo que ele voltasse a casa. Mas, com Stephanie, o irmão dela mantinha uma distância sardónica, parecendo assistir às suas fúteis correrias (esta manhã, por exemplo, enquanto eles os três corriam para a escola e para o trabalho) com irónica perplexidade. O cabelo dele andava despenteado e a cara parecia sumida, afundada, de uma maneira que atormentava Stephanie.

«Vais de carro para a cidade?», perguntou Bennie, enquanto ela enfiava os pratos do pequeno-almoço no lava-louças.

Ela não ia de carro para lá – por enquanto. Como o tempo estava a ficar mais quente, tinha retomado os seus jogos matinais de ténis com Kathy. Mas descobrira

uma nova e engenhosa maneira de furtar esses jogos à atenção de Bennie; guardava os sapatos brancos no clube, de manhã vestia-se para o trabalho, dava-lhe um beijo de despedida, e a seguir ia até ao clube trocar de roupa e jogar. Stephanie minimizava esse engano tornando a mentira puramente cronológica; se Bennie lhe perguntasse onde ia, ela citava sempre uma reunião que efetivamente teria lugar mais ao final do dia, para que se à noite ele lhe perguntasse como tinha corrido, ela lhe pudesse responder honestamente.

«Tenho uma reunião com o Bosco às dez», disse ela. Bosco era o único artista do rock de cujas relações públicas ela ainda tratava. Na verdade a reunião seria às três.

«O Bosco, antes do meio-dia?», perguntou Bennie. «Isso foi ideia dele?»

Stephanie viu instantaneamente o seu erro; Bosco passava as noites numa bruma alcoólica; as hipóteses de ele estar consciente às dez da manhã eram nulas. «Penso que sim», disse ela, e o ato de mentir na cara do seu marido causou-lhe uma formiguenta vertigem. «Mas tens razão. É esquisito.»

«É assustador», disse Bennie. Deu a Stephanie um beijo de despedida e encaminhou-se para a porta com Chris. «Telefonas-me depois de o veres?»

Nesse momento, Stephanie soube que iria cancelar o seu jogo com Kathy – deixar Kathy especada, em suma – e conduzir até Manhattan para se reunir com Bosco às dez. Não havia outra saída.

Quando eles se foram embora, Stephanie sentiu a tensão que sempre parecia surgir quando ficava a sós com Jules, as suas perguntas sem resposta quanto aos planos e calendário dele a embaterem silenciosamente

na armadura que ele tinha contra elas. Para além de montar Legos, era difícil saber-se o que fazia Jules durante o dia inteiro. Por duas vezes Stephanie chegara a casa e encontrara o televisor do seu quarto sintonizado num canal pornográfico, e isso deixara-a tão incomodada que pedira a Bennie que levasse o televisor sobressalente para o quarto de hóspedes, onde dormia Jules.

Subiu ao piso de cima e deixou uma mensagem de voz no telemóvel de Kathy, para cancelar o jogo. Quando regressou à cozinha, Jules estava a espreitar pela abertura do balcão de pequeno-almoço. «O que é que se passa com a tua vizinha?», perguntou ele.

«A Noreen?», disse Stephanie. «Achamos que ela é maluca.»

«Ela está a fazer qualquer coisa ao pé da tua vedação.»

Stephanie foi à janela. Era verdade; viu o rabo de cavalo muito oxigenado de Noreen - como se fosse uma caricatura das colorações subtilmente naturais de todas as outras - a mover-se para cima e para baixo ao lado da vedação. Os gigantescos óculos de sol pretos que ela usava davam-lhe o ar de desenho animado de uma mosca ou de um extraterrestre. Stephanie encolheu os ombros, impacientando-se com o Jules por ele ter tempo para se fixar em Noreen. «Tenho de me despachar», disse-lhe ela.

«Dás-me uma boleia até a cidade?»

Stephanie sentiu um baquezinho no peito. «Claro», disse ela. «Tens alguma reunião?»

«Nem por isso. Mas apetece-me ir dar uma volta.»

Quando se encaminhavam para o carro, Jules olhou para trás e disse-lhe «Acho que ela está a espreitar-nos.

A Noreen. Através da vedação.»

«Não me surpreenderia.»

«E tu deixas isso continuar assim?»

«O que podemos nós fazer? Ela não está a magoarnos. Nem sequer está na nossa propriedade.»

«Ela podia ser perigosa.»

«Quem o diz é quem o é, não?»

«Isso não foi nada simpático», disse Jules.

Dentro do Volvo, Stephanie enfiou no leitor de CD uma prova preliminar do novo álbum de Bosco, *A a B*, por ter uma difusa noção de que isso a ajudaria a fortalecer o seu álibi. Os últimos álbuns de Bosco consistiam numas canções grunhidas ao som de um ukulele. Era só por amizade que Bennie continuava a publicar-lhas.

«Posso desligar isto?», perguntou Jules ao fim de duas canções, e a seguir fez isso mesmo antes que Stephanie tivesse respondido. «É com este que nós vamos ter?»

«Nós? Eu julgava que tu só querias uma boleia.»

«Deixas-me ir contigo?», perguntou Jules. «Por favor?»

Parecia humilde e sofredor: um homem sem sítio onde ir e nada para fazer. À Stephanie apeteceu-lhe gritar; seria isto algum castigo por ela ter mentido a Bennie? Nos últimos trinta minutos fora forçada a cancelar um jogo de ténis que estava a morrer por fazer, aborrecendo Kathy, a embarcar na inventada tarefa de visitar uma pessoa que ela tinha a certeza de ir encontrar inconsciente, e agora a levar consigo o seu desnorteado e hipercrítico irmão para este testemunhar o fracasso do álibi dela. «Não tenho a certeza de que isso seja muito divertido», disse-lhe ela.

«Não faz mal», dissera Jules. «Estou habituado a não me divertir.»

Pôs-se a olhar com algum nervosismo quando Stephanie saiu da via rápida do rio Hutchinson para a via rápida que atravessa o Bronx; estar dentro do carro parecia afligi-lo. Quando já haviam entrado em pleno no fluxo do trânsito, ele perguntou-lhe, «Andas a ter algum namoro?»

Stephanie ficou a olhar para ele. «Tu estás doido.»

«Olha para a estrada!»

«Porque é que estás a perguntar-me isso?»

«Andas enervada. Tanto tu como Bennie. Não era assim que eu me lembrava de vocês.»

Stephanie ficou transtornada. «O Bennie parece-te nervoso?» Os antigos temores ergueram-se nela muito depressa, como uma mão que lhe tolhesse a garganta, apesar da promessa feita por Bennie dois anos antes, quando ele fizera os quarenta, e do facto de ela não ter motivos para duvidar dele.

«Tu pareces, sei lá. Bem educada.»

«Comparada com as pessoas da prisão?»

Jules sorriu. «Está bem», disse ele. «Talvez seja do sítio. Crandale, Nova Iorque», disse ele, prolongando as palavras. «Aposto que está cheiinho de republicanos.»

«É mais ou menos meio por meio.»

Jules virou-se para ela, incrédulo. «Tu *convives* com republicanos?»

«Por vezes acontece, Jules.»

«Tu e o Bennie? A darem-se com *republicanos*?»

«Tens a noção de que estás a gritar?»

«Olha para a estrada!», berrou Jules.

Stephanie fez isso, com as mãos a tremer sobre o volante. Apetecia-lhe dar meia volta e levar o irmão

outra vez para casa, mas isso implicaria faltar à sua reunião inexistente.

«Eu vou-me embora por uns anos e a merda do mundo inteiro está virado às avessas», disse Jules raivosamente. «Prédios que desapareceram. Sempre que se vai ao gabinete de alguém fazem-nos uma revista corporal. Toda a gente parece andar pedrada, porque se põem a enviar mensagens de correio eletrónico enquanto conversam connosco. O Tom e a Nicole estão a viver com outras pessoas... E agora a minha irmã toda rock and roll e o marido dela andam a conviver com *republicanos*. Ora foda-se!»

Stephanie respirou fundo, para se acalmar. «Quais são os teus planos, Jules?»

«Já te disse. Quero ir contigo a essa reunião com este...»

«O que quero saber é o que vais tu *fazer*.»

Houve um longo silêncio. Por fim Jules disse, «Não faço ideia.»

Stephanie olhou-o de esguelha. Tinham virado para a Henry Hudson Parkway, e Jules ia a olhar para o rio, com o rosto desprovido de energia ou esperança. Ela sentiu em torno do coração uma contração de medo. «Quando vieste para Nova Iorque», disse-lhe ela, «há muitos anos, estavas cheio de ideias.»

Jules fungou. «Quem é que não o está, aos vinte e quatro anos?»

«O que eu quero dizer é que tinhas uma direção.»

Ele graduara-se pela Universidade do Michigan poucos anos antes. Uma das colegas de dormitório de Stephanie durante o seu primeiro ano na Universidade de Nova Iorque tivera de abandonar as aulas para se tratar da anorexia, e Jules ocupara o quarto da rapariga

durante três meses, percorrendo a cidade com um bloco de notas, desfazendo as festas na *Paris Review*. Quando a anorética regressara, já ele tinha arranjado um emprego na *Harper's*, um apartamento na esquina da rua 81 e da York, e três amigos para dividir a renda – dois dos quais eram agora editores de revistas. O terceiro fora galardoado com um Pulitzer.

«Eu não percebo, Jules», disse-lhe Stephanie. «Não percebo o que te aconteceu.»

Jules olhou impassivelmente para os reluzentes edifícios da Baixa de Manhattan. «Estou como a América», disse ele.

Stephanie virou-se no assento para melhor olhar para ele, enervada. «Mas do que estás tu a falar?», disse-lhe ela. «Deixaste de tomar os remédios?»

«Nós temos as mãos sujas», disse Jules.

#### IV

Stephanie estacionou num parque da Sexta Avenida, e ela e Jules abriram caminho até ao Soho entre multidões de pessoas que andavam às compras e transportavam sacos descomunais da Crate and Barrel. «Portanto. Afinal quem é esse tal Bosco?», perguntou Jules.

«Lembras-te dos Conduits? Ele era o guitarrista.»

Jules parou de andar. «É esse que vamos visitar? O Bosco dos Conduits? Aquele ruivo magrinho?»

«Sim, esse. Bom, mas está um bocadinho diferente.»

Viraram para sul na Wooster, dirigindo-se para a Canal. A luz do sol refletia-se no empedrado, libertando no espírito de Stephanie um pálido balão de memórias: a

sessão de fotografias para a capa do primeiro álbum dos Conduits naquela mesma rua, risos, nervosismo, Bosco a pôr pó nas suas sardas enquanto o fotógrafo esperava. Essa memória continuava a assolá-la quando tocou à campainha de Bosco e ficou à espera, pedindo em silêncio: *Por favor não estejas em casa por favor não atendas por favor.* Nesse caso pelo menos a parte charadística do dia teria chegado ao fim.

Nenhuma voz no intercomunicador, só um zumbido. Stephanie empurrou a porta para trás com uma desorientada noção de que talvez ela *tivesse mesmo* marcado o encontro com Bosco para as dez. Ou teria ela premido a campainha errada?

Entraram e chamaram o elevador. Este demorou bastante tempo a descer, gemendo dentro da sua caixa. «Essa coisa será saudável?», perguntou Jules.

«Se quiseres podes esperar cá em baixo.»

«Para de tentares ver-te livre de mim.»

Bosco estava irreconhecível enquanto escanzelado e arquejante praticante de um som do final dos anos oitenta algures entre o punk e o ska, cabeleira de ruiva loucura que fizera o Iggy Pop parecer indolente em cima do palco. Por mais de uma vez os donos dos clubes tinham chamado os serviços de emergência durante os concertos dos Conduits, convencidos de que Bosco estava a ter algum ataque.

Atualmente ele estava enorme - dos remédios, dizia ele, tanto os do pós-cancro como os antidepressivos - mas quando se olhava para o seu caixote de lixo quase sempre se via por lá uma embalagem de tamanho familiar e já vazia de gelado da Dreyer's Rocky Road. O cabelo ruivo dele mirrara num esqualido rabo de cavalo grisalho. Uma operação malsucedida à anca deixara-o

com o andar periclitante de um frigorífico em cima de um carrinho de mão, que o fazia alçar a barriga. Mesmo assim, estava acordado, vestido – e até barbeado. As cortinas do loft dele estavam erguidas e havia no ar uma ponta de humidade de chuveiro, agradavelmente entrecortada pelo cheiro do café acabado de fazer.

«Só te esperava às três», disse Bosco.

«Pensei que tínhamos combinado às dez», disse Stephanie, olhando para o interior da sua bolsa para evitar o olhar dele. «Será que me enganei nas horas?»

Bosco não era parvo; sabia que ela estava a mentir. Mas era curioso, e a curiosidade dele recaiu naturalmente em Jules. Stephanie apresentou-os.

«É uma honra», disse Jules gravemente.

Bosco averiguou se haveria nele sinais de ironia antes de lhe apertar a mão.

Stephanie empoleirou-se numa cadeira de armar junto do cadeirão de couro preto em que Bosco passava a maior parte do seu tempo. Estava colocado ao pé de uma janela encardida através da qual se via o rio Hudson, e até uma parte de Hoboken. Bosco trouxe café a Stephanie e depois iniciou uma estremecente imersão no seu cadeirão, que o sugou num aperto gelatinoso. Estavam a reunir-se para discutirem as ações de promoção do *A a B*. Agora que Bennie tinha de responder perante os seus patrões corporativos, não podia gastar um tostão com Bosco para além dos custos de produção e envio do seu CD. Por isso Bosco pagava a Stephanie por hora para esta ser sua agente de relações públicas e lhe fazer o agenciamento de concertos. Eram títulos sobretudo simbólicos; durante os dois últimos álbuns ele estivera demasiado doente para fazer grande coisa, e a

lassidão dele fora em geral igualada pela indiferença do mundo a seu respeito.

«Desta vez a história é completamente diferente», começou por dizer Bosco. «Desta vez vou obrigar-te a *trabalhar*, querida Stephanie. Este álbum vai ser o meu regresso.»

Stephanie pensou que ele estivesse a brincar. Mas ele susteve o olhar dela entre as dobras do couro preto.

«Regresso?», perguntou ela.

Jules tinha andado a deambular pelo loft, a olhar para os emoldurados álbuns de ouro e de platina dos Conduits que cobriam as paredes, para as poucas guitarras que Bosco não tinha vendido, e para a coleção de artefactos pré-colombianos dele, que os acumulava em imaculadas vitrinas de vidro e se recusava a vender. Ao ouvir a palavra «regresso», Stephanie sentiu a atenção do seu irmão despertar subitamente.

«O álbum chama-se *A a B*, não é?», disse Bosco. «E essa é a questão que quero atacar logo: como é que eu deixei de ser uma estrela do rock para passar a ser um cabrão dum gordo a quem ninguém liga nenhuma? Não vamos pôr-nos a fingir que isso não aconteceu.»

Stephanie estava demasiado espantada para lhe responder.

«Quero entrevistas, artigos, tudo o que houver», prosseguiu Bosco. «Encher a minha vida com essa merda. Vamos documentar as humilhações todas. A realidade é esta, não é? Vinte anos depois já não se tem bom aspeto, especialmente quando nos tiraram metade das tripas. O tempo é um brutamontes, não é? Não é essa a expressão?»

Jules tinha vindo ter com eles do outro lado da sala. «Nunca tinha ouvido essa», disse ele. «“O tempo é um

brutamontes”?»

«Tens alguma coisa contra isso?», disse-lhe Bosco, um pouco em jeito de desafio.

Houve uma pausa. «Não», disse Jules.

«Olha», disse Stephanie, «admiro a tua honestidade, Bosco...»

«Não me venhas com essa do “admiro a tua honestidade, Bosco”», disse-lhe ele. «Não me venhas com essa conversa de relações públicas.»

«Eu sou a tua agente de relações públicas», recordou-lhe Stephanie.

«Pois, mas não comeces a acreditar nessa merda», disse Bosco. «Já não tens idade para isso.»

«Estava a tentar ser bem-educada», disse Stephanie. «O fundamental é que ninguém se importa que a tua vida se tenha tornado um inferno, Bosco. Se pensas que isso é interessante, deves estar a brincar. Se ainda fosses uma estrela do rock poderia ser que sim, mas tu não és uma estrela do rock – és uma relíquia.»

«Isso foi *duro*», disse Jules.

Bosco riu-se. «Está chateada por eu lhe ter chamado velha.»

«É verdade», admitiu Stephanie.

Jules olhou para um e para a outra, pouco à vontade. Qualquer tipo de conflito parecia incomodá-lo.

«Olha», disse Stephanie, «eu posso dizer-te que esta ideia é grandiosa e inovadora e deixá-la morrer por si, ou posso ser franca contigo: é uma ideia ridícula. Ninguém se importa com isso.»

«Ainda não ouviste a ideia», disse-lhe Bosco.

Jules trouxe uma cadeira de armar e sentou-se nela. «Quero ir em digressão», disse Bosco. «Como

antigamente, tornar a fazer aquilo tudo em palco. Vou mexer-me como me mexia antes, só que mais.»

Stephanie pousou a caneca. Gostava que Bennie estivesse ali; só Bennie podia apreciar a profundidade do delírio que ela estava a presenciar. «Deixa-me esclarecer uma coisa», disse-lhe ela. «Queres fazer imensas entrevistas e artigos de imprensa acerca do facto de seres uma sombra envelhecida e decrépita da tua antiga pessoa. E a seguir queres fazer uma digressão...»

«Uma digressão nacional.»

«Uma digressão nacional, atuando em palco como se fosses essa antiga pessoa.»

«Bingo.»

Stephanie respirou fundo. «Vejo alguns problemas, Bosco.»

«Também pensei que os verias», disse ele, piscando o olho a Jules. «Então diz lá.»

«Bom, em primeiro lugar, encontrar alguém que escreva e se interesse por isto não vai ser fácil.»

«Eu estou interessado», disse Jules, «e escrevo.»

*Valha-me Deus*, quase disse Stephanie, mas refreou-se. Há muitos anos que ela não ouvia o irmão dizer que escrevia.

«Pronto, então tens um escritor interessado...»

«Ele fica com tudo», disse Bosco. Virou-se para Jules. «Tu ficas com tudo. Acesso total. Se quiseres até podes ver como é que eu cago.»

Jules engoliu em seco. «Vou pensar nisso.»

«Isto só para te dizer que não há limites.»

«Pronto», tornou a dizer Stephanie, «então tens...»

«Também me podes filmar», disse Bosco a Jules. «Podes fazer um documentário, se estiveres interessado.»

Jules começava a parecer assustado.

«Mas eu posso acabar de falar, foda-se?», perguntou Stephanie. «Tens quem te escreva essa história que não terá interesse para ninguém...»

«Tu acreditas que é esta a minha agente de relações públicas?» perguntou Bosco a Jules. «Achas que devia despedi-la?»

«Desejo-te boa sorte se encontrares mais alguém», disse Stephanie. «Agora, quanto à digressão.»

Bosco estava a rir-se, trancado no interior do seu glutinoso cadeirão que para qualquer outra pessoa se teria qualificado como um sofá. Ela sentiu por ele uma súbita piedade. «Arranjar concertos não vai ser fácil», disse-lhe ela em voz baixa. «Quero dizer, tu já não andas em digressão há uns tempos, não estás... Dizes que queres atuar como dantes, mas...» Bosco estava a rir-se na cara dela, mas Stephanie resistiu a isso. «Fisicamente não estás - quero dizer, a tua saúde...» Ela estava a bailar ao redor do facto de Bosco nem de longe ser capaz de atuar à sua maneira de antigamente, e de que tentar fazê-lo iria matá-lo - provavelmente mais cedo do que tarde.

«Mas tu não estás a perceber, Steph?», explodiu por fim Bosco. «A ideia é *mesmo* essa. Nós já sabemos como acaba, mas não sabemos quando, nem onde, nem quem lá estará quando finalmente acontecer. É uma Digressão Suicida.»

Stephanie começou a rir-se. A ideia pareceu-lhe inexplicavelmente engraçada. Mas de repente Bosco ficou sério. «Eu estou acabado», disse ele. «Estou velho, estou triste - e isso é nos dias bons. Quero sair desta confusão. Mas não quero apagar-me. Quero *arder* até ao fim - quero que a minha morte seja uma atração, um

espetáculo, um mistério. Uma obra de arte. Ora, minha menina das relações públicas», disse-lhe ele, reunindo as suas carnes pendentes e inclinando-se para ela, com os olhos a reluzirem-lhe na cabeça inchada, «tenta lá dizer-me que ninguém se irá interessar por isso. Olha que a televisão da realidade, raios a partam - não consegue ser mais real do que isso. O suicídio é uma arma; isso todos nós sabemos. E se ele fosse uma arte?»

Ficou a olhar ansiosamente para Stephanie: um homem grande e doente a quem restava uma ideia ousada, inflamado pela esperança de que ela a apreciasse. Houve um longo silêncio enquanto Stephanie tentava reunir as suas ideias.

Foi Jules que falou primeiro: «É de génio.»

Bosco olhou-o com ternura, comovido pelo seu próprio discurso e comovido por achar que Jules também ficara comovido.

«Olhem, rapazes», disse Stephanie. Tomou consciência de um pensamento perverso e fugidio em si mesma: Se aquela ideia tivesse, de alguma maneira, pernas para andar (o que quase de certeza não tinha - era louca, talvez ilegal, desagradável ao ponto de se tornar grotesca), então ela queria pôr um escritor *a sério* a trabalhar nela.

«Oh, na-na-não», disse-lhe Bosco, abanando um dedo como se ela tivesse proferido em voz alta essa ideia manhosa. Com suspiros e grunhidos e recusas das ajudas por eles propostas, alçou-se do cadeirão, que soltou pequenos rangidos de libertação, e cambaleou ao longo da sala. Dirigiu-se a uma secretária atravancada de objetos e apoiou-se nesta, arfando audivelmente. A seguir procurou papel e caneta.

«Diz-me lá outra vez, como é que tu te chamas?», disse ele.

«Jules. Jules Jones.»

Bosco escreveu durante vários minutos.

«Pronto», disse ele, procedendo depois a um laborioso retorno e entregando o papel a Jules. Jules leu-o em voz alta: «Eu, Bosco, são de espírito e de corpo, concedo por este meio a Jules Jones direitos únicos e exclusivos para cobrir mediaticamente a história do meu declínio e da Digressão Suicida.»

Os esforços de Bosco haviam-no deixado esgotado. Afundou-se na cadeira, esforçando-se por respirar, de olhos fechados. Bosco, o instrumentista demente com ar de espantinho, surgiu espectralmente, indecentemente, no espírito de Stephanie, a rejeitar aquele triste monstro que estava diante deles. Foi assolada por uma vaga de tristeza.

Bosco abriu os olhos e fitou Jules. «Aí tens», disse-lhe ele. «É teu.»

Durante o almoço, no jardim das esculturas do MoMA, Jules era um homem renascido: entusiasmado, espirituoso, a dar opiniões sobre o museu recentemente renovado. Fora direito à loja de lembranças e comprara uma agenda e uma caneta (ambas cobertas pelas nuvens de Magritte) para assentar o seu encontro com Bosco às dez horas da manhã seguinte.

Stephanie comeu a sua tortilha recheada de peru e olhou para a *Cabra* de Picasso, desejando poder partilhar da euforia do irmão. Isso parecia impossível, como se a excitação de Jules estivesse a ser aspirada do interior dela, deixando Stephanie vazia na exata medida em que

ele se sentia revigorado. Deu por si a desejar, de um modo inane, que não tivesse faltado ao jogo de ténis.

«O que é que se passa?», perguntou por fim o Jules, chupando o seu terceiro refresco de arando. «Pareces um bocado em baixo.»

«Não sei», disse Stephanie.

Ele inclinou-se para ela, o seu irmão mais velho, e Stephanie teve uma visão de como eles haviam sido quando crianças, um sentido quase físico de Jules enquanto seu protetor, seu guardião, a ir às partidas de ténis dela e a massajar-lhe as barrigas das pernas quando ela tinha cãibras. Esse sentimento ficara sepultado sob os caóticos anos que Jules vivera desde então, mas agora voltara à tona, quente e vital, enviando lágrimas para os olhos de Stephanie.

O irmão dela mostrou-se surpreendido. «Steph», disse-lhe ele, pegando-lhe na mão, «qual é o problema?»

«Sinto que está tudo a chegar ao fim», disse-lhe ela.

Ela estava a pensar nos dias de antigamente, como ela e Bennie lhe chamavam agora – não somente antes de Crandale, mas antes do casamento, antes de serem pais, antes do dinheiro, antes da renúncia às drogas duras, antes de qualquer tipo de responsabilidade, quando andavam ainda a deambular pelo Lower East Side com Bosco, a irem para a cama depois do nascer do sol, a aparecerem em casas de estranhos, a terem sexo quase em público, a participarem em atos arriscados que por mais de uma vez (no caso dela) tinham incluído injeções de heroína, porque nada daquilo era a sério. Eram novos, felizes e fortes – com que haveriam eles de preocupar-se? Se não gostavam do resultado, voltavam atrás e recomeçavam. E agora Bosco estava doente, mal conseguia mexer-se, e planeava febrilmente a sua morte.

Seria este resultado uma invulgar aberração das leis naturais, ou seria ele normal – uma coisa que eles deveriam ter visto chegar? Será que de algum modo o tinham provocado?

Jules colocou o braço à volta dela. «Se me tivesses perguntado isso hoje de manhã eu tinha-te dito que estávamos acabados», disse-lhe ele. «Todos nós, o país todo – a merda do mundo inteiro. Mas agora sinto o contrário.»

Stephanie sabia. Ela praticamente até conseguia ouvir a esperança que percorria o irmão. «Então qual é a resposta?», perguntou ela.

«Claro que está tudo a chegar ao fim», disse Jules, «mas não é para já.»

## V

Stephanie cumpriu a sua reunião seguinte, com um desenhador de umas pequenas bolsas em cabedal autêntico; depois ignorou um instinto de aviso e passou pelo escritório. A patroa dela, La Doll, estava ao telefone, como sempre, mas pôs a chamada em espera e gritou-lhe a partir do gabinete, «O que é que aconteceu?»

«Nada», disse Stephanie, estarrecida. Ainda estava no corredor.

«Correu tudo bem com o Homem das Bolsas?» La Doll mantinha-se constantemente a par dos horários dos seus empregados, mesmo dos que trabalhavam por conta própria, como Stephanie.

«Muito bem.»

La Doll concluiu o telefonema, tirou um *espresso* da máquina da Krups que tinha em cima da secretária para

o interior daquela chávina do tamanho de um dedal que parecia não ter fundo, e chamou-a, «Vem cá, Steph.»

Stephanie entrou no imponente gabinete da patroa. La Doll era uma daquelas pessoas que pareciam, mesmo a quem as conhecia bem, ter sido melhoradas digitalmente: o corte dos cabelos louros e luzidios; o batom predatório; o olhar errante, algorítmico. «Na próxima vez», disse ela, entalando brevemente a Stephanie no seu olhar, «cancela a reunião.»

«Desculpa?»

«Eu senti a tua tristeza desde o corredor», disse-lhe La Doll. «É como ter gripe. Não exponhas os clientes a isso.»

Stephanie riu-se. Conhecia a patroa desde há muito – há tempo suficiente para saber que ela falava absolutamente a sério. «Meu Deus, és mesmo uma cabra», disse-lhe ela.

La Doll soltou uma risada, já a marcar outro número de telefone. «É o meu fardo», disse-lhe ela.

Stephanie voltou de carro até Crandale (Jules tinha apanhado o comboio) para ir buscar Chris ao treino de futebol. Aos sete anos, o filho continuava disposto a lançar os seus braços ao redor de Stephanie ao fim de um dia de afastamento. Ela abraçou-o, aspirando-lhe o odor molhado do cabelo. «O tio Jules está em casa?» perguntou Chris. «Esteve a construir alguma coisa?»

«Na verdade, o tio Jules hoje foi trabalhar», disse-lhe ela, sentindo uma pontada de orgulho ao dizer essas palavras. «Esteve a trabalhar na cidade.»

As vicissitudes do dia haviam-se conjugado num único desejo avassalador de falar com Bennie. Stephanie já falara com Sasha, a assistente dele, na qual já há muito deixara de confiar como guardiã dos maus

comportamentos de Bennie, mas da qual passara a gostar nos últimos anos, desde que ele se reformara. Bennie telefonara-lhe já a caminho de casa, num engarrafamento de trânsito, mas por essa altura já Stephanie queria explicar-lhe tudo pessoalmente. Imaginara-se a rir-se com Bennie a respeito de Bosco e sentira evaporar-se a sua estranha infelicidade. Uma coisa ela sabia: iria deixar de lhe mentir acerca do ténis.

Bennie ainda não estava em casa quando ela e Chris chegaram. Jules apareceu com uma bola de basquetebol e desafiou Chris para um jogo à tabela, e foram os dois para ao pé da porta da garagem, que estremecia com as boladas deles. O sol começava a pôr-se.

Por fim Bennie chegou e foi direito ao chuveiro do piso de cima. Stephanie colocou umas pernas de frango congeladas dentro de água quente, para as amolecer, e depois foi atrás dele. O vapor saía da porta da casa de banho para o quarto deles, contorcendo-se sob os últimos raios de sol. Stephanie também sentiu vontade de tomar um duche – eles tinham um chuveiro duplo com uns manípulos feitos à mão, sobre cujo preço haviam discutido. Mas Bennie mostrara-se inflexível.

Descalçou os sapatos e desabotoou a blusa, atirando-a para cima da cama e das roupas de Bennie. O conteúdo dos bolsos dele estava espalhado sobre a pequena mesa de antiquário, onde o deixava sempre. Stephanie olhou para o que lá estava, um velho hábito que mantinha dos tempos em que vivia na suspeita. Moedas, invólucros de pastilha elástica, um talão de estacionamento. Quando se afastava, algo se lhe colou à planta do pé descalço. Tirou-o de lá – era um travessão de cabelo – e dirigiu-se para o cesto do lixo. Antes de o deixar cair dentro deste, olhou para o travessão: de um

dourado ligeiro e genérico, idêntico aos travessões que se encontrariam nos cantos de quase todas as casas das mulheres de Crandale. Exceto a sua.

Stephanie imobilizou-se, com o travessão na mão. Havia mil razões para que ele ali estivesse - uma festa a que tinham ido, amigas que poderiam ter vindo usar a casa de banho, a mulher da limpeza - mas Stephanie soube a quem ele pertencia como se o soubesse já, como se não estivesse a descobrir o facto mas a recordá-lo. Atirou-se para cima da cama em saia e sutiã, quente e a tremer, pestanejando sob o choque. Pois claro. Não era preciso imaginação nenhuma para ver como tudo havia convergido: a dor; a vingança; o poder; o desejo. Ele tinha ido para a cama com Kathy. Pois claro.

Stephanie tornou a vestir a blusa e abotoou-a cuidadosamente, segurando ainda o travessão. Entrou na casa de banho, procurando a forma ágil e morena de Bennie no meio do vapor e da água corrente. Ele nem a vira. E então ela parou, detida por uma sensação de assustadora familiaridade, de já saber tudo o que eles iriam dizer: o acidentado percurso entre a negação e o dilacerante pedido de desculpas de Bennie; da raiva até à aceitação magoada por parte dela. Ela julgara que eles nunca mais tornariam a fazer tal percurso. Acreditara mesmo nisso.

Saiu da casa de banho e atirou o travessão para o lixo. Desceu inaudivelmente as escadas da frente com os pés descalços. Jules e Chris estavam na cozinha, a beberem água do jarro Brita. A única coisa em que pensou foi em fugir dali, como se estivesse a levar uma granada ativa para fora de casa, de modo a que, quando ela explodisse, somente a destruísse a si.

Por cima das árvores o céu estava de um azul elétrico, mas o quintal parecia escuro. Stephanie foi até ao fundo do relvado e sentou-se ali, com a testa apoiada em cima dos joelhos. A relva e o solo ainda tinham o calor do dia. Queria chorar, mas não conseguia. O sentimento era demasiado profundo.

Deitou-se, enroscada para um lado em cima da relva, como se estivesse a proteger a parte danificada de si mesma, ou a tentar suster a dor que dali saía. Cada volta dos seus pensamentos lhe aumentava o sentimento de horror, a crença de que jamais poderia recuperar, de que já não dispunha de recursos para se amparar. Porque era esta vez pior do que as outras? Mas era-o.

Ouviu a voz de Bennie vinda da cozinha: «Steph?»

Levantou-se e cambaleou até um canteiro de flores. Ela e Bennie tinham-no semeado juntos: gladiolos, lírios, jasmims. Ouviu os caules estalando sob os seus pés, mas nem olhou para baixo. Foi até junto da vedação e ajoelhou-se no meio da terra.

«Mãe?» A voz de Chris, vinda lá de cima. Stephanie tapou os ouvidos.

Então veio uma outra voz, tão perto de Stephanie que ela a ouviu através das suas mãos. Falara-lhe num sussurro: «Então olá.»

Demorou algum tempo a separar essa voz nova, e próxima, das que estavam no interior da casa. Não sentiu medo algum, somente uma espécie de entorpecente curiosidade. «Quem está aí?»

«Sou eu.»

Stephanie percebeu que tinha os olhos fechados. Abriu-os então e espreitou através das pranchas da vedação. Entre as sombras distinguiu o alvo rosto de Noreen a espreitar do lado de lá. Ela tinha tirado os

óculos de sol; Stephanie distinguiu vagamente uns olhos irrequietos. «Olá, Noreen», disse ela.

«Gosto de me vir sentar neste sítio», disse Noreen.

«Eu sei.»

Stephanie queria ir-se embora, mas parecia não conseguir mover-se. Tornou a fechar os olhos. Noreen não falou, e enquanto os minutos passavam ela pareceu sumir-se na insistente brisa e no zumbido dos insetos, como se a própria noite estivesse viva. Stephanie ficou ali enroscada na terra durante muito tempo, ou durante o que ela sentia ser muito tempo - talvez fosse somente um minuto. Ficou ajoelhada até começarem de novo a chamar por ela - também Jules, com a sua voz assustada a balouçar entre a escuridão. Por fim pôs-se de pé. Quando se endireitou, sentiu aquela coisa dolorosa acomodar-se dentro de si. Os joelhos tremeram sob esse peso novo, desajeitado.

«Boa noite, Noreen», disse ela quando começou a encaminhar-se outra vez através das flores e dos arbustos em direção à casa.

«Boa noite», ouviu ela debilmente.

## VENDENDO O GENERAL

A PRIMEIRA GRANDE IDEIA DE DOLLY FOI O CHAPÉU. Escolheu um em azul esverdeado, difuso, com umas abas para tapar as grandes orelhas do general que pareciam uns alperces secos. Aquelas orelhas nem se podiam ver, pensou Dolly, e o melhor era ficarem tapadas.

Quando viu a fotografia do general no *Times* alguns dias depois, quase se engasgou com o seu ovo escalfado: ele parecia um bebé, um grande bebé doente com um bigode gigantesco e um duplo queixo. O título não poderia ter sido pior:

ESTRANHO CHAPÉU DO GENERAL B FOMENTA  
RUMORES DE CANCRO  
CRESCER A INQUIETAÇÃO LOCAL

Dolly pôs-se em pé na sua sórdida cozinha e efetuou uma frenética meia volta, entornando o chá por cima do roupão. Olhou desvairadamente para a fotografia do general. E percebeu então: os atilhos. Eles não tinham cortado os atilhos por baixo do chapéu tal como ela lhes dissera para fazerem, e um grande arco indistinto por baixo daquele duplo queixo do general era desastroso.

Dolly correu descalça até ao seu quarto/ /escritório e começou a folhear as páginas do fax, tentando localizar a mais recente sequência de números para onde deveria telefonar de maneira a entrar em contacto com Arc, o capitão para as relações humanas do general. O general movia-se muito, para evitar o assassínio, mas Arc era meticuloso no envio dos faxes a Dolly com a sua informação de contacto atualizada. Esses faxes chegavam normalmente por volta das três da manhã, acordando Dolly e por vezes a filha dela, Lulu. Dolly nunca mencionava esse incómodo; o general e a equipa dele viviam na impressão de que ela era a principal agente de relações públicas de Nova Iorque, uma mulher cujo aparelho de fax deveria estar situado num gabinete de esquina com uma vista panorâmica da cidade de Nova Iorque (como na verdade o estivera durante muitos anos), e não a vinte centímetros de distância do sofá-cama em que dormia. Dolly só podia atribuir o equívoco deles a algum artigo já datado que lhes tivesse chegado às mãos vindo da *Vanity Fair*, da *InStyle* ou da *People*, onde Dolly havia sido descrita e retratada sob o nome que nessa época usava: La Doll.

O primeiro telefonema do acampamento do general tinha chegado mesmo a tempo; Dolly acabara de empenhar as suas últimas joias. Ficava a rever textos para livros até às duas da manhã, dormia até às cinco, e depois oferecia conversação telefónica bem-educada a candidatos à anglofonia em Tóquio, até serem horas de ir acordar Lulu e preparar-lhe o pequeno-almoço. E tudo isso mal chegava para manter Lulu na Escola de Meninas de Miss Rutger. Muitas vezes as três horas de sono de Dolly eram gastas em espasmos de preocupação com a ideia da próxima conta monstruosa da explicadora.

E então Arc telefonara-lhe. O general queria uma avença em exclusivo. Queria reabilitação, simpatia americana, um fim para as tentativas de assassínio por parte da CIA. Se Khadafi conseguira fazê-lo, porque não ele? Dolly pensara seriamente se o excesso de trabalho e a falta de sono lhe estariam a causar alucinações, mas estabelecera o seu preço. Arc começara a tomar nota dos dados da conta bancária dela. «O general presumiu que os seus honorários fossem mais elevados», dissera ele, e se Dolly tivesse conseguido falar nesse momento, ter-lhe-ia dito, *Essa é a minha avença semanal, homem, não é a minha avença mensal, ou então Ouça, eu não lhe dei a fórmula que permite calcular o verdadeiro preço, ou Isso é só pelas duas semanas do período de experiência até eu decidir se quero trabalhar consigo.* Mas Dolly nem conseguira falar. Estava a chorar.

Quando a primeira prestação lhe aparecera na conta bancária, o alívio de Dolly fora tão imenso que quase obliterara a minúscula e ansiosa voz que murmurava dentro dela: *O teu cliente é um ditador genocida.* Dolly já antes trabalhara com gente merdosa, como Deus sabia; se não aceitasse aquele trabalho, alguém ficaria com ele; ser-se agente de relações públicas não obriga a fazer juízos sobre os clientes – todas essas desculpas estavam alinhadas em formação, prontas a serem utilizadas caso essa pequena voz dissidente reunisse coragem para ganhar volume. Mas ultimamente, Dolly nem sequer conseguia ouvi-la.

Agora, enquanto se afadigava sobre o seu tapete persa já desfiado à procura dos mais recentes números de telefone do general, o telefone tocou. Eram seis horas da manhã. Dolly esticou-se, rezando para que o sono de Lulu não fosse perturbado.

«Estou?» Mas ela sabia quem era.

«Não estamos contentes», disse Arc.

«Eu também não», disse Dolly. «Vocês não cortaram os...»

«O general não está contente.»

«Arc, escute. Vocês têm de cortar os...»

«O general não está contente, Menina Peale.»

«Ouça o que eu lhe estou a dizer, Arc.»

«Ele não está contente.»

«Isso é porque... olhe, pegue numa tesoura...»

«Ele não está contente, Menina Peale.»

Dolly calou-se. Tinha havido ocasiões em que, ao escutar aquele sedoso tom monocórdico de Arc, ficara certa de ter ouvido um requebro de ironia no contorno das palavras que fora instruído a dizer-lhe, como se estivesse a falar com ela em código. Fez-se então um prolongado silêncio. Dolly falou muito suavemente. «Arc, pegue numa tesoura e corte os atilhos do chapéu. Não pode haver nada que faça um arco por baixo do queixo do general.»

«Ele já não vai usar esse chapéu.»

«Ele *tem* de usar o chapéu.»

«Ele não vai usá-lo. Recusa-se.»

«Corte-lhe os atilhos, Arc.»

«Chegaram até nós certos rumores, Menina Peale.»

Ela sentiu uma pontada no estômago. «Rumores?»

«De que você já não estava “por cima”, como em tempos estive. E agora o chapéu não deu resultado.»

Dolly sentiu as forças negativas acercando-se de si. Ali parada, com o trânsito da Oitava Avenida a passar-lhe por baixo da janela, os dedos enfiados no cabelo frisado que parara de pintar e deixara tornar-se mais comprido e

grisalho, sentiu a pontada de uma qualquer profunda urgência.

«Eu tenho inimigos, Arc», disse ela. «Tal como o general.»

Ele não disse nada.

«Se vocês derem ouvidos aos meus inimigos, não consigo fazer o meu trabalho. Agora pegue lá nessa caneta bonita que eu lhe vejo no bolso sempre que a sua fotografia aparece no jornal e escreva o seguinte: *Cortar os atilhos do chapéu. Eliminar o arco. Pôr o chapéu mais para a parte de trás da cabeça do general, de maneira a que algumas madeixas do cabelo dele se vejam à frente.* Faça isso, Arc, e vamos ver o que acontece.»

Lulu entrara na sala e estava a esfregar os olhos, vestida com o pijama cor-de-rosa. Dolly olhou para o relógio, viu que a filha acabara de perder meia hora de sono, e experimentou um pequeno colapso interno ao imaginar Lulu a sentir-se cansada na escola. Pôs os braços ao redor dos ombros da filha. Lulu acolheu esse abraço com o porte régio que lhe era característico.

Dolly já se esquecera de Arc, mas ele falou então pelo telefone que ela tinha no pescoço: «Vou fazer isso, Menina Peale.»

\*\*\*

Passaram-se várias semanas até que a fotografia do general tornasse a aparecer. O chapéu estava agora puxado para trás e os atilhos tinham desaparecido. O título dizia:

EXTENSÃO DOS CRIMES DE GUERRA DE B  
PODE ESTAR EXAGERADA,

## MOSTRAM AS NOVAS PROVAS

Era do chapéu. Ele parecia mais afável com o chapéu. Como é que um homem com um chapéu naquele tom de azul poderia ter usado ossos humanos para pavimentar as estradas?

La Doll havia deparado com a ruína na Véspera de Ano Novo de há dois anos, durante uma muitíssimo antecipada festa que fora projetada, pelos comentadores de pendor histórico-cultural que ela achara valer a pena convidar, de maneira a rivalizar com o Baile a Preto e Branco de Truman Capote. A Festa, chamava-se ela, ou a Lista. Como em: *Será que ele está na lista?* Uma festa para celebrar – o quê? Em retrospectiva, Dolly nem sabia ao certo: o facto de os americanos jamais terem sido tão ricos, apesar da turbulência que agitava o mundo? A Festa tinha anfitriões nominais, todos eles famosos, mas a verdadeira anfitriã, como toda a gente sabia, era La Doll, que tinha mais conhecimentos e mais acessos e mais magia do que todas aquelas pessoas combinadas. E La Doll cometera um erro muito humano – ou assim se tentara reconfortar à noite, quando as memórias do seu fracasso ardiavam nela como um tição em brasa, fazendo-a contorcer-se no sofá-cama e beber brandy pela garrafa – ela pensara que como conseguia fazer uma coisa muito, muito bem (nomeadamente, reunir as melhores pessoas na mesma sala e na mesma ocasião), também conseguiria fazer igualmente bem outras coisas. Como o design. E La Doll tivera uma visão: de uns tabuleiros enormes, translúcidos, com óleo e água, suspensos por baixo de uns pequenos focos luminosos e vivamente coloridos, cujo calor faria esses líquidos opostos girarem,

borbulharem e rodopiarem. Imaginara as pessoas a esticarem os pescoços para olharem lá para cima, encantadas com aquelas formas líquidas inconstantes. E de facto elas tinham olhado lá para cima. Tinham-se maravilhado com os tabuleiros iluminados; La Doll vira-as fazer isso a partir de uma pequena cabina que havia mandado construir lá no alto e de um dos lados, de modo a ter uma vista panorâmica da sua proeza. A partir daí, fora ela a primeira a notar que, à medida que se aproximava a meia-noite, algo parecia estar a correr mal com os tabuleiros translúcidos que sustentavam a água e o óleo: estavam a encurvar-se um pouco - não estavam? Estavam a pender das suas correntes como se fossem umas sacas e a *derreterem-se*, por outras palavras. E então tinham começado a ruir, a caírem, a desprenderem-se e a desabarem, atirando óleo escaldante para cima das cabeças de todas as pessoas fascinantes do país, e de alguns outros países também. Ficaram queimadas, marcadas, aleijadas no sentido em que umas cicatrizes em forma de lágrima na testa de uma estrela de cinema ou umas pequenas falhas de cabelo na cabeça de um negociante de arte ou de uma manequim, ou de uma outra pessoa geralmente fabulosa, constituem um aleijão. Mas algo se apagara em La Doll enquanto ela estava ali, longe do óleo a ferver: nem chamara os serviços de emergência. Ficara de boca aberta, imóvel e descrente, enquanto os seus convidados guinchavam, tropeçavam e cobriam as cabeças, arrancavam dos corpos as roupas quentes e ensopadas e rastejavam pelo chão como aquelas pessoas nas pinturas dos retábulos medievais cujas terrenas luxúrias as condenaram ao inferno.

As acusações posteriores - de que ela fizera aquilo de propósito, de que era uma sádica que ficara ali a deleitar-se enquanto as pessoas sofriam - foram na verdade mais terríveis, para La Doll, do que a visão daquele óleo a cair impiedosamente sobre as cabeças dos seus quinhentos convidados. Nessa altura ela estivera protegida pelo casulo do estado de choque. Mas o que se seguiu teve de ser testemunhado por ela em estado lúcido: eles odiavam-na. Morriam por se verem livres dela. Era como se ela nem fosse humana, mas um rato, ou um inseto. E conseguiram. Mesmo antes de ter de cumprir a sua pena de seis meses por negligência criminosa, antes da ação cível coletiva que resultara na distribuição de todo o seu património (o qual nunca fora tão vasto como parecia) em pequenas parcelas pelas vítimas, La Doll acabara. Fora eliminada. Saíra da cadeia com quinze quilos e cinquenta anos a mais, uns cabelos grisalhos e desgrenhados. Ninguém a reconhecia, e o mundo em que ela habitara passara brevemente a vaporizar-se - agora até os ricos acreditavam que eram pobres. Após alguns jocosos títulos e fotografias da sua nova e arruinada condição, esqueceram-se dela.

Deixaram Dolly sozinha para que ela refletisse nos seus erros de cálculo - e não apenas os mais óbvios, relativos à temperatura a que derrete o plástico e à distribuição mais adequada do peso nas correntes de suporte. O erro mais profundo dela fora anterior a tudo isso: não prestara atenção a uma mudança sísmica - concebera um evento para cristalizar uma era que já tinha passado. Para uma agente de relações públicas, não podia haver maior fracasso. Ela merecia o seu oblívio. De vez em quando, Dolly dava por si a pensar que tipo de evento ou de convergência *viria* a definir o

novo mundo em que ela se achava, tal como fizera a festa do Capote, ou o Woodstock, ou o septuagésimo aniversário do Malcolm Forbes, ou a festa da revista *Talk*. Não fazia ideia. Perdera o seu poder de julgar; caberia a Lulu e à geração dela decidirem.

Quando os títulos relacionados com o general B. já se haviam amenizado em definitivo, quando foram mostradas várias das testemunhas que o acusavam a receberem dinheiro da oposição, Arc tornou a telefonar-lhe. «O general paga-lhe todos os meses uma quantia», disse ele. «Isso não é só por uma ideia.»

«Foi uma boa ideia, Arc. Você tem de admitir isso.»

«O general é impaciente, Menina Peale», disse ele, e Dolly imaginou-o sorrindo. «O chapéu já não é novidade.»

Nessa noite, o general surgiu a Dolly num sonho. O chapéu tinha desaparecido, e ele estava a encontrar-se com uma loura bonita do lado de fora de uma porta rotativa. A loura deu-lhe o braço e entraram os dois pela porta, apertados um contra o outro. Dolly teve então a consciência de estar ela própria no sonho, sentada numa cadeira, a ver o general e a amante dele, a pensar que ambos estavam a fazer um bom trabalho no desempenho dos seus papéis. Acordou em sobressalto, como se alguém a tivesse abanado. O sonho quase lhe escapara, mas Dolly apanhara-o, apertara-o contra o peito. Tinha compreendido: o general devia ser ligado a uma estrela de cinema.

Dolly saltou para fora do sofá-cama, com as suas pernas depiladas a cera a reluzirem sob a luz da rua que entrava por um estore partido. Uma estrela de cinema.

Alguém que fosse reconhecível, atraente – que melhor maneira haveria para humanizar um homem que parecia inumano? *Se ele é suficientemente bom para ela...* essa era uma linha de raciocínio. E também: *O general e eu temos gostos semelhantes: ela.* Ou então: *Ela deve achar excitante aquela cabeça triangular dele.* Ou até: *Como será que o general dança?* E se Dolly pudesse levar as pessoas a fazerem essa pergunta, os problemas de imagem do general estariam resolvidos. Não importava quantos milhares de pessoas ele tivesse chacinado – se a visão coletiva incluísse uma pista de dança, tudo o resto ficaria para trás.

Haviam inúmeras estrelas femininas caídas em desgraça que poderiam funcionar, mas Dolly pensava numa em particular: Kitty Jackson, que dez anos antes debutara como uma desengonçada e ginasticada combatente do crime em *Oh Baby, Oh*. A verdadeira fama de Kitty viera no ano seguinte, quando Jules Jones, irmão mais velho de uma das protegidas de Dolly, a atacara durante uma entrevista para a revista *Details*. O ataque e o julgamento tinham envolvido Kitty numa cintilante bruma de martírio. Por isso as pessoas se assustaram mais ainda, quando a bruma se evaporou, por acharem a atriz nitidamente alterada; desaparecera a ingénuo sem malícia que ela fora, e em seu lugar havia uma daquelas pessoas que «não estão para aturar merdas». A partir daí o mau comportamento de Kitty e a perda do seu estado de graça foram incessantemente catalogados nos tabloides: durante a rodagem de um *western*, ela despejara um saco de excrementos de cavalo na cabeça de um ator icónico; libertara diversos milhares de lémures num filme da Disney. Quando um produtor superpoderoso tentara levá-la para a cama,

telefonara à esposa dele. Já ninguém contratava Kitty, mas o público lembrar-se-ia dela – era o que importava a Dolly. E ela ainda só tinha vinte e oito anos.

Kitty não foi difícil de encontrar; ninguém despendia muita energia a escondê-la. Ao meio-dia, já Dolly tinha entrado em contacto com ela: uma fala ensonada, fumando ruidosamente. Kitty ouviu Dolly até ao fim, pediu-lhe que repetisse os generosos honorários que havia referido, e depois calou-se. Nessa pausa, Dolly detetou uma mistura de desespero e de suscetibilidade que ela já conhecia bem demais. Sentiu um estonteante ataque de piedade pela atriz, cujas opções se haviam reduzido a esta. Depois Kitty disse que sim.

Cantarolando para si própria, estimulada pelo *espresso* que fizera na sua velha máquina Krups, Dolly telefonou a Arc e expôs-lhe o seu plano.

«O general não aprecia os filmes americanos», foi a resposta de Arc.

«A quem é que isso interessa? Os *americanos* sabem quem ela é.»

«O general tem gostos muito particulares», disse Arc. «Não é flexível.»

«Ele não tem de lhe tocar, Arc. Ele não tem de falar com ela. O que ele tem de fazer é ficar ao lado dela para lhe tirarem umas fotografias. E tem de sorrir.»

«... Sorrir?»

«Tem de parecer contente.»

«O general raramente sorri, Menina Peale.»

«Ele usou o chapéu, não usou?»

Houve um demorado silêncio. Por fim Arc disse, «Você tem de acompanhar essa atriz. Depois veremos.»

«Acompanhá-la onde?»

«Aqui. Até nós.»

«Oh, Arc.»

«É uma exigência», disse-lhe ele.

Quando entrava no quarto de Lulu, Dolly sentia-se como a Dorothy ao acordar em Oz: era tudo a cores. Uma sombra rosada contornava o candeeiro de cima. Um tecido vaporoso e rosado pendia do teto. Havia princesas de róseas asas pintadas nas paredes: Dolly aprendera a fazer escantilhões numas aulas de pintura da cadeia e passara vários dias a decorar o quarto enquanto a Lulu estava na escola. Longos fios de contas cor-de-rosa pendiam do teto. Quando estava em casa, Lulu só saía do seu quarto para comer.

Ela fazia parte de uma rede de meninas da Escola de Miss Rutger, uma teia tão fina e tão assustadoramente íntima que nem o fracasso e a pena de prisão da mãe dela (durante a qual a avó de Lulu viera do Minnesota para tomar conta desta) conseguiam dissolvê-la. O que ligava aquelas meninas entre si não eram fios; eram cabos de aço. E Lulu era o poste em torno do qual se enrolavam esses cabos. Quando ouvia a filha a falar ao telefone com as amigas, Dolly ficava espantada com a autoridade dela; era ríspida quanto tinha de o ser, mas também afável. Gentil. Lulu tinha nove anos.

Estava sentada num cadeirão de enchimento, cor-de-rosa, a fazer os trabalhos de casa no computador portátil e a comunicar com as amigas pelo serviço de mensagens (desde o general, Dolly passara a pagar internet sem fios). «Olá, Dolly», disse Lulu, que deixara de tratar Dolly por «Mãe» quando esta saíra da prisão. Estreitou os olhos na direção da mãe como se tivesse dificuldade em distingui-la. E Dolly sentiu-se efetivamente uma incursão

a preto e branco naquele recesso de cor, uma refugiada vinda da imundície que o rodeava.

«Vou ter de fazer uma viagem de negócios», disse ela a Lulu. «Tenho de ir visitar um cliente. Pensei que quisesses ficar com uma das tuas amigas para não faltares às aulas.»

A escola era onde a vida de Lulu tinha lugar. Ela fora inflexível quanto a não deixar que a mãe, outrora uma presença constante na Escola de Miss Rutger, pusesse em risco o estatuto de Lulu com a sua recente desgraça. Hoje em dia Dolly deixava Lulu do outro lado da esquina, a espreitar por cima das húmidas pedras do Upper East Side para verificar se ela chegava a salvo até à porta. À hora de a ir buscar, Dolly esperava no mesmo local enquanto Lulu conversava com as amigas do lado de fora da escola, esticando o pé para os arbustos aparados e (na primavera) para os canteiros de túlipas, completando todas as transações exigidas para afirmar e manter o seu poder. Quando Lulu tinha atividades extracurriculares, Dolly ia buscá-la mas não passava do átrio. Lulu saía do elevador corada, a cheirar ao perfume dos biscoitos acabados de fazer, dava a mão à mãe e passava com ela pelo porteiro em direção à noite. Não como pedido de desculpa - Lulu não tinha de que se desculpar - mas como simpatia por as coisas terem de ser tão difíceis para elas as duas.

Lulu pôs a cabeça de lado, curiosa. «Uma viagem de negócios. Isso é bom, não é?»

«É bom, é, absolutamente», disse Dolly com algum nervosismo. Ela mantivera em segredo o general para Lulu.

«Quanto tempo é que vais estar fora?»

«Poucos dias. Quatro, talvez.»

Houve uma longa pausa. Finalmente Lulu disse, «Também posso ir?»

«Comigo?» Dolly ficou atónita. «Mas assim tinhas de faltar às aulas.»

Outra pausa. Lulu estava a efetuar um qualquer cálculo mental que poderia ter envolvido a comparação entre o impacto que faltar às aulas teria entre as suas colegas e ser uma hóspede em casa de alguém, ou a questão de saber se conseguiria arranjar uma estada demorada em casa de alguém sem que os pais desse alguém tivessem contacto com a mãe dela. Dolly não sabia dizer. Talvez Lulu nem se conhecesse a si própria.

«Onde?», perguntou Lulu.

Dolly perdeu a compostura; nunca fora muito boa a dizer que não a Lulu. Mas a ideia de ter a sua filha e o general num mesmo sítio tolhia-lhe a garganta. «Eu... Eu não te posso dizer isso.»

Lulu não protestou. «Mas, Dolly?»

«Sim, querida?»

«O teu cabelo pode ficar louro outra vez?»

Esperaram por Kitty Jackson numa sala que dava acesso a uma pista privativa no Aeroporto Kennedy. Quando a atriz finalmente chegou, vestida com uns *jeans* e uma camisola amarela desbotada, Dolly foi atormentada por remorsos – devia ter-se encontrado com Kitty antes! A rapariga parecia muito alterada; as pessoas podiam nem sequer a reconhecerem! O cabelo dela continuava louro (desafiadoramente despenteado e também, ao que parecia, por lavar), os olhos continuavam grandes e azuis. Mas uma expressão sardónica assumira residência no seu rosto, como se

aqueles olhos azuis se rebolessem na direção do céu mesmo quando estavam a olhar de frente para nós. Esse olhar, mais do que as primeiras linhas de rugas por baixo dos olhos de Kitty e nos cantos da boca, fazia com que ela já não parecesse nova, nem perto disso. Ela já não era a Kitty Jackson.

Enquanto Lulu usava a casa de banho, Dolly explicou apressadamente as coisas à atriz: que se mostrasse o mais glamorosa possível (Dolly lançou um olhar preocupado à pequena mala de viagem de Kitty); que se encostasse ao general numa séria demonstração pública de afeto enquanto Dolly fazia fotografias com uma câmara oculta. Ela também trazia uma câmara a sério, mas essa era só um adereço. Kitty disse-lhe que sim, com a sombra de um sorriso a arreganhar-lhe os cantos da boca.

«Você trouxe a sua filha?», foi a única resposta. «Para ela conhecer o general?»

«Ela não vai conhecer o general», sibilou Dolly, verificando se Lulu não teria já saído da casa de banho. «Ela não sabe nada acerca do general! Por favor, não mencione o nome dele à frente dela.»

Kitty lançou a Dolly um olhar cético. «Uma miúda cheia de sorte», disse ela.

Embarcaram no avião do general ao anoitecer. Após a descolagem, Kitty pediu à hospedeira do general um martíni, sorveu-o, reclinou o assento até uma posição horizontal, puxou uma máscara de dormir (a única coisa trazida por ela que parecia nova) para cima dos olhos, e começou a risonar. Lulu debruçou-se sobre ela, examinando o rosto da atriz, que em repouso parecia novo, intocado.

«Ela está doente?»

«Não», suspirou Dolly. «Talvez. Não sei.»  
«Eu acho que ela precisa de umas férias», disse Lulu.

Vinte postos de controlo pressagiaram a chegada delas ao reduto do general. Em cada um, dois soldados com metralhadoras a tiracolo espreitavam para o interior do Mercedes preto, onde Dolly, Lulu e Kitty iam sentadas no banco de trás. Por quatro vezes foram obrigadas a sair para o sol abrasador e revistadas à boca das armas. Em cada uma das vezes, Dolly perscrutava a estudada calma da filha em busca de sinais de trauma. No carro Lulu ia sentada muito direita, com uma mochila cor-de-rosa da Kate Spade aninhada no regaço. Dirigia aos olhos dos portadores das metralhadoras o mesmo olhar firme que deveria ter usado para encarar as muitas raparigas que, ao longo dos anos, haviam tentado em vão desinquietá-la.

Uns altos muros brancos cercavam a estrada. Neles se alinhavam centenas de rotundos e luzidios pássaros negros cujos longos bicos de cor púrpura se curvavam como gadanhas. Dolly nunca vira pássaros daqueles. Pareciam pássaros que grasnassem, mas sempre que uma das janelas do carro era baixada para fazer a vontade a mais um pestanejante homem armado, Dolly ficava incomodada com o silêncio.

Por fim uma secção do muro abriu-se e o carro saiu da estrada e parou diante de um enorme complexo: esplêndidos e viçosos jardins, um repuxo de água, uma mansão branca cujo fim não se avistava. Os pássaros estavam pousados no telhado, a olharem para baixo.

O motorista abriu as portas do carro, e Dolly, Lulu e Kitty saíram para o sol. Dolly sentiu-o no pescoço,

recentemente posto a descoberto por uma versão a baixo custo daquele corte de cabelo louro e pela altura do queixo que fora a sua imagem de marca. O calor obrigou Kitty a despir a camisola; sem piedade nenhuma, por debaixo disso ela trazia uma t-shirt branca. Os braços dela tinham um adorável tom bronzeado, embora um feixe de marcas rosadas lhe manchasse a pele de um dos pulsos. Cicatrizes. Dolly ficou a olhar para elas. «Kitty, isso são...» Gaguejou. «Nos seus braços, isso são...?»

«Queimaduras», disse Kitty. E lançou a Dolly um olhar que fez o estômago desta contorcer-se até que ela se recordasse muito difusamente, como de algo que sucedera num nevoeiro ou quando ela era menina, de alguém lhe pedir - lhe implorar - que pusesse Kitty Jackson na lista, e de ela dizer que não. Não de todo, isso estava fora de questão - a estirpe de Kitty era demasiado baixa.

«Fui eu que as fiz», disse Kitty.

Dolly ficou a olhar para ela, sem compreender. Kitty riu-se, e por um segundo pareceu docemente malévola, como a estrela do *Oh Baby, Oh*. «Há imensa gente que tem disto», disse ela. «Você não sabia?»

Dolly pensou se aquilo seria alguma piada. Não queria cair no ridículo à frente de Lulu.

«Não se consegue encontrar uma pessoa que tivesse estado naquela festa», disse Kitty. «E têm provas disso. Todos nós temos provas - quem é que vai dizer que estamos a mentir?»

«Eu sei quem lá estava», disse Dolly. «Ainda tenho a lista na cabeça.»

«Mas... quem é você?», perguntou Kitty, ainda a sorrir.

Dolly calou-se. Sentiu em si o olhar pardacento de Lulu.

Então Kitty fez algo de inesperado: estendeu o braço por entre a luz do sol e pegou na mão de Dolly. O aperto dela foi caloroso e firme, e Dolly sentiu umas picadelas nos olhos.

«Eles que se danem, não é?», disse Kitty ternamente.

Um homem compacto, escurito, com um fato de belíssimo corte, saiu do edifício para vir cumprimentá-las. Arc.

«Menina Peale. Finalmente conhecemo-nos», disse ele com um sorriso. «E Menina Jackson» – ele virou-se para Kitty – «é uma grande honra bem como um grande prazer». Beijou a mão de Kitty com um olhar levemente provocante, pensou Dolly. «Já vi os seus filmes. O general e eu vimo-los juntos.»

Dolly preparou-se para o que Kitty fosse dizer, mas a resposta dela chegou numa voz tão estridente quanto a de uma criança, a não ser por aquela ligeira inflexão de coqueteria. «Oh, tenho a certeza de que já viu filmes melhores.»

«O general ficou impressionado.»

«Ora, fico honrada. Honrada por o general achar que eles mereciam ser vistos.»

Com trepidação, Dolly olhou de soslaio para a atriz, desejando apenas que aquela zombaria que ela tomara por adquirida não se manifestasse de um modo demasiado escaldante. Para seu espanto, não estava ali de todo – nem vestígios dela. Kitty mostrava-se humilde, absolutamente sincera, como se lhe tivessem retirado dez anos e ela fosse novamente uma aspirante ao estrelato agradecida e ansiosa.

«Infelizmente, não tenho boas notícias», disse Arc. «O general teve de fazer uma viagem inesperada.» Ficaram a olhar para ele. «É muito lamentável», prosseguiu ele. «O general envia as suas sinceras desculpas.»

«Mas nós... podemos ir ter com ele ao sítio onde está?», perguntou Dolly.

«Talvez», disse Arc. «Não se incomodam por fazerem umas viagens adicionais?»

«Bem, disse Dolly, olhando para Lulu. «Isso depende de como...»

«Claro que não», interrompeu Kitty. «Nós vamos onde o general quiser. Fazemos o que for preciso. Não é, miúda?»

Lulu demorou a estabelecer a ligação entre o diminutivo «miúda» e ela própria. Era a primeira vez que Kitty falava diretamente com ela. Lulu olhou para a atriz, e depois sorriu. «Pois é», disse ela.

Iriam partir para um novo local na manhã seguinte. Nessa noite, Arc ofereceu-se para as levar até à cidade, mas Kitty opôs-se. «Dispensó a visita guiada», disse ela enquanto se instalavam na suíte de dois quartos, que dava acesso a uma piscina privativa. «Prefiro ficar aqui a gozar os aposentos. Antigamente punham-me em sítios destes.» Soltou uma risada amarga.

«Não exagere», disse Dolly, notando que Kitty se encaminhava para o balcão das bebidas.

Kitty virou-se para trás, semicerrando os olhos. «Ouça. Como é que eu me portei lá fora? Tem alguma razão de queixa até agora?»

«Você foi perfeita», disse Dolly. Depois, baixando a voz para que Lulu não ouvisse, acrescentou, «Mas não se esqueça de com quem estamos a lidar.»

«Mas eu quero esquecer», disse Kitty servindo-se de um gim com tônica. «Estou a tentar esquecer ativamente. Quero ser como a Lulu... inocente.» Ergueu o seu copo para Dolly e sorveu um trago.

Dolly e Lulu foram com Arc no Jaguar cinzento-carvão dele, guiado por um motorista que se precipitou pela encosta abaixo por umas ruas minúsculas, obrigando os peões a espalmarem-se contra as paredes e a enfiarem-se dentro das portas para evitarem ser esmagados. A cidade cintilava lá em baixo: milhões de edifícios caiados de branco e empoleirados numa fumarenta bruma. Não tardou que ficassem rodeados por esta. A principal fonte de cor na cidade parecia ser a roupa pendurada em todas as varandas.

O motorista deteve-se junto de um grande mercado ao ar livre: montes de frutos suados, de nozes fragrantas e de bolsas em falso cabedal. Dolly lançou um olhar crítico aos produtos enquanto ela e Lulu seguiam Arc por entre as bancas. As laranjas e as bananas eram as maiores que alguma vez vira, mas a carne parecia perigosa. Pela cuidadosa desconfiança tanto dos vendedores como dos clientes, Dolly percebeu que eles sabiam quem era Arc.

«Há alguma coisa que tu queiras?», perguntou Arc a Lulu.

«Sim, se faz favor», disse Lulu, «uma daquelas». Era uma carambola; Dolly já as vira no Dean & DeLuca. Ali estavam amontoadas de um modo obsceno, todas

enxameadas de moscas. Arc pegou numa delas, fazendo um aceno de cortesia ao vendedor, um velho com um peito esquelético e um rosto gentil, ansioso. O homem sorriu, fazendo lesta vénias a Dolly e a Lulu, mas os olhos dele estavam assustados.

Lulu pegou naquele fruto empoeirado, por lavar, esfregou-o cuidadosamente na sua camisa polo de manga curta, e fincou-lhe os dentes na casca verde e luzidia. O suco esguichou-lhe para o colarinho. Ela riu-se e limpou a boca com a mão. «Mãe, tens de provar isto», disse ela, e Dolly deu uma dentada. Ela e Lulu partilharam a carambola, lambendo os dedos sob o olhar atento de Arc. Dolly sentiu-se estranhamente animada. Depois percebeu porquê: *Mãe*. Fora a primeira vez que Lulu dissera tal palavra em perto de um ano.

Arc conduziu-as até uma apinhada casa de chá. Um grupo de homens debandou de uma mesa ao canto para lhes darem um lugar para se sentarem, e retomaram uma forçada aproximação à anterior animação do estabelecimento. Um empregado deitou-lhes nas chávenas um doce chá de menta com mão trémula. Dolly tentou lançar-lhe um olhar reconfortante, mas os olhos dele fugiram dos dela.

«Vocês fazem isto com frequência?», perguntou ela a Arc. «Andar pela cidade?»

«O general tem o hábito de se mover entre as pessoas», disse Arc. «Ele quer que elas sintam a sua humanidade, que a testemunhem. Claro que tem de fazer isso com muito cuidado.»

«Por causa dos seus inimigos.»

Arc assentiu. «Infelizmente o general tem muitos inimigos. Hoje, por exemplo, houve ameaças à casa dele,

e foi necessário deslocá-lo para outro sítio. Ele faz isso frequentemente, como sabe.»

Dolly assentiu. *Ameaças à casa dele?*

Arc sorriu. «Os inimigos pensam que ele está aqui, mas ele está muito longe.»

Dolly olhou para Lulu. A carambola deixara-lhe uma orla luzidia ao redor da boca. «Mas... *nós* estamos aqui», disse ela.

«Sim», disse Arc. «Só nós.»

\*\*\*

Durante a maior parte dessa noite Dolly ficou acordada, a ouvir pios, rumores e guinchos que imitavam sons de assassinos explorando o terreno em busca do general e da sua corte: por outras palavras, ela própria. Ela tornara-se a auxiliar e o alvo adstrito ao general B., fonte de terror e de ansiedade para quem era governado por ele.

Como teriam chegado as coisas àquele ponto? Por hábito, Dolly deu por si a visitar o momento em que os tabuleiros de plástico se haviam começado a desprender e a vida que ela apreciara durante tantos anos a exaurir-se. Mas nesta noite, contrariamente a inúmeras outras noites em que Dolly enveredara por esse abismo da memória, Lulu estava deitada ao lado dela naquela cama enorme, adormecida na sua camisa de noite às franjinhas, com os seus joelhos de corça dobrados por baixo de si. Dolly sentiu o calor do corpo da filha, aquela criança nascida na sua meia-idade, por uma gravidez accidental resultante de uma paixoneta por um cliente que era estrela de cinema. Lulu pensava que o pai dela

tinha morrido; Dolly tinha-lhe mostrado fotografias de um antigo namorado.

Esticou-se por cima da cama e beijou a bochecha quente de Lulu. Não fizera sentido nenhum ter uma criança – Dolly era a favor do direito a abortar, estava empenhada na sua carreira. A decisão dela fora clara, e no entanto hesitara em marcar a consulta – hesitara ao longo dos enjoos matinais, das alterações de humor, da exaustão. Hesitara até saber, com um choque de alívio e de petrificada alegria, que era tarde demais.

Lulu agitou-se e Dolly aproximou-se mais dela, acolhendo a filha nos braços. Contrariamente ao que sucedia quando estava acordada, Lulu descontraiu-se sob o toque da mãe. Dolly sentiu uma vaga de irracional gratidão para com o general por lhe haver fornecido aquela cama – era um luxo tão raro abraçar a filha, sentir-lhe a débil batida do coração.

«Eu hei de proteger-te sempre, querida», sussurrou Dolly ao ouvido de Lulu. «Nunca nos há de acontecer mal nenhum – tu sabes isso, não sabes?»

Lulu continuou a dormir.

No dia seguinte amontoaram-se no interior de dois carros blindados pretos que pareciam jipes, mas mais pesados. Arc e alguns soldados foram no primeiro carro, Dolly, Lulu e Kitty no segundo. Sentada no banco de trás, Dolly pensou que conseguia sentir o peso do carro a enfiá-las na terra. Estava exausta, cheia de medo.

Kitty tinha sofrido uma metamorfose assombrosa. Lavara o cabelo, maquilhara-se e envergara um vestido cor de salva, sem mangas, feito em veludo martelado. O traje realçava tons de verde nos olhos azuis dela e fazia

com que estes parecessem turquesa. Os ombros de Kitty eram atleticamente dourados, os lábios dela luzidamente rosados, o nariz levemente sardento. O efeito estava para além de tudo o que Dolly pudesse ter esperado. Achou que era quase doloroso olhar para Kitty, e tentava evitá-lo.

Passaram num ápice pelos postos de controlo e não tardou que estivessem em estrada aberta, contornando a cidade pálida pelo alto. Dolly notou que havia vendedores à beira da estrada. Muitas vezes eram crianças, que estendiam mãos cheias de frutas ou letreiros em cartão à passagem dos jipes. Quando os veículos passavam por elas, as crianças encostavam-se aos taludes, talvez devido à velocidade. Na primeira vez em que viu isso Dolly soltou um grito e inclinou-se para a frente, querendo dizer qualquer coisa ao condutor. Mas o quê ao certo? Hesitou, depois tornou a recostar-se no assento e tentou não olhar para as janelas. Lulu contemplava as crianças, com o seu livro de matemática aberto sobre os joelhos.

Foi um alívio quando deixaram a cidade para trás e começaram a avançar através de um terreno vazio que parecia desértico, onde antílopes e vacas debicavam a escassa vida vegetal. Sem pedir autorização, Kitty começou a fumar, soltando o fumo por uma fresta da janela aberta. Dolly combateu o impulso de repreendê-la por ofender os pulmões de Lulu com o seu fumo.

«Então», disse Kitty, virando-se para Lulu. «Quais são os grandes planos que andas a fazer?»

Lulu pareceu pôr-se a matutar na pergunta. «Queres dizer... para a minha vida?»

«Porque não.»

«Ainda não decidi», disse Lulu, pensativa. «Só tenho nove anos.»

«Bom, isso é sensato.»

«Lulu é muito sensata», disse Dolly.

«O que eu quero saber é o que *imaginas* tu», disse Kitty. Estava em desassossego, agitando nervosamente os dedos secos e bem tratados como se lhe apetecesse outro cigarro mas fosse obrigada a esperar. «Mas se calhar os miúdos já não fazem isso.»

Lulu, na sua sabedoria, pareceu adivinhar que o que Kitty realmente queria era falar. «O que é que tu imaginavas», perguntou-lhe ela, «quando tinhas nove anos?»

Kitty pensou nisso, depois riu-se e acendeu outro cigarro. «Queria ser cavaleira», disse ela. «Ou então estrela de cinema.»

«Um dos teus desejos cumpriu-se.»

«Pois foi», disse Kitty, fechando os olhos enquanto exalava o fumo através da janela. «Cumprido mesmo o meu desejo.»

Lulu virou-se para ela com um ar grave. «Não era tão divertido como tu tinhas pensado?»

Kitty abriu os olhos. «Representar?», disse ela. «Oh, eu adorava isso, e ainda adoro - sinto saudades. Mas as pessoas eram uns monstros.»

«De que tipo?»

«Mentirosas», disse Kitty. «Ao princípio pareciam simpáticas, mas aquilo era tudo a fingir. As que eram mesmo horríveis, aquelas que basicamente nos queriam matar - essas ao menos estavam a ser honestas.»

Lulu disse-lhe que sim com a cabeça, como se esse fosse um problema com o qual ela própria se tivesse confrontado. «Experimentaste mentir também?»

«Sim. Experimentei imenso. Mas não conseguia esquecer-me de que estava a mentir, e quando disse a verdade fui castigada. É como descobrir que o Pai Natal não existe – uma pessoa gostava de voltar atrás e tornar a acreditar nisso, mas já é tarde demais.»

De súbito virou-se para Lulu, em sobressalto. «Quero dizer... Espero que não...»

Lulu riu-se. «Eu nunca acreditei no Pai Natal», disse-lhe ela.

A viagem de carro prolongou-se. Lulu estudou matemática. A seguir, estudos sociais. Escreveu uma redação sobre os mochos. Após o que pareceram ser centenas de quilómetros de deserto, entrecortadas por idas à casa de banho em postos avançados patrulhados por soldados, começaram a subir para os montes. A folhagem tornou-se mais densa, coando a luz do sol.

Sem aviso, os carros saíram para fora da estrada e pararam. Dezenas de soldados em camuflado pareceram materializar-se a partir das árvores. Dolly, Lulu e Kitty saíram do carro para uma selva endoidecida pelos gritos dos pássaros.

Arc veio ter com elas, pisando cuidadosamente o terreno com os seus sapatos de cabedal de primeira. «O general está à espera», disse ele. «Está ansioso por vos cumprimentar.»

Toda a gente se deslocou em grupo através da selva. A terra sob os pés deles era mole e de um vermelho vivo. Os macacos brincavam nas árvores. Por fim chegaram a uma tosca escadaria de cimento construída na encosta de um monte. Apareceram mais soldados, e ouviram-se rangidos e tropel de botas enquanto todos eles subiam. Dolly manteve as mãos sobre os ombros de Lulu. Ouvia

Kitty a cantar atrás de si: não uma melodia, somente as mesmas duas notas, repetidas uma e outra vez.

A câmara oculta estava a postos na mala de Dolly. Enquanto trepavam os degraus, tirou para fora o ativador e aninhou-o na palma da mão.

No alto das escadas a selva fora desbravada para acomodar uma laje de betão que em tempos poderia ter servido como zona de aterragem. A luz do sol irrompia através do húmido ar da selva, produzindo réstias de vapor junto aos pés deles. O general estava postado no meio do betão, ladeado por soldados. Parecia atarracado, mas isso era sempre o que acontecia com as pessoas famosas. Não trazia o chapéu azul, nem chapéu algum, e o cabelo encrespado eriçava-se estranhamente ao redor do seu sinistro rosto triangular. Ostentava as suas habituais insígnias militares, mas algo em tudo aquilo parecia ligeiramente torcido ou a precisar de uma limpeza. O general parecia fatigado - tinha uns papos por baixo dos olhos. Parecia rabugento. Parecia alguém acabado de tirar da cama, a quem fora dito *Já chegaram*, tendo de se lhe recordar de que raio se estava a falar.

Houve uma pausa em que ninguém parecia saber o que fazer.

Então Kitty chegou ao alto das escadas. Dolly ouviu o rumor atrás de si, mas não se voltou para trás para olhar; em vez disso, viu o general reconhecer Kitty, viu a força do reconhecimento perpassar pelo seu rosto num olhar de apetite e de incerteza. Kitty aproximou-se dele lentamente - derramou-se em direção a ele, na verdade, pois era com tal suavidade que ela se movia no seu vestido verde salva, como se a desconcertante estranheza do caminhar fosse algo que jamais experimentara. Ela derramou-se em direção ao general e

pegou na mão deste como se para o cumprimentar, sorrindo, contornando-o um pouco, parecendo embaraçada ao ponto de se rir, como se se conhecessem bem de mais para trocarem um aperto de mão. Dolly foi tão atingida pela estranheza de tudo aquilo que de início nem pensou em fotografar; perdeu por inteiro o aperto de mão. Foi só quando Kitty comprimiu o seu estreito corpo verde contra o peito uniformizado do general e cerrou os olhos por um momento que Dolly acabou por - *clic* - e o general mostrou-se desconcertado, sem saber o que fazer, dando uma palmadinha nas costas de Kitty por simpatia - *clic* - momento em que Kitty lhe tomou ambas as mãos (pesadas e desproporcionadas, as mãos de um homem grande) entre as suas mãos esguias e se inclinou para trás, sorrindo para o rosto dele - *clic* - rindo-se um pouco, timidamente, a cabeça atirada para trás como se tudo aquilo fosse muito disparatado, muito constrangedor para eles os dois. E então o general sorriu. Aconteceu sem aviso: os lábios afastaram-se até revelarem duas fileiras de pequenos dentes amarelados - *clic* - que o fizeram parecer vulnerável, ansioso por agradar. *Clic, clic, clic* - Dolly ia disparando tão depressa quanto podia sem mexer a mão, porque o sorriso é que *era*, era aquilo que ninguém tinha visto, o lado humano e oculto do general que iria deixar o mundo embasbacado.

Tudo isso aconteceu no espaço de um minuto. Nem uma palavra se dissera. Kitty e o general ficaram de mão dada, ambos um pouco corados, e tudo o que Dolly pôde fazer foi não gritar, pois aquilo estava feito! Ela já tinha o que precisava, sem se ter dito uma única palavra. Sentiu uma mistura de fascínio e de amor por Kitty - aquele milagre, aquela genialidade que não somente posara com o general, mas conseguira domá-lo. Era isso que

Dolly sentia - como se houvesse uma porta de sentido único entre o mundo do general e o de Kitty, e a atriz o tivesse feito passar por lá sem que ele o notasse sequer. Ele não podia voltar para trás! E Dolly fizera acontecer isso - pela primeira vez na vida, fizera algo de prestável. E Lulu presenciara.

O rosto de Kitty conservava ainda o deslumbrante sorriso que ostentara para o general. Dolly viu a atriz passar os olhos pela multidão, contemplando as dezenas de soldados com as suas armas automáticas, Arc, Lulu e Dolly, com o seu rosto extático e reluzente, o seu olhar transbordante. E Kitty terá percebido então que fora capaz, que engendrara a sua salvação, que se resgatara ao esquecimento e conseguira retomar o trabalho que tanto adorava. Tudo isso com uma pequena ajuda do déspota que estava à sua esquerda.

«Então», disse Kitty, «é aqui que vocês enterram os corpos?»

O general olhou para ela, sem compreender. Arc avançou rapidamente para lá, tal como Dolly. Lulu também foi.

«Vocês enterram-nos aqui, em fossas», perguntou Kitty ao general no mais amigável, no mais coloquial tom de voz, «ou queimam-nos primeiro?»

«Menina Jackson», disse Arc, com um olhar tenso e cheio de significado. «O general não consegue entendê-la.»

O general já não estava a sorrir. Ele era um homem que não podia tolerar não entender o que se estava a passar. Largara a mão de Kitty e estava a falar com Arc num tom severo.

Lulu apertou a mão de Dolly. «Mãe», segredou esta, «faz ela parar!»

A voz da filha arrancou Dolly a uma momentânea paralisia. «Deixe-se disso, Kitty», disse-lhe ela.

«Vocês comem-nos?», perguntou Kitty ao general. «Ou deixam-nos por aí para os abutres os comerem?»

«Cale-se, Kitty», disse Dolly, mais alto. «Pare com essas brincadeiras.»

O general falou rispidamente com Arc, o qual se virou para Dolly. A testa lisa dele estava visivelmente humedecida. «O general está a ficar zangado, Menina Peale», disse-lhe ele. E lá estava o código; Dolly leu-o claramente. Dirigiu-se a Kitty e pegou-lhe no braço bronzeado. Abeirou-se do rosto de Kitty.

«Se você continua com isto», disse-lhe Dolly baixinho, «ainda morremos todas.»

Mas uma mirada aos olhos ardentes e suicidários de Kitty disse-lhe que não havia remédio; Kitty não conseguia parar. «Ups!» disse esta em voz alta com uma surpresa fingida. «Mas então eu não devia ter falado do genocídio?»

Essa era uma palavra que o general conhecia. Afastou-se de Kitty como se ela estivesse a arder, chamando os seus soldados com uma voz estrangulada. Estes empurraram Dolly para fora dali, atirando-a ao chão. Quando ela olhou de novo para Kitty, os soldados haviam-se aglomerado ao redor desta, e a atriz ficara fora de vista.

Lulu estava a gritar, a tentar pôr Dolly novamente em pé. «Mamã, faz qualquer coisa, faz qualquer coisa! Faz eles pararem!»

«Arc», chamou Dolly, mas Arc estava agora perdido para ela. Assumira o seu lugar ao lado do general, o qual berrava de raiva. Os soldados estavam a levar Kitty;

Dolly teve a impressão de que esta esperneava no meio deles. Ouvia ainda a aguda e ressonante voz de Kitty:

«Vocês bebem-lhes o sangue, ou usam-no só para esfregar o chão?»

«Fazem colares com os dentes deles?»

Ouviu-se o som de uma pancada, e a seguir um grito. Dolly pôs-se de pé num salto. Mas Kitty desaparecera; os soldados levaram-na para o interior de uma estrutura escondida entre as árvores, ao lado da zona de aterragem. O general e Arc entraram atrás deles e fecharam a porta. A selva ficou inquietantemente silenciosa: apenas se ouviam os gritos dos papagaios e os soluços de Lulu.

Enquanto o general se enfurecia, Arc segredara ordens a dois soldados, e logo que o general saiu de vista estes levaram apressadamente Dolly e Lulu pela colina abaixo através da selva e de volta aos carros. Os condutores estavam à espera, fumando cigarros. Durante a viagem, Lulu encostou a cabeça ao colo de Dolly, chorando enquanto percorriam aceleradamente a selva e depois o deserto. Dolly esfregou o cabelo fofo da filha, pensando aturdidamente se estariam a ser levadas para a prisão. Mas por fim, quando o sol já caía em direção ao horizonte, acharam-se no aeroporto. O avião do general estava à espera. Por essa altura já Lulu se tinha sentado e mudado para a outra ponta do assento.

Lulu dormiu a sono solto durante o voo, agarrada à sua mochila da Kate Spade. Dolly não adormeceu. Ficou a olhar para o lugar vazio de Kitty.

Na escuridão do princípio da manhã, apanharam no Aeroporto Kennedy um táxi até à zona da Hell's Kitchen.

Nenhuma delas falou. Dolly espantou-se ao encontrar o seu prédio intacto, o apartamento ainda no alto das escadas, as chaves na bolsa.

Lulu foi direita ao quarto dela e fechou a porta. Dolly sentou-se na sua área de trabalho, atarantada pela falta de sono, e tentou organizar os pensamentos. Deveria começar pela embaixada? Pelo Congresso? Quanto tempo demoraria a conseguir falar ao telefone com alguém que verdadeiramente a ajudasse? E o que lhe diria ela ao certo?

Lulu saiu do quarto vestida com o seu uniforme escolar, de cabelo escovado. Dolly nem sequer percebera que as luzes da rua já se tinham apagado. Lulu olhou desconfiadamente para a mãe, que trazia ainda a roupa do dia anterior, e disse-lhe «Temos de nos ir embora.»

«Tu vais para a escola?»

«Claro que vou para a escola. Que mais haveria eu de fazer?»

Foram de metro. O silêncio entre elas tornara-se inviolável; Dolly receou que ele jamais terminasse. Ao olhar para o rosto empalidecido, emaciado, de Lulu, sentiu uma fria onda de convicção: se Kitty Jackson morresse, a filha estaria perdida para si.

Na esquina do costume, Lulu virou costas sem lhe dizer adeus.

Os lojistas começavam a levantar os taipais na Avenida Lexington. Dolly comprou uma caneca de café e bebeu-o. Queria estar perto de Lulu. Decidiu ficar à espera naquela esquina até que o dia de aulas da filha terminasse: daí a cinco horas e meia. Até lá, iria fazendo chamadas pelo telemóvel. Mas Dolly era perturbada por imagens de Kitty no seu vestido verde, com as queimaduras do óleo a reluzirem-lhe nos braços, e depois

pelas daquele seu orgulho obsceno, ao pensar que havia dominado o general e transformado o mundo num sítio melhor.

O telefone ficou inativo na mão dela. Aqueles não eram telefonemas do tipo que ela sabia como fazer.

Quando o taipal por detrás dela estremeceu, Dolly viu que era de uma loja de revelação de fotografias. A câmara oculta continuava dentro da sua bolsa. Sempre era algo para fazer; entrou na loja, entregou o aparelho, e pediu provas em papel e um CD com tudo o que eles conseguissem de lá tirar.

Continuava em pé à porta da loja uma hora mais tarde, quando o sujeito saiu de lá com as fotografias. Por essa altura já tinha feito alguns telefonemas a respeito de Kitty, mas ninguém parecera levá-la a sério. Quem poderia censurá-los por isso? pensou Dolly.

«Essas fotografias... você usou o Photoshop, ou quê?», perguntou-lhe o sujeito. «Elas parecem, sei lá, mesmo a sério.»

«São mesmo a sério», disse ela. «Fui eu que as fiz.»

O sujeito riu-se. «Vá lá», disse-lhe ele, e Dolly sentiu um frémito no fundo do seu cérebro. Como dissera Lulu nessa manhã: *Que mais haveria eu de fazer?*

Correu para casa e telefonou aos seus velhos contactos na *Enquirer* e na *Star*, alguns dos quais ainda por lá estavam. A notícia tinha de ganhar volume. Isso já antes dera resultados para Dolly.

Minutos depois, estava a enviar imagens por correio eletrónico. Daí a poucas horas, as imagens do general B encostado a Kitty Jackson estavam a ser publicadas e trocadas na internet. Ao anoitecer, os repórteres dos principais jornais de todo o mundo tinham começado a telefonar. Também telefonaram ao general, cujo capitão

para as relações humanas negou enfaticamente os rumores.

Nessa noite, enquanto Lulu fazia os trabalhos de casa no quarto, Dolly comeu massa fria com sésamo e tentou entrar em contacto com Arc. Foram precisas catorze tentativas.

«Não podemos continuar a falar, Menina Peale», disse ele.

«Arc.»

«Não podemos falar. O general está zangado.»

«Ouça-me.»

«O general está zangado, Menina Peale.»

«Ela está viva, Arc? É só isso que eu preciso de saber.»

«Ela está viva.»

«Obrigado.» As lágrimas encheram os olhos de Dolly. «Ela está... eles têm... têm-na tratado bem?»

«Ela está incólume, Menina Peale», disse Arc. «Não voltaremos a falar outra vez.»

Calaram-se, ouvindo o zumbido da ligação intercontinental. «É uma pena», disse Arc, e desligou.

Mas Dolly e Arc voltaram a falar-se. Meses depois – um ano, quase – quando o general veio a Nova Iorque falar nas Nações Unidas sobre a transição do seu país para a democracia. Nessa época Dolly e Lulu já se haviam mudado para fora da cidade, mas certa noite vieram de carro até Manhattan para se encontrarem com Arc num restaurante. Ele trouxera um fato preto e uma gravata cor de vinho que combinava com o excelente cabernet por ele encomendado para si e para Dolly. Parecera saborear a descrição da história, como se

houvesse memorizado todos os seus pormenores especialmente para ela: como três ou quatro dias após ela e Lulu terem deixado o reduto do general os fotógrafos haviam começado a aparecer, primeiro um ou dois, que os soldados tinham tirado da selva e encarcerado, depois mais, demasiados para que pudessem ser capturados ou até contados - eram soberbos a esconderem-se, agachavam-se no alto das árvores como os macacos, enterravam-se em covas pouco fundas, camuflavam-se dentro de montes de folhagem. Os assassinos nunca haviam conseguido localizar o general com alguma precisão, mas os fotógrafos tinham feito com que isso parecesse fácil: hordas deles a entrarem pelas fronteiras sem visto, enroscados no interior de cestos e de barris de vinho, enrolados em tapetes, saltitando sobre as estradas não pavimentadas nas traseiras de camiões e por fim rodeando o enclave do general, de onde este não se atrevia a sair.

Tinham sido precisos dez dias para convencer o general de que ele não tinha outra opção senão a de se confrontar com os seus inquisidores. Enfeitara a sua casaca militar com as medalhas e as dragonas, pusera o chapéu azul na cabeça, dera o braço a Kitty, e caminhara com ela em direção à falange de câmaras que o aguardavam. Dolly lembrava-se de como o general parecia perplexo nessas fotografias, recém-nascido no seu chapéu azul, incerto sobre como proceder. Ao lado dele Kitty sorria, envergando um vestido preto e justo que Arc deveria ter tido algum trabalho a encontrar, de tão adequado que era: casual e íntimo, simples mas revelador, o tipo de vestido que uma mulher usa em privado, com o seu amante. Os olhos dela era difíceis de

ler, mas sempre que Dolly os fixava, esfregando obsessivamente o seu olhar no papel impresso, ouvia o riso de Kitty ecoar-lhe nos ouvidos.

«Já viu o novo filme da Menina Jackson?», perguntou Arc. «Achei que era o melhor trabalho dela até agora.»

Dolly já o vira: uma comédia romântica em que Kitty interpretava o papel de uma cavaleira, aparecendo descontraída no alto da sua montada. Dolly fora com Lulu ao cinema local, na pequena localidade a norte do estado para onde elas se haviam mudado pouco após os outros generais terem começado a telefonar-lhe: primeiro o G., depois o A., e o P. e o Y. A palavra passara de boca em boca e Dolly vira-se inundada com propostas de trabalho vindas de assassinos em massa que estavam ávidos por um recomeço. «Estou fora do jogo», dissera-lhes ela, remetendo-os para os seus antigos concorrentes.

Ao princípio Lulu opusera-se à mudança, mas Dolly fora firme. E Lulu adaptara-se rapidamente à escola pública local, onde aprendera a jogar futebol e encontrara uma nova corte de raparigas que pareciam segui-la por todo o lado. Como ninguém na vila jamais ouvira falar em La Doll, Lulu nada tinha a esconder.

Dolly recebera uma generosa e avultada maquia do general pouco tempo após o encontro deste com os fotógrafos. «Um presente para exprimir a nossa imensa gratidão pela sua inestimável orientação, Menina Peale», dissera-lhe Arc pelo telefone, mas Dolly ouvira o sorriso dele e compreendera: era dinheiro para ela ficar calada. Usou-o para abrir uma pequena loja *gourmet* na rua principal, onde vendia produtos requintados e queijos invulgares, engenhosamente exibidos e iluminados por um sistema de pequenos projetores que a própria Dolly desenhara. «Até parece que estamos em Paris», era um

comentário que ela ouvia com frequência aos novaiorquinos que vinham passar o fim de semana às suas casas de campo.

De vez em quando Dolly recebia um carregamento de carambolas, e tinha sempre a preocupação de deixar algumas de parte para comer com Lulu. Trazia-as para a casinha em que moravam, ao fundo de uma rua serena. Depois do jantar, com a rádio ligada, as janelas abertas para a noite bocejante, ela e Lulu regalavam-se com aquela polpa doce e estranha.

## ALMOÇO DE QUARENTA MINUTOS: OS DESABAFOS DE KITTY JACKSON SOBRE O AMOR, A FAMA E O NIXON!

Reportagem de Jules Jones

AS ESTRELAS DE CINEMA PARECEM-NOS SEMPRE PEQUENAS quando as vemos pela primeira vez, e Kitty Jackson não constitui uma exceção à regra, por mais excepcional que ela possa ser sob todos os outros aspetos.

Na verdade, pequena não é um bom termo; ela é minúscula - um bonsai humano dentro de um vestido branco sem mangas, sentada numa mesa ao fundo de um restaurante da Avenida Madison, falando ao telemóvel. Sorri para mim quando me sento no meu lugar e rebola os olhos na direção do telefone. O cabelo dela é daquele louro que se vê por toda a parte, «com *nuances*», diz a minha antiga noiva, embora na Kitty Jackson essa desordenada mistura de louro e de castanho pareça mais natural e mais dispendiosa do que parecia na Janet Green. O rosto dela (da Kitty) é um daqueles que podemos imaginar parecerem simplesmente bonitos entre os outros rostos de, digamos, uma sala de aula de um liceu: nariz arrebitado, boca cheia, grandes olhos azuis. Mas na Kitty Jackson, por razões que não consigo definir ao certo - as mesmas razões, suponho eu, pelas quais as *nuances* do cabelo dela parecem superiores às

*nuances* de cabelo vulgares (as da Janet Green) – esse rosto que nada tem de excepcional surge como extraordinário.

Ela continua ao telefone, e já decorreram cinco minutos.

Por fim desliga, dobra o telefone num disco que é do tamanho de uma pastilha para depois da refeição e guarda-o numa pequena bolsa branca em cabedal autêntico. De seguida começa a desculpar-se. Torna-se instantaneamente claro que a Kitty pertence à categoria das estrelas simpáticas (Matt Damon) e não à das estrelas difíceis (Ralph Fiennes). As estrelas da categoria dos simpáticos agem como se fossem tal e qual como nós (ou seja, como eu) para que gostemos delas e escrevamos coisas elogiosas a seu respeito, estratégia que é quase universalmente bem-sucedida, embora todo o escriba acredite ter demasiado calo para fantasiar que a capa da *Vanity Fair* nada tenha que ver com o desejo do Brad Pitt em lhe oferecer uma visita guiada a sua casa. A Kitty lamenta os doze aros ardentes pelos quais eu tive de saltar e os muitos quilómetros de carvões em brasa sobre os quais tive de correr a troco do privilégio de passar quarenta minutos na sua companhia. Lamenta ter acabado de gastar os primeiros seis desses minutos a falar com outra pessoa. O turbilhão de desculpas dela faz-me recordar porque prefiro eu as estrelas difíceis, aquelas que se barricam no interior do seu estrelato e cospem através das frestas. Há algo de descontrolado numa estrela que não consegue ser simpática, e a erosão do auto-domínio de alguém é a condição *sine qua non* da reportagem de celebridades.

O empregado toma nota dos nossos pedidos. E posto que os dez minutos de tagarelice que eu passo a trocar com a Kitty nem merecem ser relatados, referirei em vez disso (em jeito de notas de rodapé que injetem um odor a lombadas de couro já ressequido na observação da cultura popular) que quando se é uma jovem estrela de cinema com um cabelo alourado e um rosto altamente reconhecível desde aquele filme recente cujos lucros somente podem ser explicados pela conjectura de que todas as pessoas da América o viram pelo menos duas vezes, as pessoas tratam-nos de uma maneira que é algo diferente - na verdade, é inteiramente diferente - do modo como elas tratam, digamos, um tipo calvo, de ombros descaídos, com um ligeiro eczema e que se aproxime da meia-idade. À superfície é o mesmo - «Posso tomar nota do seu pedido?», etc. - mas latejando abaixo dessa superfície está o histórico reconhecimento da fama da minha entrevistada pelo empregado. E com uma simultaneidade que somente se poderá explicar recorrendo aos princípios da mecânica quântica, mais especificamente às propriedades das chamadas partículas entrelaçadas, esse mesmo ímpeto de reconhecimento atinge todas as partes do restaurante ao mesmo tempo, e até mesas tão distantes da nossa que de maneira alguma nos conseguem ver<sup>1</sup>. Por toda a parte as pessoas se voltam, esticam o pescoço, se vergam e se contorcem, levitando inadvertidamente sobre as cadeiras enquanto reprimem a vontade de se atirarem à Kitty e lhe arrancarem pedaços de cabelo e de roupa.

Pergunto à Kitty como se sente ela por ser sempre o centro das atenções.

«Esquisita», diz-me ela. «Aconteceu tudo assim muito de repente. Uma pessoa sente que não merece nada daquilo.»

Estão a ver? Simpática.

«Oh, vá lá», digo-lhe eu, e atiro-lhe um cumprimento pelo seu desempenho no papel da *junkie* sem abrigo transformada numa atiradora/acrobata do FBI em *Oh Baby, Oh* - aquele género de adulação desavergonhada que me faz pensar se eu não preferiria a morte por injeção letal à minha presente vocação de repórter de celebridades. Não se orgulhara ela disso?

«Eu *fiquei* orgulhosa», diz ela. «Mas de certa maneira ainda nem sequer sabia o que andava a fazer. Com o meu novo filme, sinto-me mais...»

«Não me diga já!», brado eu, embora o empregado ainda não tenha chegado à nossa mesa e o tabuleiro que ele carrega provavelmente nem seja o nosso. Porque eu não quero ouvir falar do novo filme da Kitty; isso não me interessa de todo, e a si também não, eu sei; a tagarelice dela acerca dos desafios do papel e da relação de confiança que manteve com o realizador, e da honra que foi contracenar com uma estrela tão experiente quanto o Tom Cruise é a amarga pílula que ambos temos de engolir a troco do privilégio de passarmos algum tempo coletivo na companhia da Kitty. Mas adiemos isso o mais possível!

Por sorte, é *mesmo* o nosso tabuleiro (a comida chega mais depressa quando se almoça com uma estrela): uma salada Cobb para a Kitty; um *cheeseburger*, batatas fritas e uma salada César para mim.

Um pouco de teoria enquanto nos preparamos para o prândio: o tratamento dado à Kitty pelo empregado é

na verdade uma espécie de sanduíche, sendo o pão de baixo as maneiras entediadas e ligeiramente afetadas com que ele normalmente atende os clientes, sendo o meio aquela maneira desvairada e anormal como ele se sente ao pé desta famosa rapariga de dezanove anos, e sendo o pão de cima a tentativa dele para conter e ocultar essa camada intermédia alienígena com um qualquer modo de comportamento que pelo menos se aproxime da tal camada inferior de tédio e de afetação que é sua norma. Do mesmo modo, a Kitty Jackson tem uma espécie de pão de baixo que é, presumivelmente, «ela», ou o modo como a Kitty Jackson outrora se comportava nos subúrbios de Des Moines em que cresceu, andou de bicicleta, foi aos bailes de final de ano, obteve notas decentes e, o que é mais intrigante, praticou equitação, ganhando assim uma quantidade substancial de fitas e de troféus, e, pelo menos brevemente, acalentando ideias de se tornar cavaleira. Por cima disso está a sua extraordinária e porventura levemente psicótica reação à fama recém-descoberta – o meio da sanduíche – e por cima disso está a tentativa dela para se aproximar da camada número um com uma simulação do seu eu normal, ou anterior.

Decorreram dezasseis minutos.

«Ouvem-se boatos», digo-lhe eu, com a boca cheia de hambúrguer mal mastigado, num esforço calculado para enojar a minha entrevistada, perfurando assim o profilático escudo de defesa dela e dando início ao doloroso atrito do seu autodomínio, «de que você se envolveu com o seu coprotagonista.»

Isso capta a atenção dela. Prefiro atirar-lhe desde já com isto, pois aprendi da maneira mais difícil que

desviarmo-nos das perguntas pessoais dá aos entrevistados difíceis demasiado tempo para eles eriçarem o penacho, e aos simpáticos demasiado tempo para que eles se esquivem com amabilidades e rubores.

«Isso não é de todo verdade!», grita a Kitty. «O Tom e eu temos uma amizade maravilhosa. Eu adoro a Nicole. Ela tem sido um modelo para mim. Até tomei conta dos filhos deles.»

Desembrulho o meu Grande Sorriso Gordo, uma tática insignificante puramente destinada a enervar e incomodar a minha entrevistada. Se os meus métodos lhe parecerem desnecessariamente rudes, convido-o a recordar que me foram atribuídos quarenta minutos, perto de vinte dos quais já decorreram, e permita-me que acrescente, como nota pessoal, que se o artigo não prestar - isto é, se ele não conseguir desvendar algum aspeto da Kitty que você não tenha já visto antes (como sucedeu, dizem-me, nos meus artigos sobre a caçada aos alces com o Leonard DiCaprio, a leitura de Homero com a Sharon Stone e a pesca de amêijoas com o Jeremy Irons) - poderá muito bem ser eliminado, reduzindo assim ainda mais a minha cotação em Nova Iorque e em Los Angeles e prolongando a «bizarra cadeia de falhanços que andas a ter, pá» (- Atticus Levi, meu amigo e editor, durante um almoço no mês passado).

«Porque é que está a sorrir dessa maneira?», pergunta a Kitty, com hostilidade.

Estão a ver? Acabou-se a simpatia.

«Eu estava a sorrir?»

Ela volta a sua atenção para a salada Cobb. E eu também. Porque tenho tão pouco para continuar, tão

poucas portas de entrada no sacrário da Kitty Jackson, que estou reduzido a observar, e agora a transmitir, o facto de que, no decurso do almoço, ela come toda a alface, aproximadamente 2,5 garfadas de galinha e diversas rodela de tomate. Ignora: as azeitonas, o queijo azul, o ovo cozido, o *bacon* e o abacate – por outras palavras, todas as partes da salada Cobb que, tecnicamente falando, *fazem dela uma salada Cobb*. Quanto ao molho, que ela exigiu «à parte», não lhe toca senão para molhar a ponta do seu dedo indicador, uma vez, e aí o chupar.<sup>2</sup>

«Eu conto-lhe o que estou a pensar», digo-lhe eu finalmente, aliviando o vibrato de tensão que se foi acumulando na nossa mesa. «Estou a pensar, ela tem dezanove anos de idade. Tem atrás de si um filme que rendeu imensos milhões, metade do mundo a fazer-lhe a dança da chuva por baixo da janela, e onde poderá ir em seguida? O que poderá ela vir a fazer?»

No rosto da Kitty vejo uma quantidade de coisas: alívio por eu não ter dito nada de pior, qualquer coisa acerca do Tom Cruise, e, misturado com esse alívio (e em parte devido a ele), um efémero desejo de ver em mim mais do que outro tarado com um gravador de voz – de ver em mim alguém que compreenda a incrível estranheza do mundo dela. Como eu gostava que isso fosse verdade! Não haveria nada de que eu mais gostasse do que de compreender a estranheza do mundo da Kitty – de me enfiar nessa estranheza para nunca mais de lá sair. Mas o melhor que posso almejar é esconder da Kitty Jackson a evidente impossibilidade de qualquer comunhão autêntica entre nós, e o facto de eu ter conseguido fazê-lo durante vinte e um minutos é um triunfo.

Porque é que estou sempre a mencionar-me - a «inserir-me», ao que parece - a mim mesmo nesta história? Porque estou a tentar extrair material legível a uma rapariga de dezanove anos que é muito, muito simpática; estou a tentar construir uma história que não apenas desvende os segredos de veludo do seu coração adolescente, como também contenha ação, desenvolvimento, a par de - Deus me ajude - algum sentido. Mas o meu problema é este: a Kitty é um espirro. O que há de mais interessante nela é o efeito que ela causa nos outros, e como o «outro» cuja vida íntima está mais prontamente disponível para nossa inspeção coletiva por acaso sou eu próprio, é muito natural - na verdade, é *necessário* («Estou a implorar-te; por favor, faz com que isto funcione para eu não fazer figura de parvo por to ter encomendado a ti» - Atticus Levi, durante uma recente conversa telefónica em que lhe exprimi o meu desespero por ter de escrever mais perfis de celebridades) - que a alegada história do meu almoço com a Kitty Jackson seja na verdade a história da miríade de efeitos que a Kitty Jackson causa em mim no decurso do dito almoço. E para que tais efeitos sejam remotamente compreensíveis, há que ter em mente que a Janet Green, minha namorada durante três anos e minha noiva durante um mês e treze dias, me trocou há duas semanas por um memorialista cujo livro recente pormenoriza a sua tendência adolescente de se masturbar para dentro do aquário da família («Ao menos ele está a trabalhar sobre si próprio!» - Janet Green, durante uma recente conversa telefónica em que tentei indicar-lhe o erro colossal por ela cometido).

«Estou sempre a pensar nisso – no que irá acontecer a seguir», diz a Kitty. «Às vezes imagino-me a olhar para trás e a ver-me onde estou agora, e penso, sei lá, onde estarei eu quando olhar para trás? Será que o agora parecerá o princípio de uma grande vida... ou quê?»

E como se define exatamente «uma grande vida» no léxico da Kitty Jackson?

«Oh, você sabe como é.» Risada. Coradela. Voltámos ao simpático, mas a um simpático diferente do anterior. Tivemos uma birra, e agora fizemos as pazes.

«Fama e fortuna?», avanço eu.

«Mais ou menos. Mas também só... felicidade. Eu quero encontrar o verdadeiro amor, e não me importo de que isso pareça antiquado. Quero ter filhos. É por isso que, neste novo filme, mantenho uma ligação tão forte com a minha mãe adotiva...»

Mas os meus esforços pavlovianos para suprimir a componente de Relações Públicas do nosso almoço foram bem-sucedidos, e a Kitty remete-se ao silêncio. Mal me congratulei ainda por tal triunfo, porém, quando vejo a Kitty a olhar, de soslaio, para o seu relógio (Hermès). Como é que esse gesto me afeta? Bom, sinto regurgitar dentro de mim um volátil guisado de raiva, medo e lascívia: raiva por aquela ingénua ter, por razões que são patentemente injustificáveis, muito mais poder no mundo do que eu alguma vez terei, e, logo que os meus quarenta minutos chegarem ao fim, nada senão uma perseguição criminosa poderia forçar a interseção do meu caminho subterrâneo com a ampla alameda dela; medo porque, tendo olhado para o meu próprio relógio (Timex), descobri que trinta dos tais quarenta minutos já se foram, e por enquanto não

tenho qualquer «evento» que forme o núcleo do meu perfil; lascívia porque o pescoço dela é muito comprido, e tem um fino, quase translúcido, colar de ouro ao seu redor. Os ombros dela, expostos pelas alças brancas do vestido leve, são pequenos, bronzeados e muito delicados, como dois passarinhos. Mas isto torna-os pouco apelativos, e eles eram fenomenalmente apelativos! Por «passarinhos» quero dizer que eles pareciam tão bons (os ombros dela) que pude imaginar-me brevemente a separar-lhe aqueles ossinhos e a chupar-lhes a carne um a um.<sup>3</sup>

Pergunto à Kitty como é a sensação de se ser uma deusa do sexo.

«Não é sensação nenhuma», diz-me ela, aborrecida e incomodada. «Isso é uma coisa que as outras pessoas sentem.»

«Os homens, quer você dizer.»

«Se calhar», diz ela, e uma nova expressão cintila no seu formoso rosto e se acende ali, um ar que eu teria de designar como de abrupta fadiga.

Também me sinto assim: abruptamente fatigado. Na verdade, geralmente fatigado. «Cristo, isto é tudo uma grande farsa», digo eu, num momento de fraqueza da expressão própria que não tem qualquer propósito estratégico e do qual, por conseguinte, me arrependerei sem dúvida dentro de poucos segundos. «Porque é que nos damos ao trabalho de participar nela?»

A Kitty inclina a cabeça na minha direção. Pressinto que ela consegue detetar a minha fadiga geral, possivelmente adivinhar-lhe até algumas das causas. Está, por outras palavras, a olhar-me com piedade. Estou agora perigosamente perto de sucumbir ao único

grande risco da reportagem de celebridades: permitir que a minha entrevistada inverta o foco do escrutínio, ponto a partir do qual já não serei capaz de vê-la. Com uma súbita pressão anunciada por gotas de suor ao longo da minha linha capilar em drástica retirada, esfrego o fundo do prato da salada com um grande pedaço de pão e enfio-o na boca como se fosse um dentista a encaixar um dente. E só então - ah sim - sinto as incomodativas primícias de um espirro; aí vem ele, Ave Maria, com pão ou sem pão, nada pode impedir a gritante e simultânea erupção de cada cavidade na minha cabeça. A Kitty mostra-se aterrorizada; encolhe-se para longe de mim enquanto eu lido com o problema.

Desastre evitado. Ou pelo menos adiado.

«Sabe», digo-lhe eu, quando finalmente consigo engolir o pão e assoar-me à custa de quase três minutos, «adorava ir dar um passeio. O que é que me diz?»

A Kitty salta da sua cadeira perante a perspectiva de fugir para o ar livre. Afinal, está um dia perfeito, o sol irrompe através das vidraças do restaurante. Mas a excitação dela é imediatamente temperada por um igual e oposto grau de cautela. «Então e o Jake?», pergunta ela, referindo-se ao seu assessor de imprensa, que aparecerá quando os nossos quarenta minutos chegarem ao fim e fará um gesto com a mão para voltar a transformar-me em abóbora.

«Ele não poderá telefonar-lhe e ir ter connosco?», pergunto-lhe eu.

«Está bem», diz ela, fazendo o seu melhor para simular a primeira vaga de entusiasmo genuíno que

sentiu, apesar da camada intermédia de fadiga que se intrometeu. «Pronto, vamos embora.»

Pago a conta à pressa. Ora, eu orchestrei a nossa escapadela por diversos motivos: primeiro, quero sacar mais alguns minutos à Kitty numa tentativa de resgatar este trabalho e, num sentido mais lato, a minha reputação literária em tempos prometedora e agora cada vez mais diminuta («Julgo que ela talvez estivesse desapontada por você não ter tentado escrever um segundo romance depois de o primeiro não se ter vendido...») - Beatrice Green, durante um chá quente, após eu me ter atirado a chorar para a soleira da porta da casa dela em Scarsdale, pedindo-lhe informações sobre a deserção da filha). Segundo, quero ver a Kitty Jackson ereta e em movimento. Para tal fim, deixo-me ficar para trás enquanto ela se encaminha para a saída do restaurante, ondulando entre as mesas com a cabeça baixa, à maneira tanto das mulheres excepcionalmente atraentes como também das pessoas famosas (para nem falar de pessoas como a Kitty, que são ambas as coisas). Eis uma tradução da postura e do porte dela: *Eu sei que sou famosa e irresistível - uma combinação cujas propriedades se assemelham muito à radioatividade - e sei que vocês que estão nesta sala nada podem contra mim. É embaraçador para todos nós olharmos uns para os outros e vermos o nosso conhecimento mútuo da minha radioatividade e da vossa impotência, por isso mantereí a cabeça baixa e permitirei que vocês me vejam em paz.* Enquanto tudo isso está a acontecer, eu estou a avaliar as pernas da Kitty, que são compridas, caso consideremos a modesta altura dela, bem como morenas, e não daquele moreno alaranjado dos solários, mas de um

tom rico e acastanhado que me faz pensar em... bom, em cavalos.

O Central Park está a um quarteirão de distância. O tempo já decorrido vai em quarenta e um minutos e continua a contar. Entramos no parque. É verde e pejado de luz e de sombras, dando a impressão de que mergulhámos juntos num lago profundo e parado. «Já me esqueci a que horas começámos», diz a Kitty, olhando para o relógio. «Quanto tempo é que ainda temos?»

«Oh, estamos à vontade», murmuro-lhe eu. Sinto-me a modos que sonhador. Vou olhando para as pernas da Kitty enquanto caminhamos (o mais que posso sem ter de me arrastar pelo chão ao seu lado - pensamento que me passa pelo espírito) e descobrindo que acima do joelho elas estão semeadas de pelos do mais fino ouro. Por a Kitty ser tão nova e tão bem alimentada, tão resguardada da crueldade gratuita dos outros, tão inconsciente por enquanto de que chegará à meia-idade e acabará por morrer (possivelmente sozinha), por ainda não se ter desapontado a si mesma, apenas se ter deslumbrado a si e ao mundo com as suas façanhas prematuras, a pele da Kitty - aquele saco macio, roliço, docemente fragrante, em que a vida assenta o registo dos nossos fracassos e exaustões - é perfeita. E por «perfeita» quero dizer que nada pende nem descai, nem estala nem se enruga, nem se eriça nem incha - quero dizer que a pele dela é a pele de uma folha, só que não é verde. Não consigo imaginar uma pele daquelas tendo um odor, uma textura ou um gosto desagradáveis - sendo alguma vez, por exemplo (é francamente inconcebível), o mais ligeiramente eczematosa que fosse.

Sentamo-nos os dois numa ladeira relvada. A Kitty recomeçou a falar diligentemente acerca do seu novo filme, tendo-lhe sido sem dúvida recordado pelo espectro do seu assessor de imprensa em vias de regresso que a promoção do dito filme era a única razão para ela estar na minha companhia.

«Oh, Kitty», digo-lhe eu. «Esqueça o filme. Estamos os dois aqui no parque, está um dia lindíssimo. Deixemos para trás aquelas duas outras pessoas. Falemos sobre... sobre cavalos.»

Aquele olhar! Aquela mirada! Todas as metáforas brejeiras que se imaginam vêm ao espírito: sol irrompendo entre as nuvens, botões de flores abrindo-se, o súbito e místico aparecimento de um arco-íris. Está feito. Cheguei lá atrás, ou lá ao fundo, ou contornei-a - toquei na verdadeira Kitty. E por motivos que não consigo compreender, motivos que seguramente estarão classificados entre os mistérios mais misteriosos da mecânica quântica, experimento esse contacto como revelador, urgente, como se, ao superar o abismo entre mim e esta jovem atriz, eu estivesse a ser retirado de uma treva avassaladora.

A Kitty abre a sua pequena bolsa branca e tira de lá uma fotografia. Uma fotografia de um cavalo! Com uma marca branca em forma de estrela no focinho. Chama-se Nixon. «Como o presidente?», pergunto-lhe eu, mas a Kitty mostra-se perturbantemente vaga a respeito de tal referência. «Gostei do som do nome», diz ela, e descreve-me a sensação de dar de comer uma maçã ao Nixon - como ele a prende entre as suas mandíbulas cavалares e a esmaga de uma vez só numa cascata de vapor de suco leitoso. «Quase nunca consigo ir vê-lo», diz-me ela, com genuína tristeza.

«Tenho de contratar uma pessoa para ir passear com ele porque nunca estou em casa.»

«Ele deve sentir-se sozinho sem si», digo-lhe eu.

A Kitty vira-se para mim. Creio que ela se esqueceu de quem sou. Sinto um impulso para a empurrar de costas contra a erva, e faço isso.

«Calma!», grita a minha entrevistada, numa voz abafada e surpreendida mas ainda não exatamente assustada.

«Finja que está a montar o Nixon», digo-lhe eu.

«CALMA!», berra ela, e eu tapo-lhe a boca com a mão. A Kithy está a contorcer-se por baixo de mim, mas as contorções dela são obstruídas pela minha altura - um metro e oitenta e seis - e pelo meu peso, cento e trinta quilos, aproximadamente um terço dos quais estão concentrados no «pneu sobressalente» (- Janet Green, durante o nosso último, e fracassado, encontro sexual) da minha barriga, que a prende como se fosse um saco de areia. Tapo-lhe a boca com uma mão e enfio a outra entre os nossos corpos convulsos até que finalmente - sim! - consigo alcançar o fecho da minha braguilha. Como me está a afetar tudo isto? Bom, nós estamos deitados numa ladeira do Central Park, num local algo escondido que, tecnicamente falando, continua à vista de todos. Por isso sinto-me ansioso, muito ciente de que estou a colocar a minha carreira e a minha reputação em certo risco com estas cabriolas. Mas, mais do que isso, sinto esta louca - quê? - fúria, deve ser isso; que mais poderia explicar a minha vontade de abrir a Kitty como se ela fosse um peixe e deixar as tripas dela saírem cá para fora, ou o meu desejo separado, como corolário, de a partir ao meio e mergulhar os meus braços naquele líquido puro

e perfumado que rodopia no interior dela. Quero esfregá-lo na minha pele «escrofulosa» (ibid.), ferida e ressequida, na esperança de que isso finalmente a cure. Quero fodê-la (obviamente) e a seguir matá-la, ou possivelmente matá-la enquanto a fodo (sendo «fodê-la até à morte» e «fodê-la sem piedade» variações aceitáveis desse objetivo básico). O que eu não tenho interesse algum em fazer é matá-la e *a seguir* fodê-la, porque é a vida dela – a vida interior da Kitty Jackson – que eu tão desesperadamente tento atingir.

Mas afinal, não faço nem uma coisa nem outra.

Regressemos a esse momento: uma mão a tapar a boca da Kitty e a fazer o melhor que pode para segurar a muito vigorosa cabeça dela, a outra a debater-se com o fecho da minha braguilha, que eu tenho certa dificuldade em abrir, possivelmente devido aos convulsivos movimentos da entrevistada que está debaixo de mim. O que eu não controlo, desafortunadamente, são as mãos da Kitty, uma das quais conseguiu chegar à bolsa branca dela, de onde é sequestrada uma série de artigos: uma fotografia de um cavalo, um telemóvel do tamanho de uma batata frita, que tem estado a tocar sem parar durante os últimos minutos, e uma lata de algo que eu terei de supor ser gás-pimenta, ou talvez uma outra forma de gás lacrimogéneo, a julgar pelo impacto que ele tem quando aspergido diretamente na minha cara: uma sensação de calor ofuscante na zona dos olhos que se faz acompanhar por jorros de lágrimas, uma sensação de estrangulamento na garganta, uns sufocos espasmódicos e umas náuseas severas, levando-me tudo isso a pôr-me de pé num salto e a dobrar-me ao meio num desfalecimento de agonia (continuando

ainda a prender a Kitty ao solo com um pé), momento em que ela se apodera de um outro artigo contido na dita bolsa: um porta-chaves com um pequeno canivete suíço a ele preso, cuja diminuta e assaz romba lâmina ela não obstante consegue cravar através das minhas calças de caqui e na minha perna.

Agora já eu estou a berrar e a zurrar como um búfalo encurralado, e a Kitty foge a correr, com as suas morenas pernas sendo sem dúvida banhadas pela luz que tomba através das árvores, embora eu esteja demasiado perturbado para sequer olhar para lá.

Penso que terei de chamar a isso o final do nosso almoço. Consegui vinte minutos a mais, nas calmas.

O final do almoço, sim, mas o início de tantas outras coisas: uma apresentação perante o grande júri seguida da acusação por tentativa de violação, rapto e agressão agravada; o meu presente encarceramento (apesar dos heroicos esforços do Atticus Levi para reunir os 500 000 dólares da minha fiança) enquanto aguardo julgamento, o qual deverá começar este mês – no mesmo dia, tal foi a sorte, em que o novo filme da Kitty, *A Cascata das Gaivotas*, tem estreia nacional.

A Kitty enviou-me uma carta para a cadeia. «Peço-lhe desculpa por qualquer papel que eu possa ter desempenhado na sua crise emocional», escreveu ela, «e também por o apunhalar [*sic*]». Havia um círculo em cima de cada *i* e uma cara sorridente no final.

O que é que eu tinha dito? *Simpática*.

É claro, o nosso pequeno contratempo tem sido uma ajuda enorme para a Kitty. Títulos de primeira página, seguidos de um corrupio de artigos de continuidade que prolonguem a discussão, de editoriais e de textos de opinião que abranjam toda uma gama de tópicos

relacionados: a «crescente vulnerabilidade das celebridades» (*The New York Times*); a «violenta incapacidade de certos homens ao lidarem com sentimentos de rejeição» (*USA Today*); o imperativo de que os editores das revistas controlem mais de perto os autores que contratam (*The New Republic*), e a carência de uma segurança diurna adequada no Central Park<sup>4</sup>. A Kitty, essa martirizada efígie deste monstro, já anda a ser promovida como a Marilyn Monroe da sua geração, e ainda nem sequer morreu.

Parece que o novo filme dela será um sucesso, seja qual for o tema.

---

<sup>1</sup> Atrevi-me aqui a alguma sofística, ao sugerir que as partículas entrelaçadas poderão explicar alguma coisa, quando, até à data, elas próprias não foram ainda explicadas satisfatoriamente. As partículas entrelaçadas são «gémeos» subatómicos: fotões criados ao cindir um único fotão ao meio com um cristal, os quais reagirão identicamente aos estímulos aplicados a apenas um deles, mesmo quando distanciado do outro por muitos quilómetros.

Como, perguntam os físicos intrigados, poderá uma partícula «saber» o que sucede à outra? Quando as pessoas que ocupam mesas perto da Kitty Jackson a reconhecem inevitavelmente, como será que as pessoas que estão fora da linha de visão da Kitty, que não poderiam concebermente ter a experiência de verem a Kitty Jackson, a reconhecem em simultâneo?

Explicações teóricas:

(1) As partículas estão em comunicação.

Impossível, pois teriam de o fazer a uma velocidade maior do que a velocidade da luz, violando assim a teoria da relatividade. Por outras palavras, para que a consciência da presença da Kitty varresse todo o restaurante em simultâneo, os clientes das mesas que estivessem mais perto dela teriam de transmitir, por palavras ou gestos, o facto da presença dela aos clientes mais distantes que não conseguissem vê-la - tudo isso a uma velocidade superior à velocidade da luz. O que é impossível.

(2) Os dois fotões estão a responder a fatores «locais» engendrados pelo seu anterior estatuto enquanto fotão único. (Essa era a explicação de Einstein para o fenómeno das partículas agregadas, que ele designou como «ação fantasma à distância».)

Nada disso. Porque já anteriormente estabelecemos que elas *não* estão a responder uma à outra; todas elas estão a responder em simultâneo à Kitty Jackson, que somente uma pequena fração delas consegue efetivamente ver!

(3) É um daqueles mistérios da mecânica quântica.

Aparentemente é. Tudo o que se pode dizer ao certo é que, na presença da Kitty Jackson, todos somos agregados pela nossa pura consciência de que *não* somos a Kitty Jackson, um facto tão bruscamente unificador que elimina temporariamente todas as distinções entre nós - a nossa tendência para chorarmos inexplicavelmente durante as paradas, ou o facto de nunca termos

aprendido a falar francês, ou de termos um medo dos insetos que nos esforçamos o melhor que podemos por ocultar às mulheres, ou que gostávamos de comer papel vegetal quando éramos crianças - na presença da Kitty Jackson, deixamos de estar na posse de tais aspetos; com efeito, somos tão indistinguíveis de todos os outros não-Kitty Jackson que estiverem na vizinhança que, se um de nós a vir, os restantes reagem em simultâneo.

2 De vez em quando, a vida permite-nos o tempo, o repouso, o *dolce far niente*, para fazermos os tipos de perguntas que geralmente passam sem exame no rápido decurso da vida ordinária: Até que ponto se lembra da mecânica da fotossíntese? Alguma vez conseguiu usar a palavra «ontologia» numa frase coloquial? Em que momento exato é que você se apartou do alinhamento com a vida relativamente normal que apreciara até então, se desviou infinitesimalmente para a esquerda ou para a direita e embarcou assim na trajetória que em última análise o deixou no sítio em que presentemente está - no meu caso, o Instituto Correccional da Ilha de Rikers?

Ao fim de vários meses de sujeitar cada filamento e cada nanossegundo do meu almoço com a Kitty Jackson a um nível de análise que faria com que os eruditos do Talmude parecessem apressar-se nos seus louvores ao Sabbath, concluí que o meu próprio subtil mas decisivo realinhamento ocorreu precisamente no momento em que a Kitty Jackson mergulhou o seu dedo na taça de molho de salada «à parte», para aí o chupar.

Eis aqui, cuidadosamente destrinchada e restaurada por ordem cronológica, uma reconstrução do caldo de pensamentos e de impulsos que agora acredito terem percorrido o meu espírito nessa altura:

Pensamento 1 (perante a visão da Kitty a mergulhar o dedo e a chupá-lo): Poderá ser que esta jovem encantadora se *esteja a atirar a mim?*

Pensamento 2: Não, isso está fora de questão.

Pensamento 3: Mas está fora de questão *porquê?*

Pensamento 4: Porque ela é uma estrela de cinema com dezanove anos e famosa e tu estás «de repente mais pesado - ou serei eu que noto isso mais?» (- Janet Green, durante o nosso último, e fracassado, encontro sexual) e tens um problema de pele e nenhuma influência no mundo.

Pensamento 5: Mas ela acabou de enfiar o dedo numa taça de molho para a salada e de o chupar mesmo à minha frente! Que mais poderá isso significar?

Pensamento 6: Significa que estás tão longe do âmbito de consideração sexual da Kitty que os sensores internos dela, que normalmente constroem os comportamentos que pudessem ser entendidos como abertamente encorajadores, ou possivelmente incendiários, como mergulhar um dedo no molho da salada e chupá-lo diante de um homem que pudesse interpretar isso como um sinal de interesse sexual, não estão a funcionar.

Pensamento 7: Porque não?

Pensamento 8: Porque tu não estás classificado como um «homem» para a Kitty Jackson, e estar ao pé de ti não lhe dá mais consciência disso do que se ela estivesse na presença de um dachshund.

3 A quem inevitavelmente interpretar este capricho como evidência acrescida de que eu sou, de veras, um «tarado», um «mete nojo» ou um «doidinho» (- excertos da correspondência enviada por estranhos enquanto estive na prisão), apenas poderei propor o seguinte: num dia primaveril de há quase quatro anos, reparei numa rapariga de pernas curtas e grossas e torso estreito e comprido, vestida com uma camisola cor-de-rosa desbotada, que andava a apanhar caca de cão com um saco da Duane Reade. Era uma daquelas raparigas musculadas que se descobre terem sido nadadoras ou mergulhadoras durante o liceu (embora mais tarde eu viesse a

saber que ela não fora uma coisa nem outra), e a cadela dela era uma pequena terrier esquelada e de aspeto molhado, daquele género que, mesmo segundo os padrões mais neutros e objetivos, não pareceria nada adorável. Mas ela adorava-a. «Anda cá, Whiskers», chamava ela. «Anda cá, menina.» Ao vê-la, vi tudo: o pequeno apartamento sobreaquecido e apinhado de sapatos de corrida e de fatos de ginástica, os jantares duas vezes por semana em casa dos pais dela, o buço levemente enegrecido sobre o seu lábio superior, que ela descolorava todas as semanas com um creme branco que tinha um cheiro acre. E a sensação que tive não foi tanto a de a querer como a de ficar cercado por ela, a atrapalhar-lhe a vida sem que me tivesse mexido.

«Posso ajudá-la com isso?», perguntei-lhe eu, avançando para a luz do sol onde ela e a Whiskers estavam e tirando-lhe da mão o saco da Duane Reade cheio de caca.

A Janet sorriu. Era como alguém a acenar uma bandeira. «Você é doido?», disse-me ela.

#### 4 Ao Editor:

No estrito espírito do seu recente editorial («Vulnerabilidade nos Nossos Espaços Públicos», a 9 de agosto), e enquanto personificação, se quisermos, das «pessoas mentalmente instáveis ou ameaçadoras sob qualquer forma» que tanto anseia erradicar do domínio público, na sequência do meu «brutal ataque» àquela «jovem estrela demasiado confiante», permita-me que lhe faça uma sugestão que certamente deverá agradar ao Mayor Giuliani, no mínimo: porque não montar simplesmente uns postos de controlo nas entradas do Central Park e exigir a identificação a quem pretenda lá entrar?

Poder-se-ia assim consultar os cadastros delas e avaliar o relativo sucesso ou fracasso das suas vidas – casamento ou ausência deste, filhos ou ausência destes, sucesso profissional ou ausência deste, conta bancária saudável ou ausência desta, contacto com amigos de infância ou ausência destes, capacidade para adormecer serenamente à noite ou ausência desta, cumprimento das desmedidas e loucas ambições de juventude ou ausência deste, capacidade para repelir os ataques de terror e de desespero ou ausência desta – e, usando tais factos, poderia atribuir-se a cada pessoa uma classificação baseada na probabilidade de que os seus «falhanços pessoais ocasionem explosões de ciúme dirigidas contra os mais bem-sucedidos».

O resto é fácil: basta codificar a classificação de cada pessoa num bracelete eletrónico e afixá-lo no pulso delas logo que entrem no parque, para seguidamente monitorizar esses pontos de luz codificados num ecrã de radar, com pessoal pronto a intervir, caso as perambulações das pessoas não-famosas e de baixo nível comecem a obstaculizar a «segurança e a paz de espírito que as celebridades merecem, tal como qualquer outra pessoa».

Peço apenas isto: que, de acordo com o consagrado na nossa tradição cultural, se classifique a infâmia ao mesmo nível da fama, para que quando a minha escoriação pública estiver completa – quando a repórter da *Vanity Fair* que eu entrevetei na prisão ainda há dois dias (depois de ela já ter entrevistado o meu quiroprático e o porteiro do meu prédio) tiver feito o seu pior, tal como os «noticiários» da televisão; quando o meu julgamento e sentenciamento estiverem concluídos e eu for finalmente autorizado a regressar ao mundo, a pôr-me debaixo de uma árvore pública e a tocar-lhe na rugosa casca – então eu, tal como a Kitty, venha a gozar de alguma proteção.

Quem sabe? Talvez eu venha até a avistá-la um dia, quando nos passearmos ambos pelo Central Park. Duvido de que venhamos propriamente a falar-nos. Na próxima vez eu preferiria manter-me a uma certa distância, e acenar-lhe.

Respeitosamente,  
Jules Jones

## FORA DO CORPO

OS TEUS AMIGOS ESTÃO A FINGIR SEREM TODO O TIPO DE COISAS, e a tua função especial é obrigá-los a dizer o quê. O Drew diz que vai direto à faculdade de Direito. Após praticar por algum tempo, há de concorrer a senador estadual. E depois a senador dos Estados Unidos. Por fim, a presidente. Descreve tudo isso da mesma maneira em que tu dirias, *Depois da aula de Pintura Chinesa Moderna vou ao ginásio, e a seguir vou trabalhar para a Bobst até à hora de jantar, caso ainda fizesses planos, o que já não acontece - mesmo que ainda estivesses na escola, que não estás, embora supostamente isso seja temporário.*

Olhas para o Drew por entre as camadas de fumo de haxe que flutuam ao sol. Ele está recostado no sofá que tem o futon, com os braços ao redor da Sasha. Tem uma cara grande, do tipo olha-entra-aí, e uma cabeça com cabelos escuros, e é encorpado - não com músculos de sala de pesos, como os teus, mas de um modo básico e animalesco que deve provir de toda aquela natação que ele faz.

«Não tentes é dizer que não engoliste o fumo», dizes-lhe tu.

Toda a gente se ri exceto o Bix, que está no seu computador, e tu sentes-te um sujeito engraçado durante talvez um meio segundo, até te ocorrer que provavelmente eles só se riram por terem percebido que estavas a *tentar* ter graça, e recearem que saltes da janela abaixo para a Sétima Rua Oriental caso fracasses, ainda que seja numa ninharia dessas.

O Drew puxa uma longa fumaça. Ouve-se o fumo ranger no peito dele. Passa o cachimbo à Sasha, que o passa à Lizzie sem fumar nada.

«Prometo-te, Rob», diz-te o Drew, contendo o fumo, «que se alguém me perguntar, eu hei de dizer que o haxe que fumei com o Robert Freeman Junior era excelente.»

Aquele «Júnior» seria a gozar? O haxe não está a funcionar como era previsto: tu ficas tão paranoico como com a erva. Decides que não, o Drew não estava a gozar. O Drew é um crente - no outono passado, ele foi um dos irreduzíveis que andaram a distribuir panfletos na Washington Square e a registarem estudantes nos cadernos eleitorais. Após ele e a Sasha ficarem juntos, começaste a ajudá-lo - sobretudo junto dos desportistas, por saberes como falar com eles. O Treinador Freeman, também conhecido como teu pai, diz que os tipos como o Drew são «de pau». São uns solitários, diz o Pai - esquiadores, cortadores de lenha - e não uns jogadores de equipa. Mas tu sabes tudo acerca de equipas; sabes falar com as pessoas sobre as equipas (só a Sasha sabe que escolheste a Universidade de Nova Iorque por ela não ter uma equipa de futebol há trinta anos). No teu melhor dia, registaste doze jogadores de equipa como democratas, levando o Drew a exclamar, quando lhe entregaste a papelada, «Tu tens mesmo *jeito*, Rob». Mas

tu próprio nunca te registaste, esse é que era o problema, e quanto mais tempo esperavas, mais envergonhado por isso ficavas. Depois já era tarde demais. Nem mesmo a Sasha, que conhece todos os teus segredos, imagina que nunca chegaste a ir votar em Bill Clinton.

O Drew inclina-se para ela e dá à Sasha um beijo molhado, e tu percebes que o haxe o está a deixar entesado porque também sentes isso - faz com que os dentes te comecem a doer de uma maneira que só abrandam se bateres em alguém ou te baterem a ti. No liceu, quando te sentias assim ias andar à porrada, mas agora ninguém anda à porrada contigo - o facto de teres aberto os pulsos com um x-ato há três meses e quase te teres esvaído em sangue parece ser um dissuasor. Funciona como um campo de forças, paralisando todos os que estiverem ao seu alcance com um sorriso encorajador nos lábios. Tens vontade de lhes mostrar um espelho e perguntar: *Como é que esses sorrisos me ajudarão de ajudar ao certo?*

«Ninguém que fume haxe chega a presidente, Drew», dizes-lhe tu. «Isso nunca há de acontecer.»

«Este é o meu período de experimentação juvenil», diz ele, com uma sinceridade que seria risível em alguém que não fosse do Wisconsin. «Além disso», diz ele, «quem é que lhes irá contar?»

«Eu», dizes tu.

«Eu também gosto muito de ti, Rob», diz o Drew, a rir-se.

*Quem disse que eu gostava de ti?*, quase lhe perguntas tu.

O Drew levanta o cabelo da Sasha e enrola-o numa trança. Beija a pele por baixo do maxilar dela. Tu pões-te

de pé, já a fervilhar. O apartamento do Bix e da Lizzie é pequeno, como uma casa de bonecas, cheio de plantas e de odor a plantas (a húmido e a plantio), porque a Lizzie adora plantas. As paredes estão cobertas pela coleção de cartazes do Juízo Final do Bix - uns humanos nus e com ar de bebés a serem separados em bons e maus, ascendendo os bons a uns pastos verdes e a uma luz dourada, e desaparecendo os maus nas bocas de uns monstros. A janela está escancarada, e tu sobes para a escada de incêndio. O frio de março faz estalar os teus seios nasais.

A Sasha vem ter contigo à escada de incêndio um segundo depois. «Que estás tu a fazer?», pergunta ela.

«Sei lá», dizes tu. «Ar fresco». Pões-te a pensar por quanto tempo conseguirás continuar a dizer frases de duas palavras. «Belo dia.»

Do outro lado da Sétima Rua Oriental, duas velhinhas dobraram uns lençóis de banho sobre os parapeitos das janelas e apoiaram neles os cotovelos enquanto espreitam a rua lá em baixo. «Olha ali», dizes tu, apontando. «Duas espias.»

«Isso deixa-me nervosa, Bobby», diz a Sasha. «Tu aí do lado de fora.» Ela é a única que te trata dessa maneira; foste «Bobby» até teres dez anos, mas pelo que diz o teu pai depois disso passa a ser um nome de miúda.

«Então porquê?», dizes tu. «Terceiro andar. Braço partido. Ou perna. Quando muito.»

«Por favor volta para dentro.»

«Calma, Sash.» Sentas-te nos degraus de ferro que vão dar às janelas do quarto andar.

«A festa mudou-se aí para fora?» O Drew dobra-se como um origami até sair pela janela da sala de estar

para a escada de incêndio e debruça-se sobre o corrimão para espreitar a rua lá em baixo. Lá dentro, ouve-se a Lizzie atender o telefone - «Olá, Mãe!» - e a tentar tirar o haxe da voz. Os pais dela vieram do Texas para a visitarem, o que significa que o Bix, que é preto, anda a passar as noites no laboratório de engenharia eletrotécnica onde faz investigação para o doutoramento. Os pais da Lizzie nem sequer ficam em casa dela - estão num hotel! Mas se a Lizzie andar a dormir com um homem negro na mesma cidade em que estão os pais dela, eles acabarão por *saber*.

A Lizzie espeta o seu torso para fora da janela. Está vestida com uma minúscula saia azul e umas botas de couro autêntico que lhe chegam acima dos joelhos. Para si própria, ela já é designer de roupa.

«Então a racista?», perguntas-lhe tu, percebendo com insatisfação que a frase tem três palavras.

A Lizzie vira-se para ti, irritada. «Estás a referir-te à minha mãe?»

«Eu não.»

«Não podes falar dessa maneira dentro do meu apartamento, Rob», diz-te ela, usando a Voz Calma que todos eles têm vindo a usar desde que voltaste da Florida, uma voz que não deixa outra opção senão a de verificar qual o ponto a que se quebrará.

«Não estou.» Tu indicas-lhe a escada de incêndio.

«Nem na minha escada de incêndio.»

«Tua não», corrige-la tu. «Também do Bix. Nem isso. Da cidade.»

«Vai-te foder, Rob», diz a Lizzie.

«Tu também», dizes-lhe, sorrindo de satisfação perante a visão de raiva autêntica num rosto humano. Já lá vai algum tempo.

«Tem calma», diz a Sasha à Lizzie.

«Desculpa? Eu é que tenho de me acalmar?», diz a Lizzie. «Ele está a portar-se como um completo asno. Desde que regressou.»

«Ainda só passaram duas semanas», diz-lhe a Sasha.

«Adoro esta maneira de elas falarem de mim como se eu nem estivesse aqui», observas tu ao Drew. «Pensarão que estou morto?»

«Pensam que estás pedrado.»

«Têm razão.»

«E eu também.» O Drew trepa pela escada de incêndio até ficar alguns degraus acima de ti e empoleira-se ali. Respira fundo, saboreia o ar, e tu respiras também. No Wisconsin, o Drew já abateu um alce com arco e flecha, esfolou-o, cortou-lhe a carne em porções e carregou-a até casa numa mochila, com as botas de neve calçadas. Talvez ele tenha dito isso a brincar. Ele e os irmãos construíram uma cabana de troncos só com as mãos. O Drew cresceu junto de um lago, e todas as manhãs, mesmo no inverno, ia lá nadar. Agora nada na piscina da Universidade de Nova Iorque, mas o cloro magoa-lhe os olhos e não é a mesma coisa, diz ele, quando se tem um teto por cima de nós. Mesmo assim, ele nada por lá bastante, especialmente quando está chateado ou tenso, ou teve alguma discussão com a Sasha. «Deves ter crescido a nadar», disse-te ele quando pela primeira vez ouviu dizer que tu eras da Florida, e tu disseste, Pois claro. Mas a verdade é que nunca gostaste da água – algo que só a Sasha sabe acerca de ti.

Cambaleias desde os degraus até à outra ponta do patamar da escada de incêndio, onde por uma janela se vê a pequena alcova em que mora o computador do Bix. O Bix está em frente dele, com uns *dreadlocks* tão

grossos como charutos, enviando mensagens a outros estudantes de pós-graduação para eles as lerem nos seus computadores, e lendo as mensagens que eles lhe enviaram de volta. Segundo o Bix, esse tal envio-de-mensagens-por-computador há de vir a ser uma coisa *enorme* – muito para além do telefone. Ele é o maior a prever o futuro, e tu a bem dizer nunca o puseste à prova – talvez por ele ser mais velho, talvez por ele ser preto.

O Bix dá um salto quando te vê a espreitar do lado de fora da janela, com as tuas calças largas e a tua camisola de futebol, que começaste a usar outra vez, por qualquer motivo. «Que merda, Rob», diz ele, «o que estás tu a fazer aí fora?»

«A olhar para ti.»

«Deixaste a Lizzie toda aborrecida.»

«Desculpa.»

«Então vem cá para dentro e vai dizer-lhe isso.»

Tu saltas lá para dentro pela janela do Bix. Há um cartaz do Juízo Final pendurado mesmo por cima da secretária dele, que é da Catedral de Albi. Tu lembras-te dele do curso de Introdução à História da Arte no ano passado, um curso de que gostaste tanto que até acrescentaste a história da arte ao currículo do teu curso de gestão. Pões-te a pensar se o Bix será religioso.

Na sala de estar, a Sasha e a Lizzie estão sentadas no sofá do futon, com um ar triste. O Drew continua lá fora, na escada de incêndio.

«Lamento», dizes tu à Lizzie.

«Não faz mal», diz ela, e tu percebes que deves deixar a coisa por aí – está tudo bem, esquece o assunto, mas um qualquer motor louco dentro de ti não te deixa parar: «Lamento que a tua mãe seja racista. Lamento que o Bix tenha arranjado uma namorada vinda do Texas.

Lamento ser um parvalhão. Lamento deixar-te nervosa por ter tentado matar-me. Lamento ter atrapalhado a vossa bela tarde...» A tua garganta aperta-se e os teus olhos ficam molhados enquanto vês as caras delas passarem de enfastadas a tristes, e é tudo a modos que comovente e terno, só que tu não estás completamente ali - uma parte de ti está a alguns metros de distância, ou mais acima, a pensar, Boa, elas perdoam-te, elas não te abandonam, e a pergunta é, qual deles és verdadeiramente «tu», aquele que diz e que faz seja o que for, ou o outro que observa?

Deixas o Bix e a Lizzie e, na companhia da Sasha e do Drew, diriges-te para ocidente, rumo à Washington Square. Os espasmos frios nas cicatrizes dos teus pulsos. A Sasha e o Drew são um emaranhado de cotovelos, ombros e bolsos, que presumivelmente os mantém mais quentes do que tu. Quando estavas em Tampa, a recobrar-te, eles apanharam um autocarro da Greyhound até Washington, D.C., para assistirem à tomada de posse e ficaram toda a noite acordados para verem o sol erguer-se sobre a Alameda, altura em que (dizem ambos) sentiram o mundo começar a mudar mesmo por baixo dos pés. Tu riste-te quando a Sasha te contou isso, mas, desde então, dás por ti a olhar para os rostos de estranhos na rua e a pensar se eles também sentirão isso: uma mudança que tem que ver com o Bill Clinton ou com algo maior ainda, que está por toda a parte - no ar, por baixo da terra - e que é óbvia para todos, mas para ti não.

Na Washington Square tu e a Sasha dizem adeus ao Drew, que se vai embora para ir nadar e lavar o haxe que

tem na cabeça. A Sasha trouxe a sua mochila, e encaminha-se para a biblioteca.

«Ainda bem», dizes tu. «Foi-se embora.» Agora pareces não conseguir *parar* de falar por frases de duas palavras, embora gostasses de o fazer.

«Simpático», observa a Sasha.

«Era a brincar. É ótimo.»

«Eu sei.»

Os efeitos da tua pedra estão agora a dissipar-se, deixando um caixote de desperdício no sítio onde a tua cabeça deveria estar. Ficar pedrado é para ti uma novidade - *não* andares pedrado fora o único motivo por que a Sasha te escolhera logo no primeiro dia da Orientação aos Caloiros do ano passado, na Washington Square. A tapar-te o sol com o seu cabelo avermelhado pelo henna, aqueles olhos sempre em movimento a fitarem-te de lado, e não de frente. «Estou a precisar de um namorado a fingir», disse-te ela. «Estás disposto a isso?»

«E se for o teu namorado a sério?», disseste tu.

Ela sentara-se ao teu lado e explicara tudo: durante o liceu, quando morava em LA, tinha fugido com o baterista de uma banda de que tu nunca ouviras falar, saíra do país e viajara sozinha pela Europa e a Ásia - nem sequer se graduara. Agora, que era caloira, tinha quase vinte e um anos. O padrasto dela puxara todos os cordelinhos para que ela fosse admitida ali. Na semana anterior, ele dissera-lhe que ia contratar um detetive para ter a certeza de que ela «andava na linha» enquanto vivesse sozinha em Nova Iorque. «Pode estar alguém a observar-me agora mesmo», dissera ela, olhando para o outro lado da praça povoada de crianças

que pareciam conhecer-se todas umas às outras. «Sinto que está por aí alguém.»

«Devo pôr o meu braço por cima de ti?»

«Por favor.»

Tu já ouviste dizer algures que o ato de sorrir faz as pessoas sentirem-se felizes; pôr o braço por cima da Sasha fez-te ter vontade de a proteger. «Porquê eu?», perguntaste. «Só por curiosidade.»

«Tu és giro», disse ela. «Além disso, não tens ar de drogado.»

«Sou jogador de futebol», disseste tu. «Fui.»

Tu e a Sasha tinham livros para comprar; foram juntos comprá-los. Visitaste o dormitório dela, onde apanhaste a Lizzie, a companheira de quarto dela, a fazer-lhe gestos de aprovação enquanto tu estavas de costas. Às cinco e meia, vocês estavam os dois a encher os tabuleiros na cafetaria, e tu a carregares nos espinafres, por toda a gente dizer que os músculos do futebol se transformam em gelatina quando se para de jogar. Foram os dois levantar os cartões da biblioteca, voltaram para os vossos dormitórios, e depois encontraram-se às oito na Apple para irem beber qualquer coisa. Estava apinhado de estudantes. A Sasha estava sempre a olhar à sua volta, e como tu julgaste que ela estivesse a pensar no detetive, puseste o teu braço à volta dela e beijaste-a na cara e no cabelo, o qual tinha um cheiro a queimado, e a irrealidade de tudo aquilo descontraíu-te a um nível que nunca tinhas atingido com as raparigas lá da terra. Momento esse em que a Sasha te explicou a fase 2: cada um de vós tinha de dizer ao outro algo que tornasse impossível que vocês os dois alguma vez namorassem a sério.

«Já alguma vez fizeste isto?», perguntaste-lhe tu, incrédulo.

Ela tinha bebido dois copos de vinho branco (que tu acompanharias na proporção de dois-para-um com cervejas) e estava a dar início ao terceiro. «Claro que *não*.»

«Então... Se eu te disser que costumava torturar gatinhos, isso tira-te a vontade de me saltares para cima?»

«Tu fazias isso?»

«Não, foda-se.»

«Eu digo primeiro», disse a Sasha.

Tinha começado a roubar lojas aos treze anos com as amigas, escondendo pentes com missangas e brincos vistosos dentro das mangas, para verem quem conseguia arranjar mais, mas para a Sasha era diferente – aquilo fazia todo o corpo dela reluzir. Mais tarde, na escola, memorava cada passo de uma escapadela, contando os dias que faltavam até poder fazê-lo outra vez. As outras raparigas eram nervosas, competitivas, e a Sasha esforçava-se por não mostrar mais do que isso.

Em Nápoles, onde ela ficara sem dinheiro, roubava coisas nas lojas e vendia-as ao Lars, o Sueco, esperando pela sua vez no chão da cozinha dele com outros miúdos que lhe traziam carteiras de turistas, joias de fancaria, passaportes americanos. Resmungavam contra o Lars, que nunca lhes dava o que mereciam. Supostamente ele tocara flauta em concertos, quando vivia lá na Suécia, mas a fonte de tal boato pode ter sido o próprio Lars. Não estavam autorizados a saírem da cozinha, mas alguém vislumbrara um piano por uma porta entreaberta, e a Sasha ouvira muitas vezes um bebé a chorar. Na primeira vez que lá fora, o Lars fizera a Sasha

esperar mais do que qualquer outro, segurando na mão um par de vistosos sapatos de plataforma que ela fanara de uma boutique. E quando todos os outros já tinham recebido e desaparecido, ele agachara-se ao pé dela no chão da cozinha e desabotoara as calças.

Ela fizera negócio com o Lars durante meses, chegando por vezes a casa dele sem ter conseguido furtar nada, só a precisar do dinheiro. «Pensava que ele era o meu namorado», disse-te ela. «Mas julgo que já nem sequer andava a pensar como deve ser.» Agora estava melhor, há dois anos que não roubava nada. «Aquela em Nápoles não era eu», disse-te ela, passando os olhos pelo bar. «Nem sei quem era. Sinto pena dela.»

E talvez pela sensação de que ela te havia provocado, ou de que se poderia dizer qualquer coisa na câmara da verdade em que tu e a Sasha se encontravam agora, ou de que ela criara um vácuo que uma qualquer lei da física exigia que tu preenchesse, falaste-lhe do James, o teu colega de equipa: como, em certa noite, vocês os dois tinham saído com duas raparigas no carro do teu pai, e, após as terem levado a casa (cedo – era noite de jogo), tu e o James tinham ido até um local isolado e passado quando muito uma hora a sós dentro do carro. Só acontecera daquela vez, sem debate nem concordância; vocês os dois mal se tinham falado desde então. Por vezes até pensavas se terias inventado aquilo.

«Não sou maricas», disseste tu à Sasha.

Não eras tu que estavas no carro com o James. Tu estavas noutra sítio qualquer, a olhar cá para baixo, a pensar, Aquele maricas está todo enrolado com outro gajo. Como é que ele consegue fazer isso? Como pode ele querer isso? Como pode ele viver consigo mesmo?

Na biblioteca, a Sasha passa duas horas a datilografar um trabalho sobre a juventude de Mozart e a bebericar uma Diet Coke. Sendo mais velha, sente-se atrasada, está a fazer seis cadeiras por semestre, além dos cursos de verão, para se graduar em três anos. Quer uma licenciatura de gestão e artes, como tu, mas em música. Apoiias a cabeça sobre os braços em cima da mesa e dormes até que ela acabe. Depois caminham juntos pelo escuro até ao teu dormitório, na Terceira Avenida. Cheira-te a pipocas no elevador - e é claro, todos os teus três coquilinos estão em casa, tal como a Pilar, uma rapariga que tu quase namoraste no outono passado para te distraíres, quando a Sasha emparelhou com o Drew. Logo que entras, baixam o volume dos Nirvana, e as janelas são abertas de par em par. Pareces estar agora na mesma categoria que um professor ou um chui: tornas as pessoas instantaneamente nervosas. Tem de haver alguma maneira de desfrutar disso.

Segues a Sasha até ao quarto dela. A maior parte dos quartos das estudantes são como umas tocas de hamsters, forradas de pedaços e tufo do lar - almofadas e cãezinhos de peluche e cafeteiras elétricas e chinelos fofos - mas o quarto da Sasha está praticamente vazio; ela aparecera no ano passado sem trazer mais do que uma mala. A um canto está uma harpa alugada que ela anda a aprender a tocar. Deitas-te de costas em cima da cama dela enquanto ela pega no saco das coisas do duche e no quimono verde e sai. Regressa muito depressa (por não querer deixar-te sozinho, sentes tu), vestida com o quimono, a cabeça embrulhada numa toalha. Tu observa-la a partir da cama enquanto ela sacode o seu longo cabelo e usa um pente com grandes dentes para o desemaranhar. A seguir despe o quimono

e começa a vestir-se: sutiã e calcinhas de renda preta, uns jeans rasgados, uma camisola preta desbotada, uns Doc Martens. No ano passado, depois de o Bix e a Lizzie terem começado a andar juntos, tu começaste a passar noites no quarto da Sasha, dormindo na cama vazia da Lizzie, a um metro de distância da Sasha. Conheces a cicatriz que ela tem no tornozelo esquerdo devido a uma fratura que teve de ser operada por não haver sarado bem; conheces a constelação de sinais avermelhados que ela tem ao redor do umbigo e o bafo a mofo dela quando acorda pela manhã. Toda a gente assumiu que vocês eram um casal – havia essa profundidade entre ti e a Sasha. Ela chorava durante o sono, e tu saltavas para a cama dela e abraçava-la até que a respiração dela se tornasse regular e lenta. Ela sentia-se tão leve nos teus braços. Tu adormecias agarrado à Sasha e acordavas cheio de tesão e ficavas ali deitado, a sentir aquele corpo que tão bem conhecias, a pele e os odores dele, bem como a tua necessidade de foder alguém, à espera que ambas se fundissem num único impulso. *Vá lá, junta tudo isso e age como uma pessoa normal, para variar*, mas tu tinhas medo de sujeitar a tua lascívia ao teste, não querendo arruinar tudo com a Sasha se as coisas corressem mal. Foi o maior erro da tua vida, não foder a Sasha – viste isso com brutal clareza quando ela se apaixonou pelo Drew, e isso atormentou-te com uns remorsos tão extremos que ao princípio pensaste que não conseguirias sobreviver-lhes. Podias ter ficado com a Sasha e ter-te tornado uma pessoa normal ao mesmo tempo, mas nem sequer tentaste – desististe da única oportunidade que Deus lançou para o teu lado, e agora é tarde demais.

Lá fora, no mundo, a Sasha pegava-te na mão ou lançava os braços ao redor de ti e beijava-te – isso era para o detetive. Ele podia estar em qualquer lado, a ver-vos atirarem bolas de neve na Washington Square, a Sasha a saltar para as tuas costas, as luvas de lã dela a deixarem-te fiapos na língua. Ele era o companheiro invisível que vocês saudavam por cima das tigelas de legumes cozidos no vapor do Dojo («Eu quero que ele me veja a comer comida saudável», dissera ela). De vez em quando levantavas questões práticas a respeito do detetive – O padrasto dela tinha voltado a referi-lo? Sabia ela de certeza se era um homem? Quanto tempo pensava ela que a vigilância duraria? – mas como essa linha de raciocínio parecia irritar a Sasha, tu desististe. «Eu quero que ele saiba que sou feliz», disse ela. «Quero que veja que estou boa outra vez – que ainda sou normal, apesar daquilo tudo.» E tu também querias isso.

Quando conheceu o Drew, a Sasha esqueceu-se logo do detetive. O Drew era à prova de detetive. Até o padrasto dela gosta dele.

Já passa das dez quando tu e a Sasha se encontram com o Drew na esquina da Terceira Avenida com São Marcos. Ele tem os olhos raiados de sangue devido à natação; traz o cabelo molhado. Beija a Sasha como se estivessem separados há uma semana. «A minha mulher mais velha», chama-lhe ele por vezes, e adora o facto de ela já ter vivido sozinha no grande mundo. É claro, o Drew não sabe nada acerca de como as coisas correram mal à Sasha em Nápoles, e ultimamente tens a sensação de que ela começa a esquecer-se disso, a recomeçar como a pessoa que ela é para o Drew. Isso deixa-te

doente de inveja; porque não conseguiste tu fazer isso pela Sasha? Quem o fará por ti?

Na Sétima Rua Oriental passas em casa do Bix e da Lizzie, mas as luzes estão apagadas – a Lizzie saiu com os pais dela. As ruas estão cheias de pessoas, a maior parte das quais parecem estar a rir-se, e tu tornas a pensar naquela mudança que a Sasha sentira quando o sol se erguera em Washington, D.C. – se aquelas pessoas também a sentem, e se será isso que motiva os risos delas.

Na Avenida A, vocês os três põem-se à porta do Pyramid Club, à escuta. «Ainda é a segunda banda», diz a Sasha, e por isso sobem a rua para irem buscar uns batidos ao quiosque de jornais russo e bebê-los num dos bancos do parque de Tompkins Square, que reabriu no verão passado.

«Olhem», dizes tu, abrindo a mão. Três comprimidos amarelos. A Sasha suspira; está a ficar sem paciência.

«O que é isso?», pergunta o Drew.

«Ecstasy.»

Ele sente uma atração otimista por tudo o que seja novidade – uma fé que há de enriquecê-lo, e não magoá-lo. Ultimamente deste por ti a usar essa qualidade do Drew, a espalhar-lhe as migalhinhas de pão uma a uma. «Eu quero fazer isto contigo», diz ele à Sasha, mas esta abana a cabeça. «Tenho saudades de te ver drogada», diz ele com um ar saudoso.

«Graças a Deus», diz a Sasha.

Tu engoles um dos comprimidos e tornas a guardar os outros dois no bolso. Começas a sentir o E logo que vocês entram no clube. O Pyramid está cheio de gente. Os Conduits têm dado grandes espetáculos em instalações universitárias ao longo dos anos, mas a

Sasha está convencida de que o novo álbum deles é simplesmente genial e receberá vários discos de platina. Ela gosta de ficar mesmo ao pé do palco, de frente para a banda, mas tu precisas de mais distância. O Drew fica junto da Sasha, mas quando o tarado do guitarrista principal dos Conduits, o Bosco, começa a passear-se de um lado para o outro como um espantalho tresloucado, tu notas que ele recua.

Entraste num estado de felicidade palpitante, estomacal, que sentes como aquilo que esperavas vir a ser a idade adulta quando eras miúdo: uma mescla de perda de apoios, de libertação da rotina das refeições e dos trabalhos de casa e das idas à igreja e do *Isso não é uma maneira simpática de falares com a tua irmã, Robert Júnior*. Tu querias um irmão. Tu querias que o Drew fosse teu irmão. Então poderiam ter construído juntos a cabana de troncos e dormido dentro dela, com a neve a acumular-se do lado de fora das janelas. Vocês podiam ter matado o alce e, em seguida, sujos do sangue e dos pelos, despido a vossa roupa juntos ao lado de uma fogueira. Se pudesses ver o Drew nu, nem que fosse só uma vez, isso aliviaria uma funda e horrenda pressão que há dentro de ti.

O Bosco está a ser lançado por cima da tua cabeça, a camisa dele já se foi, o magro torso dele está lustroso de cerveja e de suor. As tuas mãos deslizam pelos rígidos músculos das suas costas. Ele continua a tocar a guitarra, a gritar, mesmo sem ter microfone. O Drew localiza-te e aproxima-se, a abanar a cabeça. Ele nunca tinha ido a um concerto até conhecer a Sasha. Tu sacas um dos comprimidos amarelos que ainda tens no bolso e enfia-lo na mão dele.

Algo era engraçado ainda há pouco, mas não consegues lembrar-te do quê. O Drew também não parece sabê-lo, embora vocês os dois se rebolem de riso numa histeria imparável.

A Sasha pensou que vocês esperariam por ela lá dentro depois de o concerto acabar, e por isso demora um bocado até encontrar-vos aos dois lá fora, no passeio. Os olhos dela movem-se entre vós sob a ácida luz da rua. «Ah», diz ela. «Já percebi.»

«Não fiques zangada», diz o Drew. Ele está a tentar não olhar para ti – se vocês olharem um para o outro, já se sabe como é. Mas tu não consegues parar de olhar para o Drew.

«Não estou zangada», diz a Sasha. «Estou chateada.» Foi apresentada ao produtor dos Conduits, o Bennie Salazar, e ele convidou-a para uma festa. «Pensei que podíamos ir todos», diz ela ao Drew, «mas vocês estão demasiado pedrados.»

«Ele não quer ir contigo», berras-lhe tu, com o nariz cheio de riso e de ranho. «Ele quer ir comigo.»

«Isso é verdade», diz o Drew.

«Ótimo», diz a Sasha em tom zangado. «Então toda a gente fica contente.»

Vocês os dois afastam-se dela a cambalear. A hilaridade mantém-vos ocupados ao longo de vários quarteirões, mas há nisso um lado doentio, como uma comichão que, se continuar a ser coçada, acabará por desfazer a pele, o músculo e o osso, despedaçando-vos o coração. A dado ponto vocês os dois têm de parar de andar e sentam-se num banco, encostando-se um ao outro, quase a soluçar. Compram dois litros de sumo de laranja e emborcam-no numa esquina, o sumo a escorrer-vos pelos queixos e a ensopar-vos os casacões. Viras o

pacote ao contrário por cima da boca, recolhendo as últimas gotas ao fundo da garganta. Quando o deitas fora, a cidade ergue-se sombriamente ao teu redor. Estás na esquina da Segunda Rua e da Avenida B. Há pessoas que trocam pacotinhos nos seus apertos de mão. Mas o Drew estende os braços, sentindo o Ecstasy nas pontas dos dedos. Nunca o viste medroso; somente curioso.

«Sinto-me mal», dizes tu, «por causa da Sasha.»

«Não te preocupes», diz o Drew. «Ela há de perdoar-nos.»

Depois de te terem cosido os pulsos e posto os pensos e de terem bombeado sangue de alguém para dentro de ti e de os teus pais estarem no aeroporto de Tampa à espera do primeiro voo que dali partisse, a Sasha afastara as tubagens das intravenosas e subira para cima da tua cama no Hospital de St. Vincent. Apesar dos analgésicos, sentias uma dor latejante na zona dos pulsos.

«Bobby?», sussurrara ela. O rosto dela era quase palpavelmente teu. Ela respirava o teu hálito, e tu respiravas o dela, maltado pelo medo e pela falta de sono. Fora a Sasha quem te encontrara. Mais uns dez minutos, tinham dito eles.

«Bobby, ouve-me.»

Os olhos verdes da Sasha estavam mesmo à frente dos teus, as pestanas entrechocavam-se. «Em Nápoles», dissera-te ela, «havia miúdos que andavam só perdidos. Já se sabia que eles nunca iriam voltar ao que tinham sido, nem terem uma vida normal. E depois havia outros que se julgava que talvez sim.»

Tentaste perguntar-lhe de que tipo era o Lars, o Sueco, mas saiu-te uma baba.

«Escuta», disse ela. «Bobby. Não tarda nada vêm expulsar-me daqui.»

Tu abriste os olhos, e nem tinhas percebido que os havias fechado outra vez. «O que te estou a dizer é que *Nós somos os sobreviventes*», disse a Sasha.

Disse-te aquilo de uma maneira que de repente desanuviou a tua cabeça das coisas brumosas que estavam a bombear para dentro de ti: como se ela tivesse aberto um envelope e lido um resultado que precisavas de conhecer com grande urgência. Como se tivesses sido apanhado em falta e tivesses de ser corrigido.

«Nem todas as pessoas são. Mas nós somos. Está bem?»

«Está bem.»

Ele ficara deitada ao teu lado, todas as partes de vós se tocavam, como em tantas noites tinham feito antes de ela conhecer o Drew. Sentiste a força da Sasha a infiltrar-se na tua pele. Tentaste abraçá-la, mas as tuas mãos eram uns cotos de animal empalhado, e não conseguiste movê-las.

«O que quer dizer que não podes fazer isto outra vez», disse ela. «Nunca mais. Nunca. Nunca. Nunca. Prometes-me isso, Bobby?»

«Prometo.» E era a sério. Tu não irias quebrar uma promessa feita à Sasha.

«Bix!», grita o Drew. Começa a correr pela Avenida B, as botas atroando o passeio. O Bix está sozinho, mãos enfiadas nos bolsos do seu blusão verde da tropa.

«Calma», diz ele, a rir-se, quando percebe pelos olhos do Drew como este está pedrado. Em ti, a pedra

começa a vacilar. Tinhas pensado tomar aquele último comprimido, mas em vez disso oferece-lo ao Bix.

«A verdade é que eu deixei de tomar disso», diz o Bix, «mas as regras têm de ser contornadas, não é?» Um encarregado fizera-o sair do laboratório; anda a caminhar há duas horas.

«E a Lizzie está a dormir», dizes-lhe tu, «no teu apartamento.»

O Bix atira-te um olhar frio que te esvazia de boa disposição. «É melhor nem começarmos a falar disso», diz ele.

Caminham juntos, à espera de que o Ecstasy comece a fazer efeito ao Bix. Já passa das duas da manhã, hora a que (bem vistas as coisas) as pessoas normais vão para casa deitar-se, e os bêbedos, os tarados e os fodidos ficam na rua. Tu não queres estar com essa gente. Queres voltar para a tua suíte e ir bater à porta da Sasha, que ela deixa destrancada quando o Drew não passa lá a noite.

«Terra chama Rob», diz o Bix. O rosto dele está descontraído e os seus olhos estão brilhantes e enfeitiçados.

«Estava a pensar que se calhar vou para casa», dizes tu.

«Não podes ir!», berra o Bix. O amor pelas criaturas suas semelhantes irradia do interior dele como uma aura; sentes a cintilação dela na tua pele. «Tu és essencial à ação.»

«Pois é», murmuras tu.

O Drew põe o braço dele por cima de ti. Cheira a Wisconsin - árvores, fogueiras, lagos - embora tu nunca tenhas estado lá por perto. «É verdade, Rob», diz-te ele, sério. «Tu és o nosso doloroso e palpitante coração.»

Acabam por ir a um clube aberto até tarde que o Bix conhece na rua Ludlow, apinhado de gente com a cabeça demasiado cheia para poder ir para casa. Todos vocês dançam juntos, subdividindo o espaço entre o agora e o amanhã até que o tempo pareça andar para trás. Partilhas um forte charro com uma rapariga que tem uma franja muito curta, o que lhe expõe a testa luzidia. Ela dança encostada a ti, com os braços ao redor do teu pescoço, e o Drew grita-te ao ouvido, por cima da música, «Ela quer ir para casa contigo, Rob.» Mas por fim a rapariga desiste, ou esquece-se - ou tu esqueces-te - e desaparece.

O céu começa a clarear quando vocês os três saem do clube. Caminham juntos para norte até ao Leshko's, na Avenida A, para uns ovos mexidos e uns montes de batatas fritas, depois, a cambalearem, repletos, voltam à titubeante rua. O Bix está entre ti e o Drew, com um braço sobre cada um de vós. As escadas de incêndio pendem das paredes dos edifícios. Um arquejante sino de igreja começa a tocar e tu lembras-te: é domingo.

Alguém parece ir abrindo caminho em direção ao viaduto da Sexta Rua que vai dar ao rio Oriental, mas na verdade todos vocês se movem como um só, como se estivessem ligados a um tabuleiro Ouija. O sol põe-se à vista e começa a dardejar, a soltar o seu brilho vivo e metálico contra os teus olhos, a ionizar a superfície da água de maneira a que tu não consigas ver qualquer poluição ou crude lá no fundo. Parece místico, bíblico. Cria-te um nó na garganta.

O Bix aperta-te o ombro. «Cavalheiros», diz ele, «bom dia.»

Vocês ficam de pé à beira do rio, a olharem, com as últimas réstias de neve nuns montes sob os vossos pés.

«Olhem para aquela água», diz o Drew. «Gostava de poder ir nadar nela.» Ao fim de um minuto diz, «Vamos lembrar-nos deste dia, mesmo quando já não nos conhecermos uns aos outros.»

Tu olhas para o Drew, pestanejando ao sol, e por um segundo o futuro expande-se e prolonga-se, há uma versão qualquer de «ti» lá no fundo dele, a olhar para trás. E é então que sentes aquilo – aquilo que já viste no rosto das pessoas que andam na rua – uma vaga de movimento, como que uma corrente profunda, que te impele em direção a algo que não consegues ver bem.

«Oh, nós havemos de conhecer-nos uns aos outros para sempre», diz o Bix. «Os dias em que se perde o contacto estão quase a acabar.»

«O que quer isso dizer?», pergunta o Drew.

«Haveremos de encontrar-nos de novo num lugar diferente», diz o Bix. «Haveremos de encontrar todos aqueles que perdemos. Ou eles encontrar-nos-ão a nós.»

«Onde? Como?», pergunta o Drew.

O Bix hesita, como se guardasse esse segredo há tanto tempo que tivesse medo do que sucederia se o libertasse nos ares. «Eu imagino isso como o Dia do Juízo», diz ele por fim, de olhos postos na água. «Haveremos de nos erguer dos nossos corpos e de nos encontrarmos de novo uns aos outros em forma de espíritos. Haveremos de nos encontrar nesse novo lugar, todos nós, e de início isso parecerá estranho, mas daí a pouco o que parecerá estranho é que alguma vez se pudesse perder alguém, ou perdermo-nos a nós.»

O Bix sabe, pensas tu – e sempre o soube, ali diante daquele computador, e agora está a passar esse conhecimento. Mas o que lhe dizes é: «Então afinal quando é que conheces os pais da Lizzie?»

A surpresa instala-se com nitidez no rosto do Bix, e ele ri-se, com um som vasto e atroador. «Não sei, Rob», diz ele, abanando a cabeça. «Talvez não... talvez essa parte nunca mude. Mas eu gosto de pensar que sim.» Ele esfrega os olhos, que parecem subitamente cansados, e diz «Por falar nisso. Já são horas de voltar para casa.»

Começa a afastar-se, com as mãos enfiadas nos bolsos do seu blusão da tropa, mas decorre algum tempo até que sintas que ele se foi mesmo embora. Tiras da carteira o último charro e fuma-lo com o Drew, enquanto caminham para sul. O rio está sereno, não há barcos à vista, dois velhos desdentados estão a pescar por baixo da Ponte de Williamsburg.

«Drew», dizes tu.

Ele está a olhar para a água com aquela ébria distração que faz com que tudo mereça ser estudado. Tu ris-te, nervoso, e ele vira-se. «O que é?»

«Gostava que pudéssemos ir viver para aquela cabana. Tu e eu.»

«Qual cabana?»

«A que tu construístes. Lá no Wisconsin.» Vês a confusão no rosto do Drew, e acrescentas, «Se é que há uma cabana.»

«Claro que há uma cabana.»

A pedra com que tu estás torna granuloso o ar, e depois a cara do Drew, que se reconstitui ostentando nela uma nova fadiga que te assusta. «Eu ia ter saudades da Sasha», diz ele devagar. «E tu, não?»

«Tu não a conheces muito bem», dizes-lhe tu, ofegante, um pouco desesperado. «Não sabes bem de quem é que irias sentir a falta.»

Um armazém enorme interpôs-se entre o caminho e o rio, e vocês caminham ao longo dele. «O que é que eu

não sei acerca da Sasha?» O Drew pergunta isso no seu habitual tom amigável, mas está diferente – tu sente-lo já a afastar-se, e começas a entrar em pânico.

«Ela andou no engate», dizes-lhe tu. «Andou no engate e a roubar – foi assim que ela sobreviveu em Nápoles.»

Quando proferes tais palavras, surge nos teus ouvidos um uivo. O Drew para de andar. Tens a certeza de que ele te vai bater, e pões-te à espera disso.

«Isso é uma maluquice», diz ele. «E vai para o caralho por mo teres dito.»

«Pergunta-lhe», gritas tu, para te fazeres ouvir acima do uivo. «Pergunta-lhe pelo Lars, o sueco que costumava tocar flauta.»

O Drew começa outra vez a andar, de cabeça baixa. Tu caminhas ao lado dele, os teus passos vão narrando o teu pânico: *O que fizeste tu? O que fizeste tu? O que fizeste tu? O que fizeste tu?* O viaduto Roosevelt está por cima das vossas cabeças, barulho de pneus, gasolina nos vossos pulmões.

O Drew para novamente. Olha-te através do ar escuro, oleoso, como se nunca antes te tivesse visto. «Ena, Rob», diz ele. «Afinal tu és mesmo um idiota a sério.»

«Tu és o último a saber.»

«Eu não. A Sasha.»

Ele vira-te as costas e afasta-se caminhando apressadamente, deixando-te sozinho. Corres atrás dele, tomado por uma fera convicção de que conter o Drew reparará o mal que fizeste. Ela não sabe, dizes para ti mesmo, ela ainda não sabe. Enquanto o Drew estiver à vista, ela não sabe.

Continuas a segui-lo ao longo da margem do rio, deixando talvez uns seis metros entre vós, quase a correr para lhe acompanhares a passada. Ele vira-se para trás uma vez: «Vai-te embora! Não quero estar ao pé de ti!» Mas tu sentes a confusão dele sobre para onde ir, o que fazer, e isso reconforta-te. *Ainda não aconteceu nada.*

Entre as pontes de Manhattan e de Brooklyn, o Drew para ao pé daquilo a que se poderia chamar uma praia. É inteiramente feita de lixo: pneus velhos, detritos, bocados de madeira e de vidro, papéis sujos e sacos de plástico usados afunilando-se gradualmente para dentro do rio Oriental. O Drew põe-se de pé sobre aquela escória, a olhar para o largo, e tu aguardas alguns metros atrás dele. Então ele começa a despir-se. Tu de início nem acreditas que aquilo está a acontecer; tira o casacão, o camisolão, as duas camisolas e a camisola interior. E ali está o Drew em tronco nu, forte e teso como tu o imaginaste, embora mais magro, os pelos pretos do peito dele têm a forma de uma espada.

Em jeans e botas, o Drew procura o caminho até ao ponto em que o lixo e a água se encontram. Uma laje angular de betão projeta-se para fora da água, alicerce falhado de algo já há muito esquecido, e ele trepa para o alto dela. Desaperta as botas e descalça-as, a seguir desembaraça-se dos jeans e das cuecas. Mesmo entre o teu temor, sentes uma ténue apreciação pela beleza e a deselegância de um homem a despir-se.

Ele volta-se para trás e olha-te, e tu apercebes-te da sua frente nua, dos escuros pelos públicos e das pernas fortes. «Sempre quis fazer isto», diz-te ele numa voz inexpressiva, e dá um longo salto, um mergulho superficial, embatendo na superfície do rio Oriental e soltando algo entre um grito e um soluço. Vem à tona, e

tu ouve-lo tentar recobrar o fôlego. Não devem estar mais de uns sete graus centígrados ali fora.

Sobes à laje de betão e comesças a tirar as roupas, cheio de medo mas movido por um inabalável sentimento de que se conseguires dominar tal medo isso significará alguma coisa, provará alguma coisa a teu respeito. As tuas cicatrizes tangem com o frio. A tua pila encolheu até ficar do tamanho de uma noz e o teu belo corpo do futebol começa a mirrar, mas o Drew nem sequer está a olhar para ti. Está a nadar: umas fortes e claras braçadas de nadador.

Dás um salto desajeitado, o teu corpo choca contra a água, o teu joelho bate em qualquer coisa dura abaixo da superfície. O frio aperta-se contra ti, tirando-te o fôlego. Nadas à toa para te afastares do lixo, que imaginas lá em baixo, ganchos enferrujados e garras que sobem para te dilacerarem a genitália e os pés. Dói-te o joelho por causa daquilo em que embateu.

Levantas a cabeça e vês o Drew a flutuar de costas. «Nós conseguimos tornar a sair daqui, não é?», gritas-lhe tu.

«Sim, Rob», responde ele naquela sua nova voz, inexpressiva. «Do mesmo modo que entrámos.»

Tu não dizes mais nada. Precisas de toda a força que tens para avançar na água e absorver o ar. Por fim o frio começa a parecer quase tropicalmente quente de encontro à tua pele. A gritaria nos teus ouvidos diminui, e consegues voltar a respirar. Olhas à tua volta, estarecido pela beleza mítica do que te rodeia: água contornando uma ilha. Um rebocador ao longe, projetando o seu lábio de borracha. A Estátua da Liberdade. Um estrondo de rodados sobre a Ponte de Brooklyn, que parece o interior de uma harpa. Sinos de

igrejas, ocasionais e desafinados, como os carrilhões que a tua mãe pendura no alpendre. Estás a deslocar-te depressa, e quando procuras o Drew não consegues encontrá-lo. A margem está longe. Alguém nada perto dela, mas a uma tal distância que quando o nadador para, acenando freneticamente os braços, tu nem consegues ver quem é. Ouves um débil grito - «*Rob!*» - e percebes que já estavas a ouvir aquela voz há algum tempo. O pânico estraçalha-te por dentro, originando um cristalino empenhamento nos factos físicos: foste apanhado por uma corrente - há correntes neste rio - já sabias isso - ouviste isso num sítio qualquer e esqueceste-te - gritas, mas sentes a pequenez da tua voz, a indiferença sísmica da água que te cerca - tudo isso num instante.

«*Socorro! Drew!*»

Enquanto esbracejas, sabendo que não deves entrar em pânico - entrar em pânico tirar-te-á forças -, o teu espírito separa-se como costuma fazer com tanta facilidade, com tanta frequência, por vezes até sem que te dê conta, deixando o Robert Freeman Junior a debater-se sozinho com a corrente enquanto tu te retiras para a paisagem mais vasta, a água e os edifícios e as árvores, as avenidas que parecem corredores sem fim, o teu dormitório cheio de estudantes adormecidos, o ar espesso da sua respiração comunal. Entras pela janela aberta da Sasha, pairando sobre o parapeito enfeitado com os artefactos vindos das viagens dela: uma concha do mar branca, um pequeno pagode dourado, um par de dados vermelhos. A harpa dela a um canto, com o seu pequeno banco de madeira. Ela dorme na sua estreita cama, o seu cabelo de um vermelho incendiário é escuro contra os lençóis. Ajoelhas-te ao lado dela, respirando o

odor familiar do sono da Sasha, sussurrando-lhe ao ouvido uma mistura de *Desculpa* e de *Eu acredito em ti* e de *Estarei sempre ao pé de ti, a proteger-te, e nunca te deixarei, estarei enroscado à volta do teu coração pelo resto da tua vida*, até que a água que me comprime os ombros e o peito me esmaga até me acordar e eu ouço a Sasha a gritar-me na cara: *Luta! Luta! Luta!*

## ADEUS, MEU AMOR

QUANDO TED HOLLANDER CONCORDARA INICIALMENTE em viajar até Nápoles para procurar a sua sobrinha desaparecida, estabelecera com o seu cunhado, que pagava a conta, um plano para a localizar que envolvia percorrer os sítios onde a juventude sem destino, os viciados, tendessem a congrega-se - a estação de comboios, por exemplo - e perguntar-lhes se a conheciam. «Sasha. Americana. *Capelli rossi*» - cabelo ruivo - tencionara ele dizer, e treinara mesmo a sua pronúncia até conseguir rolar o *r* inicial de *rossi* na perfeição. Mas desde que chegara a Nápoles há uma semana, não o dissera ainda uma única vez.

Hoje, tinha ignorado a sua decisão de ir procurar Sasha e fora visitar as ruínas de Pompeia, para observar as antigas pinturas murais dos romanos e os pequenos e prostrados corpos espalhados como ovos de Páscoa entre os pátios de colunata. Comera uma lata de atum debaixo de uma oliveira e escutara o silêncio louco, vazio. Ao final da tarde regressou ao quarto de hotel, recostou o corpo dorido na grande cama de casal, e telefonou à irmã, Beth, mãe de Sasha, para lhe relatar o insucesso de mais um dia de esforços.

«Está bem», suspirou Beth desde Los Angeles, tal como fazia ao fim de cada dia. A energia do desapontamento dela dotava-o de algo que se assemelhava à consciência; Ted experimentava-a como uma terceira presença ao telefone.

«Lamento», disse-lhe ele. Uma gota de veneno encheu-lhe o coração. Iria procurar Sasha amanhã. Porém, mesmo enquanto fazia tal voto, ia reafirmando um contraditório plano para ir visitar o Museo Nazionale, onde estava um Orfeu e Eurídice que ele admirava há anos: um alto-relevo romano em mármore, copiado de um original grego. Sempre quisera vê-lo.

Afortunadamente, Hammer, segundo marido de Beth, que normalmente tinha uma bateria de perguntas para Ted, as quais se resumiam a uma pergunta muito simples, *O meu dinheiro está a ser bem empregue?* (enchendo assim Ted de uma esquiva ansiedade), ou não estava por lá ou optara por não se intrometer. Depois de desligar, Ted foi até ao minibar e despejou uma vodca por cima de gelo. Levou a bebida e o telefone para a varanda e sentou-se numa cadeira de plástico branco, olhando a Via Partenope e a baía de Nápoles lá ao fundo. A costa era pedregosa, a água de duvidosa pureza (embora de um azul estarrecedor), e aqueles napolitanos mal jeitosos, a maioria dos quais pareciam ser gordos, despiam-se em cima das rochas e saltavam para dentro da baía à vista dos transeuntes, dos turistas dos hotéis e do trânsito. Telefonou à esposa.

«Oh, olá, querido!» Susan ficou surpreendida por ter notícias dele àquela hora do dia, tão cedo - normalmente ele telefonava-lhe antes de se ir deitar, quando era quase hora de jantar na Costa Leste. «Está tudo bem?»

«Está tudo ótimo.»

O tom de voz dela, enérgico e alegre, já o havia desencorajado. Susan estava com frequência no espírito do Ted em Nápoles, mas numa versão ligeiramente diferente de Susan: uma mulher pensativa e sabedora com a qual ele podia falar sem falar. Era essa versão ligeiramente diferente de Susan que havia escutado com ele o silêncio de Pompeia, atenta às persistentes reverberações dos gritos, dos escorrimentos da cinza. Como podia tamanha devastação ter sido silenciada? Era esse o tipo de pergunta que passara a preocupar Ted na sua semana de solidão, uma semana que tanto lhe parecia um mês como um minuto.

«Tenho andado de olho na casa dos Suskind», disse Susan, aparentemente esperando alegrá-lo com essa notícia do ramo do imobiliário.

Porém, cada desapontamento que Ted sentia na sua esposa, cada incremento de deflação, era acompanhado por uma convulsão de culpa; há muitos anos, ele pegara na paixão que sentia por Susan e dobrara-a ao meio, para nunca mais ter uma sensação de afogamento e de impotência quando a via a seu lado na cama: aos braços grossos e ao traseiro fofo e generoso dela. Depois tornara a dobrá-la ao meio, para que quando sentisse desejo pela Susan isso já não trouxesse consigo aquela críspação de terror por nunca estar satisfeito. Depois ao meio outra vez, para que sentir desejo não implicasse qualquer necessidade imediata de agir. Depois ao meio outra vez, de modo que mal passou a senti-lo. No fim, o seu desejo era tão pequeno que Ted podia guardá-lo dentro da secretária ou num dos bolsos e esquecer-se dele, e isso dera-lhe um sentimento de segurança e de realização, de haver desmantelado um perigoso dispositivo que poderia tê-los esmagado a ambos. Ao

princípio Susan ficara perplexa, a seguir transtornada; por duas vezes o esbofeteara; saíra de casa a meio de uma tempestade e fora dormir num motel; deitara Ted ao chão do quarto envergando umas cuecas pretas abertas nas virilhas. Mas por fim uma espécie de amnésia dominara Susan; a rebelião e a dor dela haviam-se derretido, liquefeito, numa doce e eterna boa disposição que era terrível do modo em que a vida seria terrível, supunha Ted, sem a morte para lhe dar gravidade e forma. De início ele presumira que aquela imparável alegria dela era trocista, uma outra fase da sua rebelião, até lhe ter ocorrido que Susan se esquecera de como eram as coisas entre eles antes de Ted começar a dobrar o seu desejo; ela esquecera-se e era feliz – jamais fora tão feliz – e embora tudo isso aumentasse o espanto dele perante a ginasticada adaptabilidade do espírito humano, também o fazia sentir que a sua esposa sofrera uma lavagem ao cérebro. Ministrada por ele.

«Querido», disse Susan, «o Alfred quer falar contigo.»

Ted preparou-se para o seu temperamental e imprevisível filho. «Então olá, Alf!»

«Pai, não uses essa voz.»

«Qual voz?»

«Essa voz fingida de “Pai”.»

«O que é que tu queres de mim, Alfred? Podemos ter alguma conversa?»

«Perdemos.»

«Então ficaram como, cinco a oito?»

«Quatro a nove.»

«Bom. Ainda há tempo.»

«Não há tempo nenhum», disse Alfred. «O tempo está-se a acabar.»

«A tua mãe ainda aí está?», perguntou Ted, com certo desespero. «Podes voltar a passar-lhe o telefone?»

«O Miles quer falar contigo.»

Ted falou com os seus outros dois filhos, que tinham mais alguns resultados para lhe relatar. Sentiu-se um corretor de apostas. Eles praticavam todos os desportos imagináveis e alguns que (para Ted) o não eram: futebol, hóquei, basebol, lacrosse, basquetebol, futebol americano, esgrima, luta, ténis, *skate* (que não era um desporto!), golfe, pingue-pongue, vídeo voodoo (que não era de todo um desporto, e Ted recusava-se a sancioná-lo), alpinismo, patins em linha, *bungee jumping* (Miles, o filho mais velho, no qual Ted sentia uma alegre vontade de autodestruição), gamão (que não era um desporto!), voleibol, *wiffleball*, rãguebi, críquete (mas que país era este?), *squash*, polo aquático, ballet (o Alfred, claro), e, mais recentemente, Tae Kwon Do. Por vezes parecia a Ted que os filhos dele apenas praticavam os desportos para garantirem a sua presença na maior gama possível de superfícies de jogo, e ele comparecia como era suposto, elevando a sua voz entre as pilhas de folhas secas e o odor acre do fumo a lenha no outono, entre os trevos iridescentes na primavera, e através dos verões húmidos e infestados de mosquitos do norte do estado de Nova Iorque.

Após ter falado com a esposa e filhos, Ted sentiu-se bêbedo, ansioso por sair do hotel. Raramente bebia; a bebida fazia-lhe desabar sobre a cabeça uma cortina de exaustão, roubando-lhe as duas preciosas horas que tinha todas as noites - duas, talvez três, depois do jantar com Susan e os rapazes - para poder pensar e escrever sobre arte. Idealmente, ele deveria andar a pensar e a escrever sobre arte em todas as ocasiões, mas uma

confluência de fatores tornara esses pensamentos e esses escritos tão desnecessários (tinha cargo vitalício numa faculdade de terceira categoria, com pouca pressão para publicar) quanto impossíveis (lecionava três cursos de história de arte por semestre e assumira amplas responsabilidades administrativas – precisava do dinheiro). O local dos seus pensamentos e escritos era um pequeno escritório encastrado a um canto da sua desordenada casa, em cuja porta ele mandara instalar uma fechadura para manter os filhos do lado de fora. E eles juntavam-se obedientemente do lado de fora da porta, os rapazes dele, com os seus rostos destroçados, pungentes. Nem sequer estavam autorizados a baterem à porta do quarto onde ele pensava e escrevia sobre arte, mas Ted ainda não encontrara uma maneira de impedir que eles espreitassem lá para dentro, feras criaturas espectrais bebendo numa lagoa à luz do luar, com os pés descalços fincados na alcatifa, os dedos a suarem para cima das paredes, deixando nelas marcas de gordura que Ted todas as semanas indicava a Elsa, a mulher da limpeza. Ele sentava-se no escritório, a escutar as movimentações dos seus rapazes, a imaginar que sentia os hálitos quentes e curiosos deles. Não vou deixá-los entrar, dizia ele para si mesmo. Vou ficar aqui sentado a pensar sobre arte. Mas, para seu desespero, descobria que muitas vezes não conseguia pensar sobre arte. Não pensava em absolutamente nada.

\*\*\*

Pela hora do crepúsculo, Ted passeou pela Via Partenope até à Piazza Vittoria. Estava apinhada de famílias, de miúdos a pontapearem as ubíquas bolas de

futebol, trocando salvas em estridente italiano. Mas havia também outra presença, naquela luz que esmorecia: os jovens errantes, sujos, vagamente ameaçadores, que patrulhavam esta cidade onde o desemprego atingira os 33 por cento, membros de uma geração espoliada que se moviam furtivamente pelas imediações dos decrepitos *palazzi* em que os seus antepassados do século xv haviam vivido em esplendor, que se injetavam com drogas nas escadarias das igrejas em cujas criptas esses tais antepassados jaziam agora, nas suas diminutas urnas empilhadas como uns toros de lenha. Ted evitava esses jovens, embora tivesse um metro e noventa de altura e pesasse cento e quinze quilos, com um rosto que parecia assaz inócuo no espelho da casa de banho mas muitas vezes levava os seus colegas a perguntarem-lhe o que se passava. Ele receava que Sasha estivesse entre esses miúdos - que fosse ela quem o olhava através da luz amarelada que permeava Nápoles após a caída da noite. Trouxera a carteira vazia, à exceção de um cartão de crédito e de um mínimo de dinheiro. Saiu rapidamente da *piazza* em busca de um restaurante

Sasha desaparecera dois anos antes, aos dezassete. Desaparecera tal como o pai dela, Andy Grady, um financeiro desenfreado com olhos violáceos que fugira de um mau negócio um ano após se ter divorciado da Beth, não se voltando a saber dele desde então. Sasha dava notícias de vez em quando, pedindo transferências de dinheiro para diversos lugares remotos, e por duas vezes Beth e Hammer haviam voado para um desses sítios e tentado em vão intercetá-la. Sasha fugira a uma adolescência cujo catálogo de calamidades incluía o uso de drogas, inúmeras detenções por roubos em lojas, um pendor para andar na companhia de músicos de rock

(contara-lhe Beth, com impotência), quatro psiquiatras, terapia familiar, terapia de grupo e três tentativas de suicídio, todas as quais Ted testemunhara de longe, com um horror que gradualmente se fixara na própria Sasha. Quando era menina, ela era adorável – enfeitiçante, até – ele recordava isso de um verão passado com Beth e Andy na casa que eles tinham no lago Michigan. Mas tornara-se uma presença mal-encarada nas ocasionais festas de Natal ou de Dia de Ação de Graças em que Ted a via, e afastava dela os seus rapazes, com medo de que a autoimolação dela os afetasse de alguma maneira. Ele não queria ter nada que ver com Sasha. Ela estava perdida.

Na manhã seguinte Ted levantou-se cedo e apanhou um táxi até ao Museo Nazionale, fresco, ecoante, vazio de turistas embora fosse primavera. Deambulou entre empoeirados bustos de Adriano e dos vários Césares, experimentando uma estimulação física na presença de todo aquele mármore a pender para o erótico. Sentiu a proximidade do Orfeu e Eurídice antes de o ver, sentiu o seu fresco peso do outro lado da sala, mas prolongou o tempo até se confrontar com ele, memorando os eventos que haviam conduzido ao momento ali descrito: Orfeu e Eurídice apaixonados e recém-casados; Eurídice morrendo de uma mordedura de cobra enquanto fugia aos avanços de um pastor; Orfeu descendo até ao submundo, enchendo os húmidos corredores deste com a música da sua lira enquanto cantava as saudades que tinha da esposa; Plutão garantindo que Eurídice seria libertada da morte na condição de que Orfeu não se voltasse para trás para a olhar durante a ascensão deles.

E depois o desafortunado instante em que, por rezear pela sua amada quando esta tropeçara, Orfeu se esquecera disso e se voltara para trás.

Ted avançou para o alto-relevo. Sentiu que havia caminhado para o interior deste, tão inteiramente ele o cercou e o afetou. Era o momento antes de Eurídice ter de descer uma segunda vez para o submundo, quando ela e Orfeu fazem as suas despedidas. O que comoveu Ted, lhe amassou uns quaisquer cristais delicados no peito, foi a serenidade da interação deles, a ausência de dramatismos ou de lágrimas enquanto se olhavam um ao outro, tocando-se levemente. Sentiu entre eles um entendimento demasiado profundo para ser articulado: o inefável conhecimento de que tudo está perdido.

Ted contemplou o alto-relevo, transfigurado, durante trinta minutos. Foi-se embora e regressou. Saiu da sala e voltou. De cada uma das vezes, a sensação aguardava-o: uma fibrilante excitação, como ele não sentia há anos, em resposta a uma obra de arte, acrescida de uma excitação maior por tal excitação ser ainda possível.

Passou o resto do dia no piso superior, entre os mosaicos de Pompeia, mas o espírito dele nunca abandonou o Orfeu e Eurídice. Tornou a visitá-lo antes de sair do museu.

Agora já era de tarde. Ted começou a andar, ainda entontecido, até que se encontrou num emaranhado de vielas tão estreitas que pareciam escuras. Passou por igrejas acrescentadas com *palazzi* encardidos e bafientos, de cujos interiores esquálidos saíam sons de uivos de gatos e de crianças. Brasões sujos e já esquecidos estavam gravados sobre as suas imponentes portadas, e isso inquietou Ted: símbolos tão universais e tão característicos tornados insignificantes por nada mais

que o tempo. Imaginou a versão ligeiramente diferente de Susan ao seu lado, partilhando o seu deslumbramento.

À medida que o Orfeu e Eurídice foi abrandando a sua influência, Ted ganhou consciência de uma comunicação subterrânea ao seu redor, de um intercâmbio de olhares, de assobios e de sinais que pareciam incluir quase toda a gente, desde a megera vestida de preto à porta da igreja até ao miúdo da camisola verde que estava sempre a passar por Ted, de raspão, zumbindo na sua Vespa. Toda a gente menos ele. A partir de uma janela, uma velha estava usar uma corda para baixar até à rua um cesto cheio de pacotes de Marlboro. Mercado negro, pensou Ted, ao ver com inquietação uma rapariga de cabelo desgrenhado e braços bronzeados retirar um maço de cigarros e depositar algumas moedas no cesto. Quanto este voltou a ser içado, em direção à janela, Ted reconheceu na compradora dos cigarros a sua sobrinha.

Havia temido tão intensamente este encontro que não sentiu verdadeira surpresa pela espantosa coincidência de que ele tivesse efetivamente ocorrido. Sasha acendeu um dos Marlboros, de sobrolho franzido, e Ted abrandou a passada, fingindo admirar a ensebada parede de um *palazzo*. Quando ela começou a andar de novo, seguiu-a. Ela usava uns jeans pretos desbotados e uma camisola cinzenta, cor de água suja. Caminhava ao acaso e coxeando ligeiramente, devagar, depois com brusquidão, de modo que Ted teve de se concentrar para não a ultrapassar nem se deixar ficar para trás.

Ele estava a deslizar para as nodosas entranhas da cidade, uma zona pobre, sem turistas, onde o som da roupa pendurada a secar se misturava com o alvoroço

das asas dos pombos. Sem aviso, Sasha virou-se para trás e enfrentou-o. Ficou a olhar, espantada, para a cara dele. «Será que?», balbuciou ela. «Tio...»

«Meu Deus! Sasha!», gritou Ted, fazendo uma careta de surpresa. Ele fingia muito mal.

«Assustou-me», disse Sasha, ainda sem acreditar. «Eu sentia alguém a...»

«Tu também me assustaste», retorquiu Ted, e riram-se os dois, nervosos. Ele devia tê-la abraçado logo de início. Agora já parecia tarde demais.

Para se precaver contra a pergunta óbvia (*O que estava ele a fazer em Nápoles?*), Ted continuou a falar: Para onde ia ela?

«Vou... vou visitar uns amigos», disse Sasha. «Então e você?»

«Estou só... a andar!», disse ele, um pouco alto demais. Caminhavam agora lado a lado. «Estás coxa?»

«Parti um tornozelo em Tânger», disse ela. «Caí por uma escadaria abaixo.»

«Espero que tenhas ido a um médico.»

Sasha lançou-lhe um olhar piedoso. «Andei com gesso durante três meses e meio.»

«Então porque coxeias?»

«Não sei ao certo.»

Ela tinha crescido. E tão intransigente era a sua idade adulta, tão pródigo o seu inventário de seios, de ancas e de gentil arqueamento da cintura, tão destro o modo como sacudia a cinza do cigarro, que Ted experimentou a mudança como instantânea. Um milagre. O cabelo dela nem de perto estava tão ruivo quanto já fora. O rosto era frágil e malicioso, suficientemente pálido para absorver os tons do mundo que a rodeava – púrpuras, verdes, rosas – como um rosto pintado pelo

Lucian Freud. Parecia uma rapariga que há um século não teria vivido muito, teria morrido à nascença. Uma rapariga cujos débeis ossos não saravam bem.

«Vives aqui», perguntou-lhe ele. «Em Nápoles?»

«Numa zona mais bonita», disse Sasha, com uma ponta de snobismo. «Então e você, tio Teddy? Continua a viver em Mount Gray, Nova Iorque?»

«Sim», disse ele, espantado por ela ainda se lembrar disso.

«A vossa casa é muito grande? Tem muitas árvores? Vocês têm um pneu a fazer de balouço?»

«Árvores aos montes. E uma cama de rede que ninguém usa.»

Sasha calou-se, fechando os olhos como se estivesse a imaginá-lo. «Vocês têm três filhos», disse ela. «O Miles, o Ames e o Alfred.»

Ela acertara; até a ordem estava correta. «Estou espantado por te lembrares disso», disse-lhe Ted.

«Eu lembro-me de tudo», disse Sasha.

Ela parara diante de um dos *palazzos* encardidos, cujo brasão fora pintado por cima com uma cara amarela e sorridente que Ted achou macabra. «É aqui que moram os meus amigos», disse-lhe ela. «Adeus, tio Teddy. Gostei muito de tê-lo encontrado.» Apertou a mão dele com uns dedos húmidos, de aracnídeo.

Ted, que não estava preparado para essa abrupta separação, gaguejou um pouco. «Espera aí, mas... não posso convidar-te para jantar?»

Sasha inclinou a cabeça, mirando os olhos dele. «Ando muito ocupada», disse ela, em jeito de desculpa. E a seguir, como se amaciada por alguma profunda e infalível vontade de mostrar boa educação, «Mas sim. Hoje à noite estou livre.»

Foi só quando Ted empurrou para trás a porta do seu quarto de hotel, daquela rapsódia de tons beges dos anos 1950 que o saudava ao final de cada dia que não passara à procura de Sasha, que ele foi abalado pela pura bizarria do que acabara de acontecer. Estava na hora de fazer o seu telefonema quotidiano a Beth, e imaginou o atónico júbilo da irmã perante a avalanche de boas notícias desde ontem: não apenas ele havia localizado a filha dela, como Sasha lhe parecera asseada, razoavelmente saudável, mentalmente coerente e provida de amigos; em suma, melhor do que aquilo que eles tinham motivos para esperar. E contudo Ted não sentia essa alegria. Porquê? pensou ele, deitado de costas na cama, com os braços cruzados, fechando os olhos. Porquê aquela saudade do dia de ontem, da manhã de hoje até - da relativa paz de saber que deveria ir à procura de Sasha mas não o fazendo? Ele não sabia. Ele não sabia.

O casamento de Beth e de Andy extinguiu-se espetacularmente no verão em que Ted vivera com eles no lago Michigan enquanto geria um estaleiro de construção civil três quilómetros mais acima na área ribeirinha. Para além do próprio casamento, as baixas sofridas no final do verão incluíam o prato de majólica que Ted oferecera a Beth no aniversário dela; diversos artigos de mobiliário danificados; o ombro direito de Beth, que Andy deslocara por duas vezes; e a clavícula dela, que se quebrou. Quando eles lutavam, Ted levava Sasha lá para fora, pelo meio das ervas afiadas, até à praia. Ela tinha uns longos cabelos ruivos e uma pele branco-azulada que Beth estava sempre a tentar impedir que se queimasse. Ted tomara a sério as preocupações da irmã e levava sempre consigo um protetor solar

quando iam os dois para a areia – areia que durante a parte da tarde estava demasiado quente para que Sasha caminhasse nela sem gritar. Ele levava-a ao colo, leve como um gato no seu biquíni vermelho e branco, pousava-a em cima de uma toalha, e esfregava-lhe o creme nos ombros, nas costas e na cara, no narizito – ela deveria ter então uns cinco anos – e pensava no que se tornaria ela, que crescia no meio de tanta violência. Insistia em que ela usasse o seu chapéu branco à marinheiro sempre que andava ao sol, embora ela não o quisesse. Ele era um estudante de pós-graduação em história de arte, que trabalhava como empreiteiro para pagar as propinas.

«Um em-prei-tei-ro», repetia Sasha, fastidiosamente. «O que é isso?»

«Bom, é uma pessoa que organiza vários operários para construírem uma casa.»

«Há lá pessoas a lixar o chão?»

«Claro. Tu conheces operários que lixem o chão?»

«Um», disse ele. «Foi lixar o chão em nossa casa. Chama-se Mark Avery.»

Ted suspeitara instantaneamente desse Mark Avery.

«Ele deu-me um peixe», adiantou Sasha.

«Um peixinho dourado?»

«Não», disse ela, a rir-se, batendo-lhe no braço. «Um peixe para o banho.»

«E ele guincha?»

«Sim, mas eu não gosto do som.»

Essas conversas prosseguiram durante horas a fio. Ted tinha a inquietante sensação de que a criança as ia prolongando para ocupar o tempo, distraíndo-os a ambos daquilo que sucedia no interior da casa. E isso fazia com que ela parecesse muito mais velha do que na realidade

era, uma mulherzinha diminuta, sabedora, enfastiada, demasiado acostumada aos fardos da vida para sequer os mencionar. Nem por uma vez ela aludira aos seus pais, ou àquilo de que ela e Ted se escondiam quando iam para aquela praia.

«Levas-me contigo a nadar?»

«Claro», dizia ele sempre.

Só então a deixava retirar o chapéu de proteção. Os cabelos dela eram compridos e sedosos; batiam no rosto dele quando a levava ao colo (como ela queria sempre) para o lago Michigan. Ela agarrava-se a si com as suas pernitais e bracetos, quente do sol, e encostava a cabeça no seu ombro. Ted sentia o crescente medo dela enquanto se iam aproximando da água, mas ela recusava-se a deixá-lo voltar para trás. «Não. Não faz mal. Vai», murmurava ela com grande determinação para o pescoço dele, como se a sua submersão no lago Michigan fosse um ordálio que ela tinha de suportar a troco de um qualquer bem maior. Ted experimentara diversas maneiras de tornar aquilo mais fácil para ela – entrando na água aos poucos, ou mergulhando logo de uma vez – mas Sasha soltava sempre uns soluços de dor e contraía mais as pernas e os braços ao seu redor. Quando aquilo terminava, quando já estava lá dentro, voltava a ser ela, nadando à cão mau grado os esforços dele para lhe ensinar o *crawl*. («Eu sei nadar assim!», dizia ela, impaciente. «Só que não gosto»). A chapinhar água para cima dele, com os dentes a chocalharem valentemente. Mas todo aquele processo deixava Ted inquieto, como se ele a estivesse a magoar, forçando a sua sobrinha àquela imersão, quando o que ele ansiava fazer – fantasiava fazer – era salvá-la: embrulhá-la num cobertor e tirá-la de casa às escondidas antes da

alvorada; ir-se embora a remar num velho bote que encontrara; levá-la pela praia fora sem se virar para trás. Ele tinha vinte e cinco anos. Não confiava em mais ninguém. Mas, na verdade, não podia fazer nada para proteger a sobrinha, e enquanto as semanas se iam prolongando ele começara a anteciper o final do verão como uma presença negra e sinistra. Mas quando a altura chegara fora estranhamente fácil. Sasha agarrara-se à mãe, mal olhando para Ted enquanto este carregava o carro e fazia as despedidas, e ele fora-se embora sentindo-se zangado com ela, magoado de uma maneira que sabia ser infantil mas parecia não conseguir evitar, e quando tal sensação passara isso deixara-o exausto, demasiado cansado até para conduzir. Estacionara à porta de um restaurante da Dairy Queen e adormecera.

«Como é que eu sei se tu sabes nadar, se não me mostras?», perguntara ele certa vez a Sasha, quando estavam sentados na areia.

«Eu tive aulas com a Rachel Costanza.»

«Não estás a responder à minha pergunta.»

Ela sorria-lhe com uma certa impotência, como se quisesse esconder-se atrás da sua infantilidade mas sentisse que, de certo modo, já era demasiado tarde para isso. «Ela tem um gato siamês que se chama Pena.»

«Porque é que tu não nadas?»

«Oh, tio Teddy», dissera ela, numa das suas sinistras imitações da mãe. «Tu deixas-me mesmo cansada.»

Sasha chegou ao hotel dele pelas oito da noite, trazendo um vestido vermelho curto, umas botas pretas de cabedal e um aparato de cosméticos que lhe afilavam o rosto numa pequena e estridente máscara. Os estreitos

olhos dela encurvados como ganchos. Ted viu-a do outro lado do átrio e sentiu uma relutância que tendia para a paralisia. Esperara, cruelmente, que ela não aparecesse.

Apesar disso, obrigou-se a atravessar o átrio e a dar-lhe o braço. «Há um bom restaurante ao cimo da rua», disse-lhe ele, «a menos que tenhas outras ideias.»

E ela tinha. Soprando o fumo pela janela de um táxi, Sasha arengou o condutor num italiano imperfeito enquanto o veículo guinchava pelas vielas e seguia em contramão por ruas de sentido único até chegar ao Vomero, um bairro abastado que Ted não vira ainda. Estava no alto de uma colina. Entontecido, pagou ao condutor e postou-se com Sasha numa abertura entre dois prédios. A cidade plana, cintilante, expunha-se diante deles, tocando indolentemente o mar. Hockney, pensou Ted. Diebenkorn. John Moore. À distância, o monte Vesúvio repousava benignamente. Ted imaginou a versão ligeiramente diferente de Susan ao pé de si, a absorver tudo aquilo.

«Esta é a melhor vista de Nápoles», disse Sasha em tom provocatório, mas Ted sentiu-a à espera, a aferir a aprovação dele.

«É uma vista deslumbrante», garantiu-lhe ele, e acrescentou, enquanto calcorreavam as folhosas áreas residenciais, «Este é o bairro mais bonito que eu já vi em Nápoles.»

«Eu moro aqui», disse Sasha. «A poucas ruas de distância.»

Ted mostrou-se cético. «Então eu devia ter vindo ter contigo aqui. Poupava-te a viagem.»

«Duvido que conseguisse vir cá ter», disse-lhe Sasha. «Em Nápoles os estrangeiros ficam perdidos. A maior parte deles são roubados.»

«E tu não és uma estrangeira?»

«Tecnicamente, sim», disse Sasha. «Mas sei desenrascar-me por cá.»

Chegaram a uma encruzilhada onde havia um ajuntamento do que deveriam ser estudantes universitários (era estranho como estes tinham o mesmo aspeto em toda a parte): rapazes e raparigas com blusões de couro preto montados em Vespas, recostados em Vespas, empoleirados e até de pé em cima de Vespas. A densidade de Vespas fazia com que toda aquela praça parecesse vibrar, e os fumos dos tubos de escape delas agiram sobre Ted como um ameno narcótico. À luz do crepúsculo, um coral de palmeiras recortava-se contra um céu de Bellini. Sasha abriu caminho entre os estudantes com efémera compenetração, sempre a olhar adiante.

Num restaurante da praça, ela pediu uma mesa junto à janela e encomendou a sua refeição: flores de curgete fritas, seguidas de piza. Por uma e outra vez espreitou lá para fora, para os jovens nas suas Vespas. Era de uma evidência pungente que ansiava estar entre eles. «Conheces alguns daqueles miúdos?», perguntou-lhe Ted.

«São estudantes», disse ela em tom depreciativo, como se tal palavra fosse sinónima de «nada.»

«Eles parecem ser mais ou menos da tua idade.»

A Sasha encolheu os ombros. «A maior parte deles ainda vive em casa dos pais», disse ela. «Eu quero ouvir falar de si, tio Teddy. Continua a ser professor de história de arte? Por esta altura já deve ser um especialista.»

Abalado uma vez mais pela memória dela, Ted sentiu a pressão que se acumulava em si sempre que tentava falar do seu trabalho - uma confusão acerca do que o

levara originalmente a desapontar os pais e a acumular uma dívida enorme de modo a poder redigir uma dissertação onde defendia (num tom ofegante que hoje em dia o deixava embaraçado) que as características pinceladas de Cézanne eram um esforço para representar o *som* - designadamente, nas suas paisagens estivais, o canto hipnótico das cigarras.

«Ando a escrever sobre o impacto da escultura grega nos impressionistas franceses», disse ele, tentando falar com animação, mas aquilo caiu como um tijolo.

«A sua mulher, a Susan», disse Sasha. «Ela tem o cabelo louro, não tem?»

«Sim, a Susan é loura...»

«O meu cabelo costumava ser ruivo.»

«Ainda é ruivo», disse ele. «Arruivado.»

«Mas não como era antes.» Ela fitou-o, aguardando confirmação.

«Não.»

Houve uma pausa. «E ama-a? À Susan?»

Esse sereno inquérito acertou algures nas imediações do plexo solar de Ted. «*Tia Susan*», corrigiu-a ele.

Sasha mostrou-se arrependida. «Tia.»

«Claro que a amo», disse Ted baixinho.

Chegou o jantar: piza coberta de mozzarella de búfala, amanteigado e quente na garganta de Ted. Após um segundo copo de vinho tinto, Sasha começou a falar. Tinha fugido de casa com Wade, o baterista dos Cabeças de Alfinete (uma banda que parecia nem precisar de apresentação), que iam tocar a Tóquio. «Ficámos no Hotel Okura, que quer dizer *caprichoso*», disse-lhe ela. «Era abril, a época em que as cerejeiras florescem no Japão, e todas as árvores estavam cobertas daquelas flores cor-de-rosa, e os homens de negócios cantavam e dançavam

por baixo delas com uns chapéus de papel na cabeça!» Ted, que nunca fora ao Extremo Oriente nem sequer ao Próximo Oriente, sentiu uma pontada de inveja.

Depois de Tóquio, a banda tinha ido para Hong Kong. «Ficámos num arranha-céus branco no alto de um monte, que tinha uma vista incrível», disse ela. «As ilhas, a água, os barcos, os aviões...»

«Portanto, o Wade está cá contigo? Em Nápoles?»

Ela pestanejou. «O Wade? Não.»

Ele deixara-a lá, em Hong Kong, no alto edifício branco, ela tinha ficado no apartamento até o proprietário deste lhe pedir para sair. Mudara-se então para uma pousada de juventude num edifício cheio de oficinas de costura clandestinas, com gente que dormia debaixo das suas máquinas de costura sobre uns montes de desperdícios. Sasha transmitia esses pormenores despreocupadamente, como se tudo aquilo tivesse sido uma brincadeira. «Então fiz aí uns amigos», disse ela, «e passámos a fronteira para a China.»

«Era com esses amigos que te ias encontrar ontem?»

Sasha riu-se. «Eu conheço pessoas novas em todos os sítios para onde vou», disse-lhe ela. «É isso que acontece quando se viaja, tio Teddy.»

Estava corada – pelo vinho ou talvez pelo prazer das recordações. Ted acenou para pedir a conta e pagou-a. Sentia-se pesado, deprimido.

Os adolescentes tinham-se dispersado pela noite fresca. Sasha não tinha casaco. «Por favor, toma o meu blusão», disse Ted, despindo o *tweed* grosso, já puído, mas ela nem quis ouvir falar disso. Ele sentiu que ela queria permanecer totalmente visível no seu vestido vermelho. As botas altas exageravam-lhe o coxear.

Após uma caminhada de muitos quarteirões, chegaram a um clube noturno de aspeto genérico cujo porteiro lhes fez uns gestos lânguidos para que entrassem. Agora já era meia-noite. «Uns amigos meus são donos deste sítio», disse Sasha, abrindo caminho para um tumulto de corpos, uma luz púrpura fluorescente e uma batida que tinha toda a variedade de um martelo pneumático. Até Ted, que não era perito em clubes noturnos, sentia a fatigante familiaridade da cena, mas Sasha parecia cativada. «Pague-me uma bebida, tio Teddy, importa-se?», disse-lhe ela, apontando para uma beberagem horrenda numa mesa próxima. «Uma daquelas, com um chapelinho.»

Ted foi usando os cotovelos até chegar ao bar. Afastar-se da sua sobrinha foi como se abrisse uma janela, para aliviar uma opressão sufocante. Mas qual era o problema, exatamente? Sasha andara a divertir-se imenso, a correr mundo; que raio, ela fizera mais em dois anos do que Ted fizera em vinte. Porque estava então ele tão ansioso por lhe fugir?

Sasha tinha arranjado dois lugares numa mesa baixa, uma instalação que fazia Ted sentir-se como um macaco, com os joelhos espetados por baixo do queixo. Enquanto ela levava aos lábios a bebida com o chapelinho, a luz púrpura lambeu umas pálidas marcas de tecido cicatrizado na parte de dentro dos seus pulsos. Quando ela pousou a bebida, Ted agarrou-lhe o braço com ambas as mãos e virou-lho; Sasha permitiu isso até ver para onde ele estava a olhar, depois recolheu o braço. «Isso foi de antes», disse ela. «De Los Angeles.»

«Deixa-me ver.»

Ela não deixava. E, para sua própria surpresa, Ted esticou-se até ao outro lado da mesa e agarrou-lhe os

pulsos com as mãos, desfrutando de um certo prazer furioso em magoar a sobrinha enquanto lhos virava à força. Reparou que as unhas dela estavam vermelhas; tinha-as pintado nessa tarde. Sasha deixou de se debater, desviando os olhos enquanto ele lhe examinava os antebraços sob aquela luz fria e estranha. Tinham cicatrizes e arranhões, como a mobília.

«Muitas delas foram sem querer», disse Sasha. «Eu andava mesmo desequilibrada.»

«Passaste um mau bocado.» Ele queria que ela o admitisse.

Houve um silêncio. Finalmente Sasha disse, «Andava sempre a pensar que via o meu pai. Não era uma loucura?»

«Não sei.»

«Na China, em Marrocos. Olhava para o outro lado de uma sala qualquer - e pumba - via o cabelo dele. Ou as pernas dele. Ainda me lembro da forma exata das pernas dele. Ou de como ele atirava a cabeça para trás quando se ria - lembra-se, tio Teddy? Daquele riso dele que parecia um grito?»

«Lembro-me, agora que falas disso.»

«Eu pensava que ele andasse a seguir-me», disse Sasha, «para ter a certeza de que eu estava bem. E depois, quando me pareceu que não andava, fiquei mesmo assustada.»

Ted soltou-lhe os braços, e ela dobrou-os sobre o regaço. «Pensava que ele podia saber sempre onde eu estava por causa do meu cabelo. Mas agora nem sequer está ruivo.»

«Eu reconheci-te.»

«É verdade.» Inclinou-se para ele, o seu pálido rosto a aproximar-se do de Ted, aguçado de expectativa. «Tio

Teddy», disse ela, «o que é que está a fazer aqui?»

Era a pergunta que ele andava a temer, mas a resposta saiu de Ted como carne a soltar-se do osso. «Estou aqui para ver arte», disse-lhe ele. «Para ver arte e para pensar em arte.»

Ali estava: uma súbita e enaltecida sensação de paz. Alívio. Ele não viera por Sasha, era verdade.

«Arte?»

«É isso que eu gosto de fazer», disse ele, e sorriu, lembrando-se do Orfeu e Eurídice dessa tarde. «É isso que ando sempre a tentar fazer. É disso que me ocupo.»

No rosto de Sasha houve um relaxamento, como se algum peso que ela andasse a suportar tivesse sido removido. «Pensava que tivesse vindo procurar-me», disse-lhe ela.

Ted observou-a à distância. A uma distância pacífica.

Sasha acendeu um dos seus Marlboros. Após duas fumaças, apagou-o. «Vamos dançar», disse-lhe ela, notando-se-lhe uma certa falta de animação quando se levantou do seu assento. «Venha lá, tio Teddy», pegando na mão dele, conduzindo-o para a pista de dança, uma massa líquida de corpos que provocavam em Ted uma receosa sensação de timidez. Ele hesitou, resistindo, mas Sasha puxou-o para o meio dos outros dançarinos e ele sentiu-se de imediato a boiar, suspenso. Há quanto tempo não dançava num clube noturno? Uns quinze anos? Mais? Hesitantemente, Ted começou a mexer-se, sentindo-se enorme, desajeitado no seu *tweed* de professor, a mover os pés numa qualquer aproximação a passos de dança, até ter reparado que Sasha não se movia de todo. Estava imóvel, a olhar para ele. E então ela esticou-se na direção dele, cercou Ted com os seus longos braços e encostou-se a ele, de modo que ele

sentiu a modesta envergadura, a altura e o peso daquela nova Sasha, a sua sobrinha crescida que em tempos fora tão pequena, e a irrevogabilidade daquela transformação libertou em Ted uma dilacerada angústia, pelo que se lhe tolheu a garganta e um doloroso formigueiro começou a efervescer nas suas narinas. Ele apegara-se a Sasha. Mas ela fora-se embora, aquela menina pequenina. Partira com o rapaz apaixonado que a amava.

Por fim, ela afastou-se. «Espere aqui», disse-lhe, sem fitar o olhar dele. «Eu volto já.» Desorientado, Ted pairou entre os dançarinos italianos até uma crescente sensação de desajustamento o retirar da pista. Manteve-se nas imediações desta. Pôs-se depois a circular pelo clube. Ela dissera-lhe que tinha amigos ali - estaria a conversar com eles algures? Teria ido lá para fora? Ansioso, turvado pelo que bebera, Ted pediu ao balcão uma San Pellegrino. E foi só então, quando levou a mão à carteira e descobriu que esta desaparecera, que percebeu ter sido roubado por ela.

A luz do sol forçou as suas pálpebras pegajosas a abrirem-se e obrigou-o a acordar. Tinha-se esquecido de fechar os estores. Eram cinco da manhã quando finalmente chegara à cama, após horas de impotentes deambulações e uma série de péssimas indicações do caminho para o posto da polícia; após o ter finalmente localizado e transmitido a sua triste história (menos a identidade da carteirista) a um agente com o cabelo oleoso e uma atitude de prístina indiferença; após a oferta de uma boleia até ao seu hotel (que na verdade era tudo o que ele queria) por um casal idoso que

conhecera no posto, cujos passaportes haviam sido roubados no barco da carreira para Amalfi.

Ted levantou-se então da cama com a cabeça a latejar e o coração à desfilada. A mesa estava coberta de avisos de telefonemas: cinco de Beth, três de Susan, e dois de Alfred (*eu perco*, dizia um deles, no inglês mal amanhado do rececionista do hotel). Ted deixou-os no sítio para onde os havia atirado. Tomou um duche, vestiu-se sem se barbear, esvaziou uma vodca do minibar e retirou algum dinheiro e um cartão de crédito do cofre do quarto. Tinha de encontrar Sasha agora - hoje - e tal imperativo, que nunca o dominara em qualquer momento específico, assumiu uma imediatez que era o perfeito inverso da sua anterior negligência. Havia outras coisas que ele tencionava fazer - telefonar a Beth, telefonar a Susan, comer - mas fazê-las agora estava fora de questão. Tinha de encontrá-la.

Mas onde? Ted matutou nesse problema enquanto emborcava três *espressos* no átrio do hotel, deixando que a cafeína e a vodca se confrontassem no seu cérebro como uns peixes lutadores. Onde procurar Sasha nesta cidade confusa e malcheirosa? Passou em revista as estratégias que já antes não executara: abordar a miudagem dissoluta na estação de comboios e nas pousadas de juventude, mas não, não. Já esperara demasiado tempo por algo assim.

Sem um plano definido, apanhou um táxi até ao Museo Nazionale e enveredou por aquela que julgou ser a direção em que caminhara ontem, após ver o Orfeu e Eurídice. Nada lhe parecia o mesmo, mas decerto que o seu estado de espírito poderia justificar a diferença, aquele pequeno metrónimo de pânico que agora fazia tiquetaque dentro dele. Nada lhe parecia o mesmo, mas

tudo lhe parecia familiar: as igrejas manchadas, com as paredes estaladas e a desfazerem-se, os barrotes espigados. Após percorrer uma rua estreita até à sua sinuosa conclusão, emergiu numa passagem orlada por uma panóplia de vetustos *palazzi*, cujos pisos térreos se abriam de modo a acomodarem lojas de sapatos e de roupa barata. Uma brisa de reconhecimento adejou por cima de Ted. Percorreu a avenida devagar, olhando para a esquerda e para a direita, até avistar o rosto amarelo e sorridente por cima de um palimpsesto de espadas e de cruces.

Empurrou a pequena porta retangular afundada numa entrada larga e curva, construída originalmente para receber carruagens puxadas a cavalos, e seguiu depois por uma passagem até chegar a um pátio de chão empedrado, ainda quente da recente luz do sol. Cheirava a melões podres. Uma velha de pernas arqueadas, com umas meias azuis que lhe chegavam aos joelhos por baixo do vestido, bamboleou-se em direção a ele, com o cabelo apanhado num lenço.

«Sasha», disse Ted para os descoloridos e húmidos olhos dela. «Americana. *Capelli rossi*.» Enganou-se a dizer o *r* e tentou de novo. «*Rossi*», disse-lhe ele, desta vez rolando-o. «*Capelli rossi*.» Percebendo enquanto falava que a descrição já não era muito exata.

«Não, não», murmurou a mulher. Quando ela começou a esquivar-se-lhe, Ted foi atrás dela, enfiou-lhe uma nota de vinte dólares na mão macia e perguntou-lhe de novo, dessa vez rolando o *r* sem qualquer dificuldade. A mulher produziu um estalinho com a língua, pôs o queixo de esquelha, e a seguir, quase com um ar triste, fez a Ted um gesto para que este a seguisse. Ele assim fez, cheio de desdém pela facilidade com que ela fora

comprada, pelo pouco que a proteção dela valia. De um dos lados da porta da frente havia uma ampla escadaria, onde algumas manchas de rico mármore napolitano ainda piscavam por entre a sujidade. A mulher começou a subi-la vagarosamente, agarrada ao corrimão. Ted seguiu-a.

O segundo piso, como ele ensinara durante anos aos seus alunos de licenciatura, era o *piano nobile*, onde os donos dos palácios brandiam a sua opulência perante os convidados. Mesmo agora, infestado de pombos a perderem as penas e rebocado com pilhas de dejetos destes, os seus arcos abobadados que dominavam o pátio eram esplêndidos. Ao vê-lo reparar nisso, a mulher disse-lhe «*Bellissima, eh? Ecco, guardate!*» e, com um orgulho que Ted achou comovedor, abriu-lhe a porta de uma grande e obscura sala cujas paredes estavam manchadas por aquilo que pareciam ser áreas de bolor. A mulher ligou um interruptor, e uma lâmpada pendurada num fio transfigurou as formas bolorentas em murais pintados ao estilo de Ticiano e de Giorgione: robustas mulheres nuas segurando frutos; moitas de folhagem escura. Um sussurro de pássaros prateados. Ali deveria ter sido o salão de baile.

No terceiro piso Ted notou dois rapazes que partilhavam um cigarro junto à ombreira de uma porta. Um outro dormia sob um desordenado sortido de roupas: roupa interior e peúgas molhadas cuidadosamente presas num arame. Ted sentiu um odor a drogas e a azeite estragado, ouviu um murmúrio de atividades invisíveis, e compreendeu que aquele *palazzo* se transformara numa pensão. A ironia de se achar atirado para o meio do submundo que andara a tentar evitar

divertiu Ted. Portanto cá estamos, pensou ele. Até que enfim.

No quinto e último piso, onde em tempos haviam vivido os serviçais, as portas eram mais pequenas, dispostas ao longo de um estreito corredor. A guia idosa de Ted parou para descansar, encostada a uma parede. O desprezo que sentira por ela cedeu à gratidão: o esforço que aqueles vinte dólares lhe haviam custado! Como ela deveria precisar do dinheiro. «Desculpe», disse-lhe ele, «Lamento tê-la feito andar tanto.» Mas a mulher abanou a cabeça, sem compreender. Avançou pelo corredor fora a cambalear e bateu rispidamente numa das portas estreitas. Esta abriu-se e Ted viu Sasha, meio a dormir, vestida com um pijama de homem. Ao ver Ted os olhos dela abriram-se, mas o seu rosto permaneceu impassível. «Olá, tio Teddy», disse ela com afabilidade.

«Sasha», disse-lhe ele, só então percebendo que estava, também ele, ofegante devido à subida. «Eu queria... falar contigo.»

O olhar da mulher saltitou entre ambos; depois virou-lhes costas e foi-se embora. Logo que ela contornou uma esquina, Sasha fechou-lhe a porta na cara. «Vá-se embora», disse-lhe ela. «Estou ocupada.»

Ted aproximou-se mais da porta, apoiando a palma da mão contra a madeira estalada. Do outro lado desta, sentiu a presença assustada e zangada da sobrinha. «Então é que aqui que vives», disse-lhe.

«Vou mudar-me para um sítio melhor.»

«Logo que tiveres roubado carteiras suficientes?»

Houve uma pausa. «Isso não fui eu», disse ela. «Isso foi um amigo meu.»

«Tu tens amigos por todo o lado, mas na verdade nunca os vês.»

«Vá-se embora! Vá-se embora daqui, tio Teddy.»

«Eu bem gostaria», disse-lhe Ted. «Acredita.»

Mas ele não conseguia decidir-se a partir, nem sequer a mover-se, a bem dizer. Ficou ali postado até que as pernas começaram a doer-lhe, e então vergou os joelhos e baixou-se até ao chão. Já era de tarde, e uma auréola de luz bafienta brotava de uma janela numa das pontas do corredor. Ted esfregou os olhos, sentindo que poderia adormecer.

«Ainda aí está?», bradou Sasha através da porta.

«Ainda aqui estou.»

A porta entreabriu-se, e a carteira de Ted ressaltou na cabeça dele e caiu ao chão.

«Vá para o inferno», disse Sasha, e tornou a fechar a porta.

Ted abriu a carteira, viu que o conteúdo desta estava intacto, e tornou a guardá-la no bolso. Depois sentou-se. Durante muito tempo – horas, pareceu-lhe (ele tinha-se esquecido do relógio) – houve silêncio. De vez em quando Ted ouvia outros inquilinos incorpóreos a moverem-se no interior dos seus quartos. Imaginou que era um elemento do próprio palácio, um molde ou um degrau senciente destinado a testemunhar a passagem das gerações, a sentir aquele local cravar o seu vulto medieval mais profundamente na terra. Mais um ano, mais cinquenta. Por duas vezes teve de se levantar para deixar passar inquilinos, raparigas com mãos irrequietas e bolsas de couro estalado. Quase nem olharam para ele.

«Ainda aí está?», perguntou Sasha, por detrás da porta.

«Ainda aqui estou.»

Ela saiu do quarto e fechou rapidamente a porta atrás de si. Vestia uns jeans, uma camisola e uns

chinelos de plástico, e trazia uma toalha cor-de-rosa já puída e uma bolsinha. «Onde é que vais?», perguntou ele, mas ela pôs-se a andar pelo corredor fora sem comentar. Vinte minutos depois regressou, com o cabelo a pingar, trazendo a reboque um odor floral a sabão. Abriu a porta com a chave, depois hesitou. «Eu lavo os corredores para pagar este quarto, está bem? E varro a merda do pátio. Isso já o deixa feliz?»

«E a *ti*, isso deixa-te feliz?», contrapôs ele.

A porta gingou nos seus gonzos.

Quando Ted se sentou, sentindo a evolução da tarde, deu por si a pensar em Susan. Não na versão ligeiramente diferente de Susan, mas na própria Susan – a sua esposa – num dia de há muitos anos, antes de Ted ter começado a dobrar o seu desejo até à forma minúscula em que este se transformara. Numa viagem a Nova Iorque, enquanto viajavam no barco para Staten Island por divertimento, por nenhum deles o haver jamais feito, Susan virara-se para ele de súbito e dissera «Vamos garantir que há de ser sempre assim». E tão entrelaçados eram os pensamentos deles nessa altura que Ted soubera exatamente porque dissera ela aquilo: não por eles haverem feito amor nessa manhã ou bebido uma garrafa de Pouilly-Fuissé ao almoço – porque ela sentira a passagem do tempo. E então Ted sentira-a também, no saltitar das águas castanhas, no vogar dos barcos e no vento – movimento, caos por toda a parte – e pegara na mão de Susan e dissera «Sempre. Há de ser sempre assim.»

Recentemente ele mencionara essa viagem num qualquer outro contexto, e Susan olhara-o de frente e interrompera-o dizendo, na sua nova voz radiosa «Tens a certeza de que era eu? Não me lembro de nada disso!» e

administrara um repenicado beijo no alto da cabeça de Ted. Amnésia, pensara ele. Lavagem ao cérebro. Mas ocorreu-lhe agora que Susan estava simplesmente a mentir. Ele deixara-a partir, guardando-se para - o quê? Ted assustou-se por não fazer ideia nenhuma. Mas tinha-a deixado partir, e ela agora fora-se.

«Ainda aí está?», chamou Sasha, mas ele não respondeu.

Ela abriu a porta e espreitou para fora. «Pois está», disse ela, com alívio. Ted levantou os olhos para ela a partir do chão e não disse nada. «Acho que já pode entrar», disse-lhe ela.

Ele pôs-se em pé e penetrou no quarto dela. Era acanhado: uma cama estreita, uma escrivaninha, um rebento de hortelã dentro de um copo de plástico que enchia o quarto com o seu odor. O vestido vermelho, pendurado num cabide. O sol começava a pôr-se, escorregando sobre os telhados e os campanários das igrejas e aterrando no interior do quarto através de uma única janela junto à cama. O parapeito estava apinhado por aquilo que pareciam ser as recordações das viagens de Sasha: um pequeno pagode dourado, uma palheta de guitarra, uma concha marinha branca e comprida. No meio da janela, a balouçar num fio, pendia um tosco círculo feito a partir de um cabide desdobrado. Sasha sentou-se na cama, vendo Ted assimilar as suas magras posses. Este reconheceu, com impiedosa clareza, o que de certa forma não conseguira entender no dia anterior: quão só estava a sua sobrinha nesta terra estranha. Quão desprovida.

Como se sentisse o movimento dos pensamentos dele, Sasha disse «Eu ando sempre a conhecer pessoas. Mas a verdade é que aquilo nunca dura.»

Sobre a escrivaninha havia uma pequena pilha de livros em inglês: *A História do Mundo em 24 Lições*. *Os Sumptuosos Tesouros de Nápoles*. No cimo, um volume usado intitulado *Aprender a Datilografar*.

Ted sentou-se na cama ao lado da sobrinha e pôs o braço sobre os ombros dela. Pareciam uns ninhos de pássaro por baixo do casaco dele. A sensação de formigueiro fez-lhe arder as narinas.

«Ouve cá, Sasha», disse-lhe ele. «Tu podes fazer isso sozinha. Mas vai ser muito mais difícil.»

Ela não respondeu. Estava a olhar para o sol. Ted olhou também, encarando o tumulto de cor empoeirada através da janela. Turner, pensou ele. O'Keeffe. Paul Klee.

Num outro dia, mais de vinte anos após este, depois de Sasha ter ido para a faculdade e se ter instalado em Nova Iorque; depois de ela ter restabelecido contacto através do Facebook com o seu namorado da faculdade e se ter casado tarde (quando Beth já quase perdera toda a esperança) e ter tido dois filhos, um dos quais era ligeiramente autista; quando ela era como outra pessoa qualquer, com uma vida que a preocupava, eletrizava e submergia, Ted, há muito divorciado – já avô – ia visitar Sasha a casa dela, no deserto californiano. Atravessava uma sala de estar atravancada pelos destroços da criançada e via o sol ocidental irradiar através de uma porta corrediça de vidro. E por um instante lembrava-se de Nápoles: sentado ao lado de Sasha no minúsculo quarto dela; o sobressalto de surpresa e de deleite que ele sentira quando o sol finalmente caíra no centro da janela e fora capturado no interior daquele círculo de arame.

Virara-se então para ela, a sorrir. O cabelo e o rosto dela estavam incendiados por uma luz alaranjada.

«Está a ver», murmurara Sasha, olhando para o sol.  
«É meu.»

12

**Grandes Pausas do Rock and Roll**

**Por Alison Blake**

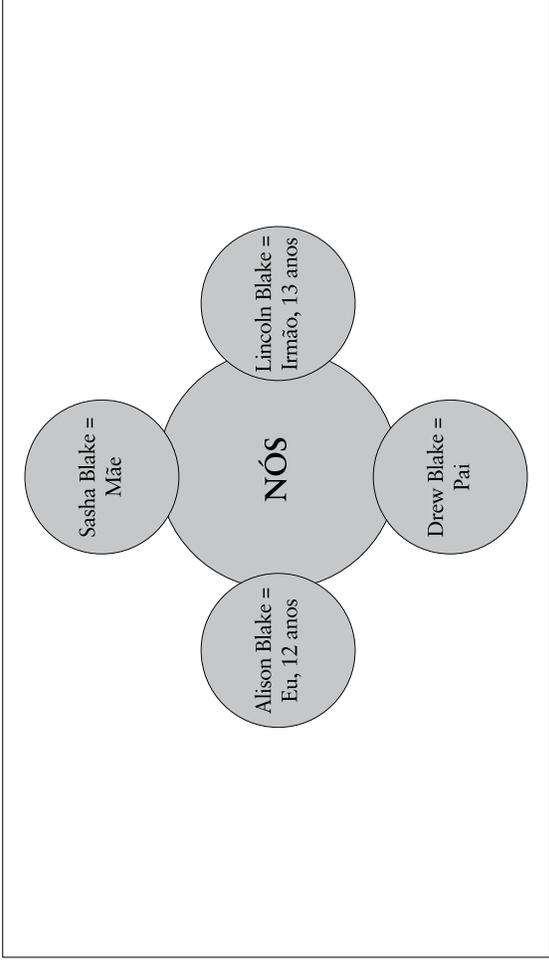
## 14 e 15 de Maio de 202-

1. Depois  
do jogo  
do Lincoln

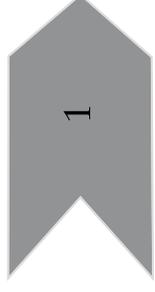
2. No Meu  
Quarto

3. Uma Noite  
Depois

4. O Deserto



Depois do Jogo do Lincoln



## A Caminho do Carro

• O meu braço por cima do pescoço do meu irmão, aos saltinhos pela noite do deserto.

Ar fresco, mas sente-se o calor sair da terra como de trás da pele de uma pessoa.

Acho que sinto isso através dos meus sapatos, mas será que sinto?

• Quando os miúdos dizem «Bom jogo, Linc», eu respondo por ele.

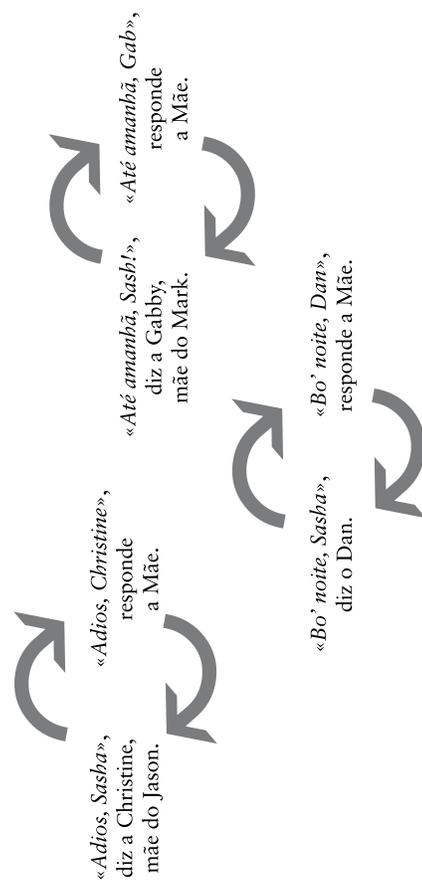
Eu tinha razão: o chão está quente.

Quando me agacho para apalpar o chão do parque de estacionamento, ele brilha como o carvão à luz do candeeiro.

• Ponho-me em pé, devagar, a rebolar os olhos. «Eu sei, Mãe.»

• Alison, carros! » grita a minha Mãe, com o exagero do costume (Hábito Irritante #81).

## Hábito Irritante #48



## No Carro

Eu:

«Porque é que tens de repetir as mesmas palavras das outras pessoas quando te despedes delas?»

↔

A Mãe:

«De que estás tu a falar?»

↔

Eu digo-lhe exatamente do que estou a falar.

↔

A Mãe:

«Há alguma hipótese de abrandares esse teu escrutínio, Ally?»

↔

Eu:

«Não é possível.»

**O Pai Está a Trabalhar**

## Paisagem do Deserto

Quando eu era  
pequena, havia relvados.

A nossa casa está ao pé do  
deserto. Há dois meses, um  
lagarto pôs os ovos na  
areia por baixo da nossa  
varanda.

Agora, é preciso muito  
crédito para se ter um  
relvado ou até uma  
turbina, que é caro.

A Mãe, o Lincoln e eu  
sentamo-nos à mesa  
de piquenique, a olhar  
para as estrelas.

A Mãe faz esculturas  
no deserto com o lixo  
e os nossos brinquedos  
velhos.

Por fim as esculturas  
dela desfazem-se,  
porque isso «faz parte  
do processo».

## Lincoln

É parecido com o Pai, mas mais novo e mais magro.

Uma «semibreve» tem quatro batidas de duração, uma «mínima»

Agora, anda obcecado com as canções de rock que tenham pausas.

Ele sabe mais do que os crescidos acerca de certas coisas.

## Canções com Comentários do Lincoln

### «Bernadette», dos Four Tops

- «Esta pausa ao princípio é excelente. A voz deixa de se ouvir, e depois ainda há 1,5 segundos de silêncio total, entre os 2:38 e os 2:39,5, antes de o coro voltar a entrar. Até se pensa, Ena, afinal a canção não acabou – mas 26,5 segundos depois ela acaba mesmo.»

### «Foxy Lady», do Jimi Hendrix

- «Mais uma grande pausa no começo: 2 segundos de duração, que aparece aos 2:23 segundos numa canção com 3:19 minutos de duração. Mas esta não é silêncio total; ouve-se a respiração do Jimi em fundo.»

### «Young Americans», do David Bowie

- «Esta é uma oportunidade perdida. Raios, teria sido tão fácil prolongar aquela pausa a seguir a “...break down and cry...” até um segundo inteiro, ou 2, ou até 3, mas o Bowie deve ter-se amedrontado por uma razão qualquer.»

## Pai vs. Mãe

### O Pai Diria (se cá estivesse):

«Ena, analisaste mesmo essas canções, Linc.»

«Admiro-te por te dedicares a essas minúcias.»

«Hoje passaste algum tempo com os outros miúdos?»

### A Mãe Diz:

«A “Bernadette” é a que eu mais gosto dessas três.»

«Eu não acho que o Bowie seja uma pessoa medrosa, de modo que deve haver outro motivo para ele não ter querido fazer uma pausa aí.»

«Por favor, não digas “raios”.»

## Agora Só as Pausas...

O Lincoln prolonga a pausa de cada canção até ela durar minutos.

Se os meus amigos estiverem por perto, eu ignoro a música do Lincoln.

Quando estamos só nós, as pausas são o que eu prefiro.

Soam a isto:



### A Mãe Diz:

«Há um ruído de fundo na pausa da “Bernadette”, provavelmente por ter sido gravada em 8 pistas.»

«É um bocadinho assustador ouvirmos o Hendrix a rir-se continuamente – não tenho a certeza de que isso possa considerar-se uma pausa a sério.»

«Meu Deus, está uma bela noite. Gostava que o vosso Pai estivesse aqui.»

## Porque Não Está Cá o Pai

### Médico

- Hoje ele operou o coração a uma menina mais nova do que eu.
- Os pais dela estão ilegais.

### «Bom Homem»

- É isso que toda a gente diz acerca do Pai.
- Por causa da clínica dele.

### Patrão

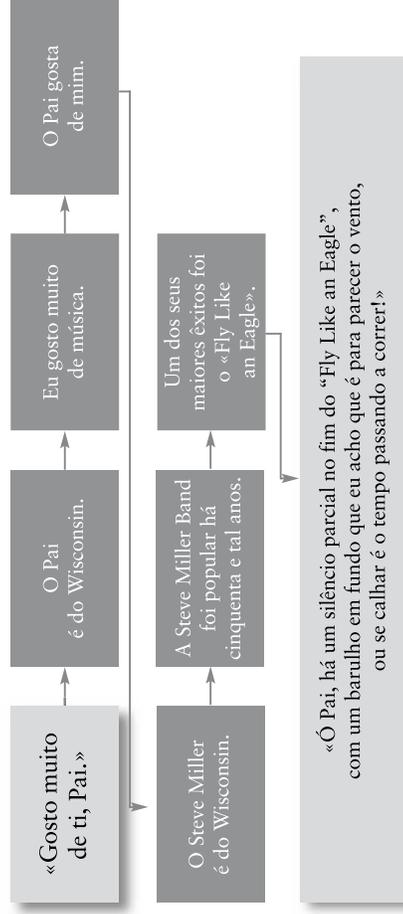
- No trabalho, as pessoas andam sempre a fazer perguntas ao Pai.
- Quando chega ao gabinete, ele fecha a porta, solta um suspiro gigantesco e diz «Gatinha, conta-me o que fizeste hoje.»

### Ponto Fraco

- Ele não consegue entender o Lincoln.
- Por exemplo:



## O Lincoln Quer Dizer/Acaba por Dizer



**«É bom saber disso, Linc», diz o Pai.**

## O Que Eu Noto Durante as Pausas Prolongadas

Um tom alaranjado  
no horizonte.

Mil turbinas  
negras.

Quilômetros de painéis so-  
lares como um oceano negro  
que eu nunca vi de perto.

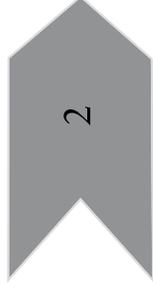
Nunca nos habituamos  
às estrelas, por mais tempo  
que aqui vivamos.



Havia deserto  
no Paquistão,  
mas não me  
lembro dele.

Só me  
lembro  
disto.

**No Meu Quarto**



## Hábito Irritante #92

A Mãe (vendo-me a fazer diapositivos):

«Outra vez?»

↓

Eu:

«E depois?»

↓

A Mãe:

«Porque é que não tentas *escrever* para variar?»

↓

Eu:

«Desculpa, isto é o meu diário em diapositivos.»

↓

A Mãe:

«Eu queria dizer escrever uma *redação*.»

↓

Eu:

«Agh! Quem é que ainda usa essa palavra?»

↓

A Mãe:

«Estou a ver muito espaço em branco. Onde é que entra a escrita?»

## Diapositivos com Ditos da Escola Que Eu Mostro à Mãe (só para a aborrecer)

«Por favor, Ally, tem dó!», diz a Mãe. Mas esta a rir-se.

«Deem-nos os temas, e não os problemas!»

«As palavras da estante só para mais adiante!»

«Junte um gráfico e aumente o seu tráfico!»

«As tabelas deviam iluminar, e não complicar!»

## A Mãe Encontra o Cavalinho de Brincar

Tenho-o no parapeito da minha janela.  
É feito de cascas de alperce.

Ela e o Pai  
trouxeram-no  
quando estiveram  
no Paquistão.

Uma vez a  
Mãe disse-me  
«Pensámos que  
o nosso bebé  
poderia brincar  
com aquele  
cavalinho.»

Depois de o Pai e a Mãe se terem reencontrado,  
ela arrumou a vida dela em Nova Iorque e foi  
ter com ele ao lado de lá do oceano.

«Nem  
olhei para  
trás», diz  
ela.

Às vezes ainda brinco com o  
cavalinho, sozinha no meu quarto.

Apesar de  
ter 12 anos.

Gosto de  
tornar verdadeira  
aquela previsão.

**«Oh Ally, adoro olhar para aquele cavalo», diz a Mãe.**

**«Então e isto?», Pergunto-lhe Eu, e Abro o Livro.**

*Conduit: Um Suicídio Rock  
and Roll*, por Jules Jones

A Mãe comprou o livro,  
mas nunca fala dele.

É sobre um gordo que era estrela  
do *rock* e queria morrer em palco,  
mas que acaba por recuperar  
e tornar-se proprietário de uma  
empresa de laticínios.

Há uma  
fotografia da Mãe  
na página 128.

## A Sasha da Fotografia

Ela está na rua com algumas pessoas, incluindo a estrela do *rock* (antes de ficar gordo).

O cabelo dela é vermelho vivo e despenteado.

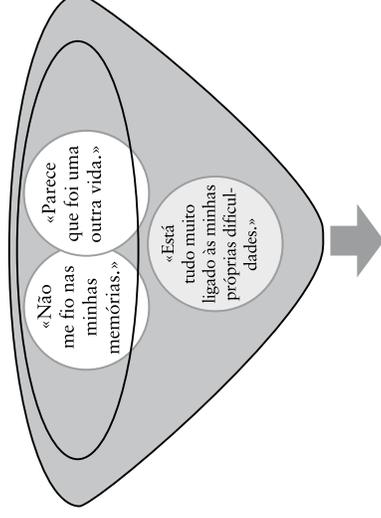
A cara dela é fina e bonita, como a de uma raposa.

Ela parece alguém que eu quero conhecer, ou se calhar até ser.

A legenda diz «A porta do Pyramid Club, início dos anos 1990».

A boca da Mãe está a sorrir, mas ela tem uns olhos tristes.

## Razões da Mãe Para Não Falar Sobre Esses Tempos



«Quais dificuldades?», perguntei-lhe eu uma vez.  
«Nada que te diga respeito», disse a Mãe.

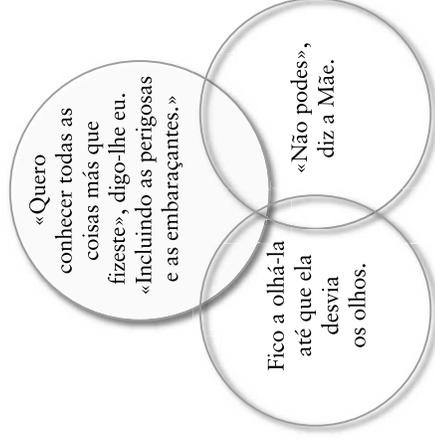
## A Cama do Lincoln Está do Outro Lado da Parede da Minha Cama



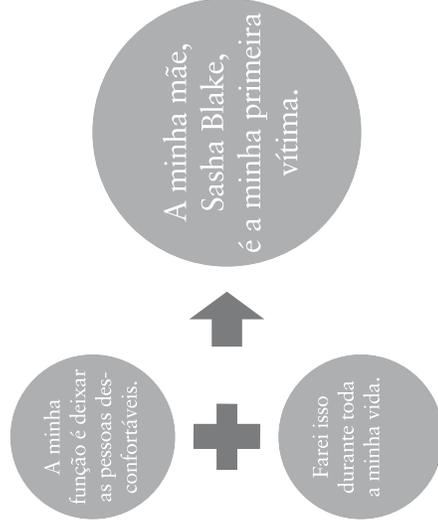
- 2 batidelas do lado dele = «Boa noite, Ally.»
- A seguir, a Mãe vai ao quarto dele.
- O Lincoln fica com ela mais tempo.

- 2 batidelas do meu lado = «Boa noite, Linc.»
- Ouço-os a conversarem através da parede.
- Eu fico com ela primeiro.

## A Mãe Senta-se na Beira da Minha Cama



## O Que Eu Compreendo de Repente



## O Lincoln Aparece Quando Eu Estou Meio a Dormir

Ele coloca os auscultadores nos meus ouvidos.

No monitor lê-se «Mighty Sword», dos The Frames.

- Música antiga, julgo eu.

Primeiro música, e depois a pausa...

Eu espero, espero e espero.

«É assim que a canção acaba?», pergunto eu por fim.

O Lincoln começa a rir-se, e eu rio-me também.

Ele tem um riso doce e apatetado.

As bochechas dele têm sardas.

«Quanto tempo pode durar uma pausa?», pergunto-lhe eu.

«UM MINUTO E CATORZE SEGUNDOS!», berra o Lincoln.

## «O Que É Que Se Passa Aqui?»

A Mãe, à porta do quarto.

Traz na mão um molho daqueles papelinhos que ela transforma em colagens depois de nós adormecermos (Hábito Irritante #22).

«São horas de ir dormir, gatinhos», diz ela.

Ela faz as colagens sentada no seu cadeirão, na sala de estar.

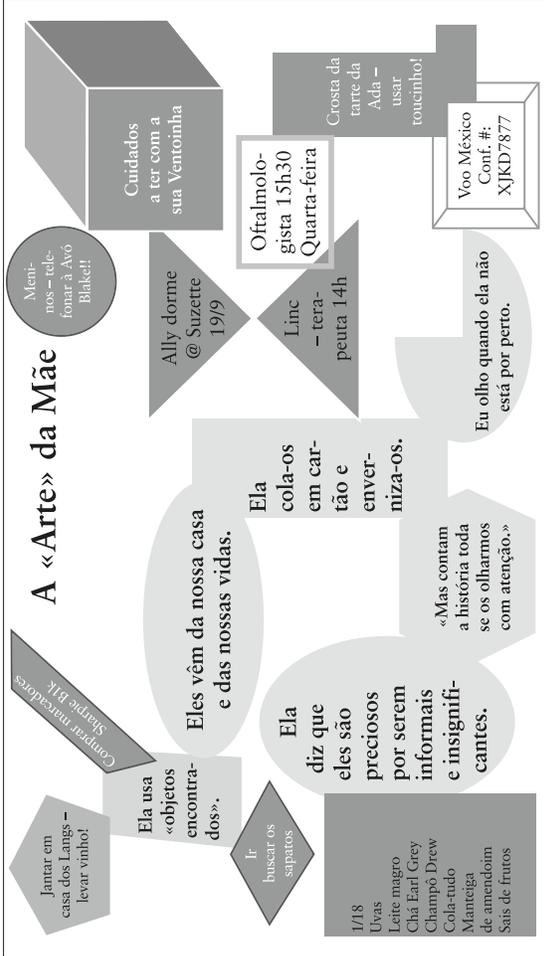
Não sei porque é que ela gosta tanto de lixo.

«Volta para o teu quarto, Linc. Amanhã há escola.»

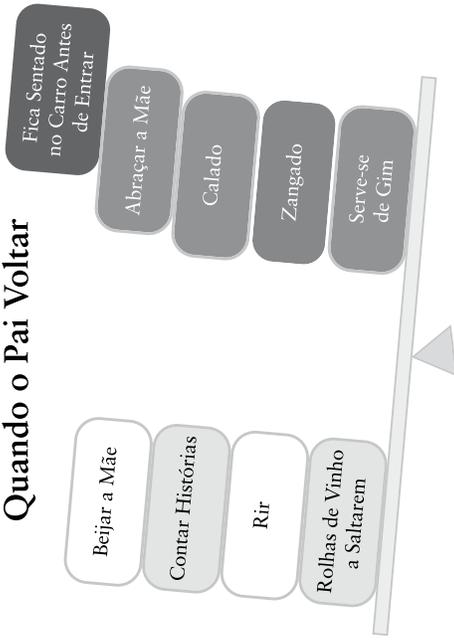
Normalmente quando o Pai ainda não chegou a casa.

«Não é lixo», diz depois a Mãe.

«São bocadinhos das nossas vidas.»



## Coisas Que Podem Acontecer Quando o Pai Voltar



## O Pai Chega Tarde a Casa

Ouço a  
porta  
a abrir-se  
enquanto  
durmo.

A Mãe pós  
os braços  
à volta  
do Pai.

Eles não  
dizem  
nada.

Espreito  
pela fresta  
da porta.

Ele pós a cara  
no cabelo  
dela.

Há um cobertor  
no cadeirão da Mãe,  
onde ela adormeceu.

**Uma Noite Depois**



## O Pai Grelha uma Galinha na Varanda

Comemos todos juntos  
na mesa de piquenique.

O Pai pergunta-nos como correu  
a escola, e eu conto-lhe.

Os jantares dele são melhores  
que os da Mãe, mesmo quando  
eles cozinham a mesma coisa.

A Mãe tem sempre o braço por cima  
do Pai e dá-lhe beijos na cara  
(Hábito Irritante #62).

Quero perguntar-lhe  
pela menina do coração.

## Factos Sobre o Pai

Logo depois de ele se barbear, a pele dele geme quando se passa por lá um dedo.

Tem um cabelo espesso e ondulado, ao contrário de muitos pais.

Ainda consegue pôr-me às suas cavalitas.

Quando ele mastiga, ouço os dentes dele baterem uns nos outros.  
• Deviam desfazer-se aos bocados, mas são fortes e brancos.

Quando ele não consegue dormir, vai andar para o deserto.

É um mistério por que gosta ele tanto da Mãe.

## O Riso do Pai

É difícil  
fazer o  
Pai rir-se.

Quando se ri, faz muito  
barulho, como se lardasse  
ou rugisse.

Talvez esse ladrar ou esse rugir  
sejam a surpresa dele por se rir.

A Mãe diz que antigamente o Pai se ria mais.

«Toda a gente se ri mais quando é miúdo»,  
diz ela (incluindo a faculdade).

## História Verdadeira

Quando o Pai andava na faculdade, foi nadar com um sujeito chamado Rob, e o Rob afogou-se.

Foi então que o Pai decidiu tornar-se médico.

«Por que não nadador-salvador?», perguntou-lhe eu às vezes. «Ou instrutor de natação.»

«Tens razão», diz o Pai. «Achas que ainda consigo?»

Antes disso, o Pai queria ser presidente.

«Quem o não quer, quando tem 18 anos?», diz ele.

O Pai conta isto a toda a gente.

«Guardar segredos pode matar-nos» é uma das suas frases favoritas.

## O Rob Era o Melhor Amigo da Mãe.

Ela traz sempre o retrato dele na carteira.

Mesmo assim, o Pai é mais bonito.

Antes de mais ele é giro, tem uma barba ruiva e uns olhos simpáticos, como um montanhista.

Se olharmos com atenção, percebe-se que o Rob vai morrer novo.

«Gostavas dele?», perguntei eu à Mãe.

«Como era ele?»

«Porque é que ele se afogou?»

«Porque é que o Pai não o salvou?»

Tem aquele ar das pessoas que só aparecem nas fotografias antigas.

«Sim. Como amigo.»

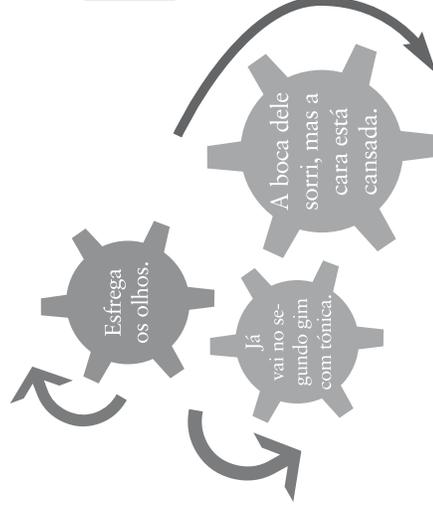
«Era meio e confuso, como muitos miúdos.»

«Não nadava muito bem, e foi apaixonado por uma corrente.»

«Ele tentou.»



## Sinais de que o Pai Não Está Contento



«Claro, Linc», diz ele, depois do jantar. «Vamos lá ouvir música.»

## Canções com comentários do Lincoln

«Long Train  
Runnin'»,  
dos Doobie  
Brothers

- «A pausa tem só 2 segundos, dos 2:43 aos 2:45, mas é basicamente perfeita: o refrão volta a aparecer e depois a canção continua até aos 3:28 – mesmo depois da pausa, ainda se tem quase mais um minuto inteiro de música.»

«Supervixen»,  
dos Garbage

- «Esta é única, porque as pausas acontecem *sem haver interrupção na música*. São só umas interrupções de um segundo – entre os :14 e os :15 e depois entre os 3:08 e os 3:09. Parece que há uma falha na gravação, mas aquilo é feito de propósito!»

## O Pai, para a Mãe, a Segredar Durante a Música (mas eu consigo ouvi-lo)

«Achas que devemos encorajar isto?»

«Claro que devemos.»



«Como é que isto o ajuda a relacionar-se com os outros miúdos?»

«Relaciona-o com o mundo.»



«Porque é que não tentamos interessá-lo por outra coisa qualquer?»

«É por isto que ele se interessa agora.»



«Mas o que é isto, Sasha? O que é "isto"?»

«Drew», diz a Mãe, «é música.»

## Pai/Lincoln

• «Lincoln, antes de podes outra canção a tocar, eu... eu gostava de saber porque é que as pausas são tão importantes para ti.»

Pai

Lincoln

• «A "Roxanne" tem uma – sabes qual é, aquela canção antiga dos Police? Tem uma pausa entre 1:37 e 1:59...»

• «Está bem, Linc, mas o que eu te estrou a perguntar...»

Pai

Lincoln

• «Em "Rearrange Beds", dos An Horse, há uma pausa de 2 segundos entre 3:40 e 3:42, e ao contrário de muitas canções, em que basicamente sabemos que a canção ainda não acabou apesar de a pausa nos fazer pensar que talvez ela tenha acabado, na "Rearrange Beds" aquilo soa mesmo, mesmo, como...»

**«Para!», grita o Pai. «Para. Por favor.  
Esquece que te perguntei.»**

## O Lincoln Começa a Chorar

O choro dele faz uns barulhos de arranhadela.



Ouvi-lo chorar faz-me chorar também.



O Pai tenta abraçar o Lincoln, mas ele foge-lhe e enrola-se todo numa bola.



Ela inclina-se para o Pai, e diz-lhe muito baixinho:

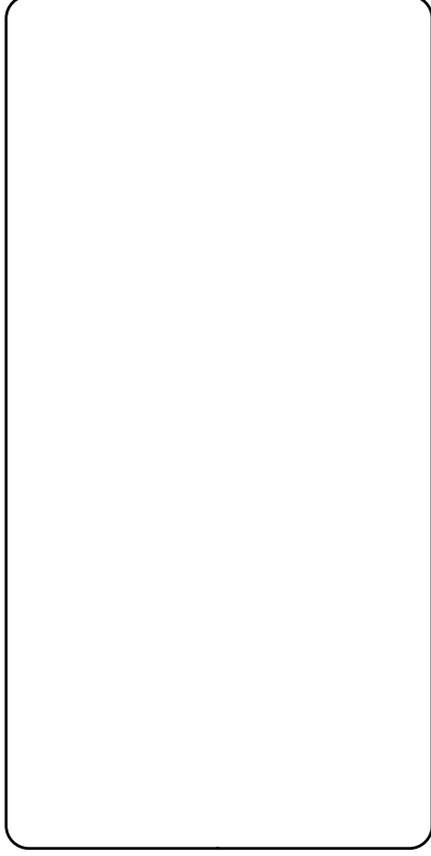
A cara da Mãe está branca e furiosa.



«A pausa faz-nos pensar que a canção vai acabar. E como depois a canção afinal não acaba, sentimo-nos aliviados. Mas depois a canção acaba mesmo, porque todas as canções chegam ao fim, obviamente, e **DESSA. VEZ.**

**O. FIM. É. A. SÉRIO.»**

**Uma Pausa Enquanto Continuamos na Varanda**



## Depois o Pai Pega no Lincoln ao Colo

O Lincoln debate-se, mas o Pai tem mais força. «Pronto», diz o Pai com meiguice. «Pronto, Linc. Desculpa.»

Eles são muito parecidos, é como ver o Pai a abraçar de amigamente.

Apesar de Lincoln parar de esboçar cornua a solicitar venisse as onipatas baixo da cama.

## O Lincoln Corre Lá Para Dentro e Bate com a Porta do Quarto

A Mãe vai  
atrás dele.

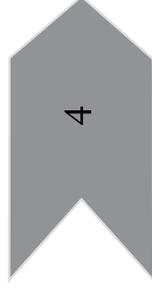
Eu fico no alpendre  
com o Pai.

O pôr do Sol  
é uma lareira por  
cima das nossas  
cabeças.

O Pai bebe o seu  
gim tónico até ao  
fim e faz chocalhar  
os cubos de gelo.

«Queres ir dar  
um passeio, Ally?»,  
pergunta ele.

O Deserto



## Começa Onde Costumávamos Ter o Relvado

Três degraus abaixo da nossa varanda, o deserto rodeia-nos:

Montanhas que parecem formas recortadas em papel.

Um céu muito alto cheio de estrelas.

As esculturas da Mãe feitas com carnis de comboios e cabeças de bonecas que se vão transformando em pó.

«Cuidado com as cobras», diz o Pai.

«Está muito frio», digo eu. «Elas estão a dormir.»

«É melhor que durmam», diz o Pai.

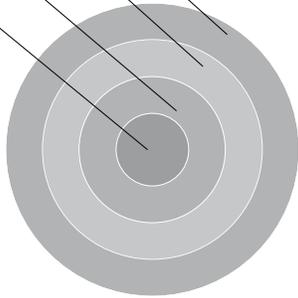
## Sons

O deserto é silencioso e atarefado.

Ouçõ uns estalidos como os que há naquela pausa da «Bernadette».

Há um zumbido como o daquela pausa no «Closing Time» dos Semisomitic.

O deserto inteiro é uma pausa.



«Tenho de dar-me melhor com o Lincoln»,  
Diz o Pai.

Eu:

«Ele precisa de ajuda com os gráficos das pausas.»

«Mas fazes mesmo?»

«Ele tem-me pedido a mim, mas eu sou muito má com os gráficos.»

Pai:

«Eu posso fazer isso.»

«Se digo que faço é porque faço.»

«Talvez tenha de me desenferujar um pouco...»

## O Antigo Campo de Golfe

Tem muitos montes e covas acinzentadas, como a Lua.

A antiga casa do clube ainda lá está, cercada por cordas e a cair.

O Pai pôe-se junto a um buraco oco e ri-se para mim.

«Lembro-me desta armadilha», diz ele.

«Tu costumavas jogar aqui, não era?», pergunto-lhe eu.

«Claro. Todos os médicos jogam golfe.»

O Pai não tem tempo para os amigos.

«Os únicos amigos de que eu preciso são vocês», diz ele. Referindo-se a nós.

Lembro-me de andar de carrinho entre campos de flores vermelhas.

O Pai não gosta da maioria dos médicos. «São uns arrogantes», diz ele.

## Uma Longa Caminhada Sem Mais Ninguém

«A Mãe está zangada?», pergunto eu.

- «Acho que está.»

«Ela vai perdoar-te?»

- «Claro.»

«Como é que sabes?»

- «A tua mãe é o tipo de pessoa que perdoa. Graças a Deus.»

«Ela perdoou-te quando o Rob se afogou?»

- O Pai para de andar e vira-se para mim. A Lua apareceu agora. «O que é que te fez pensar nele?»

«Às vezes penso.»

- «Eu também», diz o Pai.

## Muito Tempo Depois, Chegamos aos Painéis Solares

Nunca fui a pé até tão longe.

Os painéis estendem-se por quilômetros.

É como descobrir uma cidade ou outro planeta.

Parecem maus.

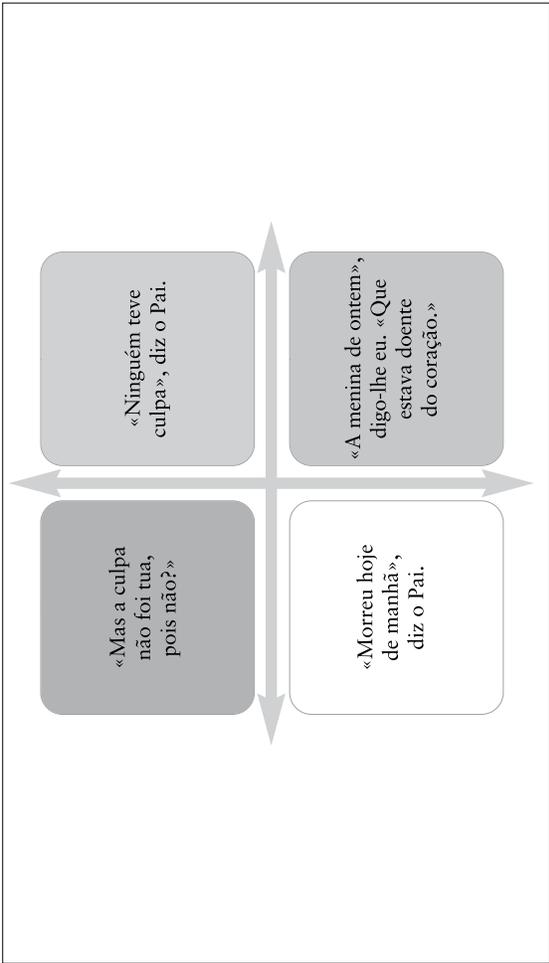
Como umas coisas pretas, bichudas e oleosas.

Mas na verdade estão a restaurar a Terra.

Houve protestos quando eles foram construídos, há alguns anos.

A sombra deles deixou muitas criaturas do deserto sem casa.

Mas ao menos elas podem ir motor para onde costumavam estar todos os relvados e campos de golfe.



## De Repente, Ouvem-se Uns Grandes Roncos à Nossa Volta

Milhares de painéis so-  
lares levantam-se e incli-  
nam-se ao mesmo tempo,  
da mesma maneira.

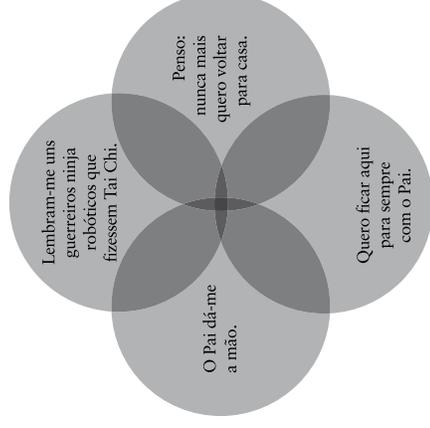
«Estão a recolher a luz  
do luar», diz o Pai,  
e eu lembro-me: é mais  
fraca, mas nós usamo-la.

Agarro-me ao braço do  
Pai: «Porque é que eles  
estão a fazer aquilo?»

Os painéis deslocam-se  
e mexem-se.

«É para aqui que vens  
quando vais andar à  
noite?», pergunto-lhe eu.

## Ficamos Parados Muito Tempo, a Ver os Painéis Solares Mexerem-se



## Eu/Pai

«Já alguma vez  
ouviste um grupo  
chamado The  
Frames?»

- «Julgo que a tua Mãe costumava ouvi-los.»

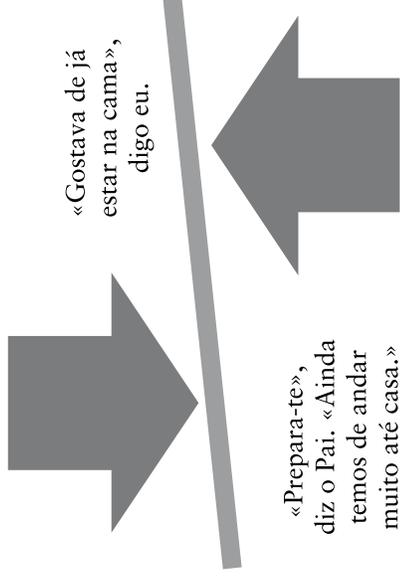
«Eles têm uma  
canção chamada  
“Mighty Sword”  
que tem uma  
pausa com mais  
de um minuto.»

- O Pai olha para mim. «Vá lá, Ally. Tu também é que não.»

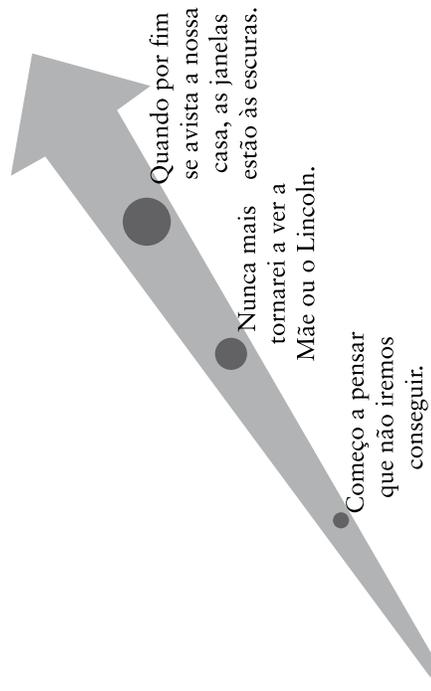
«Tens de admitir  
que isso é imenso  
tempo para uma  
pausa numa  
canção.»

- De repente o Pai solta uma das suas grandes gargalhadas  
«Tens razão!  
Isso é uma pausa muito comprida.»

**Ao Fim de Um Bocado, Apetece-me Enroscar-me  
No Chão e Fechar Os Olhos**



## Caminhamos Durante Vários Anos



## O Pai Aponta Para Uma Cobra numa das Esculturas da Mãe

Está enroscada  
como uma corda  
de prata no meu  
antigo teatro de  
fantoches.

O Pai põe-me  
às suas cavalitas.

«Achas que eles  
estão lá dentro?»,  
pergunto eu.

Ele é o homem  
mais forte  
do mundo.

Leva-me  
para dentro  
de casa.

O Pai não  
responde.

Parece abando-  
nada, como a  
casa do clube no  
campo de golfe.

De repente fico  
assustada.

## O Que Me Assusta

Que os painéis solares fossem uma máquina do tempo.

Que os meus pais se tenham ido embora,  
e a nossa casa já não seja nossa.

Que eu seja  
uma mulher  
crescida  
voltando  
a este sítio  
ao fim de  
muitos anos.

É uma  
rúna em  
risco de  
cair onde  
não mora  
ninguém.

Vivermos aqui todos juntos era tão  
bom.

Mesmo  
quando  
discutíamos.

Parecia  
que nunca  
iria acabar.

Terei  
sempre  
saudades.

## O Pai Pousa-me no Chão do Alpendre

Faço deslizar a porta de vidro e puxo-a toda para trás.

Lá dentro há uma luz.

As coisas familiares tornam a cair sobre mim como se fossem a mais fofa e a mais antiga das mantas.

Começo a chorar.

## O Que Ouço Quando Estou Quase a Dormir

Olá, Linc.

Sim.

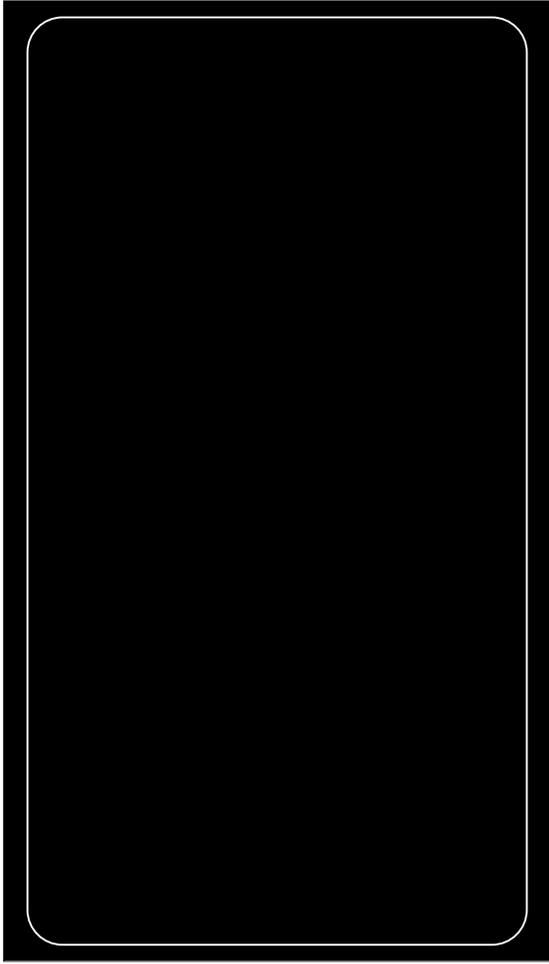
Ouviste  
aquele  
som?

Não.

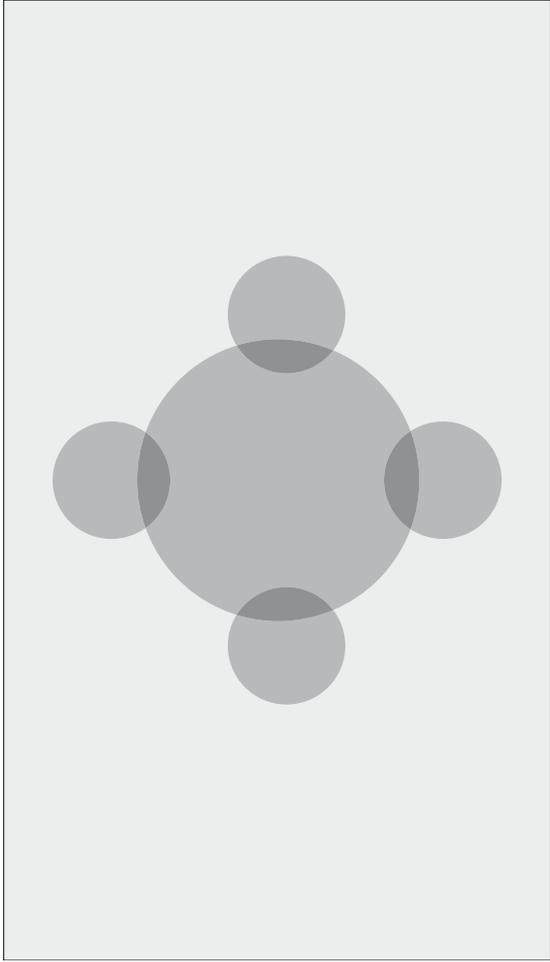
*Aquele.*

Não, Papá.

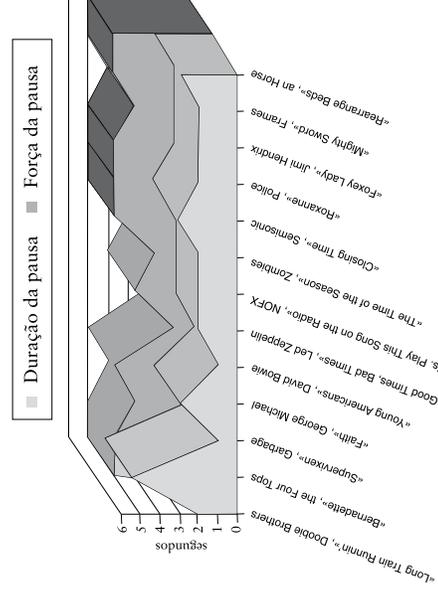
Olha,  
vamos para ao pé  
da janela. Ouve lá comigo.  
O que achas tu que seja  
aquele som?



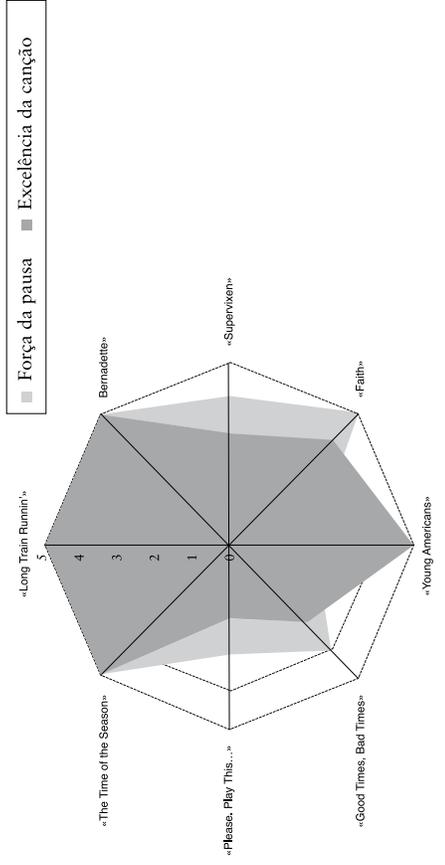
«Pronto. Já sei.»



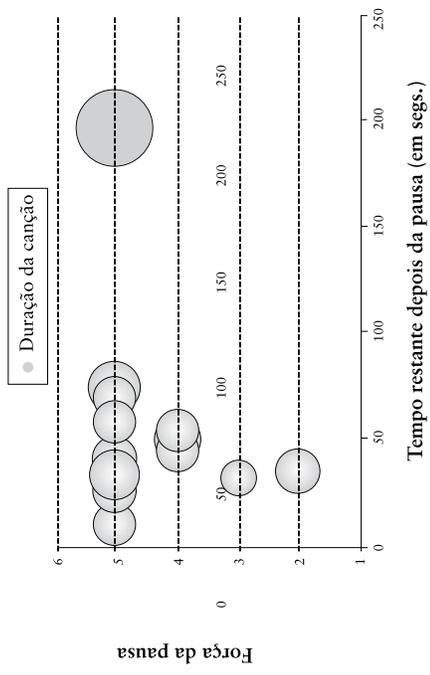
## Relação da Duração da Pausa com a Força da Lembrança



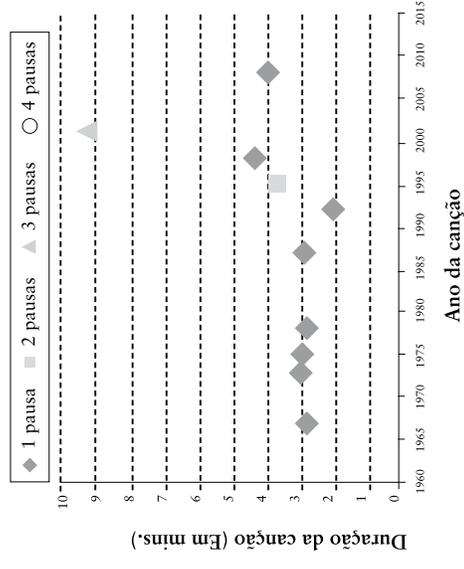
## Prova da Necessidade de Pausas



## Descobertas Acerca do Tempo das Pausas (em Forma de Bolha)



## A Persistência das Pausas ao longo do Tempo



**Fim**

## LINGUAGEM PURA

«TU NÃO QUERES FAZER ISTO», murmurou Bennie. «Tenho razão?»

«Absolutamente», disse Alex.

«Achas que te estás a vender. A comprometer os ideais que fazem com que tu sejas mesmo “tu”.»

Alex riu-se. «Eu sei que é disso que se trata.»

«Estás a ver, tu és um purista», disse Bennie. «Por isso é que tu és perfeito para isto.»

Alex sentiu os elogios fazerem efeito em si como as primeiras fumaças suaves de um charro que sabemos que dará cabo de nós caso o fumemos todo. O almoço com Bennie Salazar, há muito aguardado, estava a chegar ao fim, e a tão ensaiada proposta de Alex para ser contratado como misturador já fracassara. Mas agora, enquanto se miravam um ao outro a partir dos seus sofás enviesados e perpendiculares banhados pelo sol invernal que tombava de uma claraboia no *loft* de Bennie em Tribeca, Alex sentiu o súbito e empolgante empenhamento da curiosidade do homem mais velho. As esposas deles estavam na cozinha; as filhas de ambos estavam entre eles sobre um tapete persa vermelho,

partilhando despreocupadamente uma cozinha de brincar.

«Se eu não o fizer», disse Alex, «então não posso ser verdadeiramente perfeito.»

«Eu acho que o farás.»

Alex ficou incomodado, intrigado. «Como assim?»

«É uma sensação», disse Bennie, soerguendo-se ligeiramente do seu profundo encosto. «De que nós temos uma história qualquer juntos que ainda não aconteceu.»

A primeira vez que Alex ouvira falar de Bennie Salazar fora por uma rapariga com quem ele namorara em tempos, quando acabara de chegar a Nova Iorque e Bennie ainda era famoso. A rapariga tinha trabalhado para ele - Alex lembrava-se muito bem disso - mas era praticamente tudo o que ele conseguia lembrar; o nome dela, o aspeto dela, o que haviam eles feito juntos ao certo - esses pormenores haviam sido apagados. As únicas impressões que Alex guardara do namoro deles envolvia o inverno, a escuridão e qualquer coisa a respeito de uma *carteira*, vá-se lá saber porquê, mas teria ela sido perdida? Achada? Roubada? A carteira seria da rapariga ou sua? As respostas estavam desesperadamente ausentes - era como tentarmos recordar-nos de uma canção que sabemos que nos faz sentir de uma certa maneira, sem o título, nem o artista, nem sequer alguns compassos da melodia para ajudar a recordá-la. A rapariga pairava fora de alcance, tendo deixado a carteira no cérebro de Alex como uma espécie de cartão de visita, para o provocar. Nos dias que haviam conduzido a este almoço com Bennie, Alex dera por si estranhamente fixado nela.

«Das é meu!», protestou Ava, a filha de Bennie, afirmando a recente teoria de Alex de que a aquisição da linguagem envolvia uma fase em que se falava alemão. Ela tirou uma frigideira de plástico das mãos da irmã, a Cara-Ann, a qual se precipitou em direção ao objeto rugindo «O tacho é meu! O tacho é meu!». Alex pôs-se de pé num pulo, notando então que Bennie nem sequer estremecera. Obrigou-se a sentar-se de novo.

«Eu sei que tu preferias misturar», disse Bennie, fazendo-se de alguma maneira ouvir no meio da gritaria sem parecer ter elevado a voz. «Adoras a música. Queres trabalhar com som. Julgas que não conheço essa sensação?»

As meninas caíram uma por cima da outra com um frenesi de gladiadoras, entre guinchos, arranhadelas e puxões de cabelos ainda inexperientes. «Está tudo bem por aí?», disse Rebecca, a esposa de Alex, a partir da cozinha.

«Estamos bem», disse Alex em resposta. Ele maravilhava-se com a calma de Bennie; era assim que se ficava quando se tornava a fazer tudo aquilo com os miúdos após um segundo casamento?

«O problema», prosseguiu Bennie, «é que aquilo já não tem que ver com o som. Nem tem que ver com a *música*. Tem que ver com o alcance. Essa é que foi a merda da pastilha amarga que eu tive de engolir.»

«Eu sei.»

Ou seja: ele sabia (tal como toda a gente na indústria) o modo como Bennie fora corrido da sua própria editora, a Discos Orelha da Porca, há muitos anos, após ter servido aos seus controladores corporativos um almoço de bosta de vaca na sala da administração («e estamos a falar de ele as ter servido

*em banho-maria*», tinha escrito uma secretária que descrevera a confusão em tempo real no Gawker). «Vocês estão a pedir-me que ponha as pessoas a comer merda?», bradara alegadamente Bennie aos horrorizados executivos. «Experimentem comê-la vocês mesmos, para verem o gosto que tem!» Depois disso, Bennie voltara a produzir música com um som agreste, analógico, mas nenhuma dessas produções conseguira grandes vendas. Agora, a aproximar-se dos sessenta, ele era visto como irrelevante; normalmente Alex ouvia referências a ele no pretérito.

Quando Cara-Ann afundou os seus incisivos recém-surgidos no ombro de Ava, foi Rebecca quem saiu a correr da cozinha para a arredar dali, lançando um olhar estupefacto a Alex, agora suspenso numa serenidade de tipo zen sobre o sofá. Lupa veio com ela: aquela mãe de olhos escuros que Alex evitara inicialmente nas reuniões da escola por ela ser bonita, antes de ficar a saber que era casada com Bennie Salazar.

Depois de as feridas serem tratadas e a ordem restaurada, Lupa beijou Bennie na cabeça (onde a cabeleira que fora a imagem de marca dele estava agora prateada), e disse-lhe, «Continuo à espera que ponhas o Scotty a tocar.»

Bennie olhou para cima e sorriu à sua muito mais jovem esposa. «Tenho andado a poupá-lo», disse-lhe ele. Depois manipulou o seu aparelho portátil, soltando do assombroso sistema de som (que parecia infiltrar a música nos próprios poros de Alex) um sinistro vocalista masculino, acompanhado por uma slide guitar retorcida, ressonante. «Lançámos isto há alguns meses», disse Bennie. «Já ouviste falar dele, do Scotty Hausmann? Está a dar-se bem com os apontadores.»

Alex olhou para Rebecca, que gozava com o termo «apontadores» e corrigia firme e educadamente quem o usasse para descrever Cara-Ann. Felizmente, a sua esposa não ouvira. Agora que os Starfish, os aparelhos portáteis infantis, estavam por toda a parte, toda a criança capaz de apontar podia descarregar música – sendo o comprador mais jovem de que havia registo um miúdo de três meses, em Atlanta, que comprara uma canção dos Nine Inch Nails chamada «Ga-ga». Os quinze anos de guerra haviam terminado com uma explosão dos nascimentos de bebés, e esses bebés não apenas tinham ressuscitado uma indústria morta como se haviam transformado nos árbitros do sucesso musical. As bandas não tiveram outra opção senão a de se reinventarem para o pré-verbal; até Biggie lançara mais um álbum póstumo, cuja canção principal era uma remistura de um seu tema antigo, «Fuck You, Bitch», de maneira a soar como «You’re Big, Chief!», e acompanhada por uma fotografia de Biggie pegando ao colo num menino com um toucado de nativo americano. O Starfish tinha outras funções – desenhar com os dedos, sistemas de GPS para bebés que ainda mal sabiam andar, correio de imagens, mas Cara-Ann jamais tocara num, pois Rebecca e Alex haviam concordado em que ela o não faria antes de ter cinco anos. Na presença dela limitavam o uso dos seus próprios aparelhos.

«Ouve este gajo», disse Bennie. «Ouve só.»

O lamentoso vibrato; o desafinado tremor da slide guitar – a Alex aquilo soou calamitoso. Mas este era Bennie Salazar, que descobrira os Conduits há tantos anos. «O que é que *tu* ouves?», perguntou-lhe Alex.

Bennie fechou os olhos, vivendo em todas as partes do seu ser o ato palpável da escuta. «Ele é

absolutamente puro», disse. «Está intacto.»

Alex fechou os olhos dele. Os sons ganharam imediatamente espessura nos seus ouvidos: helicópteros, sinos de igreja, uma broca ao longe. Os habituais confeitos de buzinas e de sirenas. A trepidação das calhas de iluminação por cima deles, um refluxo da máquina de lavar loiça. O ensonado «Não...» de Cara-Ann quando Rebecca lhe vestiu a camisola. Estavam quase a ir-se embora. Alex sentiu um espasmo de receio, ou algo parecido, perante a ideia de sair de mãos vazias daquele almoço com Bennie Salazar.

Abriu os olhos. Os de Bennie já estavam abertos, o olhar moreno e tranquilo dele fixou-se no rosto de Alex. «Julgo que tu ouves o que eu ouço, Alex», disse ele. «Estarei certo?»

Nessa noite, quando Rebecca e Cara-Ann estavam ferradas no sono, Alex subtraiu-se à modorrenta quentura da cama que eles partilhavam entre a espuma da rede do mosquito e foi até à sala de estar/sala de brincar/sala de visitas/escritório. Quando se postou junto à janela do meio e olhou lá para fora, avistou o topo do Empire State Building, esta noite iluminado em tons vermelhos e dourados. Aquela nesga de vista servira de argumento de venda quando os pais de Rebecca lhe haviam comprado aquele T1 no Garment District, há muitos anos, logo a seguir à queda das bolsas. Alex e Rebecca tencionavam vender o apartamento quando ela engravidasse, e depois descobriram que o prédio atarracado que se via a partir do deles fora comprado por um empreiteiro que tencionava demoli-lo e construir um arranha-céus que lhes cortaria o ar e a luz. O

apartamento tornara-se impossível de vender. E agora, dois anos mais tarde, o arranha-céus começara por fim a erguer-se, facto que enchia Alex de medo e de aflição, mas também de uma vertiginosa doçura – cada instante de quente luz do sol entrando pelas três janelas voltadas a oriente lhe parecia delicioso, e aquela fatia de noite estrelada, que durante anos ele vira a partir de uma almofada encostada ao parapeito, muitas vezes enquanto fumava um charro, parecia agora agonizantemente bela, uma miragem.

Alex adorava a calma da noite. Sem a barulheira da construção e dos omnipresentes helicópteros, abriam-se aos seus ouvidos portais ocultos de som: o assobio da chaleira e o som dos pés empeúgados de Sandra, a mãe solteira que vivia no apartamento de cima; um zumbido de colibri que Alex presumiu ser o filho adolescente dela masturbando-se ao som do seu aparelho portátil no quarto adjacente. Vindo da rua, uma única tossidela, fios de conversas errantes: «...tu estás a pedir-me para eu ser uma pessoa diferente...» e «Quer vocês acreditem ou não, beber ajuda-me a manter-me sóbrio.»

Alex encostou-se ao almofadão e acendeu um charro. Tinha passado a tarde a tentar – sem o conseguir – contar a Rebecca o que ele concordara fazer para Bennie Salazar. Bennie nunca usara o termo «papagaio»; desde os Bloggescândalos que o termo se tornara uma obscenidade. Nem mesmo as declarações de rendimentos que os *bloggers* políticos eram obrigados a publicar haviam feito diminuir a suspeita de que as opiniões das pessoas não eram realmente delas. «Quem é que te anda a pagar?» era um remoque que se poderia seguir a qualquer acesso de entusiasmo, a par de risos – quem se deixaria comprar? Mas Alex prometera a Bennie

cinquenta papagaios que criassem um boato «autêntico» sobre o primeiro concerto ao vivo de Scotty Hausmann, que iria decorrer na Baixa de Manhattan no mês seguinte.

Usando o seu aparelho portátil, começou a conceber um sistema para selecionar potenciais papagaios entre os seus 15 896 amigos. Usou três variáveis: até que ponto eles necessitavam do dinheiro («Necessidade»), até que ponto eram conhecidos e respeitados («Alcance») e até que ponto estariam abertos a venderem essa influência («Corruptibilidade»). Escolheu algumas pessoas ao acaso, classificando-as em cada uma das categorias numa escala que ia de 10 a 0, e depois transformou os resultados em gráfico tridimensional no seu aparelho, procurando um agregado de dados em que as três linhas se intersetassem. Mas em todos os casos, a boa pontuação em duas das categorias significava uma péssima pontuação na terceira: as pessoas pobres e altamente corruptíveis – o seu amigo Finn, por exemplo, um ator falhado e semiviciado em drogas que publicara na sua página uma receita para *speedball* e vivia sobretudo à custa da boa vontade dos seus antigos colegas de Wesley (Necessidade: 9; Corruptibilidade: 10) não tinha qualquer alcance (1). Pessoas pobres e influentes como Rose, uma *stripper*/violoncelista cujas mudanças de penteado eram instantaneamente copiadas em certas partes da East Village (Necessidade: 9; Alcance: 10) eram incorruptíveis (0) – na verdade, Rose mantinha na sua página uma tabela de boatos que funcionava como um registo de polícia informal, assentando qual fora o namorado da amiga que lhe deixara um olho negro, quem pedira emprestada uma bateria e dera cabo dela, quem deixara

o cão à chuva e preso a um parquímetro durante horas a fio. Havia pessoas influentes e corruptíveis como o seu amigo Max, antigo cantor dos Botões Rosados, e hoje em dia um magnata da energia eólica que tinha um triplex no Soho e todos os anos dava uma festa de Natal repleta de caviar que punha as pessoas a lamberem-lhe as botas de agosto em diante na esperança de serem convidadas (Alcance: 10; Corruptibilidade: 8). Mas Max era popular *porque era rico* (Necessidade: 0) e não tinha qualquer incentivo para vender.

Alex ficou a olhar, esgazeado, para o monitor do seu aparelho. Alguém concordaria em fazer aquilo? E então ocorreu-lhe que já alguém concordara: ele próprio. Grafou-se a si mesmo tal como poderia surgir aos olhos da Rebecca: Necessidade: 9; Alcance: 6; Corruptibilidade: 0. Alex era um purista, como lhe dissera Bennie; desligara-se dos padrões manhosos (no negócio da *música*) da mesma maneira como agora se afastava rotineiramente das mulheres que eram atraídas pela visão de um homem a tomar conta da sua filha bebé durante as horas de expediente. Raios, ele conhecera Rebecca após ter corrido atrás de um sujeito com uma máscara de lobo que roubara a bolsa dela no dia anterior à Noite das Bruxas. Mas Alex rendera-se a Bennie Salazar sem dar luta. Porquê? Porque o seu apartamento ficaria dentro em pouco sem luz e sem ar? Porque estar com Cara-Ann enquanto Rebecca trabalhava a tempo inteiro ensinando e escrevendo o tornara inquieto? Porque ele nunca conseguira esquecer por completo que cada byte de informação por si publicado na internet (preferências de cor, de legumes, de posição sexual) era armazenado nas bases de dados de multinacionais que juravam nunca, mas nunca, virem a usá-los – ou seja, que ele *era*

*propriedade de alguém*, por se ter vendido inadvertidamente naquele ponto da sua vida em que se sentira mais subversivo? Ou seria pela estranha simetria de ter ouvido pela primeira vez o nome de Bennie Salazar na boca daquela rapariga perdida que ele em tempos namorara, logo ao princípio, e agora ter conhecido finalmente Bennie, uma década e meia mais tarde, numa *reunião de escola*?

Alex não sabia. Nem precisava de saber. Do que precisava era de encontrar mais cinquenta pessoas como ele, que tivessem deixado de ser elas próprias sem se aperceberem disso.

«Física é exigido. Três semestres. Quem reprovar, fica fora do programa.»

«Para uma *licenciatura em marketing*?» Alex estava perplexo.

«Antigamente era epidemiologia», disse Lulu. «Sabe, quando o modelo viral ainda era corrente.»

«Mas as pessoas não continuam a dizer “viral”?» Alex gostaria de ter uma chávena de café a sério, e não a zurrapa que eles serviam naquele restaurante grego. A assistente de Bennie, Lulu, parecia ter já tomado umas quinze ou vinte - a menos que aquilo fosse a personalidade dela.

«Já ninguém fala em “viral”», disse Lulu. «Quero dizer, talvez o façam sem pensar, da mesma maneira que continuamos a falar em “ligar” ou em “transmitir” - essas antigas metáforas mecânicas já nada têm que ver com o modo como viaja a informação. Está a ver, é que o alcance já não é descritível em termos de causa e de efeito: é simultâneo. É mais rápido do que a velocidade

da luz, e isso até já foi medido. Por isso é que agora andamos a estudar a física de partículas.»

«O que vem a seguir? A teoria de cordas?»

«É uma possibilidade.»

Lulu tinha os seus vinte e poucos anos, era estudante de pós-graduação em Barnard e assistente de Bennie a tempo inteiro: uma viva personificação da nova «funcionária com dispositivo portátil»: sem papéis, sem mesa de trabalho, sem ter de viajar entre a casa e o emprego, e teoricamente omnipresente, embora Lulu parecesse estar a ignorar um constante corrupio de apitos e arrotos do aparelho. As fotos da página dela não haviam feito justiça à notável simetria do seu rosto, com aqueles olhos bem afastados, nem ao radiante luzimento do seu cabelo. Estava «limpa»: sem *piercings*, tatuagens ou escarificações. Hoje em dia toda a miudagem as usava. E quem poderia censurá-los por isso, pensou Alex, após ter visto três gerações de tatuagens flácidas murcharem, como um estofa roído pelas traças, ao longo de uns bíceps pouco trabalhados e de uns rabos descaídos?

Cara-Ann estava a dormir dentro do porta-bebés, com a cara enfiada no espaço entre o queixo e a clavícula de Alex, e o hálito dela, a fruta e a biscoitos, enchia-lhe as narinas. Dispunha de uns trinta minutos, talvez de uns quarenta e cinco, até que ela acordasse com vontade de almoçar. Alex sentiu porém uma perversa necessidade de voltar atrás, de compreender Lulu, de determinar porque o desconcertava ela ao certo.

«Como é que conheceu o Bennie?», perguntou-lhe ele.

«A ex-mulher dele costumava trabalhar para a minha mãe», disse Lulu, «há muitos anos, quando eu era

pequena. Sempre conheci o Bennie – e o filho dele, o Chris. Que é dois anos mais velho do que eu.»

«Ah», disse Alex. «E o que faz a sua mãe?»

«Era agente de relações públicas, mas largou o negócio», disse a Lulu. «Vive no norte do estado.»

«Como se chama ela?»

«Dolly.»

Alex estava inclinado a prosseguir esta linha de interrogatório retrocedendo até ao momento em que Lulu fora concebida, mas deteve-se. Instalou-se um silêncio, pontuado pela chegada da comida. Alex pensara em pedir uma sopa, mas como isso lhe parecera uma debilidade, no último minuto tinha optado por uma sanduíche Reuben, esquecendo-se de que não poderia mastigá-la sem acordar Cara-Ann. Lulu pedira uma tarte de limão merengada; comia o merengue tirando pedacinhos com os dentes do garfo.

«Portanto», disse ela, quando Alex se deixou ficar calado. «Bennie diz que vamos formar uma equipa às cegas, sendo você o anónimo capitão.»

«Ele usou esses termos?»

Lulu riu-se. «Não, isto são termos de marketing. Da escola.»

«A bem dizer, são termos desportivos. Dos... desportos», disse Alex. Ele fora muitas vezes capitão de equipa, embora na presença de alguém tão novo isso parecesse ter sucedido há demasiado tempo para poder ter alguma importância.

«As metáforas do desporto ainda funcionam», refletiu Lulu.

«Portanto isso é uma coisa conhecida?», perguntou ele. «A *equipa às cegas*?» Alex pensara que fosse a sua própria onda cerebral: reduzir a vergonha e a culpa do

papaguear reunindo uma equipa que não soubesse que era uma equipa - nem que tinha um capitão. Cada membro da equipa lidaria individualmente com Lulu, ficando Alex a orquestrar tudo em segredo lá do alto.

«Oh, claro», disse Lulu. «As EC - equipas às cegas - funcionam especialmente bem com gente idosa. Quero dizer» - ela sorriu - «com pessoas que tenham mais de trinta anos.»

«E a que se deve isso?»

«As pessoas mais velhas resistem mais a...» Ela pareceu hesitar.

«Serem compradas?»

Lulu sorriu. «Está a ver, isso é aquilo a que nós chamamos uma metáfora desengenhosa», disse ela. «As MD parecem descrições, mas na verdade são juízos. Quero dizer, será que uma pessoa que vende laranjas está a *ser comprada*? A pessoa que repara aparelhos estará a *vender-se*?»

«Não, porque aquilo que elas fazem está à mostra», disse Alex, ciente de que estava a condescender. «Está à vista de todos.»

«E, está a ver, essas metáforas - «estar à mostra» e «estar à vista de todos» - fazem parte de um sistema a que nós chamamos purismo atávico. O PA implica a existência de um estado eticamente perfeito, que não somente não existe nem nunca existiu, como normalmente é usado para ancorar os preconceitos de quem efetua um tal juízo.»

Alex sentiu Cara-Ann empertigar-se contra o seu pescoço, e deixou que uma longa e gordurosa fatia de pastrami lhe escorregasse pela garganta abaixo sem a mastigar. Há quanto tempo estavam eles ali sentados? Há mais tempo do que ele desejara, isso de certeza, e no

entanto Alex não conseguia resistir ao impulso de se confrontar com aquela rapariga e pressioná-la. A confiança dela parecia mais drástica do que o resultado de uma infância feliz; era uma confiança celular, como se Lulu fosse uma rainha disfarçada, sem necessidade ou vontade de ser reconhecida.

«Portanto», disse ele. «Você pensa que não há nada de intrinsecamente errado em se acreditar em qualquer coisa – ou dizer-se que se acredita – por *dinheiro*?»

«“Intrinsecamente errado”», disse ela. «Bolas, isso é um grande exemplo de moralidade calcificada. Tenho de me lembrar de dizer essa ao meu velho professor de ética moderna, o Dr. Bastie; ele coleciona-as. Ouça», disse ela, endireitando a espinha e projetando os seus assaz graves (mau grado a careta amigável do rosto) olhos cinzentos em Alex, «se eu acredito, é porque acredito. Quem é você para julgar os meus motivos?»

«É que se os seus motivos forem uns trocos, isso não é uma crença. É uma aldrabice.»

Lulu franziu o nariz. Mais uma coisa da geração dela: ninguém dizia palavrões. Alex até já ouvira adolescentes dizerem coisas como «chiça» e «caraças», sem aparente ironia. «Isso é uma coisa que se encontra com muita frequência», disse Lulu num tom pensativo, examinando Alex. «A ambivalência ética – nós chamamos-lhe AE – perante uma forte ação de marketing.»

«Nem me diga: é uma FAM.»

«Sim», disse ela. «O que para si significa escolher a equipa às cegas. À primeira vista até parece que nem sequer o fará, por ser tão ambivalente, mas eu acho que é o oposto: acho que a AE é uma espécie de inoculação, uma maneira de você se desculpar de antemão por

qualquer coisa que na verdade *quer* fazer. Sem ofensa», acrescentou ela.

«Assim como dizer-se “sem ofensa” quando se acabou de dizer qualquer coisa ofensiva?»

Lulu ruborizou-se da maneira mais extrema que Alex jamais presenciara: um calor de vermelhão apoderou-se tão abruptamente do rosto dela que o efeito foi o de algo violento a ter lugar, como se ela estivesse a sufocar ou prestes a ter uma hemorragia. Alex endireitou-se no assento, por reflexo, e verificou como estava Cara-Ann. Deparou com os olhos desta muito abertos.

«Tem razão», disse Lulu, respirando precariamente. «Peço desculpa.»

«Não há problema», disse Alex. O rubor perturbara-o mais do que o desabafo de Lulu. Viu-o escoar-se do rosto dela, deixando-lhe na pele uma brancura estridente. «Sente-se bem?», perguntou-lhe.

«Estou ótima. Fico é cansada por falar tanto.»

«Também eu», disse Alex. Sentia-se exausto.

«Há tantas maneiras em que se pode errar», disse Lulu. «Não temos mais do que metáforas, e elas nunca são inteiramente justas. Nunca se pode apenas *Dizer. Aquela. Coisa.*»

«Quem é?», perguntou Cara-Ann, de olhos postos em Lulu.

«É a Lulu.»

«Não posso só dar-lhe uma apitadela?», perguntou Lulu.

«Você quer dizer...»

«Agora. Se posso dar-lhe uma apitadela agora.» A pergunta era uma mera formalidade; ela já estava a manipular o aparelho. Um instante depois Alex sentiu o

seu próprio aparelho vibrar dentro do bolso das calças; teve de alçar Cara-Ann para o tirar de lá.

*Tem alg1s nms pra mim?* leu ele no ecrã.

*Aí vão Ls*, escreveu Alex, e enviou a lista de cinquenta contactos, bem como algumas notas, indicações sobre os ângulos de abordagem e os impedimentos individuais, para o aparelho de Lulu.

*Prfto. Vou dtr mãos ao trab.*

Olharam um para o outro. «Isto foi fácil», disse Alex.

«Eu sei», disse Lulu. Parecia quase ensonada pelo alívio. «É puro - sem filosofia, sem metáforas, sem juízos.»

«Quero isso», disse Cara-Ann. Estava a apontar para o aparelho de Alex, que ele estivera a usar, sem pensar nisso, a poucos centímetros da cara dela.

«Não», disse-lhe ele, subitamente ansioso. «Nós... nós temos de ir embora.»

«Espere aí», disse Lulu, parecendo reparar pela primeira vez em Cara-Ann. «Eu envio uma apitadela para ela.»

«Ah, é que nós não...» mas Alex sentiu-se incapaz de explicar a Lulu as crenças que ele partilhava com Rebecca a respeito das crianças e dos aparelhos portáteis. E o dele estava agora a vibrar outra vez; Cara-Ann guinchou de prazer e encostou o seu indicador rechonchudo ao ecrã. «Eu faço isso», informou-o ela.

*Lda mnna, tens 1 pai mto smptco*, leu Alex obedientemente em voz alta, com um rubor a reclamar de imediato o seu próprio rosto. Cara-Ann premiu as teclas com o febril fervor de um cão esfomeado posto à solta num armazém de carne. Apareceu então um boneco, uma daquelas imagens padronizadas que as pessoas enviavam aos miúdos: um leão sob um sol

radioso. Cara-Ann fez aumentar diferentes partes do leão, como se já fizesse aquilo desde que nascera. Lulu escrevera: *N conheci o meu pai. Mrru ants de eu nscr.* Alex leu essa mensagem em silêncio.

«Ena. Lamento imenso», disse ele, levantando os olhos para Lulu, mas a sua voz pareceu-lhe demasiado alta - uma rude intrusão. Baixou os olhos, e por entre a desordenada excitação dos indicadores de Cara-Ann, conseguiu escrever: *Triste.*

*Histr antga*, respondeu Lulu de volta.

«Das é *meu!*», proclamou Cara-Ann com gutural indignação, esticando-se dentro do porta-bebés e espetando o dedo indicador no bolso de Alex. No interior deste, o aparelho estava a vibrar - vibrara constantemente desde que ele e Cara-Ann haviam saído do restaurante algumas horas atrás. Seria possível que a filha conseguisse sentir a vibração através do corpo dele?

«*Meu chupa-chupa!*» Alex não sabia ao certo como é que ela arranjava tal nome para o aparelho, mas não iria certamente corrigi-la.

«O que queres tu, minha doçura?», perguntou-lhe Rebecca naquele tom demasiado solícito (achava Alex) em que muitas vezes falava com a filha quando passara o dia inteiro no trabalho.

«O chupa-chupa do papá.»

Rebecca lançou a Alex um olhar intrigado. «Tu tens algum chupa-chupa?»

«Claro que não.»

Iam a caminhar apressadamente para ocidente, tentando chegar ao rio antes do pôr do Sol. Os

«ajustamentos» à órbita da Terra relacionados com o aquecimento haviam encurtado os dias de inverno, pelo que agora, em janeiro, o crepúsculo tinha lugar às 4h23.

«Posso levá-la eu?», perguntou Rebecca.

Tirou Cara-Ann de dentro do porta-bebés e pousou-a sobre o passeio enfarruscado. A menina efetuou algumas das suas passadas bamboleantes, como um espantalho. «Se ela for a andar não chegamos lá a tempo», disse Alex, e Rebecca pegou nela ao colo e pôs-se a caminhar com maior rapidez. Alex surpreendera a esposa à porta da biblioteca, algo que ele começara a fazer com frequência para evitar o barulho da construção no apartamento em que viviam. Mas hoje ele tinha um motivo suplementar: tinha de lhe contar a combinação que fizera com Bennie. E de imediato, sem mais delongas.

O Sol já caíra para detrás do muro de água quando eles chegaram ao Hudson, mas quando subiram os degraus até ao PASSEIO MARÍTIMO!, o exuberante nome que haviam atribuído à passadeira de tabuado colocada no alto da muralha, encontraram o Sol ainda a pairar, num tom de rubi-alaranjado que parecia uma gema de ovo, mesmo por cima de Hoboken. «Chão», ordenou Cara-Ann, e Rebecca pousou-a. Ela correu para o gradeamento de ferro disposto na borda exterior da muralha, a esta hora sempre apinhado de pessoas que provavelmente (tal como Alex) nunca haviam reparado no pôr do Sol antes de a muralha ter sido erguida. Agora ansiavam por ele. Enquanto seguia Cara-Ann até ao meio da multidão, Alex deu a mão a Rebecca. Desde que a conhecia, a esposa sempre compensara a sua beleza sedutora com uns óculos à parvo, por vezes tendendo para o Dick Smart, noutras vezes para a Mulher-Gato. Alex adorara

os óculos pela incapacidade destes em suprimirem a beleza sedutora de Rebecca, mas ultimamente não tinha tanta certeza; os óculos, a par do cabelo prematuramente encanecido de Rebecca e do facto de ela andar muitas vezes com falta de sono, ameaçavam concretizar o disfarce dela numa identidade: uma académica frágil e afligida, que trabalhava como uma escrava na conclusão de um livro enquanto dava aulas em dois cursos e presidia a diversas comissões. O papel do próprio Alex nesse quadro era o que mais o deprimia: o envelhecido taradinho da música que não conseguia ganhar o seu sustento, e sugava a vida (ou pelo menos a beleza sedutora) à esposa.

Rebecca era uma estrela académica. O novo livro dela era sobre o fenómeno dos invólucros das palavras, termo que ela inventara para as palavras que haviam deixado de ter sentido fora das aspas das citações. A língua inglesa estava cheia dessas palavras vazias - «amigo» e «real» e «história» e «mudança» - palavras que haviam sido despojadas dos seus significados e reduzidas a cascas. Algumas, como «identidade», «pesquisa» e «nuvem», haviam claramente sido privadas da vida devido ao seu uso na rede. Noutras, as razões eram mais complexas; como é que «americano» se transformara num termo irónico? Como é que «democracia» passara a ser usada de um modo dúbio, trocista?

Tal como habitualmente, uma serenidade envolveu a multidão nos últimos segundos antes de o sol sair de vista. Até Cara-Ann, que estava ao colo de Rebecca, ficou quieta. Alex sentiu os raios da luz do Sol no rosto e fechou os olhos, saboreando aquela ténue quentura, com os ouvidos cheios do rumor de um barco de carreira que

por ali passava. No instante em que o Sol desapareceu, toda a gente se moveu de súbito, como se houvesse sido quebrado algum feitiço. «Para baixo», disse Cara-Ann, pondo-se a andar ao longo do Passeio Marítimo. Rebecca correu atrás dela, a rir-se. Alex verificou rapidamente o seu aparelho.

*JD tem d pensr*

*Sim do Sancho*

*Cal: nem pensr*

A cada resposta, ele experimentava uma mescla de emoções que se haviam tornado familiares no decurso de uma tarde: triunfo maculado de desprezo perante os sins, desapontamento com um ímpeto de admiração perante os nãos. Estava a começar a escrever uma resposta quando ouviu um barulho de correria, e depois o ansioso grito da filha: «Chupa-CHUUUPPA!» Alex afastou o aparelho para o outro lado, de modo a escondê-lo, mas era tarde demais. Cara-Ann estava a puxar-lhe as calças. «Isso é meu», dizia ela.

Rebecca aproximou-se. «Então. O chupa-chupa é isso.»

«Aparentemente.»

«Tu deixaste-a usá-lo?»

«Foi só uma vez, está bem?» Mas o coração dele acelerara-se.

«E mudaste as regras, por tua livre iniciativa?»

«Eu não as mudei, foi um deslize. Está bem? Não estou autorizado a ter um raio de um deslize?»

Rebecca ergueu uma sobrancelha. Alex sentiu que ela o estudava. «Porquê agora?», perguntou ela. «Hoje, ao fim de todo este tempo - não entendo.»

«Não há nada para entender!», bradou Alex, mas estava a pensar: Como sabe ela? E logo a seguir: *O que*

sabe ela?

Ficaram ali parados, olhando-se um ao outro sob a luz que expirava. Cara-Ann aguardava em silêncio, aparentemente esquecida do chupa-chupa. O Passeio Marítimo estava quase vazio. Estava na altura de contar a Rebecca a combinação com Bennie - agora, *agora!* - mas Alex sentiu-se paralisado, como se essa revelação já estivesse envenenada. Sentiu uma louca vontade de enviar uma apitadela a Rebecca, e até deu por si compondo mentalmente a mensagem: *Nv trblh em vsta - crgo mto \$. pf cnsvra esprto abrto.*

«Vamos embora», disse Rebecca.

Alex tornou a colocar Cara-Ann dentro do porta-bebés, e desceram do alto da muralha para a escuridão. Enquanto iam caminhando pelas ruas sombrias, Alex deu por si a pensar no dia em que ele e Rebecca se haviam conhecido. Após tentar apanhar, sem sucesso, o carteirista com cabeça de lobo, Alex convidara-a a ir beber umas cervejas e comer uns burritos, e a seguir fizera sexo com ela no telhado do prédio em que ela vivia na Avenida D, para fugirem às suas três colegas de quarto. Ele nem ficara a saber o apelido de Rebecca. E nesse momento, sem aviso, Alex recordou-se abruptamente do nome da rapariga que trabalhara para Bennie Salazar: Sasha. O nome ocorreu-lhe sem qualquer esforço, como uma porta que se abrisse. *Sasha*. Alex ateve-se cuidadosamente àquele nome no seu espírito e, claro, as primeiras insinuações da memória seguiram-no levemente até à luz: um átrio de hotel; um pequeno apartamento, sobreaquecido. Era como tentar lembrar-se de um sonho. Tê-la-ia fodido? Alex achou que isso era o mais provável - naqueles tempos quase todos os encontros tinham acabado em sexo, por mais difícil de

entender que isso fosse a partir da sua cama comunitária embebida em cheiro a bebé e aroma químico das fraldas biodegradáveis. Mas Sasha recusava-se a ceder terreno na questão do sexo; parecia piscar-lhe o olho (olhos verdes?) e esquivar-se.

*j sbs da ntcia?* leu Alex no aparelho a altas horas de uma certa noite, quando estava sentado no seu lugar habitual junto à janela.

*sim j*

A «notícia» era a de que Bennie havia transferido o concerto de Scotty Hausmann para o ar livre, junto ao Footprint, uma alteração que exigiria um ainda maior alcance por parte dos papagaios cegos de Alex (sem qualquer pagamento adicional), para que todos os potenciais interessados em assistir ao concerto soubessem onde se deveriam dirigir.

Bennie já antes informara Alex da mudança de local, por telefone: «O Scotty não é grande entusiasta dos espaços fechados. Ando a pensar que ele se sentiria mais feliz ao ar livre.» Fora a mais recente numa escalada de crescentes exigências e de necessidades especiais. «Ele é uma pessoa solitária» (Bennie, explicando a necessidade de Scotty ter um atrelado). «Ele dá-se muito mal com as conversas» (porque se recusava Scotty a dar entrevistas). «Ele não tem passado muito tempo com crianças» (porque poderia Scotty ser incomodado pelo «barulho dos apontadores»). «Ele desconfia da tecnologia» (porque se recusava Scotty a gravar um comentário para transmissão ou a responder às mensagens que lhe fossem enviadas pelos fãs através da página que Bennie criara para ele). O sujeito retratado

nessa página - de cabelo comprido, ar desenvolvido, sorrindo com uma boca cheia de porcelana e rodeado por inúmeras grandes bolas coloridas - causava em Alex uma comichão de exaspero sempre que olhava para ele.

*e a segr? tinha ele respondido a Lulu. ostrs?  
só cm chins  
!*

*...  
dz-m s el é mlhor em pssoa  
nunc cnhci  
a sério?  
tímido  
#@&\**

*...*

Podiam prosseguir indefinidamente, essas conversas, e nos intervalos Alex ia monitorizando os seus papagaios cegos: verificando as páginas e as transmissões deles em busca de entusiásticas declarações de apoio a Scotty Hausmann, juntando os ausentes a uma lista de «violadores». Ele não se avistara, nem sequer falara, com Lulu desde aquele encontro entre ambos há três semanas; ela era uma pessoa que vivia no seu bolso, e à qual ele atribuía a sua própria vibração especial.

Alex levantou os olhos. A construção cobria agora as metades inferiores das janelas, com os pilares e as vigas a formarem uma silhueta escarpada por detrás da qual se continuava a avistar o Empire State Building. Daí a alguns dias, deixaria de se ver. Cara-Ann ficara assustada quando aquela estrutura apinhada de homens fizera a sua estranha aparição do lado de fora das janelas de casa, e Alex tentara desesperadamente transformar aquilo num jogo. «Lá vem o prédio por aí acima!», dizia

ele todos os dias, como se tal progresso fosse excitante, esperançoso, e Cara-Ann adotara essa sua brincadeira, batendo as mãos e exortando, «Para cima! Para cima!»

*la vem o prd pr aí acma*, escreveu ele agora a Lulu, notando a facilidade com que a conversa de bebé se adaptava ao diminuto espaço daquele aparelho.

*...prd?*, dizia a resposta de Lulu.

*Daq 2 mess n há + ar/luz*

*n s pod proibr?*

*j s tntou*

*e mud de casa?*

*n s pod*

*nyc*, escreveu Lulu, o que de início confundiu Alex; um tal sarcasmo não parecia coisa dela. Depois percebeu que ela não estava a dizer «bonito». Estava a dizer «New York City.»

O dia do concerto estava muito quente «para aquela altura do ano»: trinta e um graus centígrados e tempo seco, com uma oblíqua luz dourada que lhes feria os olhos nos cruzamentos das ruas e lhes prolongava as sombras em extensões absurdas. As árvores, que haviam florido em janeiro, tinham agora uma folhagem incerta. Rebecca enfiara Cara-Ann num vestido do verão passado que tinha um pato na parte da frente e, com Alex, tinham-se juntado a uma multidão de outras jovens famílias no corredor de arranha-céus da Sexta Avenida, Cara-Ann às costas de Alex dentro de uma mochila de titânio que eles haviam comprado recentemente para substituir o porta-bebés. Nos ajuntamentos públicos eram proibidos os carrinhos de bebés – dificultavam as evacuações.

Alex andara a pensar como propor este concerto a Rebecca, mas afinal nem fora preciso; ao verificar o aparelho dela certa noite, quando Cara-Ann já estava a dormir, a esposa dissera, «Scotty Hausmann... esse é o sujeito que Bennie Salazar pôs a tocar para nós, não é?»

Alex sentira uma minúscula implosão perto do coração. «Julgo que sim. Porquê?»

«Ando sempre a ouvir falar desse concerto gratuito que ele vai dar no sábado, no Footprint, para crianças e adultos.»

«Ah.»

«Isso podia ser uma oportunidade de voltares a entrar em contacto com Bennie». Ela continuava a sofrer, por causa de Alex, devido ao facto de Bennie não o ter contratado. Isso fazia Alex contorcer-se com remorsos sempre que o assunto vinha à baila.

«É verdade», disse-lhe ele.

«Então vamos lá», dissera ela. «Se é gratuito, porque não?»

Para lá da Rua Catorze, os arranha-céus desapareciam, e o sol oblíquo tombava sobre eles, ainda demasiado baixo no céu de fevereiro para ser tapado por qualquer pala. No meio daquele brilho, Alex quase nem dera pela presença do seu velho amigo Zeus, e seguidamente tentara evitá-lo - Zeus era um dos seus papagaios cegos. Demasiado tarde; Rebecca já o chamara pelo nome. A namorada russa de Zeus, Natasha, estava com ele, e cada um transportava um dos seus gémeos de seis meses numa sacola.

«Vocês vão ouvir o Scotty?», perguntou Zeus, como se Scotty Hausmann fosse alguém que ambos conhecessem pessoalmente.

«Vamos», disse Alex cautelosamente. «E vocês?»

«Claro que sim, pá», disse Zeus. «Uma guitarra de aço tocada ao colo em slide – já ouviste alguém fazer isso ao vivo? E nem sequer estamos a falar de rockabilly». Zeus trabalhava num banco de sangue e, nos seus tempos livres, ajudava miúdos com a síndrome de Down a fazerem e venderem camisolas estampadas. Alex deu por si a procurar na cara de Zeus algum sinal visível de papagueamento, mas o seu amigo parecia o mesmo até na barbicha de bode, que ele mantivera todos estes anos desde que aquilo passara de moda.

«Parece que ele é muito bom ao vivo», disse Natasha, com o seu forte sotaque.

«Eu também ouvi dizer isso», disse Rebecca. «Para aí, sei lá, de umas oito pessoas diferentes. É quase estranho.»

«Não é nada estranho», disse Natasha, com uma ríspida gargalhada. «Há pessoas que são pagas para isso.» Alex sentiu um afogueamento no rosto e achou ser difícil olhar para Natasha. Apesar disso, era evidente que ela falara sem conhecimento; Zeus mantivera em segredo o seu papel.

«Mas estas são pessoas que eu conheço», disse Rebecca.

Era um daqueles dias em que a cada esquina surgia mais um rosto familiar, de velhos amigos e de amigos de amigos, de conhecidos, e de pessoas que simplesmente pareciam familiares. Alex estava na cidade há tempo demasiado para poder saber como os conhecera a todos: nos clubes em que passara música como *disc-jockey*? No gabinete jurídico em que trabalhara como secretário? No jogo de basquetebol em que participara durante anos em Tompkins Square Park? Sentira-se prestes a sair de Nova Iorque desde o dia em que ali chegara, aos vinte e quatro

anos – mesmo agora, ele e Rebecca estavam preparados para se irem embora a qualquer momento, caso aparecesse um emprego melhor num sítio mais barato – mas, fosse lá como fosse, tinham acabado por decorrer anos suficientes para que ele sentisse já ter visto todas as pessoas de Manhattan pelo menos uma vez. Pôs-se a pensar se Sasha estaria algures entre aquela multidão. Alex deu por si a investigar os rostos vagamente familiares em busca do dela, sem saber que aspeto ela teria, como se a sua recompensa por reconhecer Sasha, ao fim de tantos anos, fosse achar a resposta para tal pergunta.

*Vocês vão para sul?... ouvimos falar disto... não é só para os apontadores... parece que ao vivo ele é...*

Após o nono ou décimo diálogo desse tipo, que aconteceu algures nas imediações de Washington Square, tornou-se de súbito evidente a Alex que *todas* aquelas pessoas, as que eram pais e as que não tinham filhos, as solteiras e as casadas, as gays e as normais, as limpas e as dos *piercings*, iam a caminho para ouvirem Scotty Hausmann. *Cada uma delas*. Tal descoberta suscitou nele uma vaga de descrença, seguida por um ímpeto de propriedade e de poder – fora ele que fizera aquilo, meu Deus ele era um *génio* naquilo – seguido de uma certa náusea (era um triunfo de que não se orgulhava), seguida de medo. E se Scotty Hausmann *não* fosse um grande executante? E se fosse medíocre, ou pior do que isso? Seguido pela autoadministração de um cataplasma que chegou na forma de uma mensagem mental: *ningm sab de mim. Sou invsvl*.

«Sentes-te bem?», perguntou Rebecca.

«Sim. Porquê.»

«Pareces nervoso.»

«A sério?»

«Estás a apertar-me a mão», disse ela. Depois acrescentou, sorrindo por baixo dos óculos. «É bom.»

Quando atravessaram a rua do Canal e entraram na Baixa de Manhattan (onde a densidade de crianças era agora a mais elevada da nação), Alex, Rebecca e Cara-Ann faziam parte de uma horda de gente que apinhava o passeio e já enchia as ruas. O trânsito parara, e os helicópteros haviam convergido lá no alto, atroando os ares com um som que Alex não conseguia suportar nos primeiros anos – demasiado alto, demasiado alto – mas ao qual se habituara com o decorrer do tempo: o preço da segurança. Hoje aquele cacarejar castrense parecia estranhamente apropriado, pensou Alex, olhando ao seu redor para o mar de porta-bebés e de sacolas e de mochilas com bebés, de crianças mais velhas a conduzirem crianças mais novas, pois não seria isto uma espécie de exército? Um exército de crianças: a encarnação da fé naqueles que não tinham consciência de que lhes restasse alguma.

*s els são as crinças devm sr o ftro, n é?*

Diante deles, os novos edifícios erguiam-se em espiral contra o céu, muito mais bonitos do que os antigos (que o Alex somente vira em fotografias), mais parecidos com esculturas do que com prédios, porque estavam vazios. Ao aproximar-se deles, a multidão começou a abrandar o passo, a recuar enquanto os que iam à frente entravam no espaço à volta dos lagos de espelho, e a densidade de agentes policiais e da segurança (identificáveis pelos seus aparelhos governamentais) se tornava subitamente palpável, tal como os dispositivos de rastreamento visual afixados nas cornijas, nos candeeiros públicos e nas árvores. O peso

daquilo que ali sucedera há mais de vinte anos ainda estava tenuemente presente para Alex, como sempre sucedia quando ia ao Footprint. Ele percebia aquilo como um som fora de alcance, a vibração de uma antiga incomodidade. Agora parecia mais insistente do que nunca: um som baixo, profundo, que parecia basicamente familiar, como se tivesse zunido dentro de todos os sons que Alex fizera e colecionara ao longo dos anos: a sua pulsação oculta.

Rebecca apertou-lhe a mão, com os seus dedos esguios e húmidos. «Amo-te, Alex», disse-lhe ela.

«Não digas isso assim. Como se fosse acontecer alguma coisa de mau.»

«Estou nervosa», disse ela. «Agora também eu estou nervosa.»

«É dos helicópteros», disse Alex.

\*\*\*

«Excelente», murmurou Bennie. «Espera aí, Alex, se não te importas. Aí ao pé dessa porta.»

Alex deixara Rebecca, Cara-Ann e os amigos deles entre uma multidão que já ascendia aos muitos milhares, todos eles aguardando pacientemente – e depois menos pacientemente – enquanto a hora de início do concerto chegava e partia, vendo quatro *roadies* saltitantes guardarem a plataforma elevada onde Scotty Hausmann deveria ir tocar. Após uma mensagem de Lulu dizendo que Bennie precisava de ajuda, Alex abriu caminho entre uma panóplia de controlos de segurança até ao atrelado de Scotty.

Lá dentro, Bennie e um velho *roadie* estavam recostados numas cadeiras pretas de armar. Não havia

sinais de Scotty Hausmann. A garganta de Alex ficou muito seca. *Sou invsvl*, pensou ele.

«Ó Bennie, ouve lá», disse o *roadie*. As mãos dele tremiam sob os punhos da camisa de flanela aos quadrados.

«Tu consegues fazer isto», dizia Bennie. «É o que eu te digo.»

«Ouve lá, ó Bennie.»

«Fica aí ao pé da porta, Alex», tornou a dizer Bennie, e ele tinha razão - Alex estivera prestes a aproximar-se mais, para perguntar ao Bennie que merda é que ele pensava estar a fazer: fazer entrar aquele *roadie* decrépito em lugar de Scotty Hausmann? *Fazê-lo passar* pelo outro? Um tipo com umas bochechas e umas mãos tão descarnadas que até parecia ter dificuldade em jogar um lance de póquer, quanto mais tocar aquele instrumento estranho e sensual preso entre os joelhos? Mas quando os olhos de Alex pousaram no instrumento, ele soube-o de repente, com um horrendo espasmo nas tripas: aquele *roadie* decrépito *era* Scotty Hausmann.

«As pessoas estão aqui», dizia Bennie. «A coisa está em andamento. Não posso pará-la.»

«É demasiado tarde. Estou demasiado velho. É que eu... eu não consigo.»

Scotty Hausmann parecia ter estado a chorar há pouco, ou estar à beira de chorar - possivelmente ambas as coisas. Tinha um cabelo que lhe chegava aos ombros, apartado do seu rosto, e um olhar vazio, vidrado, causando tudo isso uma impressão de abandono embora estivesse barbeado de fresco. Tudo o que Alex reconhecia eram os dentes dele: brancos e faiscantes - com um ar atrapalhado, como se soubessem que não se podia fazer grande coisa com um rosto tão destroçado. E Alex

compreendeu que Scotty Hausmann não existia. Era um invólucro de palavra em forma humana: uma casca cujo miolo desaparecera.

«Tu *consegues*, Scotty – tens de conseguir», dizia Bennie, com a sua calma habitual, mas entre os seus já escassos cabelos prateados Alex vislumbrou uma coroa reluzente de suor. «O tempo é um brutamontes, não é? Tu vais deixar que esse brutamontes faça de ti o que quiser?»

Scotty abanou a cabeça. «O brutamontes ganhou.»

Bennie respirou fundo, sendo um piscar de olhos para o relógio o único sinal da sua impaciência. «Tu vieste procurar-me, Scotty, lembras-te disso?», disse-lhe ele. «Há uns vinte e tal anos – acreditas que já passou tanto tempo? Trouxeste-me um peixe.»

«Pois foi.»

«Eu pensei que ias matar-me.»

«Er’o qu’eu devia ter feito», disse Scotty. Uma única risada seca. «Er’o que m’apetecia.»

«E quando eu me fui abaixo – quando a Steph me pôs fora de casa e fui despedido da Orelha da Porca – fui à tua procura. E o que é que eu te disse? Lembras-te, quando te encontrei a pescar no rio Oriental? Assim de repente? O que é que eu te disse?»

Scotty resmungou qualquer coisa.

«Disse-te “Já é tempo de te tornares uma estrela”. E o que me disseste tu?» Bennie aproximou-se mais de Scotty, tomou os trémulos pulsos do homem nas mãos muito elegantes, e fitou a cara dele. «Tu disseste-me “Aposto que não és capaz”.»

Houve um longo silêncio. Então, sem aviso, Scotty pôs-se de pé num salto, deitando a cadeira ao chão enquanto se precipitava para a porta do atrelado. Alex

estava inteiramente preparado para se desviar e o deixar passar, mas Scotty chegou lá primeiro e começou a tentar empurrá-lo para fora do caminho, altura em que Alex percebeu que a sua função – a única razão pela qual Bennie o colocara ali – era bloquear a porta e impedir que o cantor se escapasse. Debateram-se num arfante silêncio, o rosto ressequido de Scotty tão perto do de Alex que ele até inalava o hálito do sujeito, que cheirava a cerveja, ou à sequela de uma cerveja. Depois refinou a sua opinião: Jägermeister.

Bennie segurou Scotty por detrás, mas não o prendeu muito bem – Alex fez essa descoberta quando Scotty se conseguiu libertar e dar-lhe uma cabeçada no plexo solar. Alex ficou sem ar e dobrou-se ao meio. Ouviu Bennie a murmurar com Scotty como se tentasse acalmar um cavalo.

Quando conseguiu respirar de novo, Alex fez um esforço para conferenciar com o patrão. «Bennie, se ele não quiser...»

Scotty lançou um soco à cara de Alex, mas Alex esquivou-se para um lado e o punho do músico embateu na frágil porta. Houve um retinto cheiro a sangue.

Alex tentou de novo: «Bennie, isto parece uma espécie de...»

Scotty desenvencilhou-se de Bennie e assestou uma joelhada nos tomates de Alex, o que levou este a contorcer-se no chão em agonia fetal. Scotty afastou-o para um lado com o pé e abriu a porta.

«Olá», disse uma voz vinda do exterior. Uma voz alta, clara, distantemente familiar. «Eu sou a Lulu.»

Por entre a agitação do seu pânico, Alex conseguiu virar a cabeça e olhar para o que estava a acontecer do lado de fora do atrelado. Scotty continuava à porta, a

olhar lá para baixo. O oblíquo sol invernal acendera o cabelo de Lulu, formando um nimbo em torno do rosto dela. Ela estava a bloquear o caminho a Scotty, com um braço apoiado em cada um dos frágeis corrimãos metálicos. Scotty poderia tê-la derrubado com facilidade, mas não o fez. E ao hesitar, ao olhar para baixo por mais um segundo para aquela adorável rapariga que lhe impedia a passagem, Scotty perdeu.

«Posso acompanhá-lo?», perguntou Lulu.

Bennie tinha conseguido ir buscar a guitarra, que passou a Scotty por cima da forma prostrada de Alex. Scotty pegou no instrumento, encostou-o ao peito, e respirou fundo, longa e tremulamente. «Só se formos de braço dado, querida», respondeu ele, e uma versão fantasma de Scotty Hausmann, sensual e dissoluta, tremeluziu para Alex a partir dos resíduos que ainda restavam.

Lulu enfiou o braço dela no de Scotty, e avançaram a direito para a multidão: o velho taralhouco que transportava aquele instrumento estranho e comprido, e a jovem mulher que poderia ter sido sua filha. Bennie ajudou Alex a levantar-se, e seguiram-nos, Alex com as pernas moles e cambaleantes. A vaga oceânica de gente deslocou-se espontaneamente, abrindo caminho até ao estrado em que haviam sido posicionados um banco e doze enormes microfones.

«A Lulu», disse Alex a Bennie, e abanou a cabeça.

«Ela ainda há de governar o mundo», disse Bennie.

Scotty subiu para o estrado e sentou-se no banco. Sem olhar para a assistência e sem quaisquer palavras ou apresentações, começou a tocar «Eu Sou Um Cordeirinho», uma canção cuja infantilidade era contrariada pela vibrante filigrana da sua slide guitar,

pela sua exuberante complexidade metálica. A seguir a isso tocou «As Cabras Gostam de Aveia» e «Uma Árvore Pequenininha É Como Eu». A amplificação estava ótima e tinha potência suficiente para eclipsar o barulho dos helicópteros e levar o som até aos pontos mais distantes da multidão, onde desaparecia entre os prédios. Alex ouvia aquilo com uma certa retração, à espera de um rugido de rejeição por aqueles milhares de pessoas que ele conseguira reunir em segredo, e cuja boa vontade já fora posta à prova pela longa espera. Mas isso não aconteceu; os apontadores, que já conheciam aquelas canções, batiam palmas e guinchavam o seu apoio, e os adultos pareciam intrigados, atentos aos duplos sentidos e aos significados ocultos, que eram fáceis de encontrar. É possível que uma multidão, num momento particular da história, crie o objeto que justifica o seu ajuntamento, como sucedeu no primeiro Human Be-In e no Monterey Pop e no Woodstock. Ou poderá suceder que duas gerações de guerra e de vigilância tenham deixado as pessoas ávidas pela personificação das suas inquietações na forma de um homem solitário e instável a tocar uma slide guitar. Seja qual for a razão, uma vaga de aprovação tão palpável quanto a chuva ergueu-se do centro da multidão e expandiu-se até às bordas desta, onde chocou contra os prédios e a muralha marítima e retrocedeu em direção a Scotty com uma força redobrada, levantando-o do seu banco, pondo-o em pé (com os *roadies* a ajustarem rapidamente os microfones), rebentando o débil casco que Scotty parecera ser poucos momentos antes e libertando algo de forte, carismático e feroz. Quem lá esteve naquele dia poderá dizer-vos que o concerto começou verdadeiramente quando Scotty se pôs em pé. Foi então que ele começou a cantar as

canções que durante anos andara a escrever no anonimato, canções que ninguém jamais ouvira, nem algo que se parecesse com elas - «Olhos na Minha Cabeça», «Xis e Ós», «Quem Observa Melhor» - baladas de paranoia e despojamento arrancadas do peito de um homem que, logo que se olhava para ele, se sabia nunca ter tido uma página, nem um perfil, nem um manípulo, nem um aparelho portátil, que não fazia parte dos dados de ninguém, um sujeito que vivera todos aqueles anos enfiado num buraco, esquecido e cheio de raiva, de uma maneira que agora se registava como pura. Intacta. Mas, evidentemente, hoje em dia já é difícil saber-se quem estava realmente *naquele* primeiro concerto de Scotty Hausmann - são mais as pessoas que dizem lá ter estado do que as que poderiam caber naquele espaço, embora ele fosse tão vasto e estivesse tão apinhado. Agora que Scotty já entrara no domínio do mito, toda a gente queria possuí-lo. E talvez devessem fazê-lo. Não é verdade que um mito pertence a toda a gente?

De pé ao lado de Bennie, que observava Scotty enquanto manipulava freneticamente o seu aparelho, Alex sentia o que estava a acontecer ao seu redor como se já tivesse acontecido e ele estivesse a olhar para trás. Desejou poder estar ao pé de Rebecca e de Cara-Ann, primeiro com indolência, depois de forma aguda - com dor. O aparelho dele não teve qualquer dificuldade em localizar o aparelho da esposa, mas foram precisos vários minutos de rastreamento daquela zona da multidão com o zoom para conseguir detetá-la efetivamente. Durante esse processo, passou pelos rostos absortos, por vezes chorosos, dos adultos, pelos sorrisos exultantes, e desdentados, das crianças, e por gente nova como Lulu, que estava agora de mão dada com um negro escultural,

ambos de olhos postos em Scotty com o rapsódico júbilo de uma geração que finalmente vislumbra alguém digno da sua veneração.

Encontrou por fim Rebecca, sorridente, com Cara-Ann ao colo. Estava a dançar. Estavam demasiado longe para que Alex fosse lá ter, e a distância parecia irrevogável, um abismo que o impediria de alguma vez voltar a tocar na delicada seda das pálpebras de Rebecca, ou a sentir, entre as costelas da filha, o palpitar do coração dela. Sem o zoom, nem sequer conseguia vê-las. Em desespero, escreveu uma mensagem a Rebecca, *pf espra pr mim, mnha bla espsa*, e depois manteve o zoom assestado no rosto dela até ver que ela sentia a vibração, interrompia a dança e levava a mão ao aparelho.

«Só acontece uma vez na vida, quando se é o tipo mais sortudo do planeta», disse Bennie, «um evento como este.»

«Já tiveste a tua parte», disse Alex.

«Não tive», disse Bennie. «Não, Alex, não... é isso que estou a dizer-te! Nem de perto!» Ele estava num prolongado estado de euforia, com o colarinho desapertado, os braços a gesticularem. A celebração já tivera lugar; servira-se champanhe (Jägermeister para Scotty), fora-se comer a Chinatown, mil telefonemas da imprensa atendidos e adiados, as meninas levadas para casa de táxi pelas esposas alegres e exultantes («Tu ouviste-o?», estava sempre Rebecca a perguntar a Alex. «Já alguma vez tinhas ouvido algo que se parecesse com ele?» E depois sussurrava-lhe, perto do ouvido, «Pede outra vez emprego a Bennie!»), sendo o encerramento conseguido por Lulu ao apresentar o seu noivo, Joe, que

viera do Quénia e estava a doutorar-se em Robótica na Universidade de Columbia. Agora já passava bastante da meia-noite, e Bennie e Alex iam caminhando juntos pelo Lower East Side porque Bennie quisera andar a pé. Alex sentia-se estranhamente deprimido - e oprimido pela necessidade de ocultar a sua depressão a Bennie.

«Tu foste fantástico, Alex», disse Bennie, despenteando os cabelos de Alex. «Nasceste para isto, é o que eu te digo.»

*Para isto, o quê?* quase lhe disse Alex, mas conteve-se. Em vez disso perguntou-lhe, após uma pausa, «Alguma vez tiveste uma empregada... chamada Sasha?»

Bennie deteve-se. O nome pareceu flutuar no ar entre eles, incandescente. *Sasha*. «Tive, sim», disse Bennie. «Era a minha assistente. Conheceste-a?»

«Estive com ela uma vez, há muito tempo.»

«Ela morava aqui por estes lados», disse Bennie, começando a andar de novo. «A Sasha. Há muito tempo que não pensava nela.»

«Como era ela?»

«Era ótima», disse Bennie. «Eu era louco por ela. Mas afinal tinha cola nas mãos.» Olhou para Alex. «Roubava coisas.»

«Estás a brincar.»

Bennie abanou a cabeça. «Era uma espécie de doença, julgo eu.»

No espírito de Alex estava a tentar formar-se uma conexão, mas que ele não conseguia completar. Teria ele sabido que Sasha era uma ladra? Tê-lo-ia descoberto durante aquela noite? «Portanto... despediste-a.»

«Teve de ser», disse Bennie. «Ao fim de doze anos. Ela era como que a outra metade do meu cérebro. Três

quartos, na verdade.»

«Tens alguma ideia do que ela esteja a fazer agora?»

«Nenhuma. Acho que se ela ainda estivesse a trabalhar no ramo, eu saberia. Mas talvez não» – riu-se – «já que eu também tenho andado muito por fora dele.»

Caminharam em silêncio durante vários minutos. Havia uma quietude lunar nas ruas do Lower East Side. Bennie parecia preocupado pela memória de Sasha. Orquestrou uma viragem para a Forsyth, caminhou por um bocado, e parou. «Era ali», disse ele, levantando os olhos para um velho prédio de arrendamento, cuja fluorescente luz do vestíbulo se avistava por detrás dos vidros martelados. «Era ali que morava a Sasha.»

Alex olhou para o alto do edifício, enfarruscado contra o céu de lavanda, e experimentou uma quente e fria centelha de reconhecimento, um arrepio de *déjà vu*, como se estivesse a regressar a um lugar que já não existia.

«Lembras-te de qual era o apartamento?», perguntou ele.

«O 4F, penso eu», disse Bennie. E a seguir, após um momento, «Queres ir ver se ela está em casa?»

Ele estava a sorrir, e o sorriso fazia-o parecer novo; eles eram coconspiradores, pensou Alex, rondando do lado de fora do apartamento de uma rapariga, ele e Bennie Salazar.

«O apelido dela é Taylor?», perguntou-lhe Alex, olhando para o rótulo escrito à mão ao lado da campainha. Também estava a sorrir.

«Não, mas pode ser alguma amiga que viva com ela.»

«Vou tocar», disse Alex.

Abeirou-se da campainha, todos os eletrões do seu corpo ansiando por subir aquelas escadas íngremes e mal iluminadas de que agora se lembrava tão claramente como se tivesse saído do apartamento de Sasha ainda nessa manhã. Subiu-as no seu espírito até se ver a si mesmo chegando a um apartamento pequeno e atravancado - púrpuras, verdes - húmido com o cheiro do aquecimento a vapor e das velas perfumadas. O silvo de um radiador. Coisas pequeninas nos parapeitos das janelas. Uma banheira na cozinha - sim, ela tinha uma dessas! Era a única que ele jamais vira.

Bennie aproximou-se de Alex, e esperaram ali juntos, suspensos na mesma excitação precária. Alex reparou que estava a conter a respiração. Se Sasha lhes abrisse a porta, será que ele e Bennie subiriam juntos aquelas escadas até à porta dela? Iria Alex reconhecê-la, e reconhecê-lo-ia ela? E, nesse momento, a saudade que sentia por Sasha assumiu finalmente uma forma nítida: Alex imaginou-se a entrar no apartamento dela e a encontrar-se ainda lá - o seu jovem eu, cheio de esquemas e de elevados padrões, sem nada decidido ainda. A fantasia imbuíu-o de carenada esperança. Tornou a premir a campainha e, enquanto decorriam mais alguns segundos, Alex sentiu uma perda gradual que o exauria. Toda aquela louca pantomima se abatera e se esfumara.

«Ela não está lá», disse Bennie. «Aposto que está bem longe daqui.» Virou os olhos para o céu. «Espero que tenha encontrado uma boa vida», disse ele por fim. «Bem o merece.»

Recomeçaram a andar. Alex sentiu uma dor nos olhos e na garganta. «Não sei o que me aconteceu», disse ele, abanando a cabeça. «Honestamente que não sei.»

Bennie fitou-o, um homem de meia-idade com uma caótica cabeleira prateada e um olhar pensativo. «Cresceste, Alex», disse ele, «tal como todos nós.»

Alex fechou os olhos e escutou: o taipal de uma loja a ser corrido. Um cão a ladrar roucamente. O mugido dos camiões sobre as pontes. A noite aveludada nos seus ouvidos. E o zumbido, sempre aquele zumbido, que afinal talvez não fosse um eco, mas o som do tempo a passar.

*a noit azl*

*as estrls q n s podm vr*

*o zmbdo q nnca dsparc*

O som de uns saltos altos sobre o pavimento furou o silêncio. Alex abriu os olhos, e tanto ele como Bennie se viraram – giraram, a bem dizer, procurando Sasha entre a cinzenta penumbra. Mas era outra rapariga, nova e acabada de chegar à cidade, a sacar das chaves.

# AGRADECIMENTOS

Pela sua inspiração, motivação e soberba orientação, estou em dívida para com Jordan Pavlin, Deborah Treisman e Amanda Urban.

Pelas intuições editoriais e o apoio, ou pela ideia certa no momento certo, estou grata a Adrienne Brodeur, John Freeman, Colin Harrison, David Herskovits, Manu e Raoul Herskovits, Barbara Jones, Graham Kimpton, Don Lee, Eva Mantell, Helen Schulman, Ilena Silverman, Rob Spillman, Kay Kimpton Walker, Monica Adler Werner e Thomas Yagoda.

Pela sua paciente atenção em aprontar o livro, obrigado a Lydia Buechler, Leslie Levine e Marci Lewis.

Pela sua perícia em domínios acerca dos quais eu pouco ou nada sabia, obrigado a Alex Busansky, Alexandra Egan, Ken Goldberg, Jacob Slichter (pelo seu livro, *So You Wanna Be a Rock&Roll Star*) e Chuck Zwicky.

Pela sua ótima companhia de leituras ao longo de muitos anos, obrigado a Erika Belsey, David Herskovits (de novo e sempre), Alice Naude, Jamie Wolf e Alexi Worth.

Finalmente, estou grata a um grupo de pares em cujos excepcionais talentos e generosidade me apoiei

grandemente, e sem os quais não haveria *A Visita do Brutamontes* (como eles sabem melhor do que ninguém): Ruth Danon, Lisa Fugard, Melissa Maxwell, David Rosenstock e Elizabeth Tippens.

# Índice

## A

- 1 Objetos encontrados
- 2 A cura áurea
- 3 Pergunta lá se eu me importo
- 4 Safari
- 5 Vós (plural)
- 6 XIS e ÓS

## B

- 7 A a B
- 8 Vendendo o general
- 9 Almoço de quarenta minutos: os desabafos de Kitty Jackson sobre o amor, a fama e o Nixon!
- 10 Fora do corpo
- 11 Adeus, meu amor
- 12 Grandes pausas do rock and roll
- 13 Linguagem pura

Agradecimentos